PATRICIA
CABOT
Aprendendo a
Seduzir
[Educating Caroline]
Star Books Digital

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

PATRICIA
CABOT

Aprendendo a Seduzir

Star Books Digital

Aprendendo a Seduzir

Título original

EDUCATING CAROLINE

Copyright © 2001 by Patricia Cabot

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, localidades e incidentes são produtos da imaginação do autor ou foram usados de forma ficcional.

Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, acontecimentos e locais, é mera coincidência.

Digitalização

Prólogo

Oxford, Inglaterra.
Dezembro de 1869

A lua cheia pendurada no ar sobre o High College Walls iluminava o jovem por aquele caminho, tão claramente quanto qualquer lâmpada de gás.

Não que não houvesse lâmpadas de gás, é claro. Houve. Mas o brilho que aquela curva lua branca e âmbar prestados a cintilação das luzes era bastante supérfluo. Se todas as lâmpadas de gás da Inglaterra desaparecessem, ainda assim ele poderia se mover com relativa facilidade pela luz desta notável lua.

Ou talvez, simplesmente, era ele que estava tão bêbado. Sim, era muito provável que esta lua não era em nada diferente de qualquer outra lua, e que ele ainda estava completamente intoxicado com tudo o que ele havia bebido de uísque durante o jogo. E que o motivo pelo qual ele foi capaz de encontrar o seu caminho tão facilmente através da meia-noite escura, não tinha nada a ver com a luz da lua, mas tudo a ver com o simples fato de que ele tinha chegado desta forma muitas vezes antes.

Ele nem sequer teve que olhar, de verdade, para onde estava indo. Seus pés o levaram na direção correta, então, ele foi capaz de parar para se concentrar em outras coisas. Como pensar que não podia se concentrar em nada, devido ao fato, de que estava bêbado. Mas ele se preocupou com outra coisa além do frio, de que iria até o inferno, se preciso, para buscar o dinheiro. Não que ele realmente se me senti obrigado a pagá-lo de volta. Os cartões tinham sido marcados, naturalmente. De que outra forma ele tinha perdido tanto, em tão pouco tempo? Ele era um excelente cardplayer. Realmente excelente. O que era estranho, tendo em conta que Slater tinha sido convencido de que o jogo foi todo direito. Slater conhecia todos os melhores jogos da cidade. Thomas tinha tido sorte. Ele sabia que, mesmo tendo sido admitidos a este, visto que como ele era, afinal, apenas um conde com uma nova marca. Porque, o cara com bigode. Era o duque. O sanguinário duque!

Claro, ele não tinha agido como um grande duque. Sobretudo quando, depois de perder mais um redondo, Tommy tinha declarado o jogo fixo. Em vez de rir da acusação, da forma como um duque real poderia ter feito uma surpresa, foi que ele havia puxado uma pistola. Realmente, uma pistola! Tommy tinha ouvido falar de tais coisas, é claro, mas ele nunca tinha esperado que efetivamente fosse acontecer com ele.

Graças a Deus Slater tinha estado lá. Ele acalmou os colegas, e garantiu-lhe para Tommy que não significava aquilo, na realidade.

_ "Mas você não podia" _ Slater explicou mais tarde, quando eles tinham estado sós, que um homem não poderia acusar sem nenhuma prova. E Tommy só tinha como prova, o desenho na parte de trás do cartão, que era estranho, e o fato de que ele nunca havia perdido tanto antes, o que não era particularmente convincente. Mas ele tinha sorte, por supostamente, ter escapado com vida. Esse duque o tinha olhado como se tivesse vontade de lhe colocar uma bala no cérebro. E ele soube através de um colega de jogo, que era algo que o duque fazia todos os dias. Embora ter o cérebro atravessado por uma bala, talvez fosse preferível a tentar encontrar as mil libras que ele precisava pagar pelas suas dívidas.

Ele não poderia, obviamente, solicitar ao seu banco. A fortuna que o pai havia deixado para ele, após a sua morte apenas um pouco mais de um ano antes, estava sendo guardada em confiança para ele até o seu vigésimo aniversário, o que ainda estava dois anos afastado. Ele não podia tocar esse dinheiro. Mas ele poderia, ele sabia pedir emprestado. O problema foi saber a quem perguntar. Não podia ser no banco. Eles apenas informariam a sua mãe, e ela iria querer saber por que ele precisava do dinheiro, e ele não poderia dizer-lhe isso. Sua irmã era uma possibilidade. Ela já era maior de idade, e tinha entrado a parte de sua herança apenas naquele mês. Caroline poderia ser o objeto de recurso para obter um empréstimo. Ela gostaria de saber o porquê, ele precisaria do dinheiro, mas ela era bastante fácil de enganar. Bem mais fácil do que mentir para sua mãe.

E se Tommy viesse com uma boa história, algo que envolvesse crianças pobres, por exemplo, ou crueldades com animais abandonados, já que a irmã dele era bastante coração mole. Ele tinha a certeza de que conseguiria pelo menos, quatrocentas ou quinhentas libras. O problema era que ele não gostava de mentir para Caroline. Oh, irritar ela era uma coisa, mas mentir tão abertamente? Isso era completamente diferente. Isso ofenderia sua moral, mentir tão escandalosamente para a sua irmã, mesmo que isso significasse, como no presente caso, salvar a sua própria pele. O fato de Caroline, certamente poder saldar suas dívidas, não facilitava a sua consciência. Não, Tommy sabia que ele teria de encontrar outro alguém para emprestar a ele as mil libras.

Então ele pensou mentalmente em uma lista de amigos e conhecidos, tentando lembrar-se, se algum deles lhe devia qualquer favor. Seus pés, o levaram até o portão de sua universidade e pararam ali. Ele chegou lá, ainda sem conscientemente, pensar no que estava fazendo, e não foi de todo, uma surpresa ao encontrar o portão solidamente trancado. Tinha que ser assim, naturalmente, uma vez que ele fechava as nove, e agora já passava muito da meia-noite.

Seus pés, novamente por sua própria iniciativa, começaram a avançar de novo, desta vez tendo-lhe passado o portão, indo ao longo do alto muro de pedras que o círculo do alojamento que ele compartilhava com duzentos ou mais dos seus colegas acadêmicos. Ele ainda estava correndo sua lista de amigos

mentalmente, sem nem ao menos pensar no que estava fazendo. Porque o que ele estava fazendo, tinha-se tornado bastante habitual ao longo dos últimos meses. Ele era, naturalmente, ao longo do curso, a parede. Logo, ele chegou ao local onde havia um apoio suficiente, a pedra.

Nenhum de seus colegas estudantes tinha dinheiro nenhum, que ele sabia. Eles estavam todos na mesma posição que ele estava... À espera de seu vigésimo primeiro aniversário, e suas heranças. Poucos ainda tinham os pais vivos, e alguns desses eram ocasionalmente os beneficiários de doações do numerário. Mas ninguém sabia intimamente o suficiente para pedir um empréstimo de mil libras.

Pelo seu abatimento, foi difícil empurrar as mortas trepadeiras que cobriam o muro, para subir na argamassa do pé de goiva no almofariz. Até que um chamado de voz, gritou o nome dele. Ele virou a cabeça, deixando um pouco abaixo seu fôlego. Tudo o que precisava agora era que um procurador fosse alertado para o fato de que o Conde de Bartlett mais uma vez havia escalado as paredes.

Viu que não era o procurador, mas sim um eminente asno de um duque. O cara devia ter-lhe seguido desde a taberna onde eles tinham jogado. Seria de pensar que O duque tinha coisas melhores a fazer do que seguir empobrecidos Earls {condes}, mas aparentemente não. "Olhe", disse Tommy, deixando seu pé onde ele estava assim como o cotovelo e descansando sobre os seus joelhos. "Você receberá seu dinheiro, Sua Graça. Não disse que iria lhe pagar? Não imediatamente, naturalmente, mas logo" "Não é sobre o dinheiro", disse o duque. De fato, mas ele não olhava como um duque. Será que realmente um duque ondulava seu bigode daquela maneira? E esse colete, contudo, não era um pouco, bem... Brilhante?

"Isto é sobre o que você me chamou", disse o duque, e pela primeira vez, Tommy viu que ele conservava algo na sua mão. E na brilhante luz da lua, Tommy também foi capaz de ver exatamente o que era.

“Como eu te chamei?" Bem, de repente, Tommy esperava que sua conversa fosse ouvida. Ele rezou muito fervorosamente que aquele idiota do procurador fosse ouvir, e secretamente procurá-los-á, abrir o portão e exigir uma explicação. Tarde, muito tarde, para ser capturado fora das paredes após horas. Talvez, ele recebesse uma bala no intestino, mesmo que essa bala, provavelmente, aliviasse a sua dívida.

“Direito". O duque mantinha a boca da pistola apontada para o peito de Tommy. "Um trapaceador. Isso é o que você me chamou. Bem, um Duque não trapaceia você sabe." Tommy tomou conhecimento de duas coisas de uma só vez. A primeira era que parecia improvável que um duque verdadeiro possuísse um vocabulário tão errôneo da gramática. A segunda foi que ele ia morrer.

“Diga boa noite, meu senhor," disse o homem-que-não-parecia-um-duque,

apontando ainda mais a pistola na direção do peito de Tommy, ele puxou o gatilho. E então, muito de repente, a luz da lua desbotada, Tommy tinha problemas imediatos, juntamente com ele.

Capítulo 1

Londres, Inglaterra.
Maio de 1870

Não havia luz no quarto. Diferente da antessala que era iluminada pelas chamas da lareira em mármore. O fogo era baixo, mas o casal conseguiu deitar-se sobre o divã, deixando a mostra, suas silhuetas. Ainda assim, Caroline foi capaz de perceber as suas características. Ela sabia quem eles eram... Ela sabia quem eles eram muito bem. Ela reconheceu seu noivo, também pela risada através da porta fechada, e foi por isso que ela desejou abri-la, primeiramente.

Infelizmente, lhe pareceu que ela deveria ter batido em primeiro lugar, uma vez que ela não desejava, obviamente, interromper um momento de maior intimidade. E embora ela soubesse que deveria anunciar - ou, pelo menos, tornar conhecida, sua presença, ela considerou que não podia avançar mais. Ela se fixou na entrada, olhando muito contra a sua vontade, o momento em que os seios de Lady Jacquelyn Seldon, saíam do corpete do vestido dela, e agora eram envolvidos vigorosamente para cima e para baixo ao ritmo e à força dos quadris do homem que estabelecia uma conexão entre as coxas da Senhora Jacquelyn.

Ocorreu lhe a Caroline, enquanto ela estava lá, com uma das mãos enluvadas sobre a maçaneta, que ela própria nunca tinha tido seus seios envolvidos com tamanha selvageria. Evidentemente, os peitos dela não eram tão grandes como os de Lady Jacquelyn. O que poderia explicar a razão pela qual foi a Lady Jacquelyn, e não Caroline, que estava montado o Marquês de Winchilsea.

Caroline não tinha sido previamente avisada pelo seu noivo da predileção dele por seios grandes, mas, aparentemente o Senhor Winchilsea tinha encontrado alguém para substituí-la nessa categoria, em particular. E tinha, portanto, procurado alguém mais apto ao seu gosto. Que era certamente, de seu direito, evidentemente. Apenas pensou que ele poderia ter tido a cortesia de não fazê-lo em um dos quartos de Dame Ashforth, no meio de uma jantar festivo. *Suponho que ele seja fraco*, Caroline pensou, e agarrou a maçaneta com mais força, caso o chão se precipita à sua frente, como muitas vezes aconteceram com as heroínas dos romances dela. Que na verdade, eram das empregadas, mas que por muitas vezes, Caroline pegou e leu.

É claro que ela não iria desmaiar. Caroline nunca havia desmaiado em toda a sua vida. Nem mesmo na vez que ela caiu de seu cavalo, quebrando o braço em dois lugares. Mas ela desejava ter desmaiado. Porque assim, ela poderia ter sido poupada, pelo menos, de ver Lady Jacquelyn inserir o dedo na boca de Hurst.

P*or que ela fez isso?* - perguntou-se Caroline. Será que os homens sentiam prazer com mulheres que metiam dedos em suas bocas? Evidentemente que não, porque o marquês, por sua vez começou a chupar escandalosamente o dedo colocado sobre a boca dele. Por que ninguém nunca mencionou isso para ela? Se o marquês queria que Caroline colocasse o dedo em sua boca, ela com certeza teriam feito isso, se o tivesse deixado feliz. Realmente, era completamente desnecessário para ele fazer aquilo com Lady Jacquelyn - uma mulher que ele mal conhecia, para não falar comprometida - tão simples como isso.

Abaixo de Lady Jacquelyn, o Marquês de Winchilsea deixou escapar um gemido abafado - sim, Lady Jacquelyn provavelmente estava com o dedo em forma. Caroline viu a mão dele passar do quadril de Lady Jacquelyn para um dos consideráveis seios. Hurst não tinha, Caroline percebeu removido sequer o seu casaco ou a camisa. Bem, ela supôs assim ele seria capaz de voltar ao jantar festivo mais rápido. Mas certamente, o fogo, para não mencionar o calor do corpo de Lady Jacquelyn, estava gerando o calor suficiente, para ele se sentir demasiado quente.

Ele não parecia ter isso em mente, no entanto. A mão que tinha ido à taça do corpete de Lady Jacquelyn, deslocou-se para a parte de trás do seu pescoço longo, onde afastou os cabelos escuros que emergiam da cabeça dela. Então, ela puxou Hurst para baixo, até que ele tocasse seus lábios. Lady Jacquelyn teve que, por fim, retirar o dedo da boca dele, para acomodar melhor a língua, que ela colocou lá de vez. *Bem*, pensou Caroline. *É isso, então. O casamento é o mais definitivo abandono.*

Caroline ficou em dúvida, se deveria, ou não, pronunciar-se naquele cômodo. Conter a respiração, interromper os amantes nos seus abraços (se fosse esse, o termo correto para aquilo), e fazer uma cena. Mas então ela concluiu que, simplesmente não seria capaz de suportar o que, sem dúvida se sucederia: as desculpas, as recriminações, Hurst faria um discurso retórico sobre seu amor por ela, e Jacquelyn iria encher os olhos de lágrimas. Sim, Lady Jacquelyn seria capaz de chorar, Caroline não duvidou disso. Realmente, o que mais poderia fazer, a não ser se virar e sair da sala tão calmamente como ela havia entrado? Rezando para que Hurst e Jacquelyn estivessem muito ocupados para ouvir o clique do trinco, ela aliviou-se ao ver a porta suavemente fechada atrás dela, e só então, libertou a sua própria respiração.

E se perguntou o que ela deveria fazer agora.

Estava escuro no corredor vizinho a porta da sala de estar. Escuro e frio, ao contrario do resto da casa da cidade de Dame Ashforth, que estava cheia com mais ou menos 100 convidados e praticamente a mesma quantidade de serventes. Ninguém estava vindo naquele caminho, já que todo o champanhe, comida e musica estava um andar abaixo.

Ninguém exceto uma patética noiva abandonada, como ela.

Seus joelhos de repente fraquejaram, Caroline se sentou no terceiro e quarto degrau da escada dos serventes no exato oposto da porta que ela fechou tão devagar Ela não estava, como ela sabia, desmaiando. Mas ela se sentia com um pouco de náusea. Ela ia precisar de algum tempo pra se recompor antes de voltar lá para baixo. Colocando um cotovelo no joelho, Caroline descansou o queijo em sua mão e encarou aquela porta através das barras da escadaria, se perguntando o que ela iria fazer agora.

Parecia para ela que a coisa que qualquer garota normal iria fazer era chorar. Afinal de contas, ela havia acabado de encontrar seu noivo nos braços - bem, pra ser precisa, nas pernas - de outra. Ela deveria, ela sabia por causa da extensa leitura de romance, estar chorosa e tempestuosa.

E ela queria estar chorosa e tempestuosa. Ela queria de verdade. Ela tentou forçar algumas lagrimas, mas nada veio.

E*u acho* Caroline pensou consigo, *que eu não consigo chorar porque eu estou terrivelmente zangada. É, deve ser isso. Eu estou com bastante raiva e é por isso que eu não consigo chorar. Por que, Eu deveria ir e encontrar uma pistola, voltar e atirar em Lady Jacquelyn no coração. Isso era o que eu deveria fazer*

Mas este pensamente a deixou sentindo mais fraca fisicamente que nunca, e ela estava feliz por estar sentada. Ela não gostava de armas, e ela nunca poderia se imaginar atirando em alguém - nem mesmo Lady Jacquelyn Seldon, que bem que merecia.

A*lém disso,* ela disse a si mesma, *mesmo que eu* pudesse *atirar nela - o que eu positivamente não poderia - eu não iria. Qual seria o beneficio? Eu iria apenas ser presa*

Caroline, encontrando um cristal perdido em sua saia, puxou-o distraída. *E então eu iria que ir pra cadeia*. Caroline sabia melhor que ela gostaria de saber sobre cadeia, porque sua melhor amiga Emmy era membro da Sociedade Londrina pelo Voto da Mulher {London society for women"s suffrage} e havia sido presa várias vezes por entrar escondida nas carruagens de vários membros do parlamento.

Caroline não queria ir pra prisão, que Emmy havia descrito pra ela em todos os detalhes, mas do que ela iria querer disparar uma bala contra qualquer pessoa.

E *supondo* ela pensou *que eles me considerem culpada. Eu seria enforcada. E pelo que? Por atirar em Lady Jacquelyn?* Não seria suficiente. Caroline não tinha nada em particular contra Lady Jacquelyn. Lady Jacquelyn havia sempre sido perfeitamente sociável com Caroline.

De verdade, Caroline decidiu, se ela fosse atirar em alguém - algo que ela não ia fazer, claro - seria Hurst. Porque, não somente uma hora atrás ele havia estado surrando na orelha de Caroline que não podia esperar para a noite do seu casamento, que estava há apenas um mês.

Bem, evidentemente ele estava tão impaciente por isso que ele foi forçado a procurar outra pessoa pra poder ensaiar.

B*astardo Traidor!* Caroline tentou pensar em outros xingamentos que ela havia escutado seu irmão mais novo Thomas e seus amigos chamarem uns aos outros. *ah, sim, Whoremonger*{1}

Seria ótimo para aquele whoremongering bastardo traidor se eu atirasse nele!

E então ela sentiu uma culpa por apenas pensar nisso. Porque era claro ela sabia perfeitamente o quanto ela devia a Hurst. E não apenas por o que ele havia feito por Tommy, também, mas porque de todas as garotas de Londres, Ele havia escolhido ela para casar, Ela para ser a receptora daqueles devagar, sedutores beijos.

Ou pelo menos, era o que ela pensava até recentemente. Agora ela se dava conta não era ela de longe a única receptora de tais beijos, mas que os que ela havia recebido eram bem diferentes do que os que Lady Jacquelyn estava acostumada.

D*roga!* Ela colocou o outro cotovelo, agora descansando o queixo nas duas mãos. O que ela iria fazer?

A coisa correta, claro, seria pedir pra Hurst cancelar. O marques era invariavelmente correto em todas as suas atividades - bem, com exceção dessa, claro - e então Caroline pensou que não era racional esperar que ele acabasse o noivado, poupando-a do embaraço. *Querida* ela o imaginou dizendo *Eu sinto muito, mas você vê, parece que eu conheci uma garota que eu gosto bem mais do que de você...*

Mas não. O marques de Winchilsea não era nada educado. Ele provavelmente diria algo como, *Caroline, meu docinho, não me peça pra explicar o porquê, mas eu não posso seguir com isso. Você entende, não entende, old sport*?*

E Caroline iria dizer que ela entende. Porque Caroline era um old Sport. Lady Jacquelyn era uma mulher atraente, que cantava e tocava a harpa lindamente, tão talentosa quanto era amável. Ela iria ser uma esposa maravilhosa para qualquer homem, apesar dela não ter dinheiro, claro. Todos sabiam disso. Os Seldons - O pai de Lady Jacquelyn havia sido o 14º Duque de Childes - eram uma ancestral e bem respeitada família, mas ele não tinha um centavo em seu nome, apenas umas poucas casas e umas avenidas ou duas aqui e ali. Hurst, cuja família era tão nobre, mas também tão pobre, ter escolhido ele para alinhar-se com as Seldons não foi surpreendente, mas Caroline não estava certa que era a coisa mais prudente que ele tinha feito. Do que ele e Lady

Jacquelyn imaginavam viver, afinal? Porque a menos que eles arrendassem todas aquelas magníficas propriedades para alguns americanos ricos, eles não tinham qualquer fonte de rendimento para falar.

Mas o que é que importa o rendimento para duas pessoas apaixonadas? Não era problema de Caroline, afinal, como o par conseguiria. Seu problema era este:

O que ela ia dizer pra sua mãe?

A viúva Lady Bartlett não ia receber isso bem. Não por qualquer exagero de

imaginação. De fato, a notícia foi provavelmente a levaria a um de seus ataques infames. Ela adorava Hurst. Porque que não deveria? Ele tinha, afinal, salvado a vida de seu único filho. A dívida da família de Caroline para com o marquês era enorme. Ao concordar em se casar com ele, Caroline tinha esperado de alguma forma, retribuir a sua bondade.

Mas agora ficou bem claro que a mão vencedora de Caroline não tinha sido determinada para satisfazer o jovem marquês. Que humilhação!

E os convites já tinham sido enviados. Quinhentos deles, para ser exata. Quinhentas pessoas, o melhor da sociedade londrina. Caroline supunha que iria ter que escrever a todos eles. Ela quase começou a chorar quando pensou naquilo. Cinco centenas de cartas. Isso era um pouco demais. Sua mão geralmente entorpecia depois de apenas duas ou três. Hurst deveria escrever as cartas, ela pensava, amargamente. Afinal, era ele quem tinha quebrado as regras. Mas Hurst, que era muito mais de um boa-vida do que um intelectual, nunca tinha escrito nada mais do que um cheque, por isso Caroline sabia que contar com qualquer ajuda dele nesse trimestre era tolice ao extremo.

Talvez ela pudesse simplesmente colocar um anúncio no jornal. Sim, era isso. Algo de bom gosto, explicando que o casamento de Lady Caroline Victoria Linford, única filha do primeiro Conde de Bartlett, e única irmã do segundo, e Hurst Devenmore Slater, décimo Marquês de Winchilsea, infelizmente foi cancelado. Cancelado? Qual era o termo certo para isso?

Senhor, que vergonha! Atirado no colo de Lady Jacquelyn Seldon! O que será que as meninas da escola diriam? Bem, Caroline consolou-se. Poderia ter sido pior.

Ela não podia pensar como, mas ela supunha que poderia. E então, muito de repente, ele estava.

Alguém estava vindo. E não saiu da sala de estar, nem corredor de baixo Era alguém que estava procurando por Lady Jacquelyn, Caroline percebeu, logo que a luz do candelabro que ele estava segurando iluminou suas feições o suficiente para ela reconhecê-las.

E quando ela reconheceu, seu coração parou de bater. Ela tinha a certeza disso. Seu coração realmente parou de bater por um momento. Isso não tinha acontecido quando ela abriu a porta e viu seu noivo fazendo amor com outra mulher. Não, não ainda.

Mas estava acontecendo agora.

Apesar do candelabro, bateu o pé na perna de uma pequena mesa, sobre a qual repousava um vaso de flores secas. Quando Braden Granville bateu o pé da mesa, o vaso estava sangrando, e em seguida, caiu, derrubando pétalas secas flutuantes para baixo do tapete. Ele empurrou pra baixo seu hálito, inclinado para baixo e à direita do vaso. Caroline, observando-o entre os balaustres viu que ele parecia mais irritado do que deveria, para quem apenas deixa cair

acidentalmente algumas flores secas.

Ele sabe, ela pensava. Bom Deus, ele sabe.

Isso só poderia acabar em derramamento de sangue depois de tudo.

Sem pensamento consciente, ela subiu para os pés dela, e disse, "-Alô-ô". A voz dela soou extraordinariamente sem fôlego.

Braden Granville olhou acentuadamente. Quem está aí? Indagou.

"Sou apenas eu" Caroline disse. Entretanto qual era o problema com a voz dela? Soava ridiculamente alta. Ela fez uma tentativa para abaixá-la. "Caroline Linford. Eu sentei perto de você no mês passado no jantar de Lady Chitten. Você provavelmente não se lembra..." "Oh. Lady Caroline. Claro."

Não confundiu o desapontamento em sua voz profunda. Como ela estava falando, ele levantou o candelabro e olhou para ela. Ela sabia perfeitamente bem o que ele via: uma jovem mulher, de estatura mediana e de peso médio, que não tinha cabelo nem loiro nem moreno, mas de uma cor parecida com areia, e que não possuía olhos nem azuis nem verdes, mas olhos completamente enfadonhos de cor marrom. Caroline sabia que ela não possuía nada como a estonteante beleza morena de Lady Jacquelyn Seldon, mas ela também sabia – por que seu irmão Thomas tinha dito para ela, e irmãos não são nada se não forem brutalmente honestos – que ela não era uma garota pela qual se passa sem uma segunda olhada, também.

Mas Braden Granville certamente passou por ela pela segunda vez, completamente sem uma segunda olhada. Como se ele tivesse muita coisa para se olhar para ele, Caroline pensou, com alguma indignação. Porco convencido. Afinal, ele não era nem de perto tão bonito quanto Hurst. Enquanto o Marques de Winchilsea era um Adônis dourado, com seu cabelo loiro encaracolado, olhos azuis, com traços atrativos, e alto, Braden Grandville era moreno, do ombro até o umbigo, e sempre parecia que ele precisava se barbear, ainda que, Caroline estivesse absolutamente certa de que logo depois ele iria ter uma.

Braden Granville abaixou o candelabro e disse, "eu suponho que você viu Lady Jacquelyn Seldon vindo por aqui, não viu?"

O olhar de Caroline rapidamente foi em direção a porta da sala de estar. Ela não queria isto. Ela não queria olhar para qualquer lugar perto daquela porta. Mas seu olhar rapidamente a seguiu assim como a lua chama a maré.

"Lady Jacquelyn?" ela ecoou, ganhando tempo.

O que teria acontecido, Caroline se pergunta, se ela tivesse dito para ele que ela tinha visto Lady Jacquelyn? Que ela estava, na verdade, atrás daquela porta?

Porque, Braden Grandville iria matar Hurst, por isso. Thomas tinha contado para ela tudo sobre o homem à que ele se referia com enorme respeito como "Grandville". Como "Grandville", que tinha nascido em Seven Dials, o mais pobre e triste distrito de Londres, fez fortuna no ramo de armas de fogo. Como "Grandville" era tão impiedoso na sua vida pessoal quanto nos seus assuntos de

negócios. Como “Grandville” era conhecido por considerar uma bala a solução mais rápida para resolver os problemas em ambas às áreas, o fato que ele não é ferido por ser um aclamado craque atirando com uma pistola. Porque, Hurst não poderia ter atingindo o lado de Westminster Abbey com uma pistola, mesmo que fosse para atirar em coisas idiotas,

“Sim”, Braden Grandville disse, olhando-a curiosamente. “Lady Jacquelyn Seldon. Certamente você a conhece.” “Oh,” Caroline disse. “Sim, eu conheço ela...”

“Bem” ele disse. A paciência em sua voz soou forçada. “Você a viu passando por aqui? Com um cavalheiro talvez? Eu tenho razões para acreditar que ela não estava sozinha.” Caroline piscou.

Como aquilo era odioso! Talvez mais para ele do que por ela. Por que claro havia o fato de que “Grandville” aparentemente tinha ido para cama com mais mulher do que qualquer outro homem em Londres. Isto não era algo que o irmão de Caroline tivesse anunciado na mesa de café da manhã, mas algo que ela tinha escutado numa discussão dele com os amigos. De acordo com Thomas, “Grandville” aparentemente tinha tantas amantes quanto o infame Don Juan. De fato, Thomas e seus amigos o chamaram – com o rosto serio nada menos – o Farrista de Londres.

Só recentemente o Farrista finalmente acalmou, e fez uma proposta de casamento a mais bonita e realizada mulher de toda Londres, Lady Jacquelyn Seldon. Que no exato momento esta montada no noivo de Caroline, o Marques de Winchilsea.

Só de imaginar como um homem orgulhoso e convencido como Braden Grandville – um homem que era universalmente admirado pelas suas habilidades como amante – iria se sentir quando ele descobrisse que sua própria noiva estava traindo ele. E com o marques de Winchilsea, entre todas as pessoas, que não tem um centavo no seu nome, só um rosto bonito para sobreviver! Porque, tudo o que Caroline tinha que dizer era uma palavra – apenas uma palavra – e ela não precisaria se preocupar com o anunciamento do Times: O casamento dela com o marques de Winchilsea tinha sido cancelado devido a sua morte. Ela se chocou. Bom Deus, o que ela estava pensando? Ela não poderia permitir que Braden atira-se em Hurst. Não depois do modo como Hurst salvou Tommy.

“Eu a vi” Caroline admitiu, finalmente. Ela apontou em direção ao distante fim do corredor. “Ela foi por ali”

O rosto de Braden Grandville endureceu. Ele não tinha um rosto muito bonito, no senso tradicional, e não foi bem tratado pela vida – ele apresentava uma profunda cicatriz que mostrava uma ferida de uma faca em sua sobrancelha direita. Mas quando seu rosto endureceu com determinação, se tornou quase uma luta olhar para ele – como olhar na cara o demônio dele. Que as mulheres que foram para cama com ele poderiam ter visto nele, Caroline não podia imaginar.

Ela olhou para longe, e se concentrou na face do marques de Winchilsea, a qual era tão Angelical quanto à de Brandon Grandville não... Era. “Você viu se ela estava com alguém?”

Caroline olhou de relance em sua direção. “Eu peço seu perdão?”

“Eu perguntei –“ Ele respirou profundamente, para ter paciência. “Lady Jacquelyn estava com alguém? Um homem?”

Caroline respondeu, “Sim, ela estava”. Isto deveria deixar ele furioso. E deste modo manteria ele longe de descobrir a verdade, que estava atrás daquela porta, a alguns passos dali.

Os lábios sorridente de Braden Grandville se fechou e enviou um tremor convulsivo a espinha de Caroline. Então satisfatoriamente – tão diabolicamente satisfeito – ficou o seu olhar, que por um momento, a respiração de Caroline ficou presa em sua garganta. Ele era realmente o diabo!

“Obrigado, Lady Caroline”, Braden Grandville disse, soando um pouco mais cordial do que anteriormente. E depois começou a descer o corredor, e Caroline tentou respirar de novo. E achou que ela não poderia

Isto era alarmante, pra dizer o mínimo. Mas ela estava determinada a não deixar Braden saber de sua angustia. Não, o importante não era que ela não podia respirar longamente, mas que ele fosse embora, para longe, bem longe, para que Hurst pudesse ter uma chance de escapar...

Mas os esforços dela para esconder seu desconforto não foram muito efetivos, afinal quando ele estava perto da escada na qual ela estava de pé, Braden Grandville se virou e olhou novamente para ela, inquisitivamente.

“Você esta bem, Lady Caroline?” ele perguntou.

Ele sabia, embora ela não sabia como. Ela não fez som nenhum. Como ela poderia? Ela não podia respirar.

Ela acenou com a cabeça vigorosamente. “Perfeitamente bem”, Ela conseguiu ofegar. “É melhor você se apressar, ou você vai perder ela.”

Mas Braden Grandville não se preocupou. Oh, ele olhou muito, como se ele pudesse ver. Mas em vez dele permanecer exatamente onde ele estava, olhando para ela, se ela não tivesse dado uma olhadela naquele sorriso malvado, ela pensado que ele estava preocupado.

Mas ninguém com um sorriso malvado como aquele poderia ser capaz de sentir preocupação.

“Eu acho que você esta mentindo”, Braden Grandville disse, e Caroline sentiu que o coração dela ia explodir.

Ele sabe! Ela pensou, freneticamente. Oh, meu Deus, ele sabe! E agora ele vai matar o Hurst, e isso será minha culpa.

Mas depois ele disse, “ Você não esta bem. Você perdeu toda a cor do seu rosto, e é evidente que esta tendo dificuldade para respirar.!

“Besteira” Caroline arquejou. Embora ela estivesse mentindo, claro. Ela

estava tragando enormes montantes de ar, mas aparentemente não estava chegando a seus pulmões. “Não é besteira” Braden Grandville retrocedeu. Quando ele atingiu a escada na qual Caroline estava de pé, ele encostou e pôs a mão na parte de trás do pescoço dela, assim como, a alguns momentos antes, Caroline tinha visto o Marques de Winchilsea por sua mão atrás do pescoço de Lady Jacquelyn.

O coração de Caroline, que tinha pulado quando ela viu Braden Grandville voltando o corredor, agora começou a bater tão rápido, que ela estava certa de que ele iria explodir. Santo Deus, ela pensou, irracionavelmente. Ele vai me beijar. Ele vai fazer comigo qualquer coisa que ele fez com todas as mulheres que supostamente foram para cama com ele. E eu serei perfeitamente incapaz de deter ele, porque ele é o Farreiro de Londres. Curiosamente, Caroline achou o pensamente de ser beijado por Braden Grandville nem um pouco ruim.

Mas invés de inclinar a cabeça dela para poder beijá-la, o Farreiro de Londres disse comandante mente, “Sente”.

Caroline estava tão perplexa que ela sentou sem discutir. Ela supôs que não havia muitas pessoas que ousassem desobedecer a uma ordem dada pelo grande “Grandville”, esse deveria ser o motivo pelo qual ele era um homem de sucesso nos negócios, para não mencionar na vida amorosa.

Depois Braden Grandville apertou suas mãos em seu pescoço, e, inacreditavelmente, ele puxou a cabeça dela para baixo até ficar entre seus joelhos.

“Pronto” ele disse, com alguma satisfação. “Fique assim, e você logo se sentira melhor.” Caroline olhando para os enfeites em sua saia, disse, com a voz abafada contra o denso cetim branco, “Um, obrigado, Mr. Grandville”.

O desapontamento dela por ele não ter tentado beijá-la ou molestá-la de qualquer modo, apesar do desgosto dela por ele, era profundo. E perturbador.

“Tudo bem”, Braden Grandville disse.

Whoremonger { pessoa que costuma sair com prostituta}! Caroline pensou com ela mesma, fitando seu próprio colo, Eu supostamente não sou boa o suficiente para seduzi-lo. Afinal de contas, quem sou eu? Oh, apenas a filha do primeiro conde de Bartlett. Uma ninguém. Uma nada. Eu certamente não sou tão bela, como Lady Jacquelyn Seldon. E eu não tenho nenhuma mansão em Lake District.

Mas aqui esta uma coisa que eu bem tenho e Lady Jacquelyn não têm: a decência de não dormir com o noivo de outra mulher.

Oh, ela adicionou, mentalmente. E um pouco de dinheiro, também, é claro.

Ela esperou que ele fosse logo em seguida, mas ele não foi. A mão forte permaneceu atrás do pescoço dela. Era surpreendentemente quente.

“Coisas ridículas, esses espartilhos”, Braden Grandville continuou. “Deveriam ser abolidos”.

Caroline, perfeitamente atônita que um homem como Braden Grandville estivesse em pé num corredor com a mão o pescoço dela – e ainda mais surpresa que ele estivesse abordando um tema tão indelicado como o espartilho dela – disse, para seu colo, "Eu suponho que algumas pessoas pensem assim..."

Era isso, ela se perguntou uma forma inicial de tirar o espartilho dela, e depois – Bom Deus

– seduzir ela?

Mas Braden Grandville apenas disse, "Estou surpreso que você use um afinal. Você não é amiga de Lady Emily Stanhope?"

Essa foi uma pergunta tão surpreendente que Caroline ouviu ela mesma dizendo, "Você conhece Emmy?"

"Todo mundo conhece Lady Emily. Ela se tornou famosa pelo seu envolvimento no movimento a favor do sufrágio {direito ao voto} feminino. Eu presumi que, sendo amiga dela, você também seria.

"Oh", Caroline disse, para sua saia. "Eu sou. Quer dizer, eu não vou aos comícios, nem nada disso. Eu não gosto muito de comícios. É muito melhor ficar em casa com um livro do que ir e ficar gritando ate ficar rouco e se amarrando nas coisas."

"Estou vendo que você é de coração, uma verdadeira guerreira da liberdade, Lady Caroline", Braden Grandville observou divertidamente.

"Oh", Caroline disse, percebendo como ela deveria ter soado tola para ele. "Oh, mas eu apoio a causa de Emmy, você sabe. Mês passado eu sozinha paguei a fiança dela duas vezes porque o pai dela não o faz mais. E eu só uso espartilho porque, bem, e acho que eu fico melhor com ele."

"Eu entendo". Ele soou divertido. "Sua manifestação acaba onde seu conforto e vaidade começam. Ao menos você é honesta o suficiente para admitir."

Ele estava debochando dela. Ela sabia disso. Então ele certamente não iria tentar seduzir ela. Caroline não sabia muito sobre homens, mas ela suspeitava fortemente que eles não seduziam uma mulher debochando delas. Ela estava aliviada, ela suponha. Mas era meio insultante que ele nem mesmo tinha tentado. Afinal, ele aparentemente seduzia qualquer outra mulher em Londres. Porque não ela? Caroline sabia que não era elegantemente bonita, mas ela certamente tinha admiradores, incluindo, que esta manhã, um jovem – completamente estranho – tinha seguido ela por todo o quarteirão depois que ela o tinha repreendido por desnecessariamente açoitar seu cavalo , apenas para inclinar seu chapéu e disser que o sorriso dela tinha tanto brilho quanto uma moeda nova, e que ele nunca mais iria açoitar outro cavalo novamente.

Mas aparentemente Braden Grandville não tinha notado o sorriso dela.

E depois a memória da razão pela qual ela tinha perdido o ar em primeiro lugar voltou correndo. Todo o tempo em que eles estavam no corredor discutindo o espartilho dela, Hurst estava em perigo mortal de ser descoberto! O que ela

estava pensando?

“Não seria melhor você ir, Mr. Grandville?” Caroline perguntou, tentando disfarçar a urgência em sua voz. “Se você quiser achar Lady Jacquelyn, quero dizer.”

“Sim” ele disse. Não havia bondade em sua voz agora. “Bem, estou certo de que não tenho mais chance.”

“Caroline, alarmada, perguntou” Mais chance do que? De encontrá-la? Oh, você esta enganado. Estou certa de que ela ainda esta perto.” Depois, percebendo o que ela tinha dito, ela apontou o dedo para a direção oposta ao final do corredor. “Estou certa de que se você apenas seguir ela –“

“Não”, Braden Grandville disse maçantemente. Depois ele adicionou, quase que para ele mesmo, “Eu perdi qualquer chance, eu poderia ter pegado ela no seu pequeno joguinho quando eu peguei o caminho errado dez minutos atrás, e acabei na cozinha.”

“Pequeno jogo?” Caroline ecoou, fracamente.

Como a recordar-se de alguém, Braden Granville disse, "Não se preocupe. Sente-se melhor?"

Caroline respirou. Suas têmporas se comprimiam com o início de uma dor de cabeça, mas surpreendentemente, ela descobriu que podia respirar normalmente de novo.

"Muito melhor", disse ela. "Obrigado." E depois, porque ela estava preocupada que ele pudesse saber mais sobre os detalhes da infidelidade de sua noiva do que fora informado, como, por exemplo, a identidade secreta de seu amante, ela acrescentou, "Eu tenho certeza que você está errado, Sr. Granville. Sobre a sua noiva. Estou certo que ela não está envolvida em qualquer joguinho. Com ninguém.”

O sorriso de Braden Granville foi tão perverso quanto o seu sorriso tinha sido quando ela disse-lhe- oh, porque ela tinha dito a ele?- que ela tinha visto a sua noiva com outro homem.

"Muito amável de sua parte, Lady Caroline", disse ele, num tom que não era nem um pouco elogioso . "Mas permita-me que vos assegure que a sua confiança em Lady Jacquelyn é despropositada. E quando tiver o nome do homem, eu vou estar muito feliz em provar isso, em um tribunal de justiça, se necessário. Você deve dizer isso a ela, quando a vir da próxima vez".

Muito de boca aberta (surpresa, mas a expressão era essa no inglês) com esta declaração extraordinária e ao pensar que ela e Jacquelyn Seldon eram nada mais que distantes conhecidos-Caroline lutou para pensar em algum tipo de resposta.

Ela foi salva, porém, de fazer qualquer coisa quando a porta do escritório privado de Dame Ashforth se abriu e o Marquês de Winchilsea parou no corredor.

"Ah", disse Caroline, encontrando sua voz, finalmente. "Querido".

Capítulo 2

Caroline não estava de todo certa de qual homem pareceu mais surpreso: o Marquês de Winchilsea, que parecia muito chocado ao ver sua noiva com o rosto dela sendo pressionado em seu colo por um homem a quem ela não estava relacionado, ou Braden Granville, que removeu a mão do pescoço dela de uma vez e disse, “Winchilsea”, em um tom de voz que sugeriu que Hurst não era uma das suas pessoas favoritas.

"Granville". A voz de Hurst deixou claro que o sentimento era mútuo. Então, em um tom muito diferente, ele disse, "Caroline, querida, o que está fazendo, sentado sobre esses degraus sujos?"

Caroline estreitou os olhos para ele através das barras do corrimão. Como ele ousa chamá-la querida quando...

Ela agitou-se. Agora não era o momento.

"Eu", ela gaguejou. "Eu estava... Eu - procurando por você. E parece que eu desmaiei. E o Sr. Granville foi muito gentil, me ajudando.”

La não conseguia parar de olhar de relance, várias vezes, por detrás de Hurst, para ver se Lady Jacquelyn iria segui-lo ou não. Por favor, ela se pegou rezando. Por favor, por favor fique onde está, Lady Jacquelyn.

“E porquê", indagou Hurst, agradavelmente, "você faria algo tão tolo como desmaiar, Caroline? "Ele esticou uma mão enluvada para ela. Caroline pegou-a, e permitiu que ele a tirasse do degrau. Ela era perfeitamente incapaz de deixar de olhar seu rosto. Porque, não há muito tempo, a língua de Lady Jacquelyn Seldon estava naquela boca, foi tudo que ela conseguiu pensa.

"Você geralmente é mais forte do que isso" Hurst estava dizendo. "Isto é o que eu mais admiro em você, você sabe, minha querida".

"Mr. Grandville acha que é por causa do meu espartilho," Caroline murmurou, inconsciente do que ela estava dizendo.

"Oh, ele achou?" Hurst riu. Embora a risada foi sem humor, tirou todo o calor das suas próximas palavras, que foram, "Eu agradecerei, Grandville, se você guardar seus comentários sobre as roupas de baixo da minha noiva. E suas mãos, também."

Braden Grandville não disse nada. Ele estava olhando para o marques muito curiosamente, Carolina pensou. Quase como se.... quase como se ele soubesse!

Mas isso era impossível. Ele não poderia saber. Não era como se Hurst tivesse esquecido-se de enfiar sua camisa na calça ou apertar sua gravata. Ele estava perfeitamente aceitável. Talvez estivesse um pouco mais de cor em suas

bochechas do que o usual, mas isso certamente não indicava nada -

"Eu ficaria feliz," Braden comentou, gentilmente. " Se você retribuísse o favor."

Hurst olhou perplexo. Ele disse, "O que? Do que você esta falando, Grandville?" Hurst olhou assustado. Ele disse, "O quê? O que você está falando, Granville? " Braden assentiu em direção à porta fechada. "Este é o escritório particular de Dame Ashforth não é? "

"Sim", disse Hurst, com evidente relutância. "O que há"

Braden pôs uma mão sobre a maçaneta. Muito de repente, Caroline achou difícil respirar novamente. "Nada", disse ele. "Estou apenas à procura de alguém."

Na palavra alguém, Braden Granville abriu a porta. Os joelhos de Caroline fraquejaram. Ela despencou do degrau e enterrou o rosto em sua capa de novo, dizendo a si mesma para respirar, apenas respirar enquanto se perguntava se esta era a última vez que ela veria seu noivo vivo. . . .

E se, realmente, a sua morte prematura seria essa uma coisa ruim, afinal.

Mas, claro, é claro que ela não queria ver Hurst morto. Não depois que ele havia feito por Tommy. Mutilado, possivelmente, mas nunca, nunca morto.

Mas, evidentemente, Hurst Devenmore Slater, décimo Marquês de Winchilsea, iria viver para ver o seu dia de casamento, embora a identidade de sua futura noiva ainda fosse um pouco questionável uma vez que atualmente, Caroline ouviu Braden Granville dizer, em uma voz suave, "Mas vejo que eu estava enganado. "

Caroline levantou o rosto de sua capa. Lady Jacquelyn, então, ouvira as suas vozes no hall de entrada e deve ter encontrado alguma outra forma de sair da sala. Que golpe de sorte para eles todos!

"Bastante", disse Hurst, numa voz que era demasiado convencida. "Vocês estavam bastante enganados, Granville. Meu caro ". Hurst estava tirando-a dos degraus novamente. "Devemos ir lá embaixo nos unirmos à sua mãe? "

Caroline sentiu como se houvesse areia na boca. Porque, Hurst estava falando com ela como se nada houvesse ocorrido. Ela tinha imaginado que um homem que pretendia romper um noivado, não refere-se a sua noiva como minha querida ou querida. E ele não deveria, ela pensava,colocar a mão em volta de suas costas. Isso era um pouco ousado, para alguém que só havia momentos antes. . .

Ela não queria pensar nisso.

Então ela passou a olhar para Braden Granville, que desejava sair da sala, adiantando-se para a porta fechada atrás dele. Ah, claro. Era isso. Hurst não queria causar uma cena na frente de ninguém. Particularmente, ela supôs, em frente do noivo de sua amante. Ele iria esperar, ela supôs, até que eles estivessem sozinhos.

Então ele ia explicar porque ela não seria a futura Lady Winchilsea.

"Certamente", disse ela. Ela olhou novamente em Braden Granville e sentiu, aparentemente vindo de lugar nenhum, um misterioso jorro de emoção. Qual é, ela perguntou, foi isso? Não pena, sem dúvida, porém, era verdade que, se Braden Granville se importava com Lady Jacquelyn tanto quanto Caroline supostamente deveria se importar com Hurst, ele ia se machucar muito quando descobrisse a verdade sobre a mentira, a trama daquela vagabunda diabólica com quem ele tinha se comprometido. Mas ela não acreditou que ele se preocupava com Lady Jacquelyn. Não pela maneira como ele tinha falado dela e de seu "joguinho".

Não, não foi pena o que Caroline sentiu quando ela olhou de relance em Braden Granville só Mas o que era, então? Caroline sempre teve coração frágil, era verdade, mas normalmente ela sente-se aquecida em frente a implacáveis empresários e desumanos Lotharios.

"Boa noite, Sr. Granville", disse ela, sufocando a inexplicável emoção, e estendendo a mão para ele. "E agradeço a sua gentileza."

Braden Granville olhou para baixo para suas mãos enluvadas com alguma surpresa. Caroline tinha aparentemente assustado ele, e o tirado de pensamentos muito obscuros, se o olhar em seu rosto fosse uma indicação. Mas ele despertou-se pegou a mão dela, trazendo-a distraidamente em direção de seus lábios sem realmente tocá-los.

"Boa noite", ele disse, não olhando para eles. E depois ele se virou, e desapareceu descendo o corredor.

Assim que ele estava fora do campo de audição, Hurst bufou desgostoso, e disse," Flagelo {alguma coisa ruim} atrevido!"

Caroline olhou de relance seu noivo. Este, também, não era o tipo de comportamento que ela tinha esperado de um homem prestes a se liberar do casamento.

"O que você disse?" ela perguntou certamente ela não tinha escutado direito.

"Que grosseria a dele, mencionar seu espartilho desta forma! Não que eu esperasse maneiras melhores de um arrivista {Indivíduo ambicioso que deseja subir socialmente usando quaisquer recursos, inclusive aqueles que a própria sociedade condena.}. Você sabe, há um lugar para homens como ele. Você sabe como o chamam? América."

"Oh", Caroline murmurou. "Sério, Hurst."

"Estou falando sério, Carrie. Eu digo para você, eu não gosto desse novo habito de convidar todo Tom, Dick, e Harry de Londres no que costumava ser festas completamente exclusivas e privadas. Eu quero dizer, eu sei que o cara se tornou rico, mas isso não o faz menos comum do que no dia em que ele nasceu."

Talvez não, Caroline pensou com ela mesma. Mas pelo menos ele sabe como ganhar - e manter - dinheiro. Esta é uma habilidade que você certamente nunca conseguiu adquirir, Hurst.

Mas obviamente ela não disse isso. Hurst estava completamente sensível sobre o fato de sua família não ter dinheiro. De fato, quando ele propôs para ela, tinha sido quase pesarosamente. Eu sei que eu não tenho muito, Carrie, ele disse. Mas tudo que eu obter eu darei contentemente a você, se você apenas me der a honra de ser minha.

E Caroline, cheia de alegria por receber uma proposta de um homem tão bonito, romântico e corajoso - ele não tinha salvo a vida de Tommy? - tinha respondido Sim.

Burrice a dela.

"Escreva minhas palavras, Carrie," Hurst continuou, como eles estavam e pé no corredor, ouvindo os passos de Braden Grandville se distanciando. "Isto não será bom, esta mistura de classes. Uma dama interferente como Dame Ashforth pode achar isto divertido, mas eu decididamente não."

E depois ele pegou o braço de Caroline, e começou a conduzir ela para o corredor na direção oposta da qual Braden Grandville tinha desaparecido.

Enquanto eles andavam a mente de Caroline voltou às palavras entusiasmadas dele. Carrie. Ele a a chamou de Carrie, o nome que somente ele a chamava. Porque ele a chamaria por seu nome especial para ela se ele estava preste a romper o noivado? Porque, ele estava a chamando de Carrie e querida se nada tinha acontecido. Nada mesmo. De fato, se ela não tivesse pegado o caminho errado do toalete, ouvido a risada de Hurst, e depois ver por ela mesma o que, precisamente, o que ele estava fazendo desde que ele a deixou no salão de baile – supostamente para fumar com os cavalheiros – ela não poderia ter imaginado que ele estava com outra mulher nem em um milhão de anos. Estar com outra mulher? Bom Deus, ele estava dentro de outra mulher. E ainda age como se ele tivesse saído do salão de baile de Dame Ashforth por alguns momentos apenas para fumar!

“Eu espero,” Hurst estava dizendo, com o som dos degraus abaixo deles, “ele não insultou você, Caroline. Não insultou né? Grandville quero dizer.”

Caroline, movendo-se como se ela estivesse aturdida, quase igual aos heróis dos romances sempre depois de descobrir um cadáver em uma sebe de labirinto, murmurou inconscientemente, “Insulto? Eu? O que?”

“Bem, eu não me surpreenderia se ele fizesse. Ele tem certa reputação, você sabe. Com as damas, quero dizer. Ele não tocou em você, tocou Carrie? Algum lugar que ele não deveria?”

Eles estavam mais uma vez cercado por um mar de gente no salão de dança de Dame Ashforth. Caroline mal conseguia ouvir sua própria resposta, a qual foi um surpreso “Não”. Estava se metendo em problemas quando a orquestra de repente começou a tocar um toque familiar.

“Bom Deus”, Hurst disse, agarrando ela pela mão. “É o Sir Roger de Coverley. Eu tinha me esquecido que iria começar a meia noite em ponto. Vamos lá,

Carrie, vamos pegar nossos lugares. Você sabe como Ashforth se sente sobre Sir Roger."

Caroline, de fato, sabia como Dame Ashforth se sentia a respeito de Sir Roger. Nada – nem uma tropa de guerreiros Zulu, brandindo lanças e dardos pontudos, e certamente não noivos traidores – iriam fazer ela adiar Sir Roger. Enquanto a viúva se declarava muito velha para dançar musicas animada, ela desfrutou de nada melhor do que assistir o desempenho das pessoas mais novas, convidadas para a casa dela.

A cabeça dela ainda estava aérea, Caroline tomou o lugar dela na longa linha de casais. Hurst passou por ela, parecendo elegantemente bem em suas roupas de noite. Sua gravata não estava nem ao menos amassada, sua caça continuava perfeitamente passada. Como isso era possível? O homem estava fazendo sexo violento - Caroline não estava certa se essa era a descrição exata, mas isso foi mencionado uma ou duas vezes nos livros que ela costumava ler, e ela gostaria de ver como soava - com uma bela mulher a nem um quarto de hora atrás, e ainda ele estava ali de pé, parecendo como se a manteiga não tivesse derretido em sua boca {é uma expressão:é usada quando uma pessoa parece inocente enquanto, na realidade, é o oposto}. Era perfeitamente inacreditável.

E depois - como se a noite não tivesse sido bizarra o bastante - de repente, diante dos olhos de Caroline, apareceu Lady Jacquelin Seldon. Realmente, lá estava ela, sua adorável cabeça atirada para trás como se ela estivesse rindo delicadamente ela fez sua entrada pela linha de dançarinos. E além dela, se comportando muito bem para alguém sem berço, estava Braden Grandville.

Caroline encarou, certa de que seus olhos iriam pular para fora de sua cabeça. Então ele achou Lady Jacquelyn a final, não achou? E a Lady, assim como Hurst, não parecia diferente do que ela estava na hora do jantar, antes do designado segredo deles. Inacreditável. Perfeitamente inacreditável. Como era possível que duas pessoas que estavam engajados fazendo ...bem, o que os dois tiveram fazendo... e depois, um quarto de hora depois, estar calmamente dançando o Sir Roger de Coverley {Dança country inglesa} com outra pessoa?

Era mais do que uma garota como Caroline podia assimilar em uma noite só. Quando foi a hora dela e do marques bailar {passear publicamente}, ela o fez com a graça de uma maquina, dificilmente ciente do que os pés dela estavam fazendo debaixo dela. Hurst não notou, entretanto. Ele estava com o espírito alto{expressão: cheio de alegria}, e balançando ela energicamente, sussurrando palavras carinhosas em seu ouvido mas ela estava com a cabeça fechada para isso. Ele chamou ela de coisas lindas e disse, de novo, que ele não podia esperar até a noite do casamento deles para que ela fosse dele. Caroline escutou o que ele disse, e ainda não tinha respondido. O que ela poderia dizer?

Porque é claro ela sabia agora que não haveria noite do casamento. Não para os dois. Por qualquer razão - e Caroline suspeitava muito fortemente que aquela

reação tinha alguma coisa a ver com o tamanho da herança que ela herdou recentemente, e o fato de que Hurst não tinha renda nenhuma - Hurst não ia terminar o noivado.

O que significava só uma coisa: Caroline ia ter que fazer isso.

Não seria fácil, é claro. A mãe dela ficaria furiosa. Afinal, eles devem a Hurst Slater... bem, tudo. Se não fosse por ele, Tommy teria morrido naquele frio dezembro, sangrado até a morte na rua fora do colégio dele.

Mas isso não poderia ajudar agora, poderia? Como podia ser possível casar com um homem que os beijos tinham, por tantos meses, a feito sentir como a garota mais sortuda do mundo...

Apenas até perceber que ele estava guardando seu verdadeiro beijo para alguém mais?

Só uma vez Caroline voltou a vida durante a barulhenta dança country, e isso aconteceu quando ela se encontrou acompanhada momentaneamente por seu irmão Thomas, que aproveitou a oportunidade de dar um aperto no braço dela e dizer. "Anime-se, gata! Você parece alguém a quem disseram que o ponche{bebida: mix de fruta} estava envenenado." "Tommy!" Caroline gritou, surprendendo se com a tristeza causada pela sua vista dele. "O que você acha que esta fazendo. dançando desse jeito? Você sabe o que Dr. Pettigrew disse -"

"Oh, Dr. Pettigrew," Tommy disse, sarcasticamente. "Eu quero que ele vá se catar."

Mas antes que ela tivesse a chance de censurar seu irmão, ela estava sendo rodopiada para longe por - dentre todas as pessoas - Braden Grandville, olhando muito proximamente tão carrancudo como ela certamente estava, e ela grampeou os labios fechados e não disse nem uma palavra até a dança acabar.

Mas se ela esperava escapar sem mais comunicação com Mr. Grandville, ela estava realmente enganada. Ao menos o irmão dela, que caminhou abruptamente em sua direção, pegou seu braço e tinha alguma coisa para dizer sobre isso.

“Vamos lá, gata”, Tommy disse. “Alguém furtou camarão de dentro do prato da Ma no jantar, e agora ela esta com uma alergia. Ela esta esperando por nos na carruagem. Oh, hullo {expressão de surpresa}, senhor.”

Mesmo que se não tivesse acontecido de Caroline ter olhado para sua direção, ela saberia que Braden Grandville ainda estava em algum lugar perto da maneira respeitosa em que Thomas falou a palavra sir. O fato que ele ainda estava tão perto, todavia – bem do lado dela, realmente – era bem espantoso, desde que ela tinha imaginado que ele tinha ido embora uma vez que a dança tinha acabado.

“Como você vai, Lord Bartlett?” Grandville acenou para o jovem. Para Caroline ele disse, “Lady Caroline, Acredito que você esteja se sentindo melhor desde nosso ultimo encontro.”

Caroline, sentindo sua bochecha ruborizar, disse rapidamente, “Certamente”, e

num esforço para se manter longe de parecer uma grande idiota aos olhos dele, mesmo que certamente ela já o tivesse feito, jurando não dizer mais nada...

Ainda, absolutamente sem serem convidadas, as palavras, “Eu vejo que você encontrou Lady Jacquelyn”, rolando seus lábios, quase antes de perceber o que ela tinha dito. Idiota, ela se repreendeu. Porque algumas vezes ela não conseguia forçar a língua dela a falar, e em outras ocasiões, ela não podia ficar quieta?

“Sim”, Braden Grandville respondeu, o olhar dele seguiu Caroline até pousar em sua noiva, que estava de pé falando com Dame Ashforth, parecendo friamente bonita e nem um pouco parecida com uma mulher que recentemente violada. “Eu achei, certamente. Parece que ela tinha ido ao jardim de Lady Ashforth para um pouco de ar.” “Grandville” adicionou depois, notando Hurst indo em direção deles, “Eu vejo que você esta sendo procurada. Não irei te manter longe.”

“Oh”, Thomas começou, ”mas é apenas o Slater...”

O seu protesto veio muito tarde, entretanto, desde que Braden Grandville tinha desaparecido na multidão. Hurst, seu bonito rosto cheio de preocupação, apareceu urgentemente sobre eles.

“Carrie,” ele gritou. “O que é isso que eu ouvi sobre você esta indo, e tão cedo? Eu não quero ouvir isso!”

Thomas, interrompido de seu tête-à-tête {conversa entre duas pessoas} com seu herói, rolou seus olhos. Caroline atirou para ele um olhar de desaprovação. Às vezes era difícil relembrar que apenas seis meses anos, o irmão dela estava à beira da morte.

“Nossa mãe não esta se sentindo bem, Hurst”, ela disse. ”Nós temos que ir. Mas por favor, você deve ficar.”

Hurst deu um suspiro dramático. ”Se você insiste, minha queria. Até amanhã, então.” Ele se abaixou para beijá-la. Caroline mal manteve sua boca desviada. O toque daqueles lábios, que tão recentemente estavam em Lady Jacquelyn, tocá-la a encheu de repulsão – quase tanto como pensar em Braden Grandville ter anteriormente enchido ela de uma inexplicável alegria.

Mas ela não precisava se preocupar. Hurst não tentou nenhum lugar perto da boca dela. Em vez disso, ele beijou delicadamente sua testa. Caroline se sentiu tão aliviada quanto ela estava ao descer os degraus da escada da casa urbana de Dame Ashforth para a carruagem que estava esperando na rua abaixo antes mesmo dela ter percebido.

“Bom Deus,” ela ouviu seu irmão gritar assim que um empregado de Dame Ashforth estava dando a mão para que Caroline subisse na carruagem.

Caroline, pensando que seu irmão devia ter esquecido alguma coisa lá dentro, e tremendo só de pensar em passar mais um minuto nessa casa que sempre lhe trará memórias infelizes, se acomodou no assento frente a mãe dela antes de perguntar, “O que foi, Tommy?”

“Aquela carruagem {phaeton – carruagem sem teto} parada atrás de nos.” Thomas, se levantando para ver melhor, empurrou Caroline e sua mãe terrivelmente. “É a carruagem de Braden Grandville. Olhe o time que ele tem puxando a carruagem, Caro. Perfeitamente combinados na baía. Nós não seriamos capazes de arrastar para longe deles.” Caroline, apesar da impaciência para ir embora, se virou em seu acento para olhar. O pai deles tinha sido um grande amante de cavalos e passou esta paixão para Caroline – o que era um tanto embaraçoso para sua mãe, porque Caroline era, assim como seu pai, incapaz de se manter em silencio enquanto um cavalo estava sendo mal tratado pelos seus donos. Isto causa frequentes os argumentos vocais com os motoristas de charretes e carroceiros de carvão, e Lady Bartlett frequentemente escondia o rosto de vergonha com o comportamento não refinado de Caroline quando ela encontrava os cavalos em rédea, que era tão popular entre os membros fashions, e a qual ela desaprovava fortemente.

Braden Grandville, entretanto, não colocou os cavalos em rédeas, o que fez Caroline dizer, aprovadamente, “Muito bom” antes dela se lembrar que ela não queria pensar mais sobre Braden Grandville. Ela disse em uma voz quase alta, mas a mãe dela a bateu na perseguição.

“Braden Grandville, Braden Grandville, Braden Grandville!” Lady Bartlett, puxando impacientemente sua saia {tipo saiote}, a qual seu filho por palhaçada tinha retorcido, deu um suspiro exasperado. “Você não pode falar de outra pessoa para variar, Thomas? Estou cansada de ouvir falar sobre Braden Grandville.”

“Ouvir, ouvir”, Caroline disse. E, na hora, ela queria dizer isto, também.

Capítulo 3

Lady Caroline e sua mãe não eram as únicas pessoas cansadas de ouvir sobre Braden Grandville. O próprio Braden Grandville estava um pouco cansado de ouvir sobre Braden Grandville.

Quando, na manhã seguinte, ele abriu o Times, e achou uma historia sobre ele, estremeceu ligeiramente, e abandonou o jornal. Teve um tempo, claro, quando ver seu nome no Times – particularmente acompanhado, especialmente de manhã, com as palavras Rico empresário – tinha dado a ele uma certa animação. Afinal, ele nem sempre foi rico, e ele nem sempre teve o titulo de industrialista. Uma vez – há muito tempo atrás, mas ainda vivo em sua memória – ele tinha sido completamente pobre, e chamado, pelos meninos com quem ele diariamente vagava pelas ruas de Londres, em busca de travessuras ou coisas piores, de Olho da morte. Não, é claro, porque ele tivesse um, mas porque ele era um, tendo atingindo um rato, quando tinha cinco anos, como uma pedra e um estilingue, que estava a uma distancia de cinquenta passos.

Ele raramente tinha, desde o ilustrorio dia, olhado para trás, e não se importava em fazer isso agora. Mas ele também não se importava, necessariamente, em gastar tempo com o seu recente sucesso. Afinal, a maior parte das pessoas que bajulam ele agora, foram as mesmas pessoas que difamaram ele alguns anos atrás. Ele era, e o sabia, nem o gênio que eles acreditavam nem o fracasso que eles o considerariam depois. A verdade, Braden tinha decidido há muito tempo, em algum lugar no meio do caminho, que o melhor era simplesmente não ligar para isso.

De acordo, ele pegou a correspondência que a sua secretaria tinha deixado em cima de sua mesa e começou a ler.

Uma batida na porta de seu escritório particular o interrompeu antes dele terminar uma única linha. Ele olhou para cima e disse, tolerantemente, “Entre.”

Ronnie “Weasel” Ambrose, com uma copia do mesmo jornal que Braden esteve lendo a alguns minutos atrás dobrados debaixo do braço, entrou delicadamente na sala e fechou a porta atrás dele com a maneira de alguém que esta atento em parecer tão discreto quanto o possível para quem estava na outra sala.

“Desculpe pela intrusão, morto,” ele disse, assim que a fechadura estava seguramente fechada. “Mas ela está ai.”

Braden não precisava perguntar o que ela significava. Ele disse apenas, com um tom de certa surpresa, “É um pouco cedo para ela, certamente. Só passa um

pouco das dez." "Ela estava usando a pluma dela", Weasel disse, atravessando a sala e desmoronando pesadamente em um assento de couro do outro lado da maciça mesa de seu empregador. "Você sabe, aquela que ela usa para comprar."

"Ah," Braden disse, "Isto explica."

"Certo", Weasel pegou o jornal do seu braço e disse, casualmente, "Você viu o jornal hoje, Dead {morto}?

Braden respondeu, em sua voz profunda, "Eu vi."

"Você viu?" Weasel virou o jornal e então a seção em que o rosto de seu patrão estava estampado encarou o próprio homem. "Você viu esta parte aqui?"

"Certamente", Braden disse. "Eu vi."

"Chama-se "elegante, """ Weasel virou o jornal novamente, e leu em voz alta, não muito fluentemente, mas com uma voz regulamente agitada de animação, apesar dele parecer não ligar. ""Do inventor da arma recarregável na parte traseira {revolver, rifle} vem uma nova pistola elegante, que promete ser o modelo desejado pelos colecionadores de arma." Weasel olhou para seu patrão. "Importa-se em ouvir como alguns pedidos para ela foram feitos essa manhã?"

Braden disse, "Muito, eu imaginaria. Lembre-me, Weasel, de enviar ao autor um estojo de bebidas."

"E isso não eu tudo." O secretario estava fazendo um trabalho muito ruim tentando esconder sua animação. Ele ansiosamente se encostou a sua cadeira, amassando as paginas que ele segurava. "E quem você acha que fez um pedido há pouco tempo atrás? Quem você acha Dead?"

"Não poderia imaginar." Braden disse, com um distinto desinteresse arrastado em sua voz. "O príncipe de Wales, Dead." Weasel estava com o rosto corado, e os olhos brilhando. "O príncipe de Wales vai carregar uma pistola Grandville esta temporada!"

"O príncipe de Wales" Braden disse, retornando a sua correspondência, "precisa de uma pistola Grandville, ele é um atirador irregular."

"Dead" Weasel ficou de pé e foi encostar-se na mesa de seu amigo, o jornal esquecido, amassado em um punho. "Dead, qual é o problema com você? Você acaba de receber a mais brilhante recomendação para uma de suas armas, e no Londres Times – O Times, homem, lido por mais pessoas mundialmente do que qualquer outro jornal – e você senta ai agindo como se não fosse nada. O que em nome de Deus está errado?"

"Não seja idiota, Weasel." Braden puxou a lapela de seu impecável mente cortado casaco da manhã. "Nada está errado. Só estou um pouco acabado esta manhã. A noite foi longa ontem à noite, você sabe."

Weasel riu. Poucos homens teriam coragem para rir do grande "Grandville", mas Ronald Ambrose tinha a vantagem de vinte anos conhecendo este homem. Porque, ele tinha esfregado o nariz de Braden Grandville na terra mais vezes do que ele poderia contar. Isto, é claro, foi bem antes que o aprendizado da corte

tivesse tirado ele do Dials; antes que sua carreira tivesse consequentemente pegado uma trilha meteórica para seu status social; e bem antes que Braden Grandville tivesse crescido bem mais que 1,8m.

Ainda, Weasel em comparação com seus diminutos 1,5m, não tinha sofrido de nenhuma culpa conversando com seu melhor amigo e patrão.

"Oy," ele disse,. "Se cansou, correndo atras de Lady Jackie até tarde da noite? Braden grunhiu, "Nada disso é da sua conta, Weasel."

Weasel riu de novo, desta vez se lembrando de como encontraram seu apelido. "Bem, alguma sorte?"

"Se você quer dizer. se eu descobrir a identidade do homem com quem minha noiva esta tendo um caso ilícito, a resposta é não," Braden disse. "Pelo menos, nada que fosse admissível em uma corte do tribunal, caso aconteça dela me processar por quebra de promessa -".

"Acontecer de te processar?" Weasel gritou. "Você acha que se você acabar com o compromisso, Jackie Seldon vai te processar? Meu Deus, Dead! Falta menos de um mês para o casamento."

"Eu sei", Braden disse, secamente, "eu bem sei, Weasel."

Weasel abaixou a voz conspiratoriamente. "Eu escutei que os juízes estão dando mil pouds para noivas em que os homens estão terminando os compromissos, mesmo que anos antes do dia sagrado. E você está achando que vai escapar sem ser processado?"

"Eu sei que ela vai me processar," Braden disse, com cuidadosa paciência, "e eu sei que ela vai vencer, também, no entanto eu tenho melhor prova de sua desonestidade do que os desaparecimentos mal explicados - como noite passada - e este infernal rumor que vem correndo."

Weasel sacudiu sua cabeça. "Rumores," ele disse, desgostoso. "Você acharia que nó estamos de volta ao Dials, o jeito que esses idiotas falam um dos outros. Porém, você nada pode provar devido a um boato."

"Este," Braden disse,"é o motivo pelo qual eu estou vigiando ela."

"E os meninos ainda não pensaram em nada?"

"Oh, ai esta um homem, certo," Braden disse, carrancudo. "Mas até os meninos perderam seu toque, ou o sujeito é um fantasma. Aparentemente, ele pode derreter na sombra e se perder na multidão quase como se -"

"ele fosse um de nós," Weasel terminou para o patrão. Ele assoviou, baixa e lentamente. "Você acha que poderia ser ele?"

"Claro que não", Braden disse. "Como a filha de um duque estaria se envolvendo com um sujeito do Dials?"

"Exceto você mesmo, quer dizer?"

Braden poucamente vencido sorriu forçadamente disso. "Obviamente," ele falou arrastado. "Não, eu estou contado como um bom partido, e é aconselhável manter as esposas de descobrir."

"Ou você, mais provavelmente," Weasel disse. “Provavelmente não quer pegar a pequena linda cabeça dele e estourar em pedaços. Contudo, Dead, não seria mais fácil simplesmente deixá-la te processar? Você é mais rico que Croesus, você sabe. Você pode facilmente pagar algumas centenas de pounds para ela, e acabar com isso. E ela também."

O sorriso foi varrido do rosto de Braden. "Não, eu acho que não," ele disse, tão educado como se tivesse recusando uma xícara de chá. Eu não vou entregar uma moeda a mais à Lady Jacquelyn Seldon do que eu tiver que dar. Não mesmo."

Weasel levantou a sobrancelha. Braden supos que não podia culpa-lo. Sua recusa em simplesmente "acabar com" Jacquelyn Seldon deixou até ele mesmo perplexo. Orgulho era claramente o que estava em jogo aqui. O orgulho dele, o qual ele nunca tinha considerado uma coisa tão frágil que uma simples mulher pudesse balança-lo.

Entretanto, ele nunca tinha entregado seu coração.

Isto era sua culpa. Ele tinha ficado tão encantado com tal beleza, realizada, e - algo que podia ser admitido - que uma mulher bem nascida pudesse se interessar por ele, ele caiu por ela, intoxicavelmente pelo o que ela representava, em vez de ver o que ela era.

Ele tinha aprendido cedo demais. O noivado deles mal tinha se tornado oficial antes que Jackie começasse a se tornar descuidada, não estando onde ela disse que estaria ou chagando absurdamente tarde nos compromissos que ela tinha com ele, e algumas vezes parecendo... Bem, como uma mulher que acabou de ser violentada. E não por ele. Foi quando Braden começou a perceber o quanto ele foi negligente não levando em consideração que de fato Jacquelyn era apesar toda a sua beleza e posição social, apenas uma mulher, tão capaz de desonestidade quanto qualquer pessoa do Dials.

Idiota dele de não ter percebido antes do anuncio do casamento.

Weasel suspirou. “É uma lastima, eu te digo. O que este mundo esta se tornando quando um homem como Braden Grandville – o Farreiro de Londres – não consegue manter sua própria noiva de traí-lo? É quase. como eles chamam? Oh, certo. Justiça poética.

Braden olhou para seu velho amigo com um amargo sorriso. “Você pode continuar achando que as ironias sobre minha vida é inestimável, Weasel. Entretanto, em vez de ficar ai de pé, apontando eles, não seria melhor você a mandar entrar? Não é preciso dizer o que Snake e Higginbottom devem estar fazendo lá, tentando manter-la¬ impressionada.”

Weasel disse de repente queixoso. “Certo, vou mandá-la entrar. Mas eu estou te dizendo agora, Braden, eu não gosto disso. Eu nunca vi você desse jeito. Não por uma mulher. Ela não vale isso, você sabe. Ela pode ter um titulo, mas ela tem uma bagagem como eu nunca vi.”

“Cuidado, Mr. Ambrose,” Braden disse, claramente. “É da minha futura

mulher que você está falando."

Weasel rolou os olhos. "Só vou acreditar nisso quando eu vir."

"Vamos lá, Weasel," Braden disse, se sentindo mais cansado que nunca. "A mande entrar. E ache mais café, tudo bem? Minha cabeça parece estar em um torno {Um instrumento ou ferramenta de bancada utilizada para prender peças e componentes} está manhã."

Weasel fungou indefinidamente. "Como o desejo dele ordenar" Depois, com a cabeça erguida, mas com lábios curvados para cima, o secretario saiu da sala.

Quando ele se foi, Braden sentou por um momento olhando para fora da janela à esquerda de sua mesa. A vista, a qual estava ocupada, pela agitada Bond Street, era tão legal quanto podia ser comprada em Londres, e Braden ainda não a tinha vista, não ainda. Ele olhou ao invés, como ele sempre fazia quando estava perturbado por alguma coisa, o rosto de sua mãe, como ele se parecia antes da doença que tirou a vida dela e devastou suas bonitas características. Anos atrás antes da morte dela tinham sido as memórias mais felizes de Braden. E depois ela se foi...

Oh, o pai dele tinha tentado. Mas Mary Grandville tinha sido para Sylvester Grandville a mesma luz que ela foi para seu filho, e uma vez que ela se foi, o velho tinha se tornado uma casca da sua antiga vigorosidade, meio triste, e conhecido por desaparecer por dias em busca de peças para as variadas e absurdas maquinas que ele inventava, deixando Braden sozinho com seus amorosos, mas não muito atentos tios. Teria caído em uma multidão moralmente ofensiva?

Graças a Deus, um homem, ao menos, estava lá para resgatar ele do que ele poderia ter se tornado...

Houve dias antes da morte da mãe dele em que Braden pensou que qualquer que fosse a carreira que ele seguisse sofreria uma dramática crise, como tinha acontecido àquela manhã. Porque ele tinha percebido, no momento em que ele fez seu primeiro cem Pound

– e o que um assombroso monte o seguiu – que aquilo não importava. Não importava quanto dinheiro ele tivesse. Dinheiro não importava. Todo o dinheiro do mundo não iria salvar a mãe dele.

E todo o dinheiro do mundo iria trazê-la de volta.

"Braden" declarou uma voz delicadamente alta. "O que você está observando?"

Braden se sacudiu, e estava apenas suspirando surpreso por se achar não perto da lareira do quarto onde ele tinha crescido, mas no confortável escritório que ele montou na Bond Street, não muito longe da casa de cidade Mayfair na qual ele tinha vivido. E a mulher se dirigindo para ele não era a sua mãe, que sofreu prolongadamente e dolorosamente morte vinte anos atrás, mas a muito viva Lady Jacquelyn Seldon, cuja bonita figura e mais bonita face estava atualmente

brindando Londres.

"Estou com ciúmes," Jacquelyn disse, brincando, espichando sua mão enluvada sobre a mesa para que ele pudesse beijá-la. "Quem é ela?"

Ele a encarou. Ela estava com roupa nova esta manhã, uma que ele nunca tinha visto antes, a qual continhas penas que se pareciam com as penas de marabou {grande pássaro}. Ele podia dificilmente ver o rosto dela, por causa de todas aquelas penas. Porém, o que ele ainda podia ver era uma beleza de quebrar o coração.

"Ela?" ele ecoou, pegando a mão dela quase automaticamente e beijando-a antes de se voltar para ela.

"Sim, bobo. A que você está pensando sentado aqui. Não tente me dizer que não era em uma mulher." Jacquelyn se sentou confidencialmente na beira da cadeira, inconsciente da maneira perigosa pela qual fez sua creolina inclinar para cima como ela fez. De novo, ela devia estar perfeitamente ciente do que ela estava fazendo, e estava esperando mostrar o novo par de pantalonas {espécie de calça, usada como roupa de baixo}. Ela estava sensual, desta forma.

"Era uma mulher," Braden disse devagar, se sentando novamente. Ele tinha se levantado logo que ele percebeu que ela estava lá, como um cavalheiro deveria ser. Pensando que ele estava, para dizer a verdade, completamente convencida que ela era a moça. Oh, meu aniversario, certamente. Mas não pela natureza. A qual seria, uma hora, parte de seu agrado: a filha do duque que era decididamente não acima do comportadamente indecoroso... O que mais um homem poderia esperar de sua mulher?

Pouco a pouco, Braden estava descobrindo, se aquela mulher escolhia se comportar indecorosamente mais do que apenas para seu marido.

Ou um quase marido, no caso.

"Estou com ciúmes," Jacquelyn disse seu lábio inferior projetado em um biquinho. "Quem é ela? Diga-me, agora. Você sabe que horrenda possessiva criatura eu sou, Grandville. E você certa reputação. Eu sei de dúzias e dúzias de mulheres que se apaixonaram por você. Quem você pegou e adicionou em seu estábulo agora?"

Braden não disse nada. Ele raramente precisava, quando Jacquelyn estava na sala. Ela falava o suficiente para os dois.

"Deixe me ver." Ela colocou um dedo no queixo. "Com quem eu vi você conversando noite passada? Bem, Dame Ashforth, claro, mas ela é muito mais velha que você. Eu sei que ela tem uma quedinha por você, mas dificilmente ela seria o tipo de mulher pelo qual um homem ficaria sentado pensando, toda a manhã. Então não é Dame Ashforth. Quem mais estava lá? Oh, sim. A pequena menina Linford. Mas ela é muito simples para um homem com seu discriminatório gosto. Quem poderia ser Grandville? Eu desisto."

"Você desisti muito rápido," ele disse, simplesmente. "Ma vou te dizer de

qualquer maneira. Estava pensando na minha mãe."

"Oh," Jacquelyn fez biquinho de desapontamento. "Eu nunca teria adivinhado. Você nunca falou dela."

"Não." Braden disse. "Eu não falo" Não para ela. Não agora. Nunca. "Então, My lady. Supostamente você vai me dizer o que eu possivelmente fiz para ganhar a honra da sua presença tão cedo. Tenho-o em algo bom autoritariamente, tendo passado a noites suficientes com você para saber, que somente o mais vital assunto a tiraria da cama tão cedo."

Jacquelyn sorriu para ele. "Então você acha que me conhece tão bem, Mr. Grandville? É possível, você sabe, que eu ainda tenha alguns segredos."

"Oh," Braden disse. "Eu sei que você tem. E quando eu finalmente pegar você neles, minha querida, eu com certeza irei fazer meu advogado um homem muito feliz."

Jacquelyn sorriu afetada. "O-oque?" ela gaguejou. Debaixo do rouge – um pó claro, tudo que uma lady na posição de Jacquelyn permitiria para ela mesma – ela ficou visivelmente pálida. "S-sobre o que você esta falando, meu querido?"

Braden, lamentando ter falado tão petulantemente – e não tinha certeza ao certo o que tinha provocado a explosão, salvo o sentimento de irritação que ele sentiu a referencia malvada dela à Lady Caroline Linford, uma garota que ele tinha tido um passivo conhecimento, e quem ele certamente não tinha tido o mínimo de interesse – e meio temeroso ele virou a mão, e disse rapidamente, "Me desculpe, my lady." A ultima coisa que ele precisava era que a suspeita dela crescesse, e, assim ficaria mais cuidadosa nos seus compromissos com seu amante. "Eu falei brincando, mas percebi agora que, talvez, não tive o mais bom gosto. Agora, o que eu devo a honra da visita esta manhã?" Jacquelyn continuou de olho nele desconfortavelmente, mas o comportamento dele, que se manteve decididamente brando, parecendo desarmar ela, e a cor voltou a seu rosto. Quando ela estava completamente recuperada, ela gritou, alegremente. "Oh, Grandville, querido, é uma coisa estranha, mas Virginia Crowley ficou com uma incomoda gripe de primavera, e ela supostamente tinha um compromisso com Mr. Worth. Bem, você sabe que eu não poderia pegar um, devido à... bem, aquele acidente da ultima vez que eu vi Mr. Worth, relativo ao credito do meu pai. Mas de repente Virginia me disse que eu poderia ter o dela, e você sabe, Braden, eu que parecer com o tipo de esposa de um importante homem como você merece. Mas meu enxoval, assim como isto, é dificilmente adequado a mulher de um homem habilidoso, muito menos a mulher de alguém como –"

Braden alcançou o bolso de seu colete. "De quanto você precisa?"

"Oh," Jacquelyn parecia alegre, depois imediatamente se tornou pensativa. "Bem, eu preciso de quase tudo, chapéus, capas, luvas, sapatos, meias finas compridas, para não mencionar roupas de baixo... eu suponho que isso ira ficará caro." Ela deteve o dedo indicador e o dedão de sua mão direita cerca de meia

polegada para cima.

Braden lhe deu uma pilha de notas aproximadamente da espessura que ela indicou. “Dê meus comprimentos ao Mr. Worth.” Melhor isto agora, ele pensou, do que uns milhares a mais na corte.

“Oh, obrigado, querido.” Jacquelyn se inclinou sobre a mesa, seus lábios fazendo beiço para aceitar um beijo dele, o dinheiro já tinha sido colocado rapidamente em sua bolsa. Braden levantou seu rosto, pretendendo passar sua boca levemente sobre a sua, um rápido, beijos de adeus. Mas Jacquelyn evidentemente tinha outras ideias. Ela o segurou, agarrando sua lapela, e o puxou em sua direção, empurrando sua língua entre os lábios dele e pressionando seus não inconsideraveis seios ousadamente contra ele.

Braden, que adorava completamente os modos de Lady Jacquelyn no passado, não os apreciava tanto agora. Por uma coisa, as plumas era um pouco problemáticas, voando, e fazendo cócegas em seu nariz. Por outra, ele sabia bem que ele não era o único homem com quem ela praticava.

O qual era de tão vital importância que ele descobrisse algumas prova de sua traição, e levá-la até Mr. Lightwood – que lidaria com o processo de violação de promessa que ela indubitavelmente traria tão longo quanto ele terminasse o noivado – rapidamente.

“Bem,” ele disse depois que Jacquelyn tinha finalmente se afastado novamente, acabando o beijo. “Isto foi... legal.”

“Legal?” Jacquelyn pulou para fora da mesa, parecendo perturbada. “Não era para ser legal. Justamente ao contrario, para falar a verdade. Sério, Braden, mas eu acho que você mudou.”

“Mudei?” Braden não pode deixar de sorrir disso. “Eu mudei?”

“Sim, você mudou. Você sabe que esta fazendo um mês – bem, por ai – desde a ultima vez que... bem, passamos a noite juntos?”

Ele disse, calmamente. “Ah, mas Jacquelyn, você sabe que as coisas são diferentes agora que nós somos noivos. Não podemos ser tão selvagem como nós éramos antes. As pessoas vão falar.”

“Você não costumava se preocupar com o que as pessoas pensam.” Jacquelyn disse com algumas magoa. “De fato, se eu me lembro bem, seu lema era “Pro inferno o que as pessoas acham.”

“Sim,” Braden disse, cuidadosamente. “Mas isso era quando eu era só minha própria reputação para pensar, não a da minha futura esposa.”

Ela suspirou, e olhou para a cima. “Bem, se acontecer de você mudar de ideia,” ela disse, deslizando em direção à porta, “você sabe onde me achar.”

E depois ela tinha ido. Mas ela deixou para trás uma ampla evidencia de sua presença, em uma nuvem de perfume de rosas, e algumas plumas perdidas, a qual ficou como folhas caídas no outono, em cima de sua mesa.

Parecia que não tinha passado muito desde que a noiva de Braden Grandville

deixou a sala, entretanto, depois o pai dele apareceu rapidamente, com um Weasel Ambrose muito irritado em seu calcanhar.

"Braden, meu menino." Sylvester Grandville gritou um braço para cima em um comprimento, o outro agarrando um livro de couro. "Parabéns!"

"Parabéns?" Braden piscou para Weasel, que só sacudiu a cabeça. Ficando de pé onde o velho Grandville foi admitido no escritório de seu filho qualquer que seja o desejo dele...

Embora alguma tentativa for feitas para anunciar ele anteriormente.

Hoje, entretanto, Sylvester Grandville estava claramente muito animado para esperar tal formalidade.

"Você quer dizer que você não tinha ouvido?" Sylvester se sentou em um dos assentos de couro em frente à mesa de seu filho. "Eu vi Lady Jacquelyn sair agora mesmo. Eu espero que você não se importe por eu ter divido as noticias alegres com ela."

Braden afundou na sua cadeira, da qual ele tinha levantado educadamente enquanto estava dando adeus à sua noiva. Ele estava cansado, e sua cabeça ainda doía. Ele se perguntava o que tinha acontecido com o café que Weasel tinha lhe prometido. "Qual novidade?" ele perguntou, sem muito interesse.

"As noticias que eu ouvi esta manhã. Esta por toda a cidade. A historia do jornal, sobre sua nova arma."

"O que tem isso?" Braden perguntou.

"Oh," A conta de seu filho tinha crescido, assim como a cintura de Sylvester Grandville, e agora ele se remexia em sua cadeira. Ele não era o que se podia se chamar de obeso. Porém, ele era um homem que tinha passado a maior parte da vida indo para cama com um pouco de fome, e o peso que ele ganhou com o passar de alguns anos parecia ocasionalmente pegá-lo de surpresa.

"Você não sabe, então? Bem, eles dizem que é certamente ofereceram a você uma carta-patente {são um tipo de documento legal em forma de carta aberta entregue por um monarca ou governo, que garante um ofício, um direito, um monopólio, um título ou um status a uma pessoa ou para alguma entidade, como uma corporação.} até o fim do ano. Um baronato, mais precisamente." Sylvester balançou a cabeça sonhadoramente. "Imagine. Meu filho, um baronete. E casado com a filha de um Duke! Meu neto terá sangue azul em suas veias, assim como terá títulos antes do nome deles. Um homem não poderia desejar mais nada pro seu único progênito."

Braden encarou seu pai. O velho tinha se tornado, obviamente, um pouco mais maluco depois da morte da mãe de Braden, mais sua loucura sempre foi mais evidente do que qualquer coisa mais, com seus adornos, em certa ocasião, ele tinha inventado uma engenhoca na qual o homem poderia voar, ou uma poção que podia deixá-lo invisível. A recente fixação de Sylvester Grandville com a nobreza – ilustrada pelo livro de nobreza que ele agarrava nas mãos – tinha

parecido inofensivo em comparação. Agora Braden se perguntava se ele devia ter se preocupado mais.

"Um baronete?" Braden ecoou. "Eu acho que não."

"Oh, sim. Sim, de fato," seu pai garantiu. "Aparentemente, foi uma sugestão do Príncipe de Wales. Bem, todo esse negocio de armas, foi o que começou isto, eu entendo. E agora esta nova arma – a Grandville – bem, todo mundo esta falando sobre ela. Eu escutei que o jovem Duke de Rawlings atirou em um cara com uma em Oxford, semana passada. Agora, me deixe ver." Ele abriu o livro de couro em seu colo, e virou para sua parte favorita, uma na qual estava listava o nascimento e a morte dos Seldons, a família de Lady Jacquelyn, a que, no futuro estará impresso o nome de seu filho – se Braden não terminasse com tudo, isto é. "Eu espero que você consiga o titulo antes do casamento. Assim as palavras serão Jacquelyn, filha única do décimo quarto duque de Childes, casada com Braden Grandville, baronete, 29 de junho de 1870..."

Braden percebeu, com algo parecido com horror, que não havia maluquice ali. Não mesmo. Seu pai estava falando a verdade honesta de Deus.

Weasel, ainda parado no portal da porta, perguntou com extrema educação, "Você ainda quer que eu traga aquele café, My lord?"

"Sim," Braden disse, com uma voz estrangulada. "E adicione um pouco de uísque, tudo bem?"

Capítulo 4

A viúva Lady Bartlett olhou atentamente seu café da manhã na bandeja e perguntou:

- Por que os servos de nossa casa não conseguem seguir simples instruções? Eu pedi por um ovo cozido por três minutos e o que eles me trazem? - ela levantou um pouco a casca marrom do ovo com a colher, que estava sobre sua bandeja e ilustrou o que queria dizer - Ouça isso - ela disse - está muito cozido! Vocês não acreditam que, se eu quisesse um ovo bem cozido, eu não teria pedido por ele?

Caroline hesitou. Tinha consciência de que sua mãe não tinha tido uma boa noite de sono, por isso tinha esperado até a hora do café da manhã para dar as más notícias. Mas estava muito claro que não era uma hora particularmente boa, de qualquer forma. Afinal, quando seria uma boa hora para se dizer à sua mãe que quinhentos convites para o seu casamentos precisariam ser cancelados?

Provavelmente, essa hora não existiria. Consequentemente, Caroline respirou fundo e disse:

- Mamãe, algo horrível aconteceu.

- Pior, talvez - Lady Bartlett disse - que o meu arruinado café da manhã? Isso eu não posso imaginar.

Embora ela estivesse apoiada na enorme cama que havia dividido com seu marido até que este morresse de derrame, Lady Bartlett não parecia menos formidável que o usual. Ela sempre foi uma linda mulher e, até aquele exato momento, em seus quarenta anos, ainda era enormemente procurada pelos homens. E não apenas por razões financeiras. A fortune que seu amado marido havia deixado para ela e seus filhos era considerável, mas ainda havia muitos homens a quem a viúva Lady Bartlett havia encantado com sua pele branco translúcida e seus brilhantes olhos azuis - que, agora, possuíam minúsculos vincos, adquiridos após horas que passava tentando fazer as melhores transações comerciais - ainda, na opinião de muitos homens, continuavam sendo os mais bonitos de toda Inglaterra - talvez mais do que sua formidável herança.

Lady Bartlett, no entanto, não dava muita importância à tais homens. Ela alegava que era porque não havia se passado tempo suficiente desde a morte do conde, embora tivesse transcorridos dois anos, mas Caroline suspeitava que sua mãe gostava bastante de desempenhar o papel de viúva rica.

- Bem - Lady Bartlett disse, estreitando seus belos olhos para a filha, quem, infelizmente, não havia herdado a pele branquíssima de sua mãe. Caroline tinha uma tendência lamentável para o bronzeado, nem mesmo os belos olhos de sua

mãe ela possuía. Caroline tinha olhos das mais sem graças tonalidades de marrom, como o mogno ou o castanho-avermelhado. - O que foi? - Caroline estava rodando o anel em seu dedo médio esquerdo. Era o anel que Hurst havia dado à ela, o anel da avó dele. Era lindo: de ouro com um enorme safira azul no meio, uma safira que parecia ter um pouquinho dos olhos de Hurst. Caroline sabia que devia devolvê-lo, o que não era tão triste como ela suspeitava que deveria ter sido. Certamente o anel era antigo e valioso e era espantoso que ela ainda não o tivesse perdido, visto que ela tinha tendência à fazê-lo, já que sempre acontecia o mesmo com suas próprias coisas.

- É o lord Winchilsea - Caroline disse, incapaz de encarar o famoso olhar penetrante de lady Bartlett - Tenho medo... Bem, tenho medo que ele não seja fiel à mim, mamãe - o olhar de Caroline seguiu até o frasco de sais de sua mãe, que ficava na cabeceira da cama, totalmente preparada para ver sua mãe saltar para frente e, então, estava mais preparada ainda para tirar a rolha do pequeno frasco, assim que sua mãe caísse desmaiada. Mas lady Bartlett não desmaiou.

Em vez disso, pegou uma fatia de manteiga, completamente calma. Caroline tornou-se pensativa diante das circunstâncias.

- Oh, minha querida! - lady Bartlett disse, após uma longa pausa. - Bem, isso é realmente um infortúnio. Contudo, está realmente certa que o descobriu? Era ele mesmo? - Caroline não estava certa se havia escutado corretamente o que sua mãe havia dito.

- Infortúnio? - ela repetiu, sua voz subindo um pouco - Infortúnio foi o que você disse, mamãe?

- Você não precisa gritar, Caroline. Além disso, nem você, nem seu irmão devem me chamar de mamãe. Você sabe o quão vulgar isso soa. Eu até aceitava quando morávamos em Cheapside, mas agora... - lady Bartlett estremeceu delicadamente - E sim, eu disse sim que era um infortúnio, embora eu penso que o marquês tenha mais bom-senso do que quando pôs os olhos em você - ela adicionou à sua torrada bastante geleia - Como agora, Caroline, eu espero que você tenha mais bom-senso do que se preocupar com algo tão trivial.

- Trivial? - Caroline explodiu - Trivial? Mãe, eu *o surpreendi!*. Eu *surpreendi meu noivo* com... Com essa outra mulher! E, sem a menor intenção de ser indelicada, mas ele estavam... Bem, estavam partilhando um momento... - a mãe de Caroline era uma mulher escrupulosamente organizada, que não gostava de confusão. Além disso, tinha uma tendência à considerar o corpo humano uma das coisas mais confusas. Por tal razão, ela escolheu discutir o menos possível sobre suas diversas funções, evitando, sobretudo, todas as referência quanto às atividades relacionadas à alcova. Caroline, respeitando sua mãe, escolheu não elaborar seu comentário baseado no que havia visto seu noivo fazendo. Ela sabia que era suficiente reinterar, significativamente - *Um momento*, mãe.

- Oh, minha querida - lady Bartlett voltou a afundar-se em suas almofadas. -

Minha pobre Caroline. Minha querida e pobre Caroline - Então, como se estivesse recuperando as forças, disse - Caroline, querida... Eu sei que você deve ser estar muito magoada, mas você também está lidando muito mal com isso. Você não poderia ter deixado de pensar que um homem como o marquês deixaria de ter uma amante.

- Uma amante? - Caroline repetiu. Lágrimas, que ela julgou que não cairiam por um tempo, pararam de iludi-la e subiram à seus olhos de uma só vez, e em tal abundância que era quase como se estivesse recuperando o tempo perdido, inundando sua visão e fazendo com que ela se sentisse como se estivesse derretendo, uma situação singularmente desagradável. - Uma amante? Não! Eu jamais pensei que Hurst tivesse uma amante, e por que eu deveria? Para que ele precisaria de uma amante quando tem *a mim*?

Depois de dizer a palavra *mim*, Caroline desmoronou completamente. Jogou-se sobre a cama da mãe, fazendo com que o café, servido na bandeja de café da manhã de lady Bartlett, ser balançado perigosamente. A mulher, então, levantou a xícara, para evitar que sua filha derrubasse, com seus soluções desesperados, que balançavam a cama.

- Não, minha querida - lady Bartlett disse, dando leves pancadinhas carinhosas nos cabelos espalhados de Caroline - Não fique assim! Sei que deve ser um enorme choque para você, mas eu devo culpar-me. Eu deveria saber que você se acharia culpada, mas não tinha ideia que fosse tão inocente assim, Caroline. Mas, veja, meu bem, que existem muitos homens que, assim como o marquês, fazem esse tipo de coisa. Isso é o que todos os cafajestes fazem, e você deveria saber. Eles gostam de ter amantes ao seu lado.

- Papai não o fazia - Caroline disse ferozmente, como que para se consolar.

- Bem, minha querida, é claro que seu pai não o fazia! Ele me *amava*! - lady Bartlett proferiu as últimas palavras em um tom tão estúpido, que era como Caroline ainda não tivesse percebido tal ato. Mas Caroline havia percebido.

O pai de Caroline tinha sua família em altíssima conta, mas especialmente sua esposa, quem ele sempre havia dito que fora quem lhe escolhera no meio de tantos pretendentes. Porque ela o tinha escolhido, lord Bartlett não podia adivinhar, embora Caroline estivesse bastante certa que os olhos de sua mãe, embora lindos, eram bastante perspicazes, na mesma proporção.

Ela sabia perfeitamente bem que o jovem Hiram Linford estava destinado à grandes coisas. E ele não a desapontou, exceto por não viver o suficiente para ver seus netos... Isso, é claro, se ela ou Tommy algum dia se reproduzissem, o que Caroline estava começando a duvidar.

- Amantes não são coisas para quem vive em Cheapside - lady Bartlett disse - Seu pai era diferente, Caroline. Ele adquiriu o título tarde na vida, não nasceu na nobraza, como aconteceu com o *seu* marquês. E é tudo completamente diferente se mudar para a bandeija de peixes e nascer *dentro dela*, você sabe disso.

- Ele não é o *meu* marquês - ela disse, ainda sem levantar a cabeça da cama. - Não mais.

- Não seja ridícula! - lady Bartlett disse - Lord Winchilsea continua sendo seu, Caroline.

- Ele não é - Caroline disse - *Eu não o quero mais!* E você devia saber que ele só me quer pelo meu dinheiro, mãe.

- Caroline! Como você pode dizer tão coisa? E depois do que ele fez pelo seu irmão... - Caroline levantou sua face manchada por lágrimas da cama.

- Eu sei o que ele fez por Tommy, mãe! Aliás, sou lembrada toda vez que Tom caminha pelo quarto, resmungando: *se não fosse por Hurst, se não fosse por Hurst...*

- Seu irmão poderia estar morto - lady Bartlett arrematou - E você é ingrata o suficiente para dizer que não quer se casar com ele apenas porque ele cometeu um pequeno erro...

- Não sou ingrata! - Caroline declarou, limpando as lágrimas com as barras da manga de seu vestido - Eu sou muito grata pelo que ele fez por nós, mãe. Só não vejo porque...

Apenas não consigo ver porque...

- Além disso - lady Bartlett continuou, como se Caroline não estivesse falando - Mesmo se nós não lhe devêssemos a vida de Tommy, é tarde demais para se separar dele, agora. Os convites já foram todos enviados - Caroline fungava quando disse:

- Bem, eu pensei... Pensei que, talvez se colocássemos um anúncio no jornal, anunciando que o casamento foi cancelado... - lady Bartlett devolveu sua xícara de café para a bandeja, dessa vez sem cuidado algum, muito menos se preocupando que poderia derrubar tudo - *Talvez devêssemos colocar um anúncio no jornal?* - ela repetiu, num fio de voz. - Você perdeu o juízo, Caroline? Não lhe ocorreu que, se fizéssemos tal coisa, o marquês estaria em seu perfeito direito de manter contra nós uma ação judicial? Você tem alguma ideia dos boatos que isso poderia gerar? Meu Deus, como as pessoas podem ser as criaturas mais ingratas do mundo...

- Uma ação judicial? - Caroline balançou a cabeça - Mas pelo quê? *Ele* é quem estava com a língua na garganta de outra pessoa, não *eu*! - lady Bartlett, ouvindo isso, não conteve um suspiro de repugnância, mas foi firme, como um soldado que resolve continuar a batalha, mesmo vendo todos os seus camaradas caídos, mortos.

- E você está preparada para mencionar isso numa corte civil, senhorita? Está pronta para se humilhar publicamente, admitindo tal coisa? Você pode imaginar, minha querida, que nenhuma outra senhorita que foi à um julgamento deste tipo, nunca mais recebeu uma proposta de casamento? - Caroline sentiu que uma nova onda de lágrimas invadia seus olhos.

- M-mas...

- Certamente que não. Além de ter o pensamento mais ingrato que uma mulher, que surpreende o noivo, pode pensar - que é abandonar o homem, que salvou a vida do seu irmão, no altar - você se tornaria a chacota de Londres! Nunca mais acharíamos alguém remotamente aceitável para você. Você iria morrer solteirona! - isso não soou para Caroline como um fato tão terrível, considerando que teria que se casar com um homem que não tinha o mínimo de amor para com ela.

- Eu não deveria ter pensado isso, mas mesmo que conheça muito pouco sobre ve... Bem, sobre solteironas. Apesar disto, muitas delas parecem levar a vida realizando obras para os pobres, lutando para pôr fim aos excessivos trabalhos caseiros e... - lady Bartlett a olhou, horrorizada.

- O que, em nome dos céus - ela exigiu - a fez confundir mulheres assim com solteironas? Senhor, é Emmy quem está colocando essas ideias em sua cabeça, não é? - Caroline ergueu o queixo.

- Ora, isso não tem nada a ver com Emmy! A senhora sabe perfeitamente bem que, pela manhã, eu assisto à alguns sermões e...

- Filha minha não faz isso! - fixando em Caroline seu mais severo olhar, continuou - Você vai acabar uma solteirona! Bom Deus! Seu pai iria se revirar no túmulo somente com tal pensamento! E, ainda por cima, depois de ter gastado muitíssimo daquela fortuna que ele ainda nem tinha ganho! Se você pensa que eu tenho intenção de te deixar pôr tudo isso a perder... - a voz de lady Bartlett falhou um pouco ante a ameaça. Caroline não pôde mais se defender. Ela, certamente, nunca havia pedido para ser enviada àquele maldito - e caríssimo - internato, onde seus parentes haviam insistido para que que ficasse. Ela nem, ao menos, havia gostado de sua estadia lá! As outras garotas, incluindo, nada menos, que lady Jacquelyn Seldon não haviam sido lá muito acolhedoras com a "nova-rica de Cheapside" - modo como elas começaram a chamar Caroline...

Todas, exceto Emmy, onde Caroline havia encontrado uma simpática companheira. Ainda assim, ela teve que admitir que sua escola tinha sido ocasionalmente útil, já que ela havia aprendido a dizer *por favor, pare de bater em seu cavalo* em cinco línguas.

- O fato, Caroline - lady Bartlett continuou, sem dar importância à carranca que Caroline tinha estampada em seu rosto - é que você costuma criar problemas para você mesma sobre nada! O que deveríamos, na realidade, é sermos gratos! - Caroline chocou-se

- G*ratos?*

- Certamente que sim. O fato de lord Winchilsea ter uma amante, significa que ele não lhe pedirá para fazer coisas... Bem, desagradáveis - Caroline estreitou os olhos, se perguntando ao que sua mãe estava se referindo. Lady Bartlett disse tal coisa, abobadamente, e ficou vermelha, como sempre se tornava quando

Caroline questionava sobre o ato sexual. Era *desagradável* ter um homem enfiando a língua na sua garganta? Lady Jacquelyn certamente não havia visto as coisas sobre esse prisma. Montar em um homem e cavalgar nele como se fosse um pônei era *desagradável*? Pois então, por que parecia que lady Jacquelyn parecia estar se divertindo imensamente? Seria à esse tipo de coisas pelas quais Caroline deveria ser *grata* à lord Winchilsea por não fazer com ela?

- Agora - a mãe de Caroline disse, alegremente - Controle-se, Caroline! Eu tenho que escrever uma carta de condolência aos McMartins, o que significa que teremos lugares vagos na lista B. Quem você prefere, os Allingtons ou os Sneads? Os Allingtons lhe dariam um ótimo presente, mas os Sneads possuem o próprio país, onde o Príncipe de Gales permanece durante uma grande temporada quase sempre... - Sem acreditar no que estava ouvindo, Caroline interrompeu a mãe, horrorizada.

- Mamãe - ela disse - Eu não posso me casar com um homem que só me quer pelo meu dinheiro! Você sabe que eu não posso! - lady Bartlett piscou os belos olhos.

- Caroline Victoria Linford - ela disse, sem um pingo de indignação - O que, em toda a terra, a fez pensar que o marquês quer casar contigo somente pelo seu dinheiro?

- Oh, eu não sei! - Caroline disse, ferozmente - Talvez seja porque, ontem, eu o vi *com uma mulher, que estava com as pernas envoltas ao redor da cintura dele!* - lady Bartlett embranqueceu e Caroline soube que tinha ido longe demais.

- Caroline Linford! - sua mãe gemeu.

- Mas é verdade! - Caroline gritou. Recuperando um pouco a compostura, lady Bartlett disse, enquanto arrumava as cordas de seu *negligee*:

- Considerando os romances que eu encontro em seu quarto, Caroline, eu acredito que tudo o que vir não será tão chocante assim.

- Por Deus, mãe! A questão não é essa. Hurst só quer se casar comigo pelo meu dinheiro - Caroline disse, enquanto trincava os dentes - Você sabe disso tão bem quanto eu!

- Se isso for verdade - lady Bartlett disse - a culpa disso tudo é *sua*, Caroline.

- *Minha culpa?* - a voz de Caroline se quebrou no ar - Como diabos seria minha culpa?

- Ele não te amar é a única motivação para que busque uma amante. Homens não se apaixonam facilmente, Caroline. Ele têm que serem forçados à tal. E eu reparei que você não tem se esforçado tanto para que isso aconteça.

- Mãe...

- Você está apaixonada por ele? - A boca de Caroline se abriu.

- O que?

- É uma pergunta bem simples. Você está apaixonada pelo marquês, Caroline? - Caroline fechou a boca e engoliu em seco.

- Eu pensei que estivesse - ela disse - Até a noite passada. Quero dizer, como eu não estaria? Ele é... - Caroline sentiu algo tampar sua garganta, o que a impossibilitou de continuar a falar.

- Extremamente encantador - lady Bartlett disse, sabiamente - E ele não é apenas encantador, como também é belo e incrivelmente corajoso. O que foi comprovado naquela noite, quando ele se arriscou para salvar a vida de seu irmão.

- E como curou a ferida de Tommy... - Caroline murmurou. Ela havia ouvido aquelas histórias tantas vezes que já podia contá-la de cor. - Estancando seu ferimento com seu lenço e impedindo-o de sangrar até a morte, até que o cirurgião chegasse. Então, o cirurgião chegou, Tommy se recuperou e está aqui conosco.

- E é exatamente por isso! - lady Bartlett disse, entusiasticamente - O homem salvou a vida de seu irmão, por isso você está apaixonada por ele. Como poderia não estar? - e afagou a mão de Caroline. - Eu mesma não seria capaz de resistir à ele, se fosse da sua idade. Então, minha querida Caroline, você terá que enfrentar os fatos: você terá que lutar por ele.

- L*utar por ele?* E o que, precisamente, você me sugere, mãe? Desafiar a amante dele para um duelo? - lady Bartlett amarrou a cara.

Lembre-se o que eu disse sobre o sarcasmo, senhorita: nada é mais depreciável em uma lady. Não, não lutar por ele, pelo menos, não nesse sentido. Eu quis dizer usar os atributos que Deus lhe deu; como esse cérebro que, apesar de conter tripas, graças à todo o alimento que você o dá, deverá servir para alguma coisa, afinal. E o seu corpo que, se me permite dizer, é quase uma cópia de como o meu era, quando era da sua idade, sendo da onde eu assegurei uma importante vantagem para me casar com seu pai, que descansa em paz. Este conjunto de peças que estou lhe dando, Caroline, são as primordiais para conquistá-lo. Oh, você deveria tê-las anotado, quer correr para buscar papel e uma pena? - Caroline amarrou a cara para a mãe.

- Então você acredita que eu devo brincar com ele?

- Bom Deus! - lady Bartlett a olhou, agradavelmente - Não, Caroline! Eu quis dizer que você deveria praticar alguns dos artifícios femininos, você sabe como.

- Eu...

- V*ocê sabe como!* Toda mulher sabe - lady Bartlett olhou de relance para o seu café da manhã e suspirou - Eu sei o quão bonito ele é, Caroline. E também sei que é um marquês, mas você tem que manter em mente que você é tão bonita quanto ele. Bem, quase. E que seu pai era um conde.

- Mamãe, você tem que ter em mente que papai só era um conde porque a rainha estava muitíssimo grata por ele ter instalado novos *encanamentos* no palácio.

- N*ovos encanamentos revolucionários* no palácio - lady Bartlett relembrou sua

filha. - O que permitiu que a rainha tivesse água quente sempre que quisesse, apenas dando volta em uma torneira, o que não é tão fácil de fazer em um prédio tão antigo como o palácio. Isso não é algo que merece ser tão desprezado. Seu pai era um gênio em encanamentos, Caroline - Caroline olhou para o teto.

- Eu sei que papai era um gênio, mamãe, mas há uma pequena diferença entre o título de papai e o título de Hurst e você tem que admitir isso - lady Bartlett deu de ombros.

- Maçãs e laranjas. Maçãs e laranjas. Agora você tem que sair, eu tenho que me vestir. Oh, e Caroline? - Caroline, que tinha sido empurrada, para que saísse da cama, estava se deslocando para a porta, mas se virou, olhando para sua bela mãe: tão pequena e parecendo tão frágil na enorme cama.

- Sim?

- Lembre-se de que a vida não é nem um pouco desagradável - lady Bartlett para Caroline, completamente radiante - Mas, na realidade, finais felizes - como o do seu pai e o meu - são, atualmente, muitíssimo raros - Caroline acenou com a cabeça, mas, internamente, pensava com fúria: *Veremos! É isso o que veremos!*

Capítulo 5

Lady Jacquelyn Seldon era uma compradora prodígio. Ela comprava com um intenso propósito e senso de concentração – traçando rotas e táticas antecipadamente – o que uma estratégia militar poderia ter invejado. Quando Lady Jacquelyn Seldon comprava, tudo mais parecia desaparecer, com exceção de Lady Jacquelyn, o produto que ela estava procurando, e a quantidade de dinheiro em sua bolsa.

E foi por isso que ela não percebeu, ao entrar no quarto de vestir de uma elegante loja em Bond Street que ela estava sendo seguida. Imagine o assombro dela quando o vendedor abriu à quarto de vestir e disse, com uma piscada, "Aqui esta você, my Lady," e Lady Jacquelyn entrou no quarto por achar que estava completamente vazio.

Lá tinha um homem, seu rosto escondido por um manto dobrado que era muito pesado para a primavera, sentado em uma bancada coberta através do espelho comprido.

Lady Jacquelyn sugou ar para gritar, mas antes que ela pudesse pronunciar algum som, o homem tirou a capa, levantou, e atirou a mão sobre a sua boca.

"Que o diabo te carregue, Jackie," O Marquês de Winchilsea sibilou. "Deve ter meia dúzia de velhos engomados lá fora. Você quer que eles escutem?"

Jacquelyn, ofegando, sussurrou enquanto ele abaixava a mão, "O que em nome dos céus é o problema com você, Hurst? Você está maluco?"

"Desculpe-me, Jackie," Hurst disse, afundando novamente no banco. "Eu não tive escolha. Eu acho... eu acho que estou sendo vigiado."

"Vigiado? Por quem?" Jacquelyn exigiu, se sentando no banco ao lado dele, arrancando um fio de seu gorro. "Aqui, querido, veja o que você pode fazer a respeito disso. Esta se tornando horrível."

Hurst concedeu, embora superficialmente, arrancando o nó do fio sedoso do gorro. "Se eu soubesse quem é, eu faria algo a respeito, não faria amor? E eu sinto muito em explodir com você assim, Jacks, mas eu não podia esperar. Eu tinha que te ver. Eu simplesmente tinha."

Jacquelyn, mantendo o queixo levantado para que Hurst pudesse alcançar o nó, não pode ajudar, mas sorriu. Realmente, mas era delicioso, a maneira que parecia que ele não podia ter o bastante dela. Ela tinha achado que o pequeno interlúdio deles na festa de Dame Ashforth na noite anterior seria o bastante para satisfazê-lo um pouco, mas evidentemente não era. "Muito longe, ela pensava, o sorriso dela falhou um pouco, em Braden Grandville, que ultimamente parecia

não se lembrar de onde ela morava." "Querida," ele disse, quando ele conseguiu arrancar finalmente o nó, ela moveu o gorro na cabeça, e se virou para o espelho para examinar se a extensão do dano tinha arruinado seu penteado.

"Sim?" ela disse ausentemente, notando como ficava bem o reflexo dos dois juntos. Pena Hurst não ter o dinheiro de Grandville. Os dois dariam um casal notável.

"Ele sabe?" ele perguntou, preocupado.

Ela piscou, a sua grossa pestana momentaneamente ocultando seu olhar dele. "Quem sabe, Hurst?"

"Grandville," ele sibilou. "Grandville! Quem você acha?"

Jacquelyn puxou a sobrancelha para baixo. Ela não iria contar a ele. Qual era o ponto? Isto relembrou o que Grandville disse sobre o advogado... Ele estava brincando. Claro que ele estava brincando. Não era de bom gosto, claro, mas o que podia se esperar de um homem que tinha sido educado tão rudemente?

"Do que você esta falando?!" Ela perguntou ao seu amante, gentilmente. "Claro que ele não sabe."

"Você tem certeza?" Hurst parecia incerto. "Por que noite passada – eu podia jurar que ele tinha nós achado!

"Sim," Jacquelyn concordou, forçando uma risada. "Foi por pouco, não? Teremos que ser mais cuidadosos no futuro. Mas valeu a pena, não?"

"Claro que sim," Hurst disse, mas seu tom era preocupado. "Ele disse alguma coisa depois?Qualquer coisa que indique que ele poderia... saber."

"Não seja bobo, querido," Jacquelyn disse, facilmente. "Grandville não tem ideia. Eu acabei de vir do escritório dele. Felizmente ele está mais ignorante do que nunca. Olhe, ele inclusive me deu isso."

Ela procurou dentro de sua bolsa, e tirou uma larga pilha de notas que ela tinha conseguindo persuadindo seu noivo. "Você acha que se ele tivesse alguma ideia sobre nós dois ele teria dado tanto e tão facilmente? Eu te digo, ele não tem ideia." Ela se forçou a acreditar naquilo que tinha dito.

"Não sabe?" O rosto impossivelmente bonito de Hurst tinha uma expressão preocupada que Jacquelyn não gostava. Ela não gostava mesmo. "Você tem certeza? Porque eu tenho certeza que tem alguém me seguindo."

"Seguindo você? Oh, Hurst, realmente. Eu quero dizer, você não pode acreditar que..." Só depois a confiança de Jacquelyn diminuiu um pouco. "Bem... ele tem sido um pouco... esquivo, ultimamente."

Hurst estendeu o braço e agarrou os joelhos dela em um aperto doloroso. "O que você quer dizer?"

"Bem, pra dizer a verdade, ele não está querendo... você sabe. Há algum tempo." Jacquelyn não ter demonstrado, o quanto este fato a aborrecia. Ela não estava apaixonada por Braden Grandville – Deus me livre! – mas a aborrecia, o fato de que ele não parecia tão apaixonado por ela quanto ele tinha sido. Isto a

aborrecia mais do deveria.

Hurst pareceu alarmado. “Isto não pode acontecer. Isto não pode acontecer de forma alguma. Você tem que manter ele interessado, Jacks. Nós não podemos deixar cancelar.” Ele deu uma pequena chacoalhada nela. “Não agora.”

“Eu sei disso.” Ela picou para ele. “Você acha que eu não sei disso? Não se preocupe. Eu tenho um grande plano de sedução.”

“Quando?”

“Depois do Dalrymples.” “Mas isto não é para –“

Jacquelyn pôs o dedo sobre os lábios dele.

“Não se preocupe,” ela disse de novo. “Jacks tem tudo sobre controle. Você vai se casar com a rica filha do encanador, e eu vou me casar com o rico pistoleiro, e nos dois vamos encontrar secretamente no Biarritz todo mês mais ou menos, e tudo será da maneira que nós planejamos-.”

Hurst se soltou de Jacquelyn de repente, e se inclinou até afundar seu rosto em suas mãos. “Oh.” Ele disse, entre seus dedos. “Deus.”

“Querido?” Jacquelyn colocou a mão sobre o ombro dele. “Você não gosta do Biarritz? Eu suponho que nós podemos ir ao Portofino, ao invés.”

“Não é isso,” ele disse, com um gemido. “Não tem nada a ver com isso.” “O que é então?”

Mas ele não podia dizer a ela, obviamente. Ele pareceria um idiota. E ele nunca iria querer parecer dessa forma, não em frente dela.

“Querido? O que é? Diga-me.” Jacquelyn inclinou preocupadamente até ele. Quando ela fez isso, aconteceu dela olhar seu próprio reflexo no espelho, e ela pensou que ela ficava muito bem preocupada. Talvez ela devesse parecer preocupada perto de Grandville.

Talvez ele a notasse um pouco mais. “É porque você acha que esta sendo seguido?” Hurst afundou seus dedos nas pálpebras, massageando-as. “Sim,” ele disse, entre suas mãos. “Sim, é isto. É somente por que estou sendo seguido. Isto é tudo.”

“La, isto não é nada,” Jacquelyn disse, enfiando um cacho perdido de seu cabelo preto atrás de sua orelha. “Se você não tiver os os deixado verem você vindo até minha casa.” “Claro que eu não deixei,” Hurst disse, entre suas mãos. “Você sabe como eu sou cuidadoso. Mesmo quando eu tenho certeza, eu sempre tomo cuidado de não ser visto.” Jacquelyn sorriu. “Bem, então, qual é o problema? Se Grandville não suspeita-“

Hurst levantou o rosto. Ele não estava certo de quanto tempo podia suportar tudo aquilo. “Mas se não for Grandville?” Hurst explodiu. “E se for... alguém mais?”

Jacquelyn explodiu claramente, rindo sonoramente. “Bem, quem mais poderia ser querido? Você não pode ter dois noivos ciumentos atrás de você, pode?”

“Você não entende,” Hurst murmurou, frugalmente. “Você não entende

nada." "Entender o que?" Jacquelyn tirou seu olhar do reflexo e olhou para ele. "Querido, qual é o problema?"

Ele apenas balançou a cabeça. Como poderia dizer a ela? Como podia dizer a qualquer um? Era uma situação impossível, e, mesmo relutante ele tinha que admitir, a culpa era toda dele. Mas como ele poderia saber? Como um atrevido adolescente de dezenove anos, ele tinha se enganado, atraído tão inocentemente quanto uma ovelha no matadouro.

Bem, talvez não tão inocentemente. Ovelhas, obviamente, não jogavam cartas.

Mas o convite de Lewis tinha sido irresistível. Não havia muitos jogadores de cartas em Oxford que oferecesse o tipo de participação que Hurst, um apostador inveterado, estava procurando. O fato de Lewis ter mencionado para tomarem lugar nos fundos de uma taberna de baixa reputação deveria ter sido sua primeira pista. E o fato de que o dealer {quem faz as apostas} se chamar de Duke, quando ele claramente não era nada, deveria tê-lo feito correr.

Mas ele tinha ficado. Ele tinha ficado porque ele era o melhor jogador de seu circo – um circo feito por privilegiados, homens jovens com títulos como ele mesmo – tinha o o feito acreditar que ele era o melhor jogador do mundo.

Mas o melhor jogador do mundo não pôde bater aqueles caras.

No inicio Hurst não sabia por quê. Ele tinha perdido, e depois tinha perdido mais. E como ele não tinha muito para começar – nem a promessa de um pouco dos mil Pound que ele iria ter ao completar vinte e um anos, já que a família dele não tinha nada, nada com a exceção de um bom nome e algumas abadias – ele não tinha a mínima esperança de pagar de volta o que ele devia.

Mas o Duke não ficou bravo. Em anos passados, Hurst tinha visto o Duke nervoso, e aquela noite era nada em comparação. O Duke tinha se mantido calmo. Como Hurst não podia pagar o dinheiro dele de volta, ele teria que pagar assumindo o trabalho de Lewis trazendo mais inocentes, jovens privilegiados de Oxford – como ele tinha sido – para o jogo. Apenas, O Duke adicionou, com um sorriso, seria melhor se os inocentes que Hurst traria tivessem realmente dinheiro para cobrir suas perdas.

Por um momento, não tinha sido um mal negocio. Hurst tinha provado ser bom o bastante para o trabalho. E quando ele finalmente aprendeu porque ele perdeu, ele tinha sentido como se tivesse sido trazido para um valioso segredo de família. Ele não tinha ressentimento. Ele tinha se aplicado para a tarefa com mais vigor que nunca. Era reconfortante saber que ele não era o único jovem da Inglaterra que era enganado facilmente.

Quando ele finalmente foi obrigado a sair de Oxford – o fundo da família dele não podia permitir que ele ficasse nem mais um ano lá – ele continuou no trabalho do Duke, aconselhando para os jovens de Oxford que ele sabia do "melhor jogo da cidade", e frequentemente fazendo viagens para a cidade com o expresso propósito de acompanhá-los para o jogo.

Tinha ido muito melhor do que qualquer um – menos os Hurst, que sabiam de sua total falta de habilidade para as habilidades de emprego – tinha esperado, até a noite que o jovem Earl de Bartlett tinha acusado O Duke de trapacear. Tudo acabou em um banho de sangue e balas.

Por algum tempo ele achou que estava a salvo, que o Duke não sabia... Como poderia? Os dois nunca estavam nos mesmos círculos, e O Duke não lia as paginas sociais.

Mas agora, ele estava certo. Ele tinha visto o homem – o homem que andava pregado nele, o que tentava desesperadamente não ser visto – quando ele deixou sua mãe em casa mais cedo naquela manhã. Ele não teria pensado em nada se ele não tivesse visto o homem novamente, do lado de fora do seu alfaiate.

Isto dificultava. Ele tinha sido achado. Ele teria que pagar pelo que ele tinha feito...

Porque se não era um homem de Grandville que estava seguindo ele – e, oh, quanto ele preferia que fosse! – só podia ser o Duke. E enquanto o pensamento de Grandville descobrir seu caso com Jackie e arruinar suas chances com Caroline era perturbador, o pensamento de o Duke ter descoberto a verdade sobre o que ele tinha feito era assustador.

“Hurst, querido.” Jacquelyn soava preocupada. “Deixe-me ajudá-lo. Você sabe como eu sou boa em fazer você se sentir melhor.”

Ele torceu as mãos para longe de seu rosto. “Você não pode,” ele gritou ciente de que ele soava como um animal selvagem, e não se importando. “Certo, Jackie? Esta é uma hora em que nada – nada – do que você faça pode ajudar.”

Jacquelyn levantou suas sobrancelhas.

E sem mais nenhuma palavras, levantou a bainha de sua saia, revelando suas longas pernas, vestidas em uma elegante pantaloons {espécie de calça, usada como roupa de baixo} enfeitada de renda. Pantaloons as quais, ela logo mostrou para ele, serem fáceis de remover.

“Nada?” Jacquelyn perguntou, abaixando a cabeça em direção ao seu colo.

Hurst olhou para a área espessa e escura entre as pernas dela. “Bem,” ele admitiu reflexivamente. “Talvez alguma coisa.”

Capítulo 6

"Desagradável como?" Lady Emily Stanhope perguntou, como o passarinho que atingiu sua raquete com um salto satisfatório.

"Eu não sei", Caroline disse. Ela e apressou a servir sua amiga. "Ela não disse. Eu suponho que ela ache que amante dele vai fazer... você sabe...O tipo de coisas que esposas não fazem".

"E que tipo de coisas são estas?" Emily perguntou, correndo para devolver a tacada de Caroline. "Merda" ela disse quando a bola se prendeu na rede.

"Eu não sei" Caroline disse de novo. Ela se aproximou da rede, a raquete se soltando da sua mão. "Essa foi muito fácil. Como você perdeu essa?"

"Cala a boca. E pare de tentar mudar de assunto. Que tipo de coisas?" "Eu te disse, Emmy. Eu não sei".

Emily olhou impaciente. "Bem, tudo certo, então. Eu quero saber qual a sorte disso". "Sorte"?

"Você disse que estava com sorte. Você está prestes a se casar com um adúltero sem educação. O que é tão bom nisso?"

"Senhor, Emily. Você tem de gritar isso? Alguém pode ouvir, você sabe. Eu te disse isso em segredo absoluto.

"Parece que devo gritar – Emily declarou, pois evidentemente você não compreende. Não há nada de sorte nisso, Caroline. Nada mesmo. Você está amarrada a um opressor, o mais baixo dos baixos, o tipo de homem contra quem a sociedade está lutando há anos..." "Estou só dizendo", Caroline explicou cerrando os dentes, "que é sorte Lady Jacquelyn ter saído da sala de estar de Dame Ashforth pela porta dos fundos ou certamente Hurst e Mr. Granville seriam encontrados com pistolas ao nascer do sol.

" Uma pena que eles não foram" Emily que estava desembaraçando o passarinho da rede de novo, apoiou e bateu com as costas da mão, num golpe que se adaptava melhor ao tênis do que a um amigável jogo de badminton. "Você não pode se casar com ele agora, Caroline. Ele é um porco lascivo. E sem falar das doenças que ele pegou daquela vaca".

Caroline correu para o passarinho, fazendo-o navegar facilmente por trás do lado da rede de Emily. "Honestamente, Emmy.Você não pode chamar a filha do duque de Childes de vaca."

"Por que não posso? Ela se desgraçou com o noivo de outra pessoa, não foi? Isso a torna pior do que uma vaca.Uma puta, na verdade, é o que ela é, filha de um duque, ou não". " Isso é um pouco dupla entrega, você não acha? Caroline

permaneceu parada e deixou a

bola que Emily se apressou em mandar por cima da rede,cair limpa na sua raquete. “Digo, Lady Jacquelin é uma puta porque ela está com um homem com quem ela não é casada e também com Braden Granville,que já esteve com quase todas as mulheres de Londres e é universalmente admirado por pular a cerca.”

“Não por mim” Emily perdeu a jogada. Ela era uma péssima jogadora de badminton. “Ponto para você. E eu ainda não entendo por que você não diz a verdade a Granville. Então ele mataria Hurst e estaria tudo feito, e então, tudo voltaria ao normal de novo. “Nada voltaria ao normal. Caroline disse, enquanto se apoiava para o seu serviço. “Você não vê Emmy? Eu não quero que Hurst morra.”

“Por que não?

“Você sabe porque, Emmy.”

“Aquilo de novo, não”. Emily virou os olhos. “Senhor, vocês todos agem como se ele tivesse feito algum milagre”.

“Ele fez. Ele salvou a vida de Tom.”

“Pelo amor de Deus, Caro, tudo o que ele fez foi enfiar um lenço no ferimento e gritar por um médico. Qualquer um que passasse por ali naquele momento faria o mesmo.”

“Ás duas da manhã”? Caroline questionou. “Quem mais você acha que poderia passar por ali àquela hora da noite, exceto mais dos mesmos salteadores que atacaram ele primeiro? “Você já parou para se perguntar”, Emily perguntou pausadamente, “o que Hurst Slater estava fazendo em Oxford aquela noite?

“Nós já discutimos isso antes” Caroline disse, “Você sabe tanto bem quanto eu que ele estava em uma palestra de astronomia”

“Às duas da manhã?”

“A que outra hora eles teriam uma palestra de astronomia? Ele estavam olhando as estrelas”.

Emily sacudiu a cabeça. “Alguma vez você já ouviu Hurst expressar o menor interesse em astronomia, Caroline?”

Caroline disse baixinho “Ele um vez disse que meus olhos brilhavam tão claramente quanto as Plêiades”.

Emily agarrou seu estômago, o qual, desde que ela não usava espartilho, como era seu costume, estava em proeminente exibição embaixo da frente onde o cetim estava. “Eu vou ficar doente”.

Caroline bateu sua raquete irritada contra sua coxa. “Bem”, ela disse. “Você perguntou. E Hurst não fez tudo isso,e você sabe. Você viu por si mesma o quanto interessado em Tommy ele estava durante a convalescença dele Porque eu não me lembro de um dia que Hurst não parou e ficou algumas horas ao lado da cama de Tommy, tentando animar o espírito dele. Você sabe quão depressivo ele

ficou depois do ataque. As pequenas visitas de Hurst ajudaram imensamente".

Emily bufou "Certamente, elas ajudaram. Elas ajudaram Hurst imensamente. Elas deram-lhe uma noiva abastada".

Caroline olhou aflita "Por favor, Emmy," ela disse, "você mesma disse que isso era doce, o quanto que Hurst era devotado a Tommy".

"Isso foi antes de eu saber o cachorro ateu que ele era, por debaixo da fachada de santo" Emily olhou furiosamente para sua amiga. "Desde o começo", ela declarou, "você tem manejado mal esta situação toda".

"Oh, você acha"? Caroline cruzou os braços no peito, "O que você teria feito,então?" "Primeiro de tudo", Emily disse "eu não teria saído daquela sala sem dizer uma palavra". "Mas eu não podia dizer nada, Emmy. Caroline disse. "Eu nunca tinha visto nada daquilo a minha vida inteira A língua dela estava na boca dele. E isso era tudo que eu conseguia ver. Sem falar no que estava acontecendo debaixo de todas aquelas anáguas dela que estavam cobrindo os dois abaixo da cintura. "

Mesmo com toda a luz do sol, Caroline poderia dizer que Emily perdeu um pouco de sua cor. "Oh, senhor" ela disse. "Eu realmente acho que vou ficar doente".

"Essa não é a maneira mais dócil de fazer isso, Emmy" Caroline continuou,quase sem compaixão "Ela está no topo, por um coisa".

"Eu vou me sentar" Emilly disse, e desmoronou no gramado.

" E isso não é tudo" Caroline disse, mas Emily estendeu a mão.

"Sim" ela disse. "Para o tanto que eu estou interessada, isso é tudo,Caroline, você tem de partir"

"Eu não posso" Caroline abaixou-se no gramado ao lado da amiga. "Você sabe que eu não posso. Além do fato de nós devermos a ele a vida de Tommy ,Ma disse que Hurst estará no seu direito de tomar uma ação legal contra mim, se eu fizer. Partir, quer dizer. "

"E daí? Emily olhou com raiva. "Ele venceu."

"A que preço?" Caroline se enrolou no seu estômago apreciando sentir a grama quente de sol debaixo dela. "Depois de me erguer na frente de uma sala lotada de pessoas, eu não sei e eu digo a eles que eu não sou mulher suficiente para o meu noivo? . Isso certamente vai ser humilhante, Emmy".

"Não há nada a fazer" Emily disse" com a sua falta de feminilidade".

"Sim, é verdade, Emmy." Caroline olhou fixamente o chão. "Hurst nunca – nenhuma vez – me beijou do jeito que ele beijou Jacquelyn Seldon. Até eu vê-lo com ela noite passada, eu pensei... bem, eu pensei que nós éramos muito felizes. Você sabe que eu pensei. Eu pensei... eu penei que ele me amava".

Como ela pode estar tão enganada? Essa era a pergunta que ela fazia a si mesma. Todas aquelas vezes que Hurst pegou a mão dela embaixo da mesa de jantar e a apertou... todas aquelas vezes em que ele a surpreendeu sozinha e

roubou um daqueles beijos rápidos e joviais... tudo aquilo era pra se mostrar? Todas as coisas doces que ele havia feito – trazer flores para ela, apresentá-la com muito orgulho para a mãe dele – tinha sido somente para conseguir uma noiva rica para ele?. Todas as coisas que ele disse – que a amava, que mal podia esperar para ela ser sua – eram mentiras descaradas?

Emilly estendeu a mão e deu um tapinha no ombro de Caroline. “Eu tenho certeza de que sim” ela disse “Ama você, quer dizer. Do jeito dele.”

“O eu não é nada” Caroline disse, amargamente, comparado ao modo como ele ama Lady Jacquelyn. Oh, Emmy, se eu pudesse fazer ele me amar daquele jeito. Tudo estaria certo, então.

“Como?” Emily quis saber.

“Bem, porque assim eu poderia me casar com ele e Ma ficaria feliz, e...”

“Você se preocupa”, Emily disse enfaticamente, muito, em fazer as outras pessoas felizes. E você, Caroline? O que você quer?

Caroline vacilou ante sua amiga “Eu? Casar com Hurst, claro.Pelo menos ela franziu as sobrancelhas - isso era o que eu mais queria até noite passada.

“E agora”?

“Agora”? Caroline sacudiu a cabeça. “Eu acabei de te dizer,Emmy. Não importa o que eu quero. Eu vou seguir com isso. Eu devo isso a ele, pelo que ele fez por Tommy. Além disso, os convites já foram, você não viu? Eu só tenho de fazer ele me amar”.

Emily olhou como se quisesse dizer mais alguma coisa, mas o que disse foi: “E como você pretende fazer isso”?

“Eu tenho pensado nisso” Caroline disse “ e eu realmente acho que Ma está certa. Se eu usar meus truques femininos eu vou conseguir Hurst de volta. Longe de Jackie, quer dizer. O problema é que eu não tenho certeza de como fazer isso. Exercitar uma coisa que eu nem sei se tenho”.

Emily bufou. “Eu tenho certeza de que não será particularmente difícil, Caro. Se Jackie Seldon pode fazer isso, você também pode.Ela e uma completa idiota. E nós duas Sabemos que muitos homens não passam de grandes traidores.”

“Você chamou?”

Thomas, o segundo conde de Bartlett, caminhou na direção delas atravessando o gramado, as mãos nos bolsos da calca, um tufo de cabelo loiro caindo em cima de um olho.

“Ora, se não é o rei dos traidores agora. Emily se levantou com os cotovelos e deu um riso forçado para o conde “E o que você está fazendo aqui fora, rezando, Sua Majestade?”A sua mãe não te proibiu de passear em jardins frios? Você pode, afinal, por em risco sua saúde frágil”.

Thomas se abaixou para sentar ao lado de Caroline na grama “Cala a boca” ele informou Emily.

“Me diga uma coisa, excelência” Emily disse,arrancando um pouco de grama

e enfiando entre seus dentes. “O que torna os homens incapazes de manter um relacionamento monogâmico com uma mulher? Você pode me dizer? Porque eu realmente gostaria de saber por que uma mulher não é suficiente para satisfazê-los.”

“É claro que uma é suficiente”,Thomas disse afavelmente. “Se ela é a certa. Esse é o problema. Achar a mulher certa”.

“O problema é que é difícil falar sobre isso com vocês, garotas”. Thomas encontrou o seu próprio naco de grama começou a chupar, com satisfação,falando com o lado da boca.”Os seus pais mantêm vocês trancadas até o dia do casamento, então é quase impossível dizer senos estamos confusos até a nossa noite de núpcias, e,depois disso, bem, é muito tarde se você for um fracasso”.

“Esta” Emily disse,retirando a folha de grama e segurando—a em direção a ele como se fosse uma espada. “é a coisa mais odiosa que eu já ouvi alguém dizer.”

“Mas é verdade, você não acha? Thomas deu de ombros. Quer dizer, isso é perfeitamente absurdo. Duas pessoas prometem uma com a outra até a morte e eles nunca foram para a cama juntos antes. Um homem não compra um par de calças sem prová-las primeiro, mais todos esperam que ele comprometa o resto de seus dias de sedução com uma mulher que ele nunca – “

“Como não sabemos como não ser um fracasso?” Caroline perguntou. “Como você sabe, quando ninguém falará disso?”

Tommy pareceu confuso “ Falar disso o quê?

“Você sabe” Caroline olhou de relance em torno da escuridão do jardim, sussurrando.”Fazer amor”

“Oh,” o conde de Bartlett disse. “Isso”

“Sim, isso. Você sabe que Ma não vai discutir isso. Então, como eu poderia saber como segurar um homem, sem falar em não ser um fracasso na cama, quando ninguém vai me dizer o que é isso que muitas pessoas –particularmente pessoas como Lady Jacquelyn Seldon – já parecem saber?”

“Eu disse” Thomas disse “ que essa conversa tinha um motivo pessoal. O que Jackie Seldon fez para você?”

“Nada” Caroline disse, rapidamente, igual quando Emily estava segurando a respiração para dizer tudo. “Eu só quero dizer, você sabe, figurativamente, quero dizer, afinal, Lady Jacquelyn, deve estar incrivelmente pronta para capturar Braden Granville,que, de acordo com você e seus amigos,tem o gosto mais diferenciado em, um, amantes, Lady Jacquelyn deve ser muito... segura de si mesma.

Thomas parou e olhou o céu, em vez de olhar a irmã. “Eu acho que você pode chamar assim”.

“Oh,pare com isso”. Caroline jogou fora a folha de grama que estava

mastigando e sentou-se. “Isso não é o que ela significa, de jeito nenhum. Isso desceu a isso, Thomas: Nós precisamos saber o que acontece entre um homem e uma mulher na cama”.

Thomas olhou como se estivesse pensando que iria gostar de estar em qualquer outro lugar, de repente. “Por que vocês estão perguntando isso a mim”?

“Porque eu preciso saber” Caroline insistiu, “e Ma não vai ajudar”.

“Bem, deve haver alguém mais a quem você possa perguntar. Quer dizer, e ma não vai te dizer, com certeza a mãe de Emmy –”

Emily soltou um grande riso de cavalo. “Minha mãe? Você deve estar brincando, Tommy. Quando eu perguntei à minha mãe de onde vinham os bebês minha mãe me disse que o peixeiro os encontrava no dia da captura. Até hoje diz isso”.

Thomas recuou “Bem, com certeza um de seus professores, então, de volta à escola – “Oh, qual deles, Tommy”? Caroline queria saber Miss Cripsom, que tem tanto medo do homem do carvão raptá-la, que não abre a porta sem um de nós atrás dela, com o firepoker pronto? Ou Miss Avalon, que declarou que a valsa é uma dança criada por Satã, que levará a ruína da sociedade como a conhecemos?”

“Talvez uma camareira?”

“Tentei isso”. Todas elas fazem uma bela reverência e dizem algo como “eu deveria discutir com a Lady Barllet primeiro” me desculpe, Lady Caroline””.

“Eu não acho que você possa simplesmente perguntar ao seu noivo”-

“Hurst?” A voz de Caroline soou incrédula. Você quer que eu pergunte a Hurst como fazer amor com um homem? Você está maluco?”

“Bem, o que há de tão errado nisso?” Thomas quis saber.

“Porque então ele vai penar que eu sou o que você disse... um fracasso”. “O que o faria pensar isso”?

“Porque eu não sei o que estou fazendo” Caroline disse, profundamente exasperada com ele agora. Isso é exatamente o que eu quero evitar, você não percebe?

“Realmente, Tommy, Emily disse, “não seja ridículo. Ela não pode perguntar ao Hurst. Ela não teria perguntado a você se já não tivesse esgotado todas as outras possibilidades. E não é como se ela perguntasse muito”.

“Certo” Caroline disse. “Tudo o que eu quero é fazer Hurst se apaixonar por mim”. Tommy pareceu confuso “Mas ele está apaixonado por você, Caro. Ele te pediu em casamento,não pediu?”

“Sim, é claro que pediu” Caroline disse impaciente. E eu sei que ele me adora. Mas você não vê Tommy? Não é suficiente.”

Thomas estava começando a ficar alarmado. “Não?”

“Não, é claro que não. Homens adoram seus cachorros Eu quero eu homem que se case comigo seja completa e irrevogavelmente apaixonado por mim.

Então, você vê, eu só preciso saber como evitar ser – bem, um fracasso, como você disse. O eu significa que eu tenho que aprender como fazer amor. O que os homens gostam. Que tipo de coisa. Então, porque você só não me diz? Isso vai me poupar muito tempo e problemas, Tommy, de verdade. É tão cansativo ser uma virgem. Você não faz ideia".

Thomas pulou de repente. Você sabe, ele disse. "Eu acho que esqueci uma reunião". Caroline franziu a sobrancelha. "Tommy, qual o problema com você"? O ferimento está te perturbando".

"Realmente, Tommy" Emily disse "Você parece mesmo verde"."

"É só que" Thomas disse começando correr a mão nervosamente pelo seu cabelo cor de areia longo demais e indo embora "- eu tenho essa reunião"-.

Emily fez um repentino barulho de engolir. "Meu Deus, Caro" ela chorou, sem tirar os olhos do jovem conde.

"O que?" Caroline olhou ao redor, alarmada. "Tem uma abelha"?

"Não". Os olhos verdes de Emmy estavam dançando. Eu acho que sei porque excelência está tão hesitante em discutir esse tópico em particular".

"Emmy" Thomas gelou, e se voltou em direção a elas. Havia um tom de pânico em sua voz. "Sua excelência não quer discutir isso" Emily disse num sussurro barulhento "porque ele nunca fez isso".

"Isso não é verdade" Thomas se voltou na direção delas muito rápido. "Agora, Emmy, isso não..."

"Thomas!" Os olhos de Caroline se alargaram "Isso é verdade? Você nunca fez isso"? "Eu não disse isso" Thomas revelou. "Eu"-

"Você está se guardando, então", Caroline interrompeu docemente "para um verdadeiro amor? Que adorável"!

Thomas disse uma palavra muito feia.

"Eu suponho que seu irmão está pensando" Emily disse "se ele vai pegar as calças sem prová-las, ele não deve provar nenhuma outra primeiro, desde que possa roubá-lo, você sabe para o ajuste final".

Caroline não podia responder. Ela estava rindo muito.

"Isso não é verdade" Thomas disse, com extrema indignação. "Caro, isso não verdade. Eu fiz amor com várias mulheres. Eu só prefiro não discutir os detalhes das minhas muitas conquistas com a minha irmã."

"Oh", Emily disse, entre gargalhadas. "Certamente que não".

Thomas, percebendo que as duas garotas estavam completamente alheias, se voltou e caminhou para a casa, seu corpo muito ereto, sua cabeça erguida sem naturalidade. Depois de um tempo, Caroline parou de rir, e ela disse, secando as lágrimas dos olhos. "Oh, Emmy, nós não deveríamos ter tirado sarro dele. Ele esteve muito doente, final "Pshaw" Emily disse. Ele está saudável como um cavalo por meses agora. Você e sua mãe realmente devem desistir de ser babás dele."

“Oh, eu não consigo. Ele esteve tão perto de morrer”.

“Sim, sim” Emily disse com repugnância. “Eu já ouvi isso o suficiente, obrigada”. Ele nunca vai te dizer nada, de qualquer forma. Mesmo se ele realmente tiver alguma coisa par divulgar, ele não vai dizer. Eles não dizem, você sabe, como uma regra”

Caroline pareceu confusa.”Quem não diz? Do que você está falando?”

“Homens”. Eles não nos dizem nada. A nós mulheres. É como eles mantêm o poder. A única hora que eles nos dizem alguma coisa é quando querem alguma coisa de nós. Pelo menos, é como funciona entre meu pai e minha mãe.”

De repente, Caroline não sentia vontade de rir mais. De fato, ela se sentiu um pouco como na noite passada, na festa de Dame Ashforth, justo antes de Braden Granville fez ela pôr a cabeça entre seus joelhos. Ela se perguntou se estaria desmaiando de novo

“Você acha que é verdade, Em?” ela perguntou sem respirar.

Emily encontrou outra folha de grama, e agora estava tentando assoviar com isso, segurando entre os dois polegares e soprando energicamente. “O que eu acho que é verdade?”

“O que você acabou de dizer. Que um homem não diz nada a uma mulher, a menos que queira alguma coisa dela”.

“Certamente” Emily jogou a folha de grama fora e se abaixou para escolher outra. “Por que você acha que a rainha está de mau-humor esses dias? Mr Gladstone não a mantém informada sobre o que está acontecendo no Ministério. E ele é o primeiro-ministro. Mas eu tenho certeza de que ele está pensando “Bem, por que eu deveria dizer alguma coisa a ela, quando não há nada que ela possa me dar em troca?”

Caroline, contudo, dificilmente a ouvia. Uma voz inteiramente diferente estava soando na sua cabeça

“E quando eu conseguir o nome do amante” Braden Granville tinha dito “eu ficarei muito feliz de provar isso, numa corte de lei, se necessário”.

Braden Granville, ela percebeu, queria alguma coisa. Queria alguma coisa maldosa o bastante para fazer qualquer coisa por isso.

Um plano insidioso incubou-se dentro de sua cabeça. Não era nada, ela estava quase certa, ela nunca tinha pensado se ela havia sido empurrada para a beira do desespero com a visão do amor de sua vida nos braços de outra. Ou melhor, as pernas de outra. Mas desde que ela estava, afinal, um pouco infeliz só pareceu normal que estas ideias – o tipo que nunca teria lhe ocorrido em circunstâncias normais - entram na sua cabeça, do jeito que o peixe dourado emerge na superfície do lago limpo da abadia de Winchilsea, agora e depois.

Era uma coisa desprezível o que ela planejava fazer. Mas,de verdade, ela tinha outra escolha? Não. Sua mãe, seu irmão, seu próprio noivo, não deixaram para ela outra alternativa.

Além disso, sua mãe tinha dito a ela para lutar pelo homem que amava usando truques femininos. Não era precisamente o que ela estava fazendo agora?

Bem? Não era?

Uma voz de homem, um pouco diferente da de Braden Granville despertou-a do escuro, desviando pensamentos.

"Lady Caroline" o mordomo disse gravemente. "Oh, olá Bennington" ela disse "Algum problema"?

"De fato, my lady. Vossa Excelência, sua mãe, Lady de Barlett pediu-me para lembrá-la de que filhas de condes, geralmente, não sentam na grama e ela me mandou perguntar se você gostaria de uma cadeira"

Caroline olhou por cima do ombro do mordomo e viu sua mãe, claramente, gesticulando freneticamente para ela de uma janela do andar superior.

Oh, querida, Caroline pensou, se ela acha que isso é ruim...

Capítulo 7

Braden Grandville mirou cuidadosamente o alvo. Localizado a uns quinze metros, era nada mais do que uma tabua de seis metros, coberta por um papel com traços de um homem, ele se se encostou à parede de trás do porão. Braden já tinha colocado dois buracos na cabeça da figura de papel para representar os olhos, e outro para o nariz. Ele estava terminado a boca – uma serie de pequenos buracos em forma de lua crescente, os cantos estavam fisicamente levantados – quando alguém deu um tapa em seu ombro. Ele se virou e viu Weasel parado ali, abanando a fumaça preta para longe de seu rosto, e dizendo alguma coisa.

Braden removeu o algodão de seus ouvidos.

"-não quer ouvir não como resposta," o secretario estava dizendo. "Eu disse a ela que você estava ocupado fazendo uma valiosa pesquisa para sua nova pistola, mas ela disse que esperaria."

Braden acenou para o jovem que esteve ajudando ele toda à tarde. O menino se apressou pelo porão para ir buscar o alvo de papel.

"Desculpe-me, Weasel," Braden disse. "Eu só ouvi uma parte. O que você estava dizendo? É algum vizinho, de novo? Ofereça uma arma a ela, como prova de nossa estima? Espere, pensando bem, é melhor não. Eu não preciso de donas de casa me dando tiros na rua porque eu acordei seus preciosos filhos-"

"Não é nenhuma dona de casa," Weasel disse. "E fundo como é nosso porão, as únicas pessoas que você poderia acordar são os mortos. Não, é uma lady."

"Uma lady?" Braden pegou o alvo que o menino trouxe para ele, e segurou para que seu secretario o visse. "Aqui, Weasel. Olhe isto. Você ainda me acusa de estar sem sorte? Eu furei seis dos dentes dele."

"Certo," Weasel disse, simplesmente. "Da próxima vez que um homem estiver com a boca aberta você será perfeitamente capaz de atirar nos molares dele, tudo bem. A lady que esta te esperando. Se chama Caroline Linford.!

Braden abaixou o alvo e encarou seu velho amigo. "Caroline Linford? Lady Caroline Linford? Que diabos ela quer comigo?"

"Não disse." Weasel pegou o alvo dos dedos de repente frouxos de seu patrão. "Não parece que a sorte atualmente esta te chamando, Dead, por isso eu vim aqui checar com você. Ela trouxe o criado com ela."

"O que dela?" O porão estava denso, é verdade, com a fumaça, mas Braden não podia acreditar que isto estava dificultando o processamento da informação.

"O criado dela. Esta sentado bem ao lado dela, todo serio e pomposo." Weasel balançou a cabeça. "Você sabe que eu nuca fui de dar conselho – a não na área

romântica – mas isto não parece bom, Dead.Eu mandaria ela embora, agora mesmo. Ela deve ter um papa nervoso com uma de suas armas no bolso."

Braden Grandville já estava subindo as escadas de dois em dois degraus. "Não um papa nervoso," ele arremessou, sobre seus ombros. "Um noivo, embora. O Marques de Winchilsea."

Subindo a escada atrás de seu chefe, Weasel levantou a sobrancelha. "Winchilsea? Você poderia pegar ele tranquilamente."

"Tire a sua mente da sarjeta, Mr. Ambrose." Braden entrou no seu escritório e foi ao espelho para ajeitar sua gravata, que estava coberta de pólvora. "Droga," ele disse, retirando-a, e procurando por outra dentro da gaveta. "Não há nada acontecendo eu e Lady Caroline. Não desse modo. Mas a garota viu alguma coisa na outra noite na casa da velha Ashforth-"

"À noite em que Jackie escapou de você?"

"Certo. Eu perguntei para ela se ela tinha visto por onde Jacquelyn foi, e ela disse que tinha, e que Jackie não estava sozinha-"

"E você acha que ela estava aqui... por quê?" Weasel balançou a cabeça. "Não entendi." "Nem eu," Braden admitiu. "Ela provavelmente esta aqui para agradecer a minha atenção com ela aquela noite. Ela teve uma pequena tontura, e eu –" Weasel riu sabiamente, mas Braden o silenciou com um olhar. "- eu parei para ajudá-la," ele continuou, severamente. "É por causa dela que eu perdi o casal – Jackie e seu amante."

"E você não tentou tirar mais informações dela?" Weasel parecia chocado. "Ela estava passando mal," Braden disse.

"Bem, ela não parece estar passando mal agora," Weasel disse, com uma piscada. "Eu acho que é a sua chance, Dead."

"Minha chance?"

Weasel gemeu com frustração. "Para descobrir como o rapaz se parecia! O que estava com a Jackie!"

Braden sorriu. "Eu poderia fazer uma ou duas perguntas casual," ele disse. "Se o tema por acaso aparecer. Mas você sabe que eu nuca tiraria vantagem de uma lady..."

Weasel gemeu de novo, e, sorrindo forçadamente, Braden fez um rápido trabalho em sua segunda gravata, e examinava seu trabalho criticamente. Ele faria. Ele passou os dedos em seu cabelo escuro, ligeiramente comprido, e no final colocou seu colete. "Pronto. Como estou?"

Weasel franziu. "Você precisa se barbear novamente."

Braden Grandville fez uma cara impacientes. "Eu não vou me agarrar com ela, Weasel. Eu vou colher informações. Valiosas informações. Eu quero parecer reconfortante, o tipo de homem que uma garota poderia confiar. Então. Como estou?"

Weasel parecia duvidoso. "Eu não acho que você deveria perguntar para mim.

Talvez nos devêssemos deixar a criada aqui-“

“Apenas-“ Braden respirou profundamente, orando por paciência, e depois exalando. “-mande ela entrar.”

Weasel acenou, e deixou a sala. Um minuto depois, ele retornou, desta vez na companhia de uma jovem mulher que Braden reconheceu do jantar de Dame Ashforth algumas noites atrás. Mas alguma coisa não estava certa. Porque assim que Weasel a escoltou para a sala os dois se lançaram para a porta, aparentemente tentando manter do lado de fora uma terceira pessoa, que estava tentando entrar depois deles.

“Violet serio,” Lady Caroline estava dizendo, empurrando todo o seu peso contra a porta, “esta tudo bem. Mr. Grandville e eu só vamos conversar um pouco, e depois eu já volto. Eu prometo que nada além disse vai ocorrer enquanto eu estiver aqui-“

“Sua mãe, a Lady Bartlett,” uma voz estridente atrás da porta declarava, “ vai ouvir sobre isso, my lady. Não pense você, nem por um minuto, que eu vou fazer parte de nenhum indecência!”

“Não há nenhuma indecência aqui, Violet,” Lady Caroline insistiu. “Eu juro. Eu simplesmente estou tentando ter uma palavra em particular com Mr. Grandville.” “Ha!” disse a voz atrás da porta. “Eu sei tudo sobre ele! Não ache que eu não sei!”

Lady Caroline, aparentemente desesperada para vencer esta batalha, virou a cabeça, e viu Braden atrás de sua mesa.

“Bem, não fique ai parado,” ela disse, enquanto ela tendia todo o seu peso contra a porta. “Venha e nos ajude.”

Braden, completamente confuso, fez, todavia o que a moça pedia, e se juntou a seu secretario empurrando a porta.

“Eu digo,” ele observou, depois de um momento ou dois. “O quer que seja que esteja do outro lado desta porta é incomumente forte. Que diabo era aquilo?”

“Minha criada,” Lady Caroline disse, tentando se manter de pé no tapete escorregadio. “E eu devo dizer que isto não era exatamente o que eu quis dizer com ajudar.”

Braden e Weasel trocaram olhares. “Eu tentei mante-la de fora,” Weasel disse, “como a lady me pediu, mas ela é grande.”

“Lady Caroline,” a criada gritou, de trás da porta parcialmente fechada. “Boa coisa não virá disso! Marque minhas palavras!”

“Oh,” Caroline gemeu. Por alguma razão, ela fitou Braden acusatoriamente, como se a culpa fosse dele. “Corrija-me se eu estiver errada, mas eu achei que supostamente você fosse habilidoso nesse tipo de coisa, Mr. Grandville. Você não teve nenhuma ideia?” Braden disse, educadamente, “Você me pediu minha ajuda aqui, Lady Caroline. Não tenho ideia de que “tipo de coisa” nós estamos falando.”

“Acompanhante,” ela explodiu. “Violet é minha acompanhante. Nós tínhamos que achar um jeito de nos livrar dela. Eu tinha que ver você sozinha.”

“Oh.” Abruptamente, Braden parou de empurrar a porta, e endireitou-se. “Isto é simples. Porque você não disse antes?”

Segurando o ombro de Caroline, a tirou do caminho e assinalou para que Weasel se afastasse. O secretario o fez, e de repente, a porta se abriu, e Braden se achou diante de uma larga, aparentemente determinada mulher, vestindo um gorro florido que era estranhamente frívolo quando comparado a sua expressão indignada.

“Ah,” Braden disse. “Miss Violet. É você. Sim. Desculpe-me, nos pensamos que você fosse outra pessoa. Como você esta hoje? E deveria te elogiar pelo adorável chapéu?”

“Mr. Grandville,” Violet começou, estridentemente. ”Você não me colocara para fora tão facilmente. Eu sei tudo sobre o senhor. Você não ter um momento a sós com minha lady. Não, senhor. Não eu enquanto eu-“

“Violet,” Braden disse, em voz baixa, embalando os formidáveis ombros da mulher. “Sua desconfiança me machuca. Verdadeiramente, machuca. Eu não a culpo claro. Você não pode ajudar, eu suponho, mas acredita no que escuta. Mas não se engane sobre o que alguns ciumentos têm cochichado como verdade. Eu não sou o vilão que eles têm pensado. Porque, Violet, eu sou apenas como você.”

Violet piscou para ele com seus grandes e suspeitos olhos marrons. “Eu imploro seu perdão, senhor.” Ela disse indgnadamente. “Mas eu não acho isto.”

“Não, serio,” Braden continuou. “Você acha que eu entre os grans-finos? Porque não foi, Violet. Minha infância foi vivida no Dials, Violet. Você já ouviu falar do Dials, Violet? Tenho certeza que não. Porque uma jovem mulher como você ouviria falar sobre a pior parte de Londres? Bem, não basta dizer que eu brinquei em meio de um amontoado de poeira quanto menino. Ate que um dia, por sorte me tiraram de lá. Com trabalho duro e perseverança eu me fiz o homem que você vê diante de si. Não há duvida, Violeta, que há aqueles que invejando meu sucesso, falam mal de mim?”

Violeta piscou tornando seu olhar um pouco menos determinado – só um pouco. Vendo isto, Braden manteve sua vantagem.

“É inconsciente,” ele continuou. “Eu sei. Mas quando pessoas como nós – você e eu, Violet – nos levantamos da poeira do mundo, não há nada – nada mesmo – que pode nos deter. E isto, Violet, é muito assustador para aqueles que estão no poder. Eles sentem que sua posição estará ameaçada. Então obviamente eles dizem coisas horríveis sobre nos. Eu já fui chamado de todo o tipo de coisa, você sabe. Eu até escutei algumas pessoas me acusarem de ser-“ ele respirou fundo. “–um Farreiro {Lothario}. Mas não é verdade, Violet. Eu sou só um homem. Sou apenas de carne e osso. Como você, Violet. Apenas como você.”

Lady Caroline, que esteve assistindo ele com uma expressão muito cética,

rolou os olhos com isto. Mas sua criada não era tão coração- duro. Ela estendeu o braço e pegou a mão direita de Braden com suas duas mãos.

"Eu escutei, senhor," Violet disse, seriamente. "Eu escutei coisas – coisas horríveis- sobre você. Mas agora eu vejo que eram mentiras. Ciúmes, todas elas, E tudo o que eu posso dizer é... Deus te abençoe!

Braden curvou a cabeça modestamente. "Obrigado, Violet. Weasel – quer dizer, Mr. Ambrose – por favor, mostre a Miss Violet às cozinhas, e providencie para ela chá e bolo." "Será uma honra, senhor," Weasel disse, os cantos da boca dele se contraíram. E guiou a mulher – ainda olhando Braden de uma maneira fascinada por cima dos ombros – embora. Braden, sorrindo, fechou a porta atrás deles, e depois se virou para dizer, "Agora, Lady Caroline. O que eu posso fazer por você hoje?"

Mas sua voz morreu na garganta. Porque Lady Caroline estava encarando ele com uma expressão furiosa no rosto.

"O que," ela exigiu, "você fez com minha criada?"

Ele olhou para ela curiosamente. Ela não era como ele tinha corretamente observado na noite da festa de Dame Ashforth, uma beleza. Seu cabelo não era nem escuro nem claro, sua figura não era nem voluptuosa nem magra.

E Jacquelyn tinha se enganado ao afirmar que Lady Caroline era uma garota plana. Ela não era plana mesmo. Havia garotas que tinham a mesma aparência que Lady Caroline, aparências assim, enquanto elas pareciam planas a primeira vista, cresciam de maneira peculiar com o passar do tempo. Este tipo de aparência, Braden sabia, era perigoso – mas perigoso que a beleza como de Lady Jacquelyn – porque elas estavam sempre mudando, um homem podia cair na armadilha de esperar continuamente, que essas mudanças sutis aparecessem...

Nada como isto tinha acontecia com ele. Nem iria.

Porem, Lady Caroline tinha alguma coisa que mesmo um experiente admirador da beleza feminina como ele tinha que admitir ser irresistível. E tinha aquele par de olhos muito grande, que embora marrons, atingiam ele com enorme expressividade. Mesmo agora, eles estavam razoavelmente transbordando de emoção. E eles estavam olhando para ele de forma reprovadora.

"Diga-me," ela disse, acusatoriamente. "Diga-me o que você fez com ela." "Claramente," Braden disse, se movendo em direção a sua mesa, principalmente para se livrar da extensão daqueles enormes, líquidos olhos, "Eu não fiz nada com ela. Eu falei com ela de um ser humano racional para outro, isto é tudo."

A garota o seguiu, não apenas com seus olhos, mas com toda a sua pessoa. Ela parou na frente da mesa dele e fitou-o mais um pouco.

"Isto não é tudo," ela declarou. "Você... você a hipnotizou!"

"Estou quase certo que não fiz nada do tipo." Braden balançou a cabeça. "Eu

apelei para o melhor julgamento dela, e venci".

"Eu acho," a garota disse, seus olhos estreitando com suspeita, " Eu acho que você enfeitiçou ela."

Braden se sentou. Era rude, ele sabia, mas a garota parecia perturbada, e ele esperava que, se ela não tivesse que erguer a cabeça para olhar para ele, isto a acalmaria. Ele esperava também que a mesa pudesse servir como um tipo de escudo contra a agitação dela, a qual ele podia ver era extrema.

"Lady Caroline," ele disse, severamente. "Este é o ano 1870. Eu realmente preciso lembrá-la que não existem coisas como bruxaria? Além do mais, foi você quem a trouxe. Se você não que ela entrasse, porque você a trouxe em primeiro lugar?"

"Porque eu não estou permitida a ir a lugar nenhum sem ela," ela disse, com aspereza suficiente para mostrar a ele eu ela achou sua sagacidade realmente chata.

"Não esta permitida de..." ele digeriu isto. "Bom Deus. Você esta sob algum tipo de prisão?"

"Não," ela disse, e mesmo não dizendo em voz alta, ele estava quase certo de ler as palavras "Você é um homem estúpido" naqueles olhos translúcidos. "Eu não estou permitida de sair a lugar nenhum sem uma acompanhante. Jovens moças nessa cidade são frequentemente atacadas por depravados execráveis, e Violet serve supostamente para me proteger deles."

"Bem," Braden disse pego de surpresa pela informação. "Eu devo dizer, ela foi feita para isso."

Caroline olhou para ele com raiva. "Não esta certo. O que você fez com ela. Você fez ela pensar... você fez ela pensar coisas que não são verdadeiras."

"De acordo com quem?" ele contrapôs. "Este é o problema da opinião, você não acha? Eu bem que poderia perguntar se é certo causar uma cena no local de trabalho de alguém. Eu poderia facilmente ter perdido um cliente, você sabe, devido à histeria daquela mulher.

Isto seria dinheiro fora do meu bolso, você sabe. Fora do Wea-Mr. Ambrose, também. Todos os meus empregados, pra falar a verdade. Como eu posso pagar o salário deles se sua criada espanta meus clientes com seu comportamento histérico?

Isto a pegou. O reprovamento se foi, e foi substituído, naqueles olhos marrons, por uma onda de culpa.

"Oh," ela disse. "Desculpe-me. Mas eu tinha que ver você, e eu fui até a sua casa, e eles me disseram que você estava aqui, e eu achei... Bem, de alguma forma, o que eu tenho para discutir com você é da sua conta. Então eu pensei em apenas entrar... claro eu não imaginei que Violet seria tão insistente em entrar comigo. Quer dizer, isto é particular, você vê, nossa conversa. Me desculpe."

Ele estava um pouco perturbado por descobrir que tinha perdido outro charme

dela naquela noite na festa de Dame Ashforth: sua voz. Era uma voz agradável, muito baixa, e bem mais de menino do que de menina, o que era um alivio. Garotas tinham, Braden notou com os anos, a preocupante tendência de se tornar irritante.

“Bem,” ele disse. “Eu posso perdoar você. Agora, porque você não se senta, e me diz sobre o que a sua Violet não podia ficar a par.”

Ela olhou atrás dela, e viu a cadeira que ele tinha indicado. Ela se abaixou e sentou por um minuto, puxando os botões de suas luvas, mas não os abrindo. Ela estava ele observou com aprovação, vestida simplesmente com um vestido de dia branco, coberto por uma peliça azul. Ela carregava uma sombrinha branca combinando, e seu chapéu azul estava amarrado em baixo de seu queixo com nó de fita de cetim branca. Ela parecia apresentável, até mesmo atraente, embora não usasse nenhuma pena ou similar enfeite que Jacquelyn parecia pensar ser necessário para uma mulher bem vestida.

"Eu suponho," Lady Caroline começou, com sua voz agradável, ela continuava puxando os botões em seu pulso. Braden não pode evitar notar que entre a sua luva e a punho de suas mangas estava exposta a pele do pulso dela. Aquela pele era terrivelmente dourada para alguém que nasceu com o titulo de lady. O que sugeria que ela passava mais tempo fora de casa do que era normalmente considerado adequado. Lady Jacquelyn Seldon, ao contrario, passava mais tempo dentro de casa, e tinha a pele branca como leite - toda ela, ele poderia atestar - para provar isto.

"Eu suponho que você se lembre, um, de conversar comigo outra noite na festa de Dame Ashforth," a garota disse.

"Lembro-me." Braden ela mexer com o botão. Daqui a pouco, ela iria cair, com tanta preocupação. "Eu espero que não tenha se repetido aquele mal estar que a atacou naquela noite."

"Oh." Ela soltou o botão, e focou toda a sua atenção no rosto dele. Era como ter o foco todo em cima dele - ou assim ele imaginava, nunca tendo passado nenhum tempo no palco.

"Oh, não, não," ela disse. "Não, eu estou muito, muito melhor. Mas naquela noite se você lembra você me perguntou se eu tinha visto ou não Lady Jacquelyn, e se ela estava com alguém."

De repente, ele se encontrou inclinado na cadeira.

"Sim," ele disse, tentando não parecer tão ávido quanto ele se sentia. "Sim, eu me lembro."

"Bem, como você sabe, eu vi ela, e vi-a com alguém. E os dois estão engajados no que você poderia chamar de... um grande compromisso."

Ele levantou uma sobrancelha de forma questionadora. Calma, ele disse para si mesmo. Não pareça tão ávido. "Sério?"

"Sim." Suas bochechas, ele notou, aparentavam um tom rosado. "Altamente

compromissados."

"Entendo," ele disse, tentando manter seu tom natural. "Continue."

"Você mencionou alguma coisa quando eu te vi," Lady Caroline disse, "que me levou a acreditar que a identidade do cavalheiro com quem sua noiva estava... compromissada poderia ser importante para você."

Braden a encarou. Não. Não era possível. Depois de meses de frustração, ele finalmente iria ter a resposta para a questão que meia dúzia de seus melhores homens não conseguiu obter para ele - e dessa garota! Desta garota nada impressionante!

Sério, isto era bom de mais para ser verdade. Tomou todo o alto-contreole dele não pular pela sala com alegria. Em vez disso, Braden pegou uma pilha de papeis na sua mesa, como se o que ela disse não tivesse a menos consequência.

"Sim, realmente," ele disse com o que ele acreditou soar supremamente indiferente. "Ainda bem que você veio me ver apesar de todos esses problemas. Eu me perguntei naquela noite, se você tinha visto alguma característica, e eu achei... bem, eu achei que você não deveria conhecer ele."

"Oh," Caroline disse. "Mas é claro que eu conheço."

"Bem, então," Braden disse. Ele parou de mexer nos papeis e sorriu. Depois, preocupado de que talvez aquele sorriso contivesse um pouco de mais do deleite que ele estava sentindo, ele tentou se controlar, transformando isto, em uma rápida carranca. "Com quem você a viu, Lady Caroline?"

Caroline olhou para ele. Neste momento a expressão em seus olhos escuros estava preenchida por algo que ele não poderia nomear. "Oh, eu não posso dizer isto," ela disse, olhando chocada.

Era a vez de Braden a encarar, e ele o fez admiravelmente, certo de que seus olhos, um pouco mais escuro que o dela, não revelava nem a metade de sua emoção. "Você não pode –" Ele balançou a cabeça. "Desculpa-me. Eu achei que você tinha dito que o conhecia."

"Oh, eu conheço. Só não posso dizer o nome dele, você entende." Mais uma vez, ela lha deu um sorriso de desculpa. Eu sei que você conseguiu hipnotizar Violet com seu pequeno discurso sobre em como ela não deveria acreditar nas coisas que as pessoas falam de você, mas eu receio que isto não funcione comigo. Veja, eu acredito completamente nas coisas que as pessoas dizem de você. E uma dessas coisas é a sua rapidez em resolver seus problemas com uma pistola. Se eu te disser o nome do homem que estava com a sua noiva, você indubitavelmente tentaria matar ele. "Bem, não terei a morte de um homem na minha consciência, muito obrigado."

Braden, estupidamente atingido com essa admissão, só podia encarar ela.

"Mas se você pensar sobre isto," Caroline continuou alheiamente. "não importa de fato quem o cavalheiro é. Você acredita que sua noiva esta envolvida com outro homem, e você gostaria de romper seu compromisso com ela, mas

você tem medo de que ela entre com um processo de quebra de promessa contra você. Não estou correta?"

Braden estava a encarando tão fixamente, que quase se esqueceu de piscar. "Sim," ele disse, devagar, perguntando se ela era ou não uma lunática, e se ela fosse como se livrar dela. Isto era uma lastima, realmente, porque ela estava se tornando uma coisinha bonita. Mas irritada, claramente. Um devaneio cruelmente furioso.

"E para ter a chance de ganhar esse processo," Caroline disse, "você precisa provar que sua noiva é desonesta."

"Sim," ele disse de novo. "Esta certo. Isto é porque-"

"A declaração de uma testemunha que viu sua noiva nos braços de outro é prova suficiente?"

Braden disse, relutantemente, "Dependeria da credibilidade da testemunha, claro-" "Você acha que eu seria considerada uma testemunha com credito?" ela perguntou

Ele hesitou. Uma lunática não causaria, é claro, boa impressão em um juiz. Mas apesar de seu comportamento, Lady Caroline certamente não parecia uma lunática. De fato, ela parecia respeitável. Encantadora, até.

Encantadora. Bom Deus, o que ele estava pensando? Ela era uma criança. Bem, relativamente falando.

" Eu acredito," Braden disse, devagar," que com o treinamento certo, você poderia passar. Mas-"

"Eu acho que é o bastante," Caroline disse. "Então não importa de fato, no final, se eu colocar o nome do homem em questão. Eu quero dizer, o simples fato deu tê-la visto com outro-" Ela lançou para ele uma olhada significativa. "-e eu quero dizer com o intimo sentido – deveria ser prova o bastante, você não acha?"

"Lady Caroline." Ele não pode manter a fachada indiferente. Ele tinha desistido há alguns minutos atrás, mas só agora ele se vergou contra as costas de sua cadeira, totalmente esgotado pelo desapontamento. "Por favor, não se ofenda, mas eu não acredito que você esteja adequadamente familiarizada com as leis. Mentir na corte – o que você me disse pretender fazer – é chamado perjúrio, um crime punível-"

Ela o interrompeu. "Eu sei o que perjúrio é Mr. Grandville."

"Bem," ele disse irritado. "Se você sabe o que é, então eu não vejo como você acha que pode escapar sem.."

"Mr. Grandville." O olhar dela estava perfeitamente normal. Em seus luminosos olhos marrons, ele não podia detectar nenhum traço de insanidade. Mas ele sabia perfeitamente que tinha. Porque são uma mulher louca sugeriria algo tão ridículo. "Se eu conheço Lady Jacquelyn – e eu conheço, da escola – ela ira negar que tem um amante, quer tenha o nome ou não. Então é só eu dizer que não o reconheci - exceto que isto será um grande negocio para o homem

envolvido, mantendo-o de ter uma bala na pele." "Lady Caroline," Braden disse. "Eu tenho medo que você não entenda. Lady Jacquelyn indubitavelmente ira contratar competentes advogados, que te questionaram profundamente-"

"Sim," Lady Caroline disse. "Estou ciente disso. Mas eu estou confiante que serei capaz de responder as perguntas deles verdadeiramente. Quando perguntarem a identidade do homem, eu simplesmente direi que não dei uma boa olhada em seu rosto para ver com certeza quem era. Mas eu acho que darei a ele um sotaque Frances." Ela sorriu para si mesma. "Eu acho que seria um detalhe plausível, não? Eu poderia ver Lady Jacquelyn com um homem Frances."

Braden a encarou. Ele sabia que estava sendo rude, mas não conseguia se contiver. Ele não podia, pela vida dele, entender o que ela estava dizendo. Que tipo de mulher, ele se perguntava, se canditaria a cometer perjúrio por um homem que ela mal conhecia? Nenhuma mulher que ele conhecia – nem do Mayfair, nem do Dials.

"Claro," Lady Caroline disse, "antes de concordas em atuar como testemunha, Mr. Grandville tem a questão da minha compensação."

Braden balançou a cabeça. Bom Deus! Ai estava! Esta foi à razão para a garota ter vindo até ele. Ele sentiu um curioso alivio passando por ele. Então ela não era louca. Não mesmo. Ela queria alguma coisa.

Porque era um alivio para ele, ele não podia imaginar. O que importava para ele se a garota estava ou não com total sagacidade? Ela não era nada para ele.

Ele disse para si mesmo que era meramente um alivio que qualquer homem sentiria ao descobrir que não estava na presença de uma lunática, e depois se perguntou o que Caroline Linford – que, pelo que Brandon sabia sobre ela tinha tudo que a sociedade de Mayfair poderia querer, incluindo uma generosa herança, um rosto bonito e um noivo bem apessoado – poderia possivelmente querer dele.

"Sua compensação?" ele perguntou, curiosamente.

"Bem, sim." Ela lhe deu uma olhada a qual sugeria que ela o achava era bem obtuso por perguntar. "Se eu vou cometer perjúrio – para não mencionar o perigoso ultraje social para toda a minha família por estar aceitando fazer parte de algo tão escandaloso como um processo por quebra de contrato – eu terei que ser recompensada."

Ele olhou para ela, sentindo-se estranhamente desapontado. Neste momento, ele não precisava se perguntar o porquê se sentia assim. Ele sabia perfeitamente bem porque estava desapontado: porque ali ela estava sentada, parecendo tão jovem e amável e inocente, quando na verdade, ela não era diferente de nenhuma outra mulher que ele conhecia. Ela era como uma doce flor que ele tinha admirado assim como um menino do lado de fora da janela do padeiro – eles parecem tão suculentos, mas depois de ter gastado o dinheiro para comprar

alguns, ele descobre que eles não são tão bons. Como tantas coisas que Braden tinha uma vez em Mayfair, Caroline Linford, depois de uma inspeção profunda, não era tão saborosa na primeira mordida quanto ela aparentava.

O que era uma pena, pensando no porque ele sentia isso tão profundamente, ele não podia imaginar. Novamente, ela não era nada para ele.

Ele pensava, cinicamente, em que tipo de problemas ela poderia ter se enfiado. Apostado sua fortuna, talvez? Ele tinha ouvido que seu irmão mais novo, o conde, era apaixonado nas cartas – e era bom nelas, também – mas ele nunca imaginou que Lady Caroline era particularmente a rainha do loo. Mas ele sabia de algumas mulheres que possuíam rostos tão inocente como de Lady Caroline e que desperdiçou dez mil Pound em apostas, então ele supôs que era certamente possível.

Desapontado como ele estava pelo menos ele estava com mais razão agora do que antes. Negócios era algo para qual ele sempre teve talento, do mesmo modo, que na primeira vez que colocaram um revolver em suas mãos ele soube instantaneamente como funcionava, e tinha começado a inventar um modo para melhorá-lo.

Então ele abriu a gaveta e tirou uma pequena caixa, na qual estava a maior parte de seu dinheiro.

"Eu entendo," Braden disse. "Posso perguntar quanto, Lady Caroline?"

Ele a a ouviu arfando, e quando olhou investigadoramente, ele ficou surpreso ao ver que suas bochechas tinham ficado vermelhas.

"Não dinheiro," Caroline disse, com claro horror. "Eu não preciso de dinheiro, senhor!" Braden fechou a caixa de dinheiro rapidamente. Ele tinha ofendido ela. Ele não estava certo de como. Jacquelyn estava sempre pronta para aceitar o dinheiro dele, mas aparentemente, Lady Caroline Linford tinha uma mente diferente.

"Entendo," ele disse confuso, pensado que na verdade ele não entendia. "Mas você disse que precisaria ser recompensada-"

"Mas não com dinheiro," Lady Caroline gritou, parecendo chocada.

Braden, percebendo que ela estava genuinamente chateada com a sugestão, colocou rapidamente a caixa de dinheiro de novo na gaveta. Ele tinha se atrapalhado, ele sabia, mas não podia imaginar como. Novamente, as moças de sociedade não era um segmento da população com a qual ele tinha gastado muito tempo.

"Eu peço seu perdão," ele disse, em um tom que esperava ser consolador. "Eu vejo que não foi o interesse em dinheiro que a trouxe aqui. Eu posso perguntar você quis dizer com compensação?"

Ela abaixou o olhar. Ela parecia perfeitamente incapaz de olhar para outro lugar fora seu colo. O que era estranho, porque ela olhou diretamente nos olhos dele todo o tempo em que ela esteve discursando sobre seu plano de cometer

perjúrio, com uma retidão que tinha admirado ele.

Ele estava, tinha que admitir intrigado. Ela tinha passado de uma doce flor para se tornar, na mente dele, algo mais saboroso. Um pêssego, talvez. Pêssegos, quando maduros, raramente desapontavam. E Lady Caroline parecia muito madura de fato.

"Deve ser" Braden disse depois de olhar se esforço em aproximadamente um minuto para colocar o que ela queria em palavras, "ser alguma coisa. Como você disse seu testemunho na corte em meu nome certamente ira fazer de você objeto de... uma fama ruim. Não é uma posição para nenhuma jovem entrar facilmente-"

"Eu sei." Ela olhou para cima de repente, e ele teve novamente a sensação de estar sobre um palco iluminado, o olhar dela era intenso, seus olhos brilhantes.

Não, não um pêssego, ele pensou consigo mesmo. Algo mais doce. Uma nectarina, talvez. "Só não é uma compensação financeira o que eu quero," ela disse hesitante. "É... é algo que eu quero que você faça."

"Faça?" Ele retornou seu olhar com interesse. Definitivamente uma necterina. "Bem, o que é isso, então?" Novamente ela curvou a cabeça, e parecia debater alguma coisa quase ferozmente consigo mesma. Ele notou que ela começou a mexer com o botão de sua luva novamente. Se lembrando ao bronzeado – e incapaz de não se perguntar, inexplicavelmente, ate onde aquele bronzeado dos bem torneados braços ia – ele pensava se talvez ela pudesse estar interessada em outdoor de Sport, e disse, "aula de tiro, talvez? Então você não precisaria arrastar sua criada com você? Você poderia atirar naqueles – como você os chamou eles? Oh, sim – imorais maldosos, e assim você nem precisaria da proteção da sua criada-"

"Oh, não," Caroline interrompeu rapidamente, olhando para cima novamente. "Eu odeio armas."

Ele picou para ela, sem saber se ria ou se se sentia insultado. "Sério," ele decidiu dizer. "Estou certo que você não sentiria isso se alguém a assaltasse, e você o espantasse com um revolver."

"Bom, claro," ela disse. "Mas armas de fogo raramente são usadas para proteção. Na maioria, elas são usadas por pessoas como você, para resolver estúpidos desentendimentos-"

Ele teve de se conter para não assinalar para ela que ele dificilmente consideraria o desentendimento com o amante de sua noiva estúpido.

"…ou assaltos," ela continuou, "ameaçando pobres pessoas desarmadas – como meu irmão – para roubar suas bolsas." Ele não perdeu a vibração de sua voz quando ela mencionou o irmão. "Ele... esteve muito perto da morte, você sabe," ela continuou. "E tudo por causa de uma única bala."

Braden disse, docemente, "Mas ele esta bem agora. Eu o vi na outra noite na Dame Ashforth, e ele estava.."

“Bem,” Caroline interrompeu, amargamente. “Sim, eu sei. Graças ao Hurst.”

Braden levantou a sobrancelha. “Hurst? O Marques de Winchilsea, você quer dizer?” “Sim. Foi ele quem encontrou Tommy. Ele espantou os ladrões, e estancou o ferimento. Tommy teria certamente morrido, se não fosse à ação rápida de Hurst.” Braden, que conheceu o marques rapidamente, achou difícil acreditar que aquele janota que ele conhecia, e o homem que Lady Caroline descreveu, fosse o mesmo. “De fato?” ele disse, diplomaticamente.

“Oh, sim,” Caroline disse. “Levaram meses de enfermagem, de doutores indo e vindo toda à hora da noite, e para completar, Hurst dificilmente saia do lado de Tommy, Foi assim...que nos ficamos noivos. Hurst e eu quero dizer. Porque nós ficamos muito juntos durante o ferimento de Tommy-“a sua Vox quebrou e ela fitou ele, acusadoramente, como que se ela achasse que ele fora o responsável pelo tiro que o irmão dela levou. E suas próximas palavras indicavam quem de fato, ela pensava isto.

“Sério,” ela disse, “Eu acho que um homem como você, que é um gênio – pelo menos é o que meu irmão diz de você – deveria voltar à mente para inventar algo realmente necessário, não um novo estilo de – arma para matar. Meu pai, você sabe, inventou o sistema de água quente que pode instalado em qualquer casa. Isto é algo útil.”

Ele tossiu. Ele não pode se conter. Ele tinha que tossir, para esconder sua risada.

“Entendo,” ele disse, depois de limpar a garganta. “Levarei isto em consideração. E agora, Lady Caroline, se você não se importa, eu gostaria de saber o que você acredita que eu possa fazer por você. Você quer que eu ache o homem responsável pelo ferimento de seu irmão, talvez? Vê-los eles pagando na justiça?”

Ela franziu as sobrancelhas ao ouvir isto. “Não,” ela diss. Então, depois de fitar a sala toda, como se ela estivesse se certificando de que eles estavam verdadeiramente sozinhos, Caroline Linford finalmente se encostando a sua cadeira, e, abaixando sua voz conspiratoriamente, disse, “Bem, na verdade, Mr. Grandville, o que eu preciso é... o que eu preciso que você me ensine como fazer amor.”

Capítulo 8

Ela não tinha certeza, mas pareceu por um momento ou dois que Braden Granville estava sofrendo de apoplexia. Caroline estava muito alerta a apoplexias, como a particularmente severa que causou a morte de seu pai. E então ela se inclinou para frente, o mais distante em seu assento e perguntou: "Mr. Graville, você está melhor?

Braden continuava a fitando, de qualquer forma, com sua boca ligeiramente entreaberta e os seus olhos castanhos – que,ao contrário dos dela,tinham interessantes manchas cor de mogno e um tom marrom-dourado – fixos nela.

"Devo correr e mandar vir a sua secretária?" Caroline perguntou. "Ou você gostaria de um copo de vinho, ou um pouco de água, talvez?"

Ela na verdade se levantou da cadeira e estava indo para a porta para Mr. Weasel, quando o homem atrás da escrivaninha finalmente se mexeu e sacudindo a cabeça, disse, numa voz que mais parecia um rosnado. "Sente-se".

Caroline se perguntou com quem ele poderia estar falando, já que nunca em sua vida alguém tinha falado com ela daquele jeito.

Quando finalmente entendeu que é claro que ele estava falando com ela – não tinha, afinal, mais ninguém na sala – Caroline afundou novamente na cadeira vaga, mas mais por assombro do que por qualquer desejo de fazer o que o cavalheiro muito controlador ordenou.

"Minha nossa" ela disse, com mais ousadia do que realmente sentia. "Você não precisa mandar em mim como se eu fosse uma colegial".

"Por que não?" Braden inquiriu com a mesma voz sussurrada. "Você está agindo como uma".

"Eu estou certa de que não" Caroline disse, genuinamente magoada. "E devo dizer, se é assim que você conduz seus assuntos de negócios – insultando seus clientes – então, tudo que eu posso dizer é, eu me pergunto se você já vendeu alguma arma em sua vida".

"Sim" Braden Granville se levantou e apontou um dedo acusador,enquanto sua voz profunda rolou através da sala como u trovão. É isso. É isso, precisamente. Eu vendo armas. Eu não me vendo. Eu não sou um gigolô. "

"Eu nunca disse que você era". Caroline assegurou-lhe toda ousadia fugindo, frente a essa explosão repentina. "Especialmente considerando o fato de que eu nem sei o que isso significa".

"Um gigolô",ele disse devagar e distintamente, "é um homem que faz amor com uma mulher por ganho financeiro. É o masculino equivalente a prostituta".

Caroline pestanejou. Ela estava acostumada, é claro, com linguagem chula, tendo gasto uma exagerada quantidade de tempo escutando escondida o irmão e seus amigos, Mas nunca antes tiveram linguagem chula atirada em sua direção.

E então, de repente, Caroline percebeu porque Braden Granville estava com tanta raiva.

"Oh", ela arfou "Você não acha" –

Ele olhou furiosa e friamente para ela, de onde ele estava, atrás da escrivaninha. Oh sim, ela disse a si mesma, ele achava.

"Eu te garanto" ela disse,com toda dignidade que conseguiu reunir com as suas bochechas ficando inteiramente carmesins "que você está enganado. Eu decididamente não vim aqui para pedir para você para... para... fazer aquilo".

Ela parou, sem fala, com embaraço.

Não era como se, ela disse a si mesma, enquanto se sentava, sentindo o rubor ardente desagradavelmente em seu rosto, isso lhe desse uma pitada de coragem eu ela possuía, somente para caminhar até a porta da frente do escritório de Braden Granville. E não era como se ela tivesse ficado acordada por horas na noite anterior, perguntando-se se realmente estava fazendo a coisa certa. Porque enquanto ela estava quase convencida de que Braden Granville era a resposta para seus problemas com Hurst, ela nunca poderia – nunca em um milhão de anos –

Isso não importava. A cor que inundava suas bochechas explicava tudo isso. Não tudo, mas o suficiente para que atrás da escrivaninha Braden Granville parecesse relaxar um pouco. Um pouco da frieza tinha deixado aquele rosto – aquele rosto que parecia esculpido em granito – e ele tirou os punhos da escrivaninha. Ele saiu detrás daquela coisa desprezível e inclinou suas costas contra a frente dela e olhou para baixo com os braços cruzados em torno do peito... o que não a fazia se sentir muito melhor, mesmo com o vasto espaço entre eles ela se sentia um pouco vulnerável. Ele era, afinal, um grande e inflexível tipo de homem. De certo modo, ela havia conseguido expulsar aquele pequeno detalhe da sua mente, lembrando da noite em Dame Ashforth.

"Para ser honesto", ele disse, sua voz não mais um sussurro ou trovejante, mas em algum lugar entre elas "eu não estava certo sobre o que você quis dizer, Lady Caroline, mas agora que está claro que o que você queria dizer não era o que eu pensava que você queria dizer, eu acho melhor nós tentarmos de novo."

Então ele riu. Dela. Branden Granville riu dela.

O que a chocou não foi que ele fez isso – riu dela – mas o que ela sentiu quando viu aquele riso. Não foi como ela sentiu quando ele riu dela aquela noite em Dame Ashforth. Quase o oposto, na verdade.Quando ele riu dela agora, ela não colocou-o na mente como o diabo de maneira nenhuma. Tudo que ela conseguia pensar era que Braden Graanville era na verdade particularmente bonito de um modo obscuro – obscuro e imoral.

Bom Deus! Bonito? Braden Graville?

"Embora eu queira saber", ele continuou conversando aparentemente sem notar seu desconforto "que a minha relutância inicial não foi baseada em qualquer tipo de repugnância à ideia, mas particularmente chocado que uma jovem lady como você sugerisse esse tipo de coisa. "

Caroline olhou para ele furiosa. Ela dizia a si mesma que o que estava sentindo não era atração, de jeito nenhum! Não, era indignação. Ela estava espantosamente brava com ele, é claro. Porque,ele estava pensando que ela queria que ele fizesse amor com ela! Se ela estivesse querendo admiradores, ela poderia chantageá-los. O que não era o caso. Porque Caroline poderia ter qualquer homem que quisesse. Realmente, ela poderia.

Isso era o que ela supunha fazer com eles depois que ela dissesse o que não estava muito claro Isso foi onde ele entrou.

"Mas isso" ela ouviu o próprio lamento "é todo o problema".

Ele a observou com olhar zombeteiro da escrivaninha. Um olhar zombeteiro, ela ficou consternada em ver, tornava cada pedaço dele em sorriso. "O que é?"

"Todo mundo pensa que eu sou só isso. Uma jovem lady. Eu estou cansada de ser uma jovem lady." Qual era o problema? Ela já havia sido estúpida. Por que não deixar a humilhação ser completa? "Eu quero se uma mulher. Só que ninguém me diz como fazer isso."

Ele parou de olhar zombeteiramente e trocou por um olhar irritado. "Perdoe-me, Lady Caroline,se eu admitir que não estou lisonjeado que você venha a mim em busca de aulas de como ser mais feminina".

"Mas você não vê?" Caroline se inclinou para a frente em sua cadeira. "Thomas – meu irmão, – ele diz que você já teve mais amantes do que qualquer outro homem em Londres".

Branden Granville pareceu mais irritado do que nunca. Mas mesmo o olhar irritado, Caroline estava impressionada em ver, pareceu particularmente bonito nele.

"Bem, eu temo que você tenha de dizer ao seu irmão que as notícias das minhas proezas românticas são bastante exageradas" - ele advertiu.

"Mas você admite que já esteve com centenas de mulheres". – Caroline persistiu. "Bem, centenas é um pouco de...-

"Dezenas, então. Você já esteve com dezenas de mulheres pelo menos, não esteve? Aqueles olhos negros olhavam para o céu."Tudo bem". Dezenas. Nos fixaremos em dezenas".

"Bem, você deve saber alguma coisa então, do que torna uma mulher atraente para um homem."

"O que torna uma mulher atraente para um homem" Braden Grenville disse, observando-a. "você tem em abundância, Lady Caroline. Acredite e mim"

"Eu não acredito em você", disse ela, desconsiderando instantaneamente a

afirmação dele, como um tentativa e auxiliá-la. “Porque se isso fosse verdade”... se aquilo fosse verdade ela não teria descoberto seu noivo entre as pernas de Lady Jacquelyn Seldon. Mas ela não podia, é claro, dizer isso para ele. “Bem,confie em mim, isso não é verdade. Você não vê Mr Grenvile? Eu não quero uma esposa”.

Ele levantou um único olho castanho, aquele, ela não pode deixar de reparar, com a cicatriz. “Não?”

“Não. Bem, não só uma esposa” Era absolutamente horrível admitir aquelas coisas para um homem que ficava tão bem de casaco. Ela obviamente não tinha o olhado direito aquela noite em Dame Asforth, se ela pode pensar que ele era muito feio. Ela tinha levado isso longe. Não tinha outra alternativa senão continuar. “Eu também quero ser amante”. Ao primeiro olho castanho sujo de tinta preta, se juntou um segundo. “Uma amante”. Oh, Senhor. Por que ela?

“Sim”, ela continuou, resolutamente. “Esposa e amante, ao mesmo tempo, para o mesmo homem. Daquele jeito, você sabe,em que não há razão nenhum para ele se perder. Acha que é possível, Mr. Granville? Acha que é possível um homem amar somente uma mulher, se a mulher fosse esposa e amante para ele?”

Braden Granville abriu a boca e, em seguida, fechou-a novamente. Então ele disse ”É possível que aconteça. Em casos muito raros. Mas existem, creio eu, precedentes”

“Isso que eu quero” disse Caroline, sacudindo o dedo em direção a ele. “Isso que eu quero que você me ensine. Como posso ser tanto mulher quanto amante para o meu marido. Você acha que pode me ajudar Mr. Granville? Porque você é realmente a minha última esperança. Ninguém mais vai discutir isso comigo. "

“Bem”, disse ele, secamente. “Eu posso ver por que.” É um assunto um pouco sensível”. E você é um pouco...”

Ela ficou tensa. “Sou um pouco o que?”

“Bem, é só que você é um pouco...” A voz dele se esgotou.

Isso era muito pior do que ela tinha imaginado. Comum. Era isso que ele ia dizer. Ela sabia disso. Ela era um pouco comum para ser amante. Bom, melhor isso sair de uma vez. “Um pouco o que, Mr Granville?

“Não é uma coisa ruim” ele lhe garantiu, apressadamente. “É só que você é muito jovem”. Jovem? Ele achava que podia enganá-la? Ela sabia o que ele ia dizer.”Eu vou”, ela disse, rigorosamente “fazer vinte e um anos”.

“Mesmo?” ele pareceu incomumente surpreso com a informação. Você parece bem mais jovem. Essa é parte do problema.

Era isso. Estava na ponta dos seus lábios. Aqueles incrivelmente masculinos e de forma estranha, sensíveis, lábios.

“Qual o problema”? Caroline se chocou.

“Bem, só que você parece” – ele encolheu aqueles ombros fortes – um pouco

virginal para ser amante”

Virginal! Virginal! Bem,talvez não tão ruim quanto comum, mas... virginal?

Vendo a expressão horrorizada dela, ele acrescentou “Virgindade não é uma coisa ruim, Lady Caroline. Muitos homens, na verdade,requerem isso em uma noiva”.

“Mas não em uma amante” Caroline gemeu, querendo enterrar o seu rosto queimando nas mãos.

“Não, eu acho que não. Mas há alguns homens que preferem...”

“Certamente”, ela disse, com uma boa quantidade de amargura “homens que não se importam em provar suas calças antes de compra-las. E que tipo de tolice é essa? “Calças”? Braden Granville pareceu surpreso. “Quem disse alguma coisa sobre calças?” “Eu acho que você prova as suas antes de comprar. Jacquelyn Seldon não é exatamente do tipo virginal.”

Os olhos castanhos escuros de Braden Granville se ergueram de novo. “Eu acho” ele disse “que você acabou de difamar minha futura noiva”.

“Nós dois sabemos, Mr. Granville, que a futura noiva dificilmente é inocente. Caroline disse, ainda atormentada pela mancha virginal. “De fato, essa é a última coisa que ela é”. Ela não estava esperando por isso, então, quando ele se inclinou para frente de repente, seu torso largo bloqueando qualquer outra visão, e aqueles punhos grandes dele, estendendo a mão para segurar os braços da cadeira dela, efetivamente a pegando na armadilha ela soltou um pequeno uivo de surpresa. Ela olhou para cima e encontrou o seu campo de visão inteiramente preenchido pelo rosto furioso de Braden Granville.

E o rosto de Braden Granville,ela descobriu, não podia ser chamado de bonito quando estava transtornado de fúria.

“Diga-me – ele gritou com ela – diga-me com quem você a viu, ou, por Deus-“.

Por mais que ele a intimidasse – e agora, Calorine tinha decidido que Braden Granville a intimidava muito, na verdade: ela sentia como material inflamável no calor de sua fúria – Caroline não estava menos impressionada pelo fato de que tudo o que ela via atrás dela – o escritório luxuosamente mobiliado, no mais caro trecho de propriedades comerciais em Londres; as salas da frente ocupadas, cheias de empregados; mesmo o casaco impecavelmente cortado e a gravata intricadamente amarrada que ele usava, fora comprado pelo trabalho das mãos fortes ao lado das dela. Essa era uma coisa que podia ser dita de poucos homens das suas relações. Não era uma coisa que se podia dizer de Hurst, isso era certo. De fato, o único homem de quem isso poderia ser dito, além de Braden Granville, era do próprio pai de Caroline.

Mas isso não era razão, ela decidiu, para ele partir para aquele comportamento sem educação.

“Pelo amor de Deus, Mr. Granville” ela disse e ficou orgulhosa quando a voz

não estremeceu. “Eu não acho que neste caso particular,violência vai te dar o e você quer”. Ele liberou a cadeira dela tão de repente que um vento pareceu gelar todos os lugares que ele tinha queimado anteriormente, com a sua proximidade.

“Perdoe-me, Lady Caroline” ele disse em seu rosnado familiar, de costas pra ela, as mãos no bolso, como se para mantê-las imóveis. Ele parecia estar tentando recuperar a compostura. Caroline recebeu com prazer a breve pausa daquela penetrante e obscura contemplação. Isso deu-lhe a chance de recuperar o fôlego Mesmo um ato tão simples como respirar parecia, por alguma razão, muito difícil para ela toda vez que Baden Graville estava por perto.

“Tudo bem Mr. Granville.” ela disse, esperando que o alivio pelo fim da tempestade não transparecesse em sua voz. “Foi minha culpa. Eu não devera ter dito nada tão... inflamatório sobre sua noiva”.

Ele se balançou em direção a ela, e desta vez ele estava com a expressão contrita, não furiosa. Mais surpreendente ainda tinha sido a constatação dela de que a contrição transformou Braden Granville. Suas feições se suavizaram, de maneira que ele passasse por bonito, - não de maneira comum, cabelo loiro, olhos azuis, como o Marquês de Winchilsea – mas de um jeito mais rude e físico.

“Parado” Caroline disse. Contra a vontade dela mesma, ela se moveu. Quem teria pensado que o “grande” Granville seria capaz de tal humilhação? Não ela.

“Você tem o direito de estar zangado. Você ama sua noiva”, ela disse, em uma voz gentil. “do mesmo jeito que eu amo o meu noivo e eu tenho certeza que te machuca ouvir que ela é infiel.”

Ele interrompeu, um pouco secamente, considerando sua emoção recente. “Você mencionou seu noivo. Ele não faz, eu acho, nenhuma ideia de que você veio até mim com essa... interessante proposta?

O queixo de Caroline caiu. “É claro que não”.

“Não”. Ele acenou com a cabeça. “Eu pensei que não. Eu pensei que a razão pra qual você quer essa informação horrenda, é que você quer usa-la com ele”;

“Bem” Caroline disse. “É claro. Com quem mais?”

“Com que mais?” Braden perguntou de maneira pensativa. “E eu também acho, Lady Caroline, que dificilmente ele ficará feliz quando souber o que você fez”.

“Oh, mas ele não vai. Saber disso, quer dizer. Eu certamente não direi a ele. E eu confio que você, sir, será discreto”.

“Ah” Braden Granville disse. “Mas o que você vai dizer quando ele perguntar onde você adquiriu todo esse conhecimento”?

“Simples” Caroline interrompeu, dando de ombros. “Eu vou dizer a ele que aprendi isso tudo em um livro.”

“Num livro”. Braden Granville repetiu, como se não acreditasse nela.

“Sim, num livro. Tem vários livros, eu acho. Eu nunca li um, mas Tommy me disse que viu um em Oxford –”

“Seu irmão”, ele resmungou, tirando as mãos dos bolsos e começando a ficar impaciente, “fala demais. Mas não era isso que eu queria dizer. Quero dizer, o que você acha que seu noivo vai pensar quando você informa-lo que está agindo como amante em meu beneficio para rompimento do compromisso com Lady Jacquelyn Seldon?

Ela bateu nos lábios. Esta era, é claro, uma coisa sobre a qual ela tinha pensado muito. Hurst não ficaria feliz com isso. Não mesmo. A ideia de sua esposa – ela tinha quase certeza de que seria sua esposa quando os testes começassem, visto que, os casos da corte se moviam muito devagar – fazer parte de algo tão escandaloso,ia, com, certeza, horrorizar Hurst.

Mas o fato de que ia testemunhar contra a amante dele... bem, isso ia ser interessante, para dizer o mínimo.

Mas isso parecia muito longe. A data da corte de Braden Granville – por tudo que ela sabia ela poderia não chegar nunca. A sua esperança era de que, quando isso acontecesse, ela tivesse Hurst bem na mão, louco por ela, como ele deveria ser, e perfeitamente torturado pelo pensamento de que ele pudesse ter sequer olhado para Jacquelyn Seldon.

Isso, pelo menos,ela disse a si mesma. Para Braden Granville ela disse uma coisa um pouco diferente:

“Mr Granville você não deixando a reputação de Don Juan ou de homem de negócios. Deixe-me tratar dos detalhes preocupantes como o que eu vou dizer para o meu noivo...

ou como eu sinto a responsabilidade de dividir o que eu sei com a corte. Hurst entende que frequentemente eu ofereço meu tempo em causas de caridade. Isso não é diferente”. Caroline tentou manter um ar de indiferença casual. Ela não queria que Braden Granville visse o quão preocupada pensar no depoimento a deixava. Sua mãe, ela sabia, ficaria furiosa com ela, e Hurst não ia gostar disso – no mínimo. Mesmo se ela dissesse para sua família o que pretende dizer na corte – que o rosto do homem em questão tinha se afastado dela – Hurst vai sempre perguntar se ela já sabia. Como ele poderia ajudar sem perguntar?

Mas, talvez, ela pensou, uma perguntinha fizesse bem a ele.

Quando Braden Granvile não disse nada por um tempo, pensando muitas vezes ela pensou nele no verge de fazer aquilo – Caroline finalmente disse, hesitante. “Então vai me ajudar Mr. Granville? Em troca da minha ajuda?

Braden Granville, parecendo pensativo, caminhou em direção a uma das altas janelas do outro lado da sala. Ele ficou lá por um momento, aparentemente admirando a vista, e Caroline, em pé atrás dele, fazia o mesmo. Porque, verdadeiramente, Braden Granville tinha uma psique muito impressionante. Raramente Caroline via costas tão largas e poderosas, ombros tão largos, tantos músculos, nos círculos por onde ela viajou. Nos ferreiros, talvez, quando levou seus cavalos para calçar. Ou na guarda da cavalaria, quando a pastagem se

recuperou e a aveia estava sendo repartida por meninos da cocheira fortemente armados.

Mas então, Braden Granville, como o marquês tinha lembrado a ela tão asperamente naquela noite em Dame Asforth, não era um deles. Ele era um estranho e ia sempre ser mesmo se – especialmente se – se casasse com a filha de um duque.

"Se o seu noivo te amar de verdade, Lady Caroline" Braden disse, em se virar da janela, e falando numa voz que era tão baixa, que ela teve de se inclinar para frente para conseguir ouvir "então, eu me sinto obrigado a informar você de que nada que eu a ensinar será de nenhum uso. Como você deve se considerar inábil na cama, ele só te achará encantadora , se ele amar você Mas se". Aqui a voz perdeu toda a suavidade e tornou-se forte como rocha de novo – "se ele só está casando com você por dinheiro – "

Caroline engoliu a respiração. Realmente, isso está ficando pior e pior! Certamente o homem quer ser um gênio, mas por que ninguém perdeu tempo em dizer que ele era também um leitor de mentes?

"É?", ela perguntou, tentando não parecer tão ansiosa. "O que acontece?"

Ele se virou para olhar para ela. A brilhante luz do sol, torrencial lá fora, colocou o seu rosto na sombra. "Então, Lady Caroline, nada do que você faça ou diga mudará isso. Você não pode forçar alguém a se apaixonar por você. Oh, você pode atormentá-lo por um tempo. Você ganhar o respeito dele, até admiração. Mas amor... verdadeiro amor... É muito pouco encontrado e menos pessoas são capazes de segura-lo quando elas o encontram."

Ela olhou para ele se sentindo estranhamente vazia. Ele pareceu tão triste, tão... fatalista. Esse poderia ser o homem que Thomas admirava tanto, o grande Braden Granville, o homem que não podia cometer erros? Braden Granville, tornando-se eloquente no mistério do amor? Branden Granville, a quem nada nem ninguém podia parar, dizendo a ela para desistir?

Bem, ela não ia desistir. Ele poderia estar com vontade de abandonar a sua noiva, mas ela não tinha esse luxo. Como poderia deixar Hurst – agora, com os convites já enviados e mais presentes chegando a cada dia? Todo mundo ia acha-la a garota mais ingrata do mundo, abandonando o homem que fez tanto por seu irmão, por sua família. Verdadeiro amor.O que Braden Granville sabia de verdadeiro amor? Nada. Nada muito sangrento. Isso, ela a dizer isso. Bem, para si mesma, pelo menos. Não muito sangrento, com a sua própria noiva, zombando dele por toda Londres... como Hurst tinha zombado dela, com palavras de afeto que ele sussurrava no ouvido, a mão secreta segurando por debaixo da mesa, todos aqueles beijos...

Aqueles beijos não queriam dizer nada. Nenhum. Bem, ela faria terem significado. Vamos ver se não.

Ela ergueu o queixo, preparando-se para dizer a Braden Granville exatamente

o que ela pensava da sua investigação sobre amor verdadeiro,quando alguma coisa na expressão dele a silenciou. Ela sabia mesmo antes de perguntar: “Você não vai me ajudar, vai, Mr Granvlle?”

“Não” ele disse gentilmente. Ela não poderia dizer o que ele estava sentindo. Ele poderia também estar recusando um chá, com o rosto tão impassível. “Eu estou extremamente agradecido, Lady Caroline” ele continuou “por sua mais que generosa oferta, mas eu prefiro não arrastar isso de preferência... situação espalhafatosa entre mim e minha noiva Você é jovem lady muito respeitada e seria injusto permitir que você manche a sua reputação por minha causa. Então, eu espero que você entenda quando eu digo que temo não poder aceitar os seus termos.

Ela arrumou o queixo. “Eu entendo” ela disse, tranquilamente... na verdade ela parecia muito mais estar chorando. Parada, ela guardou de volta as lágrimas e continuou, bravamente; “Bem, isso é ruim. Especialmente porque, até onde eu sei, a única pessoa na Inglaterra com mais experiência com mulheres do que você Mr Granville, é o Príncipe de Gales, e eu não tenho certeza se ele vai me receber.

E então, de cabeça erguida, ela se virou e deixou o escritório

Capítulo 9

E ela se foi.

Da mesma forma inesperada com que apareceu, ela se foi. E Branden foi deixado se perguntando se tudo o que ocorreu enquanto ela esteve ali tinha, de fato, acontecido. Aquela jovem senhorita, aparentemente sem maldade alguma, tinha mesmo lhe perguntado se poder ensinar-lhe a fazer amor? E ele, de fato, tinha realmente dito que não?

No que, em nome de Deus, ele estava pensando?

E ele continuou se fazendo esta mesma pergunta enquanto Weasel entrava no escritório, em seu rosto uma expressão fracassada, de quem tem que tolerar seriíssimas questões, mas quando o secretário disse:

- Eu tenho todo de mandar nela! Ela é minha subordinada! Não sei como tivemos tanta má sorte ao escolhermos Violet. Você devia mandá-la embora. Praticamente se transformou em uma anarquista com sede de sangue como todo o poder que ganhou depois de toda essa tolice! - Braden levantou-se do mesmo lugar por onde esteve congelado desde que ela deixou a sala. Ele tinha assistido a garota atravessar a rua e entrar em sua elegante carruagem, uma despretensiosa engenhoca, com um conjunto de cavalos cinza com um aspecto bastante saudável puxando-a. E, enquanto a carruagem se afastava, ele estancou naquele lugar de onde havia acabado de se levantar.

Agora, mesmo depois da carruagem ter-se ido, ele ainda não havia conseguido parar de sentir a presença dela na sala. Não que ele pudesse sentir o cheiro dela, como acontecia com Jacquelyn, que, a qualquer lugar que fosse, o cheiro de seu enjoativo perfume de essência de rosas poderia ser sentido, assim como suas delatoras peças de plumagem flutuante.

Mas não era aquilo. Era um ligeiro toque de alguma coisa... Alguma coisa completamente diferente do que ele sentiu assim que ela entrou na sala, como ondulações em um lago, após uma pedra ter sido atirada nele.

Não foi particularmente uma conclusão, esse sentimento de que uma mulher continuava na sala estava lá, de qualquer forma.

- Então - Weasel se jogou no sofá de couro e pegou um cigarro no bolso de seu colete. - O que ela queria, afinal? - Braden sacudiu a cabeça.

- Você não acreditaria, se eu te dissesse - Weasel estalou a língua.

- Ela não te pediu que atirasse em alguém, pediu?

- Certamente que não. Ela é completamente contrário à qualquer tipo de violência, principalmente as que envolvem pistolas.

- Oh, menos mal - depois de ter lambido cuidadosamente o cigarro, Weasel colocou na boca e o acendeu - Bem, ela se parecia comigo, quando eu devia à Snake algumas libras - Weasel expeliu a fumaça de seu cigarro - Eu aposto que foi por isso que ela veio! *O que ela queria, afinal?* E você daria qualquer coisa, caso ela dissesse o que o tinha visto numa cena comprometedora.

- Na realidade, - Braden disse, pensativamente - Ela disse ter visto Jacquelyn numa situação comprometedora com um outro homem - Weasel alegrou-se.

- E tem um nome pra você?

- Ela disse que sabia.

- Então... - Weasel disse, lentamente. Para um estranho, a conversação poderia soar como se estivessem conversando com alguém completamente obtuso, mas isso não era um termo a ser aplicado, quando se colocava em questão a agilidade mental de Braden Grandville estava envolvida. weasel estava falando devagar porque tinha aprendido, através dos anos, que o melhor era ter bastante cuidado com as palavras quando Dead-Eye estava com um humor, como o que parecia estar naquele exato momento. - Quem era?

- Ela não me disse.

Braden observou que a hora do chá estava se aproximando, ao ver que o fluxo de pedestres na Bond Street estava diminuindo.

- Ela não te disse? - Weasel encarou o amigo, incredulamente - Por que diabos não disse?

- Ela disse que não quer que eu atire nele - Braden disse - porque não quer uma morte em sua consciência.

- Então, o que diabos ela veio fazer aqui?

- Ela disse que estava disposta a comprovar que, se eu desistisse do meu casamento e Jackie quisesse promover ações judiciais, ela poderia comprovar que a viu com outro homem. Tal homem que, certamente, não era eu - Weasel tirou o cigarro da boca e assobiou, baixo e longamente.

- Jackie deve ter feito algo realmente ruim à ela, já que estava tão irritada.

- Não é isso - Braden disse, suavemente - A senhorita nada tinha contra Jackie, pelo o que eu pude perceber. Ela estava apenas desejosa de comprovar isso em troca de uma recompensa - por pouco não ouviu o palavrão que Weasel deixou escapar.

- Quanto ela quer?

- Oh, não é dinheiro que ela quer, Weasel - O mais velho sacudiu a cabeça.

- O que, então?

- Ela *me* quer - Braden disse, ainda sem saber se acreditava completamente nisso - Quer que eu lhe ensine a fazer amor - Weasel começou a tossir incontroladamente. Ele começou a arrancar o cigarro da boca e começou a sufocar até que Braden, apressadamente, lhe deu um copo de whisky e outro com água.

- Obrigada - ele disse, pegando o copo de cristal e engolindo o seu conteúdo em um único e rápido gole. Em alguns instantes, foi capaz de perguntar:

- Você está falando sério, Dead? A garota que estava aqui? A que estava usando luvas? Ela quer que você...

- Aparentemente - Braden pensou que, talvez, o whisky ajudasse, de alguma forma. Consequentemente, ele engoliu todo o conteúdo do copo de cristal, porém não achou que tivesse o ajudado; seus pensamentos continuavam dando voltas. Ele estava tendo uma dificuldade poderosa de pensar corretamente desde que Caroline Linford lhe tinha feito aquela proposta.

O que ele estava dizendo? Ele estava encontrando dificuldades pra pensar desde o momento que ela entrou na sala. Ainda assim, não havia como negar que aquelas palavras.

- O *que eu preciso para que você me ensine como fazer amor?* - o tinham atirado em um redemoinho de confusão.

Não que ele não tivesse recebido propostas assim antes, mas Caroline Linford foi à única que usara as palavras *ensinar-me como*

Certamente, havia algo de inconfortável no fato de que ela havia falado claramente - não desde o inicio, mas ele logo percebeu que ela também pulou a conclusão - que ela não queria, na realidade, fazer amor com ele. Não, aparentemente, ela queria que ele apenas a ensinasse como *fazer*. Era sua primeira experiência - e última - como mulher que queria tal coisa.

Não era como se todas as mulheres se sentissem atraídas por ele - somente homens com aparência iguais ao do marquês de Winchilsea tinham essa sorte. Mas, de qualquer forma, ele não não era, tradicionalmente, tão bonito e elegante como alguns outros nobres, mas havia algo em Braden Grandville que atraía muitas mulheres para si, as quais eram muito sortudas, porque ela sempre gostou verdadeiramente de mulheres. Até Jacquelyn.

- Não pode ser - Weasel disse, repentinamente, interrompendo as conjecturas de Braden -

Não faz o tipo dela - Braden piscou para o amigo.

- Desculpe?

- Que lady Caroline não é desse tipo - Weasel disse novamente - Quero dizer, eu posso não conhecer muitos, mas eu sei quando vejo um. Ela é, como costumávamos chamar no Dials, mulher de um homem só. Se lembra?

- Desde que crescemos, eu me recordo vagamente de ter encontrado mulheres que se encaixem nessa categoria. Mas eu cheguei à conclusão de que a fidelidade tenha perdido um pouco a sua atração ultimamente.

- Não em garotas como ela - Weasel insistiu - Ela é excelente! - Excelente. Braden sorriu. Lady Caroline Linford era excelente, afinal. Ele recordou-se da última vez que usou tal palavra, quando falava algo sobre o Príncipe de Gales. E ela, logo em seguida, fez um comentário sarcástico, evidentemente, inconsciente

de que não haveria possibilidade de que ele tomasse como uma ofensa qualquer coisa pronunciada por tão angelical boca. Ela deveria, pensou consigo mesmo, ter problemas para disciplinar criados, visto que nenhum deles deveria se sentir intimidado por ela.

Completamente diferente de seu noivo, que podia - e, ocasionalmente, fazia -, assustando quaisquer empregados com simples olhar.

- E Jackie? - Braden perguntou ao seu secretário, apenas para escutar o que ele tinha dizer.

- E ela, Badge?

- Você sabe muito bem qual é o tipo de Jackie - Weasel disse, em um rosnado - Bem, aquela era a verdade. Ele sabia perfeitamente bem em qual grupo Jacquelyn se encaixava, ou assim pensava.

Quando estava por volta dos trinta anos, não muitos meses atrás, pareceu-lhe extremamente lógico que começasse a pensar em se casar e gerar herdeiros. Os problemas, é claro, começaram quando ele iniciou sua busca por uma noiva apropriada.

Desde que Braden Grandville se tornara o que era, um grande homem de negócios, era essencial que encontrasse uma esposa quem, não somente fosse uma ótima mulher e esposa, como também uma anfitriã adequada, alguém quem pudesse compartilhar gentilmente fofocas com as outras mulheres de outros homens ricos, frequentemente, entretendo-as.

Alguém, de preferência, que possuísse a mesma classe social que tais mulheres, ou que pudesse estar sempre com elas e, em seguida, saísse falando mal das mesmas pelas costas, como muitas mulheres, pelo que Braden Grandville conhecia, faziam.

Dessa forma, ele rejeitava, absolutamente, todas as candidatas que haviam sido suas vizinhas. Nem poderia, já que logo encontrou insuportáveis falhas em cada baile que frequentava, na busca por uma esposa: as tagarelices, que apareciam perto de si toda vez que ele se aproximava de uma senhorita, bem como os sorrisos afetados das mesmas e as claras intenções das mamães em seu dinheiro e não em si mesmo, eram repugnantes para o rapaz.

Mas em lady Jacquelyn Seldon - a linda, confiante, a eloquente Jacquelyn - ele acreditou que havia encontrado a alma gêmea.

Ela vinha de uma família com títulos já antigos e importantes conexões sociais, porém, sem dinheiro. Enquanto ele, que tinha todo o dinheiro do mundo, não tinha nenhum título e péssimas conexões sociais, se é que elas existiam.

Eles formavam, segundo Braden pôde supor, um par perfeito, ainda mais pelo fato de ambos serem atraentes e Jacquelyn não ser afetada pela enorme moralidade que quase sufocava as outras mocinhas de sua idade, o que era completamente desagradável para ele. Ela sempre teve, desde o momento que tinham se conhecido, estado perfeitamente desejosa de erguer suas saias e atirar

suas pernas envolta dele, um costume completamente atraente em uma pessoas cuja qual ele pretendia passar o resto de sua vida.

Mais tarde, certamente, ele começou a perceber que esse hábito de Jacquelyn não era, necessariamente, reservado somente para sua apreciação. Tão tarde quanto ele percebeu a razão pela qual Jacquelyn acreditava poder escapar com esse comportamento, quando entrou chegava, inesperadamente, à casa de Jackie e ia entrando em seu quarto, sem ser anunciado, e ouviu uma conversa da moça com a mãe, que dizia: *Se Grandville é tão genial como dizem, por que eu o vi usando um talher de peixe para passar manteiga em um pãozinho ontem à noite?*

E um homem que confiaria um homem como aquele que ela havia acabado de descrever, provavelmente, não suspeitaria, de modo algum, que uma lady tão refinada como ela, soubesse qualquer coisa de sedução. Quão injusta ela tinha sido! E como ele desejava provar isso pra ela!

Enquanto isso, seu noivado com a filha do duque de Childes continuava trazendo-o inquestionáveis benefícios, dentre eles, o endosso* que o Príncipe de Gales estava lhe proporcionando. Não que Braden acreditasse que estava ganhando-o por seus próprios méritos, mas suas conexões com Jacquelyn, cujo pai era, há um bom tempo, o conselheiro do príncipe, não tinha o magoado, de qualquer forma.

E, é claro, havia fatos que o próprio pai estava nas nuvens de prazer com a perspectiva de que tivesse netos de sangue azul. Indubitavelmente, quaisquer netos deixariam Sylvester deliciado, mas, dada sua obsessão com linhagem, o fato de que seu filho pudesse produzir um herdeiro com uma descendente de um duque, estava deixando Sylvester mais excitado do que qualquer máquina voadora ou poção invisível já o tinham deixado.

Mas os benefícios, isso Braden já havia descoberto, não eram tão bons a ponto de ultrapassar as desvantagens de estar casado com lady Jacquelyn.

- Então... - Weasel disse, dobrando suas mãos atrás da cabeça. - Quando será a primeira lição? - Braden observou as solas dos sapatos de seu secretário, que colocou os pés por sobre a mesinha de centro em frente ao divã, onde havia se sentado.

- Não haverá lição alguma - ele disse, sucintamente - E tire seus pés daí. É uma ótima madeira - Mas Weasel já tinha se endireitado no divã onde estava, deixando seus pés caírem ao chão.

- Não terá nenhuma... Dead, você deu o fora nela?

- Mas é claro que dei o fora nela! - ele se virou, em direção à janela - Pelo o que você me toma?

- Por um tolo extremo! - Weasel respondeu, prontamente.

- Não - Braden disse, continuava encarando o tráfego indo e vindo em frente aos escritórios - Não sou um tolo - Um tolo aceitaria a oferta dela. Aceitaria e encontraria, dentro de si mesmo, mergulhando cada vez mais e mais

profundamente naqueles olhos transparentes. Olhos de onde um homem não escaparia, uma vez que tinha se afundado neles.

- Sim, um tolo! - Weasel levantou-se e começou a marchar em frente do divã onde estivera. - No que você estava pensando? Lady Caroline Linford, com suas pequenas e brancas luvas e sua sombrinha poderia, perfeitamente, ser uma testemunha na sua ação contra Jackie!

- Estou ciente disse - Braden disse, rudemente.

- Então por que você a deixou ir? - Weasel estava praticamente gritando.

- Eu pensei que isso estava bem óbvio - Braden começou, enquanto deslizava suas mãos pra dentro dos bolsos de sua calça e continuava com seus ombros encurvados - Eu a vi.

- Maldito seja! *Eu a vi!* - Weasel disse - Eu te disse! Ela é fantástica!

- Eu sei - Braden começou - O tipo de garota que está sempre com uma dama de companhia. Mas ela vai se casar com aquele idiota do Hurst Slater, porque, aparentemente, ele salvou a vida do irmão dela. Ela é impossivelmente nova, não que eu me importe com a idade, de qualquer forma - Compreensão clareou as faces de Weasel, que encarou Braden, boquiaberto.

- Ela é virgem?

- Bem, obviamente que ela é virgem - Braden lhe enviou um olhar que cintilava irritação - O que você pensa?

- Eu te direi o que penso - Weasel respondeu prontamente - Eu penso que você está assustado - Braden lhe enviou uma arqueação de sua sobrancelha falhada. Geralmente, esse gesto tinha um efeito de silenciar toda e qualquer conversa que estava acontecendo. Infelizmente, aquilo nunca surtia tal efeito em Weasel.

- Não use o truque da sobrancelha comigo! - Weasel disse, impetuosamente - Admita! Você está assustado porque nunca teve uma antes. Uma virgem, digo - Braden rolou os olhos.

- Pelo amor de Deus, Weasel - ele disse - Ela não me queria fisicamente, apenas queria que eu a mostrasse como... Você sabe. Ela pediu que eu somente a dissesse... - foi interrompido pela uma gargalhada barulhenta de Weasel.

- Não é engraçado - Braden respondeu, com uma carranca.

- Oh - Weasel chorava, apertando o estômago - mas é claro que é, parceiro! Claro que é! Você é capaz de correr atrás de um traidor e socá-lo, mas não tem a mais pálida ideia de como ter um momento mais intenso com uma boa mulher, não é? - humilhado, mas não completamente insensível diante do humor da situação, Braden esperou até que seu secretário voltasse ao normal antes de perguntar:

- Bem, se isso é verdade, por que eu sou conhecido como o libertino de Londres e você é apenas o Weasel? - ele apenas limpou as lágrimas de risada das extremidades dos olhos.

- Seu sucesso com o sexo frágil sempre foi muito superestimado, na minha

opinião.

- Oh, você acha? - Braden disse, lentamente - Bem, eu nunca tinha ouvido falar de virgens que se atiravam à frente, pedindo para educá-las por entre os caminhos do amor - Weasel bufou.

- Eu não tenho tempo para correr atrás de cada beldade que passa pelo meu caminho. Eu ficou muito ocupado tomando conta de cada correspondência sua e correndo atrás de seus muitos negócios.

- É isso que você faz durante todo o dia? - Braden inquiriu, suavemente - Eu sempre imaginei que você estivesse, geralmente, nas mesas de jogos, apostando o dinheiro que eu trabalho arduamente para conseguir.

- Não tente mudar de assunto! - Weasel resmungou, tentando, claramente, desviar o assunto de seu interesse particular, para seu patrão. - Você deu um tiro certeiro quando ganhou Jackie, Dead e, agora, você está com medo.

- Por agora - Braden disse, calmamente - Mas isso não quer dizer que eu tenha guardado minhas armas.

- Mas lady Caroline Linford, Dead - Weasel insistiu - Você não poderia pedir uma testemunha mais acreditável!

- Talvez não - ele disse - Mas eu não quero metê-la nisso. É um negócio sujo, e isso não é lugar para garotas como Caroline Linford - Tentando bloquear a lembrança de seus olhos acusativos, ele arrumou os ombros e disse, em tom confidencial - Nós vamos pegar Jackie em seu devido tempo. Guarde minhas palavras - Weasel o encarou, irritado.

- Eu, sinceramente, espero que sim. É a minha noite de segui-la e eu devo lhe dizer, Dead, eu estou começando a ficar cansado de espreitá-la, esperando pegá-la com o tal sujeito. Por que você, simplesmente, não dá um fim nesse casamento, presenteie-a com uma pilha de dinheiro e acaba logo com isso? Se você pagar-lhe o suficiente, tenha certeza de que ela não irá lhe delatar para os advogados - Braden estava começando a ficar cansado de explicar a razão daquela ação, ou não-ação, como estava acontecendo.

- O princípio da coisa, Weasel! O princípio da coisa! Por que eu deveria pagá-la para ela fazer de mim um belo de um marido traído?

- Cristo, Dead! Você tem dado à ela uma pequena fortuna para ela comprar o enxoval! Por que não dar mais uns poucos milhares? - Braden balançou a cabeça.

- Você não entende. O enxoval, o anel... Tudo isso está no contrato e ela não poderá guardá-los se o contrato não for assinado, que é o que irá acontecer - sua expressão endurecia lentamente - Você me acusou de não saber nada dos encantos femininos. Isso pode até ser verdade, mas eu sei muito sobre os encantos que seduzem Jacquelyn Seldon. Ela pensa que só porque eu cresci no Dials, - só porque eu adquiri minha fortuna recentemente, só porque eu a ganhei instantaneamente, lutando por ela e, diferentemente do método usado por todos

que ela conhece, que é herdar a fortuna dos outros - sou um tolo.

- Ela pensa que só porque eu nasci e cresci sendo pobre, ela pode brincar comigo como faz com aquela harpa que toca, prolongando as partituras, arrancando algumas cordas...

Bem, eu vou provar que ela está errada, e quando eu fazê-lo, logo que eu tenha alguma prova melhor do que ela beijando um estrangeiro sem rosto, quando ela estiver saindo de sua casa no meio da noite.

- Eles o viram! - Weasel disse - Eu te disse que eles o viram! Ele é tão escorregadio como um gato! É como se fosse um fantasma, ou algo do tipo - o secretário forçou uma risada. - É problemático que ele não esteja trabalhando para nós, huh, Dead? Pense! Ele, quando estivemos em uma espécie de negócios obscuro, se você entende o que eu digo... Nunca teríamos sido pegos se o rapaz de Jackie estivesse do nosso lado! Já pensou nele trabalhando para um de nossos concorrentes? - Braden não devolveu o sorriso.

- Nossos concorrentes - ele disse, severamente - são os americanos, está lembrado? Uma companhia chamada Colt. Nós estamos falando do lado certo da lei agora, meu amigo - Ele voltou a se virar na direção da janela - E quanto ao amante de Jack ser um fantasma, - prosseguiu, sua voz não era nada, senão um murmúrio descontente - nós sabemos que não é verdade, pois Caroline Linford o viu.

Capítulo 10

"Mas," Lady Bartlett disse, "Peters disse que esperou por você quase uma hora."

"Oh, mãe." Caroline se inclinou contra a balaustrada da sacada, examinado a multidão através de seus óculos de opera. "Não é nada, certo? Apenas um serviço. Eu digo Lady Rawlings esta parecendo particularmente rechonchuda esta noite. Ela pode estar esperando outro bebê? Quantos são até agora? Meu Deus parece que ela esta tentando dar para a rainha um período de dinheiro."

"Eu irei te agradecer, miss," Lady Bartlett disse, acidamente, "se você guarde seus comentários sobre a rainha e o habito dela de fazer bebês ate você ter produzido seu próprio bebê. E pare de espiar as pessoas através dessa coisa. Eles são para ver o show, não o publico."

"Isto é lastimável." Caroline abaixou a mãe-de-perola e os óculos dourados, e se virou para Emily Stanhope, que estava sentada na cadeira ao lado delas. "Lord Swenson tingiu seus cabelos. Não tenho mais duvida. Ninguém tem cabelo tão preto. Ninguém."

"Exceto talvez um egípcio," Emily concordou. "E Lord Swenson definitivamente não é egípcio. Todas essas pessoas vêm do Surrey."

"Um serviço?" Lady Bartlett, em assento atrás da filha, não deixava passar. "Que tipo de serviço leva uma hora inteira? E no escritório de Braden Grandville, para completar? Eu simplesmente não entendo isso."

"Oh, serio, Ma," Caroline disse, levantando os óculos de novo, e olhando com eles as pessoas sentadas abaixo. "Peters esta exagerando. Não levou mais de vinte minutos." "Mas o que você estava fazendo no escritório de Braden Grandville em primeiro lugar?" Caroline abaixou os óculos de opera e rolou os olhos para Emily, que se virou com um sorriso forçado. "Eu te disse, Ma," Caroline disse pelo que parecia ser a centésima vez. "Eu queria comprar para Tommy uma dessas novas armas. Você sabe esta que esta em todos os jornais. Eu queria que fosse surpresa. Você sabe, pelo aniversario dele."

"Uma arma?" Lady Bartlett estava horrorizada. "Para Tommy? Caroline! Você? Eu não acredito nisto."

Emily, ao lado de Caroline, começou a rir dissimuladamente. Caroline lhe deu um chute rápido no tornozelo, e a risada se tornou um uivo de dor.

"Você sabe que ele esta voltando para a escola no outono, Mãe," Caroline explicou, " eu acho que ele deveria ter algo para se proteger. Oxford obviamente não esta tão segura como antigamente, e Grandville-"

“Eu não gosto disto.” Lady Bartlett se abanou energeticamente. Ela estava vestida com um de seus mais novos vestidos, um elegantemente cortado criado em um cetim vermelho brilhante, com rosas reais penduradas na manga. Seu filho, vendo-a, tinha tido a impertinência de perguntar se ela estava certa de que iria somente a opera, e não atuar nela, um lembrete que fez Lady Bartlett ficar de mau humor o qual ela ainda sofria.

“E eu devo dizer, eu estou surpresa com você Caroline.” Lady Bartlett balançou a cabeça até seus cachos balançar. “Você sempre foi uma voz ativa contra a violência. E agora de repente você esta dizendo que tudo bem…”

“Para se defender,” Caroline apontou. “Isto é tudo.”

Sua mãe, entretanto, não estava escutando. “E Braden Grandville, entre todas as pessoas,” ela continuou. “Você tinha que ir ver Braden Grandville sobre isso. Bem, ele não gosta da gente, você sabe Caroline, ao contrario do que Tommy possa pensar.” Lady Barletlett sempre adquiria uma caixa toda à estação, assim ela podia sentar e falar de qualquer um que ela quisesse, sem o medo de ser ouvida. “Ele nasceu pobre, e você sabe o que eles dizem...”

“Você pode tirar um homem da lama, mas você não pode tirar a lama do homem.” Caroline e Emily gesticularam com os lábios junto com Lady Bartlett, desde que elas nasceram, escutam o pronunciamento dela frequentemente. Depois elas se olham e explodem em uma gargalhada.

“Isto realmente não faz seu tipo, Caroline,” Lady Bartlett continuou, ignorando as meninas, “comprar uma arma para seu irmão. Uma arma! E se ela disparar acidentalmente e no final acertar ele?”

“É por isso que estou comprando com Grandville,” Caroline disse, quando ela conseguiu respirar novamente. “Elas supostamente são mais seguras-“

“E eu não estou convencida,” Lady Bartlett continuou, severamente, “que Tommy deve voltar para escola no outono. Eu não acho que ele deva frequentar uma instituição onde os alunos não estão seguros para andar nas ruas á noite. Você sabe o que Dr. Pettigrew disse. Tommy não pode se excitar desnecessariamente. Qualquer tensão no coração dele pode potencialmente ser perigosa para ele-“

O cotovelo de Emily Stanhope bateu no braço de Caroline. “Olhe,” ela sussurrou, urgentemente, quando Caroline, esfregando o braço, se virou para ver qual era o problema. Caroline seguiu o olhar da amiga, e viu, na cabine do outro lado da delas, um rosto familiar. Ela instantaneamente levantou os óculos de opera para seus olhos, e observou através deles.

Era Braden Grandville, tudo bem, parecendo absurdamente imponente para alguém que estava vestido apenas com roupas de noite, a mesma que todos os outros homens do local. Porque nele, entretanto, o onipresente casaco preto aparentava fazer os ombros dele parecem maiores? Ele deve, Caroline decidiu ter um excelente costureiro.

Bem, e porque não? Ele tinha tudo o que o dinheiro podia comprar. Incluindo, aparentemente, a habilidade de descobrir a identidade do amante da sua noiva sem a ajuda de Caroline, muito obrigado.

"Olhe para ele." Emily, para quem Caroline tinha relatado a verdade do que realmente ocorreu enquanto Peters esteve esperando fora da Grandville Enterprises, se inclinou, obstruindo a vista dele através dos binóculos. "Quem ele pensa que é?"

" Eu acredito," Caroline disse se levantando de seu assento para que ela pudesse ver sobre a cabeça de Emily," que ele acha que é Braden Grandville."

"Braden Grandville," Emily murmurou. "Rei de tudo." "Emily," Caroline alertou.

"Bem, serio, Caro. Imagine a coragem dele, recusando um convite de te ensinar a fazer amor! Você! Lady Caroline Linford! A garota mais bonita que eu conheço. O que ele poderia estar pensando?"

Caroline tirou os óculos de opera do rosto dele, e lançou rapidamente para sua mãe. "Emily! Não aqui. Não vamos discutir isto aqui."

"Oh!" Emily gritou, pegando os óculos. "Olhe quem se juntou a ele!"

Caroline olhou. Uma mulher cujos ombros creme e magníficos seios estavam bem expostos graças ao decote baixo tinha se juntado a Braden Grandville em sua cabine. De fato, quando ela se curvou para arrumar seu vestido antes de se sentar, Caroline pode ver seus seios estavam tão desbloqueados quanto algumas noite antes, na Dame Ashforth. Abaixando os óculos, carrancuda, ela perguntou, por baixo de sua respiração. "Porque minha mãe trata como um crime mortal se meu decote escorrega uma polegada, mas Jackie Seldon se livra mesmo estando com os seios nus como uma Amazona?"

"Isto é fácil," Emily disse. "Olhe a mãe dela."

Claro, a duquesa, tomando assento atrás Lady Jacquelyn, tinha um vestido quase tão indecente quanto o de sua filha. Com um velho cavalheiro sentado ao lado de sua pessoa, segurando ansiosamente o programa da duquesa enquanto ela ajustava sua saia, a mão Lady Jacquelyn era tão irresistível quanto sua filha.

Caroline suspirou pesadamente. "Não é justo. Porque garotas como Jacquelyn Seldon consegue todos os homens? Eles não sabem que ela é incapaz de ser fiel? E pelo o que me lembro da escola, ela sempre tratou os cavalos dele muito mal também."

"Homens não se importam com coisas assim," Emily respondeu, com uma contração de ombro. "Todos eles se importam se seu calombo será ou não perfeito na regular base." Caroline fez uma careta para a rudeza de sua amiga. "Não todos eles," ela apontou.

"Tommy não se importa com isto."

Assim como tinha acontecido regularmente desde a revelação espantosa do conde alguns dias atrás, Emily deu um grande sorriso à menção do nome dele.

“Isto porque ele ainda não tentou,” ela disse. “Espere ate ele fazer. Ele ficara tão viciado nisto, igual a todos os homens.”

Caroline, cuja relação com o irmão não foi sempre fácil, disse porem, com lealdade de irmã, “Não Tommy.”

Enquanto ela falava, continuava a olhar com os óculos de opera para a cabine de Braden Grandville. Mas agra, ela percebeu, que alguém estava olhando de volta para a cabine dela com seus próprios pares de óculos.

Não somente alguém, mas o próprio Braden Grandville.

Caroline abaixou seus óculos, sentindo suas bochechas queimarem. O que, ela se perguntava, ele estava olhando? Não ele, certamente. Embora ela achasse que não parecia que Braden Grandville tinha olhado para ela. Mas isto era impossível. Ele a odiava! A oferta escandalosa tinha repudiado e ofendido ele. Ela estava certa disto. Porque mais ele teria recusado?

Talvez ele estivesse olhando para Emily. Sim, tinha que ser isto. Todo mundo olhava para Emily, que sempre se recusava firmemente de usar um espartilho. Seus largos vestidos eram na verdade muito bonitos – mais bonitos do que as calças horríveis que ela usou por um rápido período, inspirada no designe do American Mrs. Bloomer, ate o pai dela ter finalmente batido o pé, e ameaçou cortar a mesada dela se ela aparecesse com elas em públicos de novo. Mas não importa quão linda Emmy possa parecer em seus vestidos, ela não parecia convencional, e isto era sempre um razão para as pessoas olharem.

Sim, Caroline se confortou. Isto deve ser o que chamou a atenção de Mr. Grandville do outro lado do teatro. Emmy e seu vestido sem espartilho. Certamente não Caroline. Nunca para Caroline.

E quando, alguns segundos depois, ela deslizou o olhar para a cabine dele, ela encontrou ele ainda –sim, ainda – olhando para ela! Ela, não Emily! Ela!

“E outra coisa.” Lady Bartlett se inclinou e agarrou as costas da cadeira da filha. “Braden Grandville tem uma terrível reputação que preocupam as mulheres. Lady Chittenhouse me disse que ela o viu no Ascot duas estações atrás na companhia de uma viscondessa casada. E eles não estavam agindo como uma viscondessa casada e um elegível solteiro deveriam. Eu quero que você me prometa Caroline, que nunca mais vera Braden Grandville novamente.”

Caroline, com as bochechas ainda queimando, não disse nada, pensando que se ela nunca mais estivesse na presença de Braden Grandville novamente, estaria tudo bem para ela. Uma nova, inconfundível voz masculina encheu a cabine. “Não Braden Grandville novamente,” O Marques de Winchilsea disse que assim como o irmão de Caroline, cheirava a cigarro, tomou seu assento. “Caroline está conversando sobre espartilhos com ele esta noite?”

“Falando de espartilhos” Lady Bartlett se abanou rapidamente. “Caroline à que o marques esta se referindo? Diga-me de uma vez. Eu devo saber.”

“Oh, Mãe.” Caroline deu um olhar azedo para seu noivo – cuidadosamente não

virando a cabeça em direção a cabine de Braden Grandville. “Não é nada. Foi só um comentário de passagem com Mr. Grandville semana passada na Dame Ashforth.”

“Eu não sabia que você tinha conhecido Grandville, Caro.” Thomas tomou assento atrás de Emily, e imediatamente passou os olhos pelo programa e rolou as pequenas bolas, que preparavam para os momentos mais dramáticos, onde ele as jogaria no colo de Emily, como seu costume. “Eu quero dizer, não mais do que para dizer como vai.”

“Eu não conheço Mr. Grandville mais do que para dizer como vai,” Caroline insistiu, desejando que fosse verdade. “Realmente, Hurst, eu gostaria que você não dessas ideias a minha mãe. Você sabe como ela é excitável.”

“Excitável?” Lady Bartlett estava se abanando mais energeticamente agora. “Não seja ridícula. Juro que não sei de onde você tira suas ideias, Caroline. Eu não sou excitável. Eu não posso pensar, entretanto, porque é tão errado eu me preocupar –e isto é tudo que eu sou, preocupada – quando eu escuto que minha única filha esta tendo conversas sobre roupas de baixo com um homem estranho. Isto é, afinal, minha tarefa de mãe é proteger você. Você não acha isto, my lord?”

“Eu concordo, madam,” Hurst disse, levantando a mão de Lady Bartlett, e a beijando levemente. “E eu devo complementar que está fazendo um trabalho exemplar?” Lady Bartlett riu charmosamente. “Ora, obrigado, Lord Winchilsea.”

Desgostosa, Caroline afundou na sua cadeira – o tanto quanto seu espartilho permitia, de qualquer forma – e se concentrou em odiar Braden Grandville.

Certo, ela o odiava. Agora mais do que nunca, vendo como ele parecia tentar humilhar ela publicamente com sua encarada – sim, ele ainda estava olhando para ela, embora graças a Deus ele tinha abaixado os óculos.

Oh, sim, ela com certeza odiava ele agora. Não que ela gostasse dele antes. O homem era nada mais do que um hipócrita! Imagine, ele parecia tão chocado com a proposta dela, quando todo mundo sabia da sua péssima reputação.

E ainda ele não tinha parecido tão ruim para Caroline. Ele tinha parecido razoavelmente normal, um homem bem amável – com um lado um pouco vigoroso, talvez, mas ela supôs que era natural, desde que, afinal, ele estava a cargo de um grande e prospero negocio. De fato, se ela não tivesse ouvido muitos rumores sobre as suas conquistas, ela nunca teria adivinhado que ele era um brutal predador do sexo – era como chamavam os homens como ele nos romances que ela gostava.

Bem, isto não era ela supôs estritamente verdade. Teve um momento quando ele a prendeu na cadeira, e ela sentiu o calor de seu corpo, e viu de perto aquelas mãos fortes, que ela teve um vislumbre do Lothario. E esse vislumbre a fez sentir, como na noite na Dame Ashforth, como se ela nunca pudesse ser capaz de

respirar normalmente de novo. Mas que tipo de Lothario manda uma jovem, ávida para aprender a arte do amor, embora?

A resposta era fácil, mas não era lisonjeira: um homem que não tinha o mínimo interesse nela. Tão desinteressado nela, de fato, que até uma recompensa – no caso de Braden Grandville, a promessa dela de testemunhar em seu nome no processo por quebra de promessa contra Jacquelyn Seldon – não incentivaria.

Exceto, se ele realmente a achava repulsiva, porque ele continua olhando ela? "Ouch!" Emily tirou sua atenção de Tommy e olhou para Caroline. "Porque você me beliscou?"

"Olhe para a cabine de Mr. Grandville," Caroline sussurrou. "E me diga se ele continua olhando para cá."

Emily olhou. "Bom Deus. Ele está. Ele com certeza esta."

"Eu sabia," Caroline murmurou, afundando mais ainda na sua cadeira com um gemido. "Ele me odeia."

"Eu não diria que odiar é a primeira coisa que vem na minha mente quando eu descubro que um homem esta me encarando," Emily disse. "Além do mais, como ele poderia te odiar? Ele nem conhece você. Porque você esta perdendo seu tempo pensando nele? Eu achei que você tinha desistido do seu plano de aprender como ser uma prostituta." "Amante," Caroline silibou. "A palavra é amante, ou, se você insistir, cortesã. E eu não desisti. Eu meramente desisti de Braden Grandville."

"Oh," Emily sussurrou. "Então se você na vai obter sua educação-" ela disse as palavras com uma malicia desnecessária, Caroline pensou. "-com Braden Grandville, então com quem você vai obter eh?"

Caroline abriu a boca para responder, mas foi interrompida por Hurst, que se inclinou e pegou os óculos que Caroline estava segurando.

"Oh, eu digo, Carrie," seu noivo disse. "Obrigado. Há uma coisa que eu quero ver." Caroline não teve outra escolha a não ser soltar os óculos. Um segundo depois, ela viu Hurst apontando ele na direção da cabine de Braden Grandville. Bem, como ele poderia se deter? Ele, como todos os outros homens desse teatro, não podiam evitar notar o cavernoso decote de Lady Jacquelyn.

Mas ele notaria que o noivo de Lady Jacquelyn parecia interamente preocupado com outra pessoa?

Felizmente as luzes começaram a se apagar, e a maestro fez um comprimento. O auditório aplaudiu educadamente, incluindo Hurst, que tinha passado os óculos de volta para Caroline.

Ela os pegou e colocou mais uma vez de volta em seus olhos. Braden Grandville não estava muito longe olhando para ele, mas na ocasião, ao invés de se sentir alegre – porque ela queria a atenção desse homem odioso nela? – a fazia se sentir estranhamente para baixo. Ela desmoronou em seu assento. Por quê?

Ela se pergunta miseravelmente. Oh, porque ela tinha que ter ido procurá-lo em primeiro lugar? Tinha sido uma cena ruim, simplesmente ridícula. Braden Grandville estava certo: ela não podia forçar Hurst a amá-la, alem disso ela não podia salvar o amor despedaçado que ela sentia por ele – até a noite na Dame Ashforth – e colá-los de volta. Ela teria que simplesmente se casar com ele e suportar que ele esteja amando outra pessoa.

Talvez este seja o melhor caminho. Talvez coisas como gratidão e amizade sejam melhor para um casamento duradouro do que a loucura, a paixão, de qualquer forma.

"Bem?" Caroline sussurrou para Emily uma hora depois, quando as cortinas desceram para o primeiro intervalo. "Ele continua olhando para cá?"

Emily olhou para cabine do outro lado. "Que estranho" ela disse. "Ele se foi."

"Foi?" Caroline lançou um olhar em direção do agora vazio assento de Braden Grandville. "Onde na Terra ele poderia ter ido tão rapidamente? As luzes acabaram de ascender." "Ele deve ter saído antes do fim do ato. Oh, Tommy!" Emily notou todas as bolas de papel que Thomas tinha lançado em seu colo durante o desempenho, e começou a furiosamente a varrê-las.

Tommy riu muito de Emily, e depois se juntou a Hurst para fumar na smoking room {sala para fumar}. Lady Bartlett declarou deu desejo por um pouco de ar, o que Caroline sabia significava que ela queria mostrar seu novo vestido, e Emily maliciosamente se voluntariou para acompanhá-la, o que amorteceu o entusiasmo de Lady Bartlett um pouco. O novo vestido dela não chamaria tanta atenção com Lady Emily Stanhope, em seu glorioso vestido sem corpete, ao seu lado.

Porém, não havia nada que Lady Bartlett pudesse fazer a respeito disto, exceto pedir a Caroline para andar com elas, nas obvia esperança de que o estranho emblema de Emily se perdesse entre as enormes saias que ela e sua filha usavam.

"Eu ficarei bem aqui, Mãe," Caroline disse. Ela estava tentando pegar tantos papeizinhos que o irmão dela tinha arremessado no chão da cabine quanto ela conseguia, então ela poderia colocá-los onde eles pertenciam... No bolso do casaco de seu irmão.

Por isso ela estava sozinha – embora ela tenha ficado sozinha só por alguns momentos – quando um par de sapatos masculinos apareceu bem junto ao ventilador que ela estava usando para varrer os papeis para sua mão. Caroline não reconheceu aqueles caros sapatos de noite, brilhando de tão polido, os de Hurst tinham fivela prata, e o de Tommy uma borla. Estes não tinham.

Ela deslizou o olhar devagar pelas calças atalhadas ao sapato, Caroline começou a se sentir desconfortável. E quando o olhar dela atingiu um casaco de cetim bem costurado mais escuro, e depois pausou para captar o largo ombro revestido por um casaco de noite feito sobre medida, ela não precisou olhar mais

nada.

Ela sabia quem era. Ela sabia exatamente quem era.

Capítulo 11

“ Lady Caroline.” A voz profunda de Braden Granville era cheia de preocupação. “Você está bem?”

Porque? lamentou-se a ela. Porque a cada vez que Braden Granville estava em sua presença, ele conseguiu pega-la executando algum ato de estupidez completa? Por quê?

“Estão perfeitamente bem,” respondeu Caroline, guardando a sua cabeça resolutamente mergulhada, portanto ela não teria de olhar aqueles olhos escuros. “Estou só... meu irmão fez algumas piadas, e só estou me erguendo depois dele. Ele pensa que é muito divertido, mas eu duvido muito que o seu senso de humor seja muito apreciado pelas pessoas que são pagas para limpar o teatro à noite.”

Das cortinas aveludadas que separaram a sua caixa do corredor além dele, Caroline ouviu sua mãe chamar o seu nome. Ela respondeu, “Venha, Mãe,” e começou a subir nos seus pés, sabendo que as seu rosto se queimava tão calorosamente quanto atiçadores de fogo deixados muito tempo nas chamas.

O seu rubor tornou-se mais profundo quando ela sentiu a mão dele segurando seu cotovelo,ajudando a mantê-la em pé.

“Lady Caroline.” A voz de Braden Granville era constante, mas havia algo urgente no seu tom. Caroline supôs que, o que fosse ele tinha vindo lhe dizer, ele diria tão logo que foss possível, para poder voltar para o lado de Lady Jacquelyn, que poderia reagir de outra maneira a sua ausência.

Isto, ou ele desejou evitar ser visto pela mãe de Caroline, um sentimento para que ela não pode deixar de se sentir agradecida a ele, quando ela considerou o que a mãe diria se voltasse ao quarto e o visse....

“Eu esperava vê-la esta noite. Desejei falar com você sobre o que discutimos nos meus escritórios outro dia —”

Caroline não pode deixar de olhar isto, trazendo o seu olhar assustado .ao rosto dele “Reconsiderei.” O olhar dele encontrou o seu firmemente. Ela não pode ler nada no seu rosto mas gravidade. “Eu gostaria muito se você fosse capaz de dar uma passada nas Empresas Granville novamente amanhã. Pode ser às quatro?”

Caroline o fitou, nem um pouco segura de que o tinha ouvido corretamente. Parecia que ele tinha dito — não, ela não pensou que poderia estar enganada sobre isto — que ele tinha mudado de opinião, e que o entreteria a ideia de treiná-la na arte de namoro.

Mas era impossível. Porque ele não tinha deixado mais do que claro que Caroline era virginal demais — aconselhável, repulsiva — para ele para fazer tal

coisa?

"Lady Caroline?" Ele desviou o olhar para ela, confundido pelo seu silêncio. Ela se perguntou o que ele pensava que ela faria para ouvir o seu anúncio que ele tinha mudado de opinião. Grito de alegria? "Você me ouviu?"

"Ouvi," disse Caroline, consciente que o seu coração batia freneticamente por baixo do espartilho. Ele tinha dito sim. Ele tinha dito sim. Meu Deus. Ele tinha dito de fato sim. A expressão séria de Braden Granville não se modificou. Ele disse, "Se amanhã é inconveniente, outra hora seria muito bom. Isso realmente não me importa, Lady Caroline. Estou á sua disposição. Amanhã, possivelmente, seria mais conveniente para você?"

Estava na ponta da sua língua dizer sim. Dizer sim a este homem que possuía uma capacidade miraculosa de roubar a sua respiração — não literalmente, naturalmente, mas realmente parecia como se apenas ele estivesse perto dela, ela lutava para respirar, lutando para conservar-se calma, lutando para não notar pequenas coisas sobre ele, como o caminho o cabelo escuro no seu pescoço frisado contra o seu colarinho engomado, ou fato que as suas pestanas eram carvão preto e quase tão longas quanto as dela...

Mas o que ele pensava dela? O que o grande Braden Granville pensava de Lady Caroline Linford? Quando ela ficou por perto, o que atravessou a sua mente?

Ela sabia. E o que ela sabia a impediu de dizer sim. Ele a tinha- humilhado — a humilhado

— naquele dia no seu escritório, e agora pensava que poderia simplesmente aproximar-se dela e dizer que ele tinha mudado de opinião, e tudo ficaria bem?

Ambas as mãos de Caroline estavam amontoadas nos punhos, no centro de um estavam todos os chumaços do papel que ela tinha pegado do chão. Ela estava tão furiosa, que por um momento ela considerou lançá-los na cara de Braden Granville, mas como isto teria sido um gesto muito infantil, ela concordou ela disse,em um tom que esperava que fosse gelado"Não, amanhã não é conveniente para mim, Mr. Granville. Não há nenhuma hora, Mr. Granville, que será conveniente para mim para vê-lo. De fato, se nunca mais o visse na minha vida, eu morreria uma mulher muito feliz. Boa noite, sir."

Em seguida, ela tentou deslizar da caixa com toda a dignidade de um de o os barcos navais de rainha.

Infelizmente, ela tinha se esquecido que Braden Granville ainda segurava seu cotovelo. Ele a segurou apertado, e manobrou para mantê-la firmemente ancorada ao seu lado.

"Peço seu perdão, Lady Caroline," ele disse, parecendo um tanto espantado. "Fiz alguma coisa para a ofender?"

Bom Deus! Ele estava sério? Evidentemente ele estava, visto que Caroline pode notar a insinuação mais leve de ironia no seu rosto naquele determinado

momento.

"Mr. Granville." Ela lutou para impedir a sua voz de ficar aguda. A última coisa que ela precisava era atrair a atenção dos patronos da ópera em baixo deles, ou pior, de sua mãe."A... discussão... que tivemos outro dia é uma que eu sinceramente gostaria de esquecer, se for o mesmo assim para você. E certamente não gostaria de continuá-la, ou até refir-me a ela novamente. E estou francamente assustado que você gostaria de fazer assim, especialmente em um lugar tão público. No fim de tudo, ele certamente não fará algum bem a sua reputação sendo visto com alguém tão virginal como sou."

A confusão deixou o rosto dele para ser substituída pelo divertimento. Divertimento! Ele de fato achava a sua indignação com ele engraçada.

"Portanto isto é o que o está incomodando," ele disse com um sorriso. A sua mão ainda não a tinha deixado o cotovelo dela. Enquanto os seus dedos fortes não a machucavam, ela não pode deixar de notar a pressão doce que eles exerciam. Ela pode sentir o calor da pele dele diretamente pela seda da sua luva da tarde, por todo o seu braço, e no seu corpo inteiro. "Você sabe, há muitas mulheres neste mundo que iam tomar uma observação assim como um cumprimento."

"Bem, não sou uma delas. Não suponho que lhe ocorreu alguma vez a você, Mr. Granville, que ser virgem é extremamente enfadonho, e que jogar isso na cara de alguém é de fato bastante irritante." Caroline empurrou o seu braço do aperto dele como se ele a tivesse picado. "A minha oferta para você outro dia, Sr. Granville, foi considerada doente. Percebo isso agora, e a retiro. Agora, se você gentilmente sair do meu caminho, minha mãe está esperando por mim."

Mas Braden Granville não deu passos fora do seu caminho. Em vez disso, ele considerou-a pensativamente com aqueles olhos castanhos inescrutáveis. O sorriso, ela viu, tinha ido. "Não é aconselhável, Lady Caroline," ele disse, em um tom que foi, Caroline notou, cuidadosamente neutro, "pôr estaca tão emocional em procedimento de negócios. Você parece tomar a minha declinação da sua oferta generosa muito pessoalmente. Mas houve nada pessoal, Lady Caroline. No momento, ele bateu-me como um empreendimento insalubre. Tive desde então tempo para reavaliá-lo, e sinto um tanto diferentemente do que sentia

Ela disparou-lhe um olhar de relance perspicaz. "Você quer dizer que algo aconteceu," ela interrompeu, acidamente, "que te fez desejar libertar-se de Lady Jacquelyn definitivamente. O que foi isso?"

Ele simplesmente balançou sua cabeça. "Não é isso em absoluto. Mas não quero incomodá-la com os detalhes —"

"Bem," Caroline disse, perguntando-se furiosamente o que pode ter ocorrido para fazer o grande Braden Granville mudar de opinião, se não um pouco de ultraje recente de sua noivo "Sinto muito, mas não tenho mais tenho uma necessidade do seu... serviços, portanto —"

"Você encontrou outra pessoa?" ele exigiu, agudo o suficiente para fazer

Caroline gaguejar "Claro que não!"

Então ela recuperou a sua calma, e acrescentou rudemente, “Não que seja de sua conta. negócio. O fato é, decidi simplesmente seguir o seu conselho.”

“O meu conselho?” Ele olhou, se tal coisa foi possível, com até mais surpresa do que tinha antes.

“De fato. Não foi você aquele que me avisou que era impossível forçar alguém para a se apaixonar?”

“Bem,” ele disse, parecendo mortificado, “o que é verdade, mas —”

“Mas agora ele não o ajusta para fazer-me jogá-lo na sua cara?” Ela disse a si mesma que ela se sentisse ferozmente satisfeita para tê-lo desapontado ele, igualzinho ele, aquele dia no seu escritório, tinha desapontado — não, tinha humilhado - ela, embora verdade seja dito, ela realmente sentiu um pouco de arrependimento. Ela não gostou de causar dor a alguém , até homens de negócios sem coração como Braden Granville. “Bem, sinto muito, Mr. Granville, mas tenho quase certeza. O meu noivo e eu temos muitas estima um pelo outro, e eu acredito que é tudo que é necessário para um matrimônio bem sucedido. E agora, se você não se importa, devo me juntar á minha mãe.”

A mãe de Caroline, ela sabia perfeitamente bem, tinha esquecido completamente dela, e estava provavelmente profundamente absorta na conversação com algum amigo ou outro, mas ela sabia que se não saísse da presença dele, e logo, a decepção no rosto dele ia levá-la a fazer algo imprudente, como aceitar encontrar-se com ele. Ela reuniu as suas saias virar se para ele....

Tal como o sino soado para indicar o fim do intervalo.

“Oh,” Caroline disse com algum desânimo, parando no caminho.

“Vejo que devo voltar ao meu assento,” disse Braden Granville, gravemente, “antes de você são reunidos pela sua família. Mas eu pediria que — a sua estima do seu noivo à parte — você considerasse o que eu disse, a Lady Caroline. Acredito que estamos cada um em uma posição — completamente única para esta situação — onde poderíamos estar a serviço um do outro. Eu peço desculpa novamente se eu disse algo para o ofender, e espero que você não deixe o seu orgulho a impedir de fazer o que pode ser um empreendimento muito lucrativo — para nós dois".

Ele partiu então. Mas antes que ele partisse, ele fez algo chocante, Caroline ainda não tinha se recuperado na hora em que os outros voltaram ao camarote. Porque o que Braden Granville fez — tudo que ele fez — foi estender a mão para tocá-la quando partia, e dirigiu a ponta do seu dedo de índice ao longo do lado do pescoço longo, nu de Caroline, da sua clavícula, abaixo da orelha, casualmente como se ele fosse uma criança correndo um pau ao longo de um muro.

Mas não houve nada pueril sobre o solavanco Caroline sentiu pelo seu corpo inteiro o resultado de seu leve, quase indiferente toque E ela tinha achado os

beijos de Hurst emocionantes! Porque, tudo que Braden Granville tinha feito era tocá-la - somente tocá-la — e ela tinha experimentado uma sensação física muito diferente de tudo que ela tinha sentido antes.

“Onde você estava?” Emily perguntou, e se afundou no seu assento. “Você se perdeu?” Pouco sabendo do que ela dizia, Caroline murmurou, "Sim".

“Hurst, também, parece. Ele deve apressar-se, a cortina vai subir dentro de um minuto. Como estão os nossos amigos pelo caminho? ”Emily apontou os óculos da ópera para o camarote de Braden Granville. “Ah Ele está de volta, vejo.”

Era verdade, Caroline pensou consigo. Era verdade, todas aquelas coisas que Tommy e seus amigos tinham dito. Braden Granville sabia coisas. Truques, como aquele com o seu dedo. E se Caroline pudesse aprender alguns daqueles truques? Somente alguns?

“Mas o que é isto vejo?” Emily enfocou os binóculos. “Nada de Lady Jacquelyn? Não, e as luzes estão diminuindo. Hmmm. Hurst está faltando. Lady Jacquelyn está faltando. Que descuido deles.”

“Caro.” Tommy inclinou-se para a frente na sua cadeira. “Onde estão todos os meus pedaços de papel? Você os pegou? O que vou lançar em Emmy agora?”

Caso, Caroline meditou, ela usasse aquele truque de dedo em Hurst. Ele provavelmente não ia desperdiçar outro segundo com Lady Jacquelyn. Não se ela pudesse fazê-lo se tremer com seu toque do modo que Braden Granville a tinha feito tremer.

“Quietos vocês dois,” assobiou a Senhora Bartlett. “A cortina! Oh, onde está o seu noivo, Caroline? Ele vai perder o primeiro número.”

“Ária, Mãe,” disse Tommy, cansadamente.

“Número, ária.” Lady Bartlett começou a abanar-se. “Tem alguém mais com calor? Tommy você está com calor? Gostaria de pegar o meu leque emprestado?" Afortunadamente, a música avolumou-se, afogando a voz de Lady Bartlett. Mas isso não poderia afogar os pensamentos de Caroline, que estavam centrados em torno da extraordinária entrevista que ela tinha tido com um homem que ela tinha posto bastante firmemente fora da sua cabeça somente um dia antes. O toque de Braden Granville não acabava de despertar Caroline fisicamente; ele também tinha despertado algo de que ela tinha quase desistido a esperança.

E a esperança foi algo do qual ela precisou muito, em particular quando, a meio caminho do segundo ato, Emily acotovelou-a, e indicou o camarote de Braden Granville. Jacquelyn Seldon fazia o seu caminho em direção ao seu assento. Alguns minutos depois, Caroline sentiu a perturbação em seu próprio camarote, e lançou os olhos por cima do seu ombro para ver o Hurst afundar-se em seu próprio assento.

“Fila bestialmente longa,” ele os informou, com um suspiro, “na mesa de

refrescos". Caroline olhou de relance na direção de Braden Granville. Ele tinha notado? Tinha ele visto que o seu noivo e a noiva dele tinham ido aos seus assentos ao mesmo tempo? Evidentemente não. Ele examinava o seu programa com a luz do palco e não importa quantas vezes ela o viu em todo o resto da tarde, ela nunca o pegava olhando em sua direção novamente.

Bem, e porque ele devia? Ela tinha posto ele no seu lugar, não é? Deu a ele uma bem merecida repreensão

Então, por que ela se sentiu tão terrível com isso?

E ainda, quando a ópera tinha terminado, e eles estavam descendo o grande escadaria para o vestíbulo, Braden Granville-de quem a festa aconteceu de estar tomando o a escada ao mesmo tempo que ela, - acenou com cabeça para ela polidamente, e disse, “Boa noite. Eu espero que você tenha gostado da performance.”

Caroline, que esperava que ele a ignorasse como ela tinha planejado ignorá-lo, gaguejou, “Oh, um, bem, foi muito bom, suponho.”

“Muito bom?” Um cavalheiro mais velho atrás de Braden Granville fitou Caroline como se ela tivesse dito algo sacrílego. “Foi a performance mais emocionante de Fausto que já vi!” Braden viu o m velho homem e disse, calmamente, “Esta foi a única performance de Fausto que você viu Papai”

“Um,” Caroline disse. “Talvez, se fosse em inglês...

“Caroline.” A voz de Lady Bartlett estava desnaturalmente alta. “Vá, Caro. Peters trouxe a carruagem.”

“Braden, meu rapaz.” O Granville mais velho sorriu em um modo que Caroline pensou ligeiramente... bem, desligado. “Você não vai me apresentar aos seus amigos?”

E logo Braden Granville dizia, no tom mais paciente imaginável, “Pai, posso apresentar-lhe à Lady Caroline Linford e seu noivo, o Marquês de

Winchilsea. Thomas Linford, Conde de Bartlett, e sua mãe, Lady Bartlett. Oh, e esta é Lady Emily Stanhope, filha de Senhor Woodson.... O meu pai, Sylvester Granville.”

“Lady Bartlett,” o Granville mais velho murmurou, pegando a mão da senhora, e curvando-se por cima dela. “Sylvester Granville, ao seu serviço.”

“Mr. Granville.” A mãe de Caroline, por uma vez na sua vida, não pareceu saber onde dirigir o seu olhar fixo. Ela, também, Caroline percebeu, reconheceu que tudo não estava bem com o pai de Braden Granville. “Que... encantando em conhecê-la.”

Sylvester Granville endireitou e lançou a mão de Lady Bartlett, com a expressão ligeiramente bobo que cobre a sua cara. Porque, Caroline pensou, o seu coração se enche com a compaixão, o pai do grande Granville é louco! Possivelmente não assim tão violentamente, mas claramente até certo ponto.O pobre, pobre homem

E pobre Braden Granville, com que ela acabava de ser tão imperdoavelmente grosseira!

A mãe de Lady Jacquelyn, a duquesa viúva, não pareceu particularmente incomodada pelo estado mental do futuro sogro de sua filha. Em vez disso, toda da sua atenção estava concentrada em Lady Bartlett, mulher com aproximadamente a sua idade, mas cuja pele perfeita e os olhos põem o seu na vergonha — e a duquesa sabia.

"Que doce," ela arrastou palavras, sem tirar o seu olhar fixo da pele branca como leite de Lady Bartlett, o vestido de cetim vermelho mostrou-se a tal vantagem. "Um passeio de família à ópera, somente como nosso."

Os olhos perfeitos de Lady Bartlett entraram em foco então, as tampas em volta deles restringindo perigosamente. "Ai", ela disse. "Que bom ver você novamente, sua Graça."

As pálpebras da duquesa de viúva se sacudiram um pouco "Perdoe-me, mas já nos encontramos?"

"Oh, Mãe," disse a Lady Jacquelyn, em uma voz enfadonha. "Você se lembra de Lady Bartlett, sim? A filha dela, Caroline, e eu, estivemos na escola juntas —"

Caroline, que ficava alarmada pela situação, grotesca segurou Lady Bartlett pelo braço e disse, "Vamos, Mãe. A carruagem está esperando."

"Oh." Lady Bartlett pareceu assustada pela ânsia súbita de Caroline de ir embora. "Bem, adeus, então, sua Graça, Lady Jacquelyn, Mr. Granville, e, er, Mr.Granville."

Mas infelizmente, esta não foi última coisa que Caroline viu da festa de Braden Granville. Porque como eles aproximaram o seu veículo, uma carruagem que carrega a crista do o Duque de Childes puxou atrás, e Caroline congelou-se onde estava.

O marquês viu a carruagem puxada pelo cavalo do duque ao mesmo tempo que Caroline, e ele estendeu a mão e colocou sobre o braço dela para refreá-la. Mas era tarde demais. Sacudindo-se, livre do aperto de seu noivo, Caroline esqueceu toda a inaptidão da tarde e virando-se em direção à duquesa viúva com uma expressão batida,gritou, "Rédeas de Carregamento? Sua Graça, o que você pode estar pensando?"

A duquesa levantou as suas sobrancelhas cuidadosamente tratadas. "Rédeas o que?" "Rédeas de carregamento." Caroline apontou acusatoriamente para a equipe de cores cinzentas perfeitas que foram anexados à carruagem da duquesa. Estando com as suas cabeças eretas, os seus pescoços enrolados, os cavalos olharam tão alertas como se eles marchassem em um desfile.

Mas o efeito enganava. Os animais não mantinham as suas cabeças altas devido a qualquer tipo de orgulho equino. As suas cabeças eram removidas por um segundo par de rédeas, anexado a um bit duplo que proibiu os cavalos de relaxar os seus pescoços,girando, as cabeças, e até, Caroline sabia, de respirar ou

engolir propriamente. "Olhe," Caroline disse. Ela gesticulou em direção à boca do cavalo mais próximo, que era espuma manchada "Você vê isto? Você vê como é cor de rosa, a espuma? Isto é sangue, sua Graça."

A duquesa, que tinha se inclinado para a frente para ver o que Caroline indicava, recuou. "O animal está doente? "ela perguntou, sua repugnância evidente não só em sua face encantadora, mas em sua voz também.

"Não, eles não estão doentes." Lady Bartlett falou rapidamente. "Você deve desculpar a Caroline, Sua Graça. Ela tem uma quedinha por cavalos, e não consegue tolerar vê-los até com o desconforto mais leve —"

"Não há nada leve sobre o desconforto de uma rédea de carregamento, Mãe," Caroline repreendeu. "Eu gostaria de saber como você se sentiria se você tivesse uma na sua boca, a sua cabeça retrocedeu por enquanto você mal pode respirar -

Lady Bartlett, embaraçada pela cena que sua filha causava, riu nervosamente, e antes que seu filho pudesse pará-la — e Thomas, sempre aponde sua irmã, tentou — estava dizendo apologeticamente à duquesa, "Ela fica atrás do seu pai, sou tem. Bastante louco para cavalos, ele era. Porque, ele deve ter despedido meia dúzia de motoristas porque pensou que eles foram demasiado ásperos com seus queridinhos, como ele os chamava. Ele parava homens na rua e e dava sermões se ele pensasse que eles eram cruéis com seus cavalos. Caroline não é melhor. Você sabe que ela de fato adquiriu uma pequena coleção de implicâncias, que ela pegou dos vendedores de cavalos..."

A voz de Lady Bartlett diminuiu enquanto a duquesa viúva e sua filha trocavam olhares. "Que interessante," disse a Senhora Jacquelyn, friamente. "Mas sou da opinião que não é da conta de ninguém como minha mãe mantêm os seus cavalos."

Caroline, profundamente lamentando que ela não tivesse matado Lady Jacquelyn quando ela tinha tido primeiro a inclinação, declarou, em voz alta, "é da conta de qualquer ser humano com uma pouco de compaixão, Lady Jacquelyn. É injusto, realmente injusto, que sua mãe permita que estes animais sofram desta maneira."

"Mas," a duquesa disse, confusamente, "Lady Bartlett disse que eles não estão doentes-" Uma voz profunda interrompeu-a.

"As rédeas de carregamento estão cortando as suas bocas." Braden Granville tinha dado passos para a frente e deitou a mão sobre o pescoço desnaturalmente arcado do cavalo mais próximo. Ele não falou com a duquesa, mas com o motorista da carruagem, que estava empoleirado atrás dos cavalos, açoite na mão.

"Eles estiveram assim toda a noite?"

O motorista acenou com cabeça, parecendo apologético. "Sua Graça não gosta de um cavalo com uma cabeça se mexendo, milorde."

"Sim," a duquesa disse, enfaticamente. "Sim, eu gosto de um cavalo que olha

de maneira inteligente —”

“Bem, eles não terão o olhar inteligente por muito tempo.” Braden Granville falou com severa autoridade. “Eles não serão de nenhum uso para você em um ano ou dois. Você está danificando as artérias das traqueias deles. É uma vergonha, também, porque estes são animais perfeitos.”

“Devo esperar certamente que eles sejam animais perfeitos,” disse a duquesa viúva imperiosamente.

“Paguei bastante por eles.” Então, com um gesto impaciente ao seu motorista, ela disse, “Bem, não se sente aí, homem. Retire as coisas. Retire as coisas de uma vez!”

O motorista desceu do seu assento com vontade, e, com a ajuda de um dos lacaios de duquesa, começou a retirar o segundo jogo de rédeas das cabeças dos cavalos.

“Digo, Caro,” Thomas inclinou-se para baixo para sussurrar na orelha de sua irmã. “Bem feito!” Mas Caroline sabia que não foi por causa de nada que ela tinha dito que a duquesa viúva tinha capitulado tão repentinamente. Tinha sido influência de Braden Granville, muito mais que sua, que tinha liberado os cavalos. Consequentemente, ela deu-lhe um sorriso agradecido —.

Mas ele já se tinha virado, e estava ocupado segurando a mão de sua noiva, agora usando uma bonita carranca sobre a sua cara em forma de coração, na carruagem.

Que foi, ela disse a si mesma, ainda bem. Ela não queria, afinal, dar-lhe falsas expectativas. Como, pai doente ou não, nada se tinha modificado. Ela estava certa de não ir aos seus escritórios amanhã às quatro. Decididamente não. “

Capítulo 12

Braden Grandville puxou o relógio de seu boldo pela terceira vez. Ele balançou seu instrumento de 24 quilates de ouro e diamante, em seu ouvido. Depois o examinou de novo, olhando para o relógio dourado em cima da lareira através da mesa dele. Passava cinco minutos da quatro da tarde. Não havia duvida no problema. Ele olhava perfeitamente as horas, e Weasel enrolava o relógio toda à tarde antes dele sair do escritório.

Não havia duvida: ela não vinha.

Não que ele estivesse esperado por ela. Não realmente. Tinha sido ele sabia repreensível ele ter se quer mencionado para ela noite passada. Ele não tinha a intenção de falar com ela. Ele dito para si mesmo, firmemente, nem mesmo acalentar a ideia de falar com ela, uma vez que ele a tinha notado na cabine oposta a dele.

Ele nem tinha chegado perto de seguir seu bom conselho.

Em sua defesa, entretanto, seu interesse por Caroline Linford era parcialmente pelo fato de que depois que ela invadiu seu escritório alguns dias antes, ele tinha achado difícil tira-la da cabeça. Ela era certamente a mulher mais original que ele já tinha encontrado.

Mas aquilo, ele sabia, não era tudo. Tinha algo mais. O que ele não podia era decidir exatamente o que.

Mas então o que tinha acontecido na noite depois da extraordinária visita dela ao escritório dele... À noite em que Weasel voltou com a perna sagrando tendo sido atingindo pelo homem, que como ele, estava seguindo o misterioso amante de Lady Jacquelyn. Braden achou surpreendente que um homem podia ter duas pessoas seguindo ele, mas Weasel estava determinado.

“Ele me perguntou,” Weasel disse, por entre os dentes, enquanto o cirurgião estava fechando o buraco em sua coxa, “quem tinha me mandado. Com quem eu estava.” Braden estava cheio de culpa apesar da sutura do doutor ser apenas uma perna enfaixada, e que seu secretario logo ficaria de pé, queria que o amigo poupasse energia, mas Weasel insistiu em dizer tudo a ele.

“Eu disse a ele que não tinha sido ninguém do mercado de sangue que tinha me enviado,” Weasel continuou balançado o frasco de uísque que Braden tinha dado a ele. “E então eu perguntei quem tinha mandado ele”. E foi ai que ele me atingiu. Ele teria me matado, também, se eu tivesse lhe dado uma chance. Mas eu não dei. Eu corri – provavelmente deixando uma trilha de sangue ao longo da rua depois de mim, mas eu corri o mais rápido que eu corri na minha visa. Eu o

perdi eventualmente. Eu não acho que ele conhecia a área.

"Eu não entendo." Braden desmoronou na cadeira ao lado da cama de Weasel. Ele não iria tão cedo se perdoar por mandar outros fazerem o trabalho sujo. Presumindo, a face dele era reconhecida o suficiente – graças à frequência com seu rosto aparecia no Times – que ele atrairia mais atenção na rua do que ele. Isto, junto com o largo e alto prédio dele, o tornaria um patético seguidor – ele teria sido descoberto rapidamente.

Mas que seu amigo sofresse por ele... Isto ele não iria permitir, nunca mais.

"Quem ele estava seguindo, o outro cara?" Braden perguntou, engolindo seu desgosto por um momento. "Ele estava espiando Jacquelyn? Ou o amante dela?"

"O amante," Weasel olhou para o cirurgião, que estava enfiando a agulha com precisão. "Licença, mas isso deixara cicatriz?"

"Provavelmente," o cirurgião respondeu.

"Bom," Weasel disse. Como muitos homens crescidos no Dials, Weasel equiparava cicatrizes com as qualidades que um homem deveria ter, e não importava em adquirir novas. Para Braden, ele disse, como se não tivesse havido interrupção, "Ele veio a pé, de lugar nenhum, eu juro, Dead. O sujeito que estava colado em Jackie, eu quero dizer. Esgueirando da entrada de serviço, quase antes deu notá-lo. Ela abriu a porta para ele – eu vi o rosto dele na luz que tinha na frente da casa. Ele tinha outro daqueles malditos capuz, então eu não pude ver nada alem de seu nariz-"

"Claro," Braden comentou, secamente.

"Claro. Um segundo ou dois depois, o outro cara apareceu, coberto como o homem que ele estava seguindo – o homem de Jackie – por um momento. Mas se movendo rapidamente. Ele era um profissional, Dead. Estou certo disto."

"E você tem certeza que nunca viu ele antes?" Braden perguntou para seu velho amigo. "Ele não era do Dials," Weasel assegurou a ele. "Eu não o reconheci dos barcos, do caminho, ou das mesas que eu tenho frequentado ultimamente. Ele não falava como... bem, nenhum cara do leste que eu conheci. Eu não acho que ele vem do leste de Londres, Dead. Mas ele era bem. Ele era um maldito muito bom."

Ele tinha que ser para pegar Weasel tão fora de guarda. Ronald Ambrose não tinha ganhado seu apelido apenas pela sua persistência. Ele era feroz na luta – quando ele não era pego completamente de surpresa, como isto.

Não tinha nada de justificado nesse selvagem ataque que preocupasse mais Braden. A maioria dos homens que reagem com violência o faz porque eles se sentem apavorados. Mas Weasel não tinha feito nada para ameaçar aquele homem que ele tinha encontrado. E que ainda o atacou com uma brutalidade que chocou ate Braden Grandville, que estava acostumado com violência.

Era por isso que ele estava tirando seu homem. Ele não iria arriscar a vida de seu amigo, simplesmente para que ele tivesse o nome do amante de sua noiva.

Havia outro jeito de realizar algo com um final parecido.

Não um que ele particularmente gostasse. Ele não estava querendo adotá-lo. Mas agora ele não tinha outra opção. Ele não podia deixar Jacquelyn vencer. Ele não podia a deixar sair do relacionamento deles com o dinheiro que ele trabalhou tão duro para conseguir...

Especialmente quando era claro que ela detinha o fato de que ele tinha trabalhado para isto tão desdenhosamente.

Era ai que Caroline Linford entrava. Lady Caroline Linford, com sua chocante proposta, era a única chance que Braden tinha de ganhar o caso contra Jackie agora. Embora ele se sentisse lisonjeado, a ideia de prosseguir com este conceito doente, o esquema completamente cômico dela, que outra opção ele tinha?

Não teria sido tão ruim, se tivesse sido alguma outra mulher. Mas não, tinha que ser Lady Caroline, que, com sua luva branca e sua acompanhante, era exatamente o tipo de senhorita que Braden fez tanto esforça para evitar quando ele estava procurando uma noiva. Tendo encontrado poucas delas na sua vida, virgens assustavam ele completamente– quando elas não estavam aborrecendo ele absurdamente.

Bem, Caroline Linford não o aborreceu nenhuma vez desde que ela apareceu tão ousadamente na vida dele, mas a sua "inocência" era um pouco aterrorizadora. Ela pediu que ele a ensinasse a fazer amor, quando parecia para ele que ela nunca tinha nem sido beijado adequadamente. Como em nome de Deus ele iria explicar para uma garota tão inexperiente a fina arte da sedução?

Mas não havia nada mais há fazer. O jogo tinha se tornado muito perigoso. Ele teria que acabar com ele da maneira que ele pudesse, e quando mais rápido, melhor.

Mas Lady Caroline ainda o ajudaria? Ela certamente não parecia aparentar isto na outra noite. A ira dela tinha aumentado pela rejeição inicial dele, e ele só podia rezar para que o dedo que ele correu ao longo do pescoço dela tenha feito o que ele pretendia – capturar o interesse dela novamente. Um homem que podia gerar tal sensação com um mero toque de seu dedo, ele esperava que ela estivesse pensando, deveria ter conhecimento de muitos outros segredos sexuais.

Fez a pobre menina saber que ele estava contando com ela tão embaraçosamente, como ela parecia.

Mas o que isso importava? O que importava era que ela viesse. Só que não parecia que ela estava vindo.

Ele olhou para o relógio. Vinte minutos depois. Ela definitivamente não vinha.

O que era uma pena. Ele estava querendo, de um jeito estranho, ver ela novamente – e não só para testar sua teoria de que Caroline Linford era uma daquelas mulheres que parecem querer melhorar seu conhecimento. Ele tinha chegado à conclusão, especialmente desde que ele tinha a observado na opera noite passada. Embora vestida de modo simples em um vestido branco, com

poucas jóias, ela tinha capturado os olhos dele e segurado por muito tempo, ele tinha se forçado a não ficar encarando. Mesmo quando ela estava profetizando sobre os perigos da Bering reins {uma espécie de rédea, que corre através da cabeça do cavalo, e impede o cavalo de baixar a cabeça para além de um ponto fixo.}, um habito que se poderia ser odioso em uma mulher menos atraente, Caroline Linford merecia uma segunda olhada.

Ela era, nada menos, uma mulher original. Não haviam muitas mulheres que ele conhecesse que censurasse uma duquesa pela crueldade aos animais. Havia menos ainda que admitissem ter se chateado pelo Faust {Fausto é um poema de proporções épicas que relata a tragédia do Dr. Fausto, homem das ciências que, desiludido com o conhecimento de seu tempo, faz um pacto com o demônio Mefistófeles, que o enche com a energia satânica insufladora da paixão pela técnica e pelo progresso.}

E nenhuma, que ele conhecia, se aproximaria de um completo estranho, pedindo aulas de como fazer amor.

Isto, ele decidiu, era seu charme, e verdade seja dita, ele ficou aliviado que o esfaqueamento de Weasel o deu uma chance para entrar em contato com ela novamente. Que ela não era como nenhuma garota que ele já conheceu. Isto, ele disse para si mesmo, era o porquê, desde aquela vez no escritório dele, ele tem sido incapaz de tirá-la da cabeça, porque frequentemente, completamente sem aviso, a imagem dela aparecia em sua memória. Não tinha nada a ver, ele assegurou a si mesmo, com aquela doce boca e aqueles olhos perturbadores dela. Nada a ver com isto mesmo.

E então, quando ele tinha perdido as esperanças, e estava se preparando para ir para casa e passar a noite entretendo o enfermo Weasel, principalmente perdendo para ele nas cartas, houve uma batida na porta do escritório dele, e Snake, que tinha se voluntariado para assumir as tarefas de Weasel, colocou a cabeça na porta e disse, “Lady Caroline esta aqui para vê-lo, senhor.”

E lá estava ela, olhando ele cautelosamente enquanto ela se aproximava de sua mesa, a sombrinha fechada em um pulso, e uma bolsa de contas no outro.

“Mr. Grandville,” ela disse, sem um sorriso, depois de Snake ter fechado a porta atrás dela. Ela parou na frente de sua mesa radiando indignação, muito parecida com uma rebelde estudante trazida ate a diretora por desobediência.

Ele não teve nem a chance de se levantar. Ele tinha ficado completamente imóvel, estupefato primeiramente pela aparição súbita dela, depois pelo fato de que – novamente – ela não parecia em nada de quando ele a notou pela primeira vez, quando ela estava sentada na escada na Dame Ashforth. Lá ela estava com um rosto plano, um cabelo marrom, com uma figura não notável, e uma triste expressão.

Agora não havia nada de plano em seu rosto. Ela era, e claramente sempre tinha tido, um olhar feminino e úmidos lábios. O cabelo dela brilhava com flashes

de dourado e amarelo, e a sua figura era satisfatória e suave.

O marque de Winchilsea, ele pensou, não pela primeira vez, era um tolo, se a reclamação dela de que ele não estava apaixonado por ela fosse verdadeira.

Ele disse – estupidamente, pensou ele depois – a primeira coisa que lhe veio na cabeça: "Onde esta Violet?"

"Oh, Violet." Ela começou a desfazer o laço de seu chapéu. "Ela esta lá fora. O feitiço que você colocou nela ainda não passou. Ela acredita implicitamente em você agora."

"Mas você-" ele a observou colocando primeiro a sombrinha e depois seu chapéu na pequena mesa ao lado das cadeiras de couro na frente da mesa dele. "-não compartilha os sentimentos dela sobre mim, acertei?"

"Acreditar em você, você quer dizer? Porque eu deveria?" Caroline desmoronou na cadeira, e começou a tirar suas luvas; "Você obviamente não conhece nem sua própria cabeça."

"E quanto a você?" ele não pode se deter. "Você me disse noite passada para não esperá-la hoje."

Ela se ocupou mexendo em sua bolsa, seus cachos cor de mel escondendo seu rosto, seu cabelo ligeiramente marrom. Nenhum do elaborados penteados de Jacquelyn, ele pensou, tinha sido tão encantador.

"Sim," ela disse. "Bem, eu acho que nenhum de nós fomos perfeitamente honesto ontem à noite." Da bolsa dela, Caroline tirou um pequeno caderno com capa de couro, um lápis, e alguma coisa dobrado em um lenço. "Eu disse que não viria, e você disse que nada tinha acontecido para fazê-lo particularmente ansioso para se livrar de Lady Jacquelyn." Caroline não olhou para ele. Ela parecia ocupada desdobrando o lenço. "Nós dois sabemos que nenhuma destas afirmações era verdadeira."

Depois que o objeto foi desdobrado, Caroline o removeu, e colocou em seus olhos. Era, para a surpresa de Braden, um par de óculos.

"Agora," Caroline disse, abrindo o livro – um diário, ele percebeu, devido às folhas em branco – e segurando o lápis na primeira pagina. "Podemos começar?"

Ele não podia tirar seus olhos dos óculos. Eles tinham o arco dourado, pequeno e feminino, mas definitivamente... bem, eram óculos. Atrás deles, os seus olhos já estavam enormes. Ele disse – estupidamente, ele percebeu, mas não pode se conter – "O que você esta fazendo?"

Ela olhou para o diário, e depois para cima novamente. "Bem," ela disse, piscando aqueles olhos luminosos. "Tomando nota, é claro."

"Tomando nota?" ele explodiu.

"Bem, sim, é claro." Ela levantou um pouco os óculos, examinando ele por cima do aro. "Eu não gostaria de esquecer nada. E desse modo, você não precisara repetir."

Ele olhou para ele. Os óculos, enquanto dava a ela a aparência de uma jovem – embora não severa – governanta, não alteravam realmente sua aparecia para a extensão que ele imaginava que um objeto tão hediondo pudesse causar. De fato, eles lhe davam um surpreendente ar de mistério.

"Eu não tenho muito tempo," Caroline disse desconsoladoramente. "só uma hora mais ou menos antes que alguém perceba que eu sai. Então se você não se importa Mr. Grandville, eu gostaria de perguntar o que o fez mudar de ideia."

"Sim," ele disse. "Bem, isto é justo, eu suponho. E há uma coisa que você deveria saber de qualquer modo, visto que você conhece o cavalheiro em questão. Talvez você possa entregar a ele um aviso meu."

Ela levantou a sobrancelha questionadoramente. "Eu peço seu perdão?"

"O homem com o qual você viu minha noiva em um abraço altamente compromissador." Braden observou sua seriedade através da sua extensa mesa. "Eu acho que ele possa correr perigo."

A pequena boca dela abriu, e seus olhos, por cima do aro de seus óculos, aumentaram perceptivelmente. "Por quem?" ela exigiu, com suspeita, quando a surpresa dela esvairou o suficiente para ela poder falar. "Eu achei que tinha deixado bem claro que eu não iria tolerar-"

"Não de mim," Braden se apressou em assegurar para ele. "Eu nem mesmo sei quem ele é."

"Então como você sabe que ele esta correndo perigo?"

"Porque eu estava tendo a casa de Lady Jacquelyn vigiada," Braden explicou um pouco embaraçado – embora porque ele estava se sentindo embaraçado na frente dela, ele não podia compreender. Ela sabia muito bem dos problemas românticos dele. "E noite passada, o homem que eu designei para lá foi violentamente atacado por outro homem, um homem que parecia estar seguindo... seu amigo."

"Meu amigo," Caroline repetiu. "Um homem que você mandou para espiar sua noiva foi atacado por outro homem, que estava seguindo meu amigo... o homem com quem sua noiva esta tendo um caso ilícito."

"Sim," Braden disse. "É precisamente isto. Então você pode dizer para seu... amigo tomar cuidado. Especialmente se ele é tão querido para você."

Os olhos aparentavam serem maiores ainda atrás das lentes dos óculos, observava ele encantado. "Querido para mim?" ela ecoou.

"Sim," ele disse. "Por acaso, ele não seria seu..." Era imaginação dele ou os olhos dela pareciam ainda maiores? "irmão?"

Ela explodiu em uma gargalhada. "Você acha que meu irmão esta tendo um caso com sua noiva?"

"Bem," ele disse, com alguma aspereza. "Você mencionou que ele foi baleado-"

"Por assaltantes," ela disse. "Oh, Mr. Grandville. Você não poderia estar mais

errado. Meu irmão venera o chão que você pisa. Além do mais, Jacquelyn nunca iria-"

Ele levantou para impedir que ela continuasse. O que ela ia dizer era inteiramente verdade. Tinha sido apenas uma suspeita passageira, mas ainda, ele se sentia idiota por ter mencionado.

"Bem, nesse caso," ele continuou, "este cara parece ser um homem de negócios. Eu estou tirando meus homens, para a segurança deles. Não," Braden adicionou, em uma nota mais leve, "que eu imagine que se amigo possa ter alguma dificuldade em lidar com ele. Seu amigo parece possuir a habilidade única de ser detectado. Meus homens estão convencidos de que ele não existe de forma alguma, mas um tipo de fantasma, do jeito que ele vai para sombra, e desaparece."

O olhar de Caroline, ele pensou, tinha ficado incrédulo, então ele não se surpreendeu quando ela disse "Meu amigo. Você quer dizer o homem com quem eu vi Lady Jacquelyn?" "Sim. É precisamente de quem eu estou falando."

"O homem que eu vi com ela na Dame Ashforth? Este homem?" Um pouco impacientes, ele assentiu. "Sim. Este homem."

Para a surpresa completa dele, Lady Caroline explodiu em uma gargalhada novamente. "Eu acho difícil acreditar," Braden disse depois de ouvir as risadas dela por um minuto mais ou menos – isto era ele sabia seu castigo por concordar em fazer negócios com uma virgem –"que este homem é um grande amigo seu, se você acha a ideia de que a vida dele possa estar correndo perigo mortal por um assassino de aluguel tão engraçada." "Assassino!" Isto fez Lady Caroline rir ainda mais, até ela ser obrigado a levantar os óculos para limpar as lagrimas da risada para longe de seus olhos. "Oh, Deus," ela disse de novo, arfando pela sua explosão. "Desculpe-me. Mas o pensamento. o pensamento de alguém o chamando de fantasma-"

Temendo que ela explodisse novamente em gargalhadas, Braden disse, rapidamente, "Bem, eu achei justo deixar você saber. Se você decidir ou não informar a seu amigo é da sua conta, é claro-"

"Eu não acho que farei," Caroline disse, ainda sorrindo. "Parece que o seu fantasma e meu amigo não são o mesmo homem. Já te ocorreu que Jacquelyn pode ter mais de um amante?"

"Obrigado pela sugestão," Braden disse, incapaz de manter a secura longe de sua voz. Toda a risada imediatamente desapareceu do rosto de Caroline Linford. Ela disse, parecendo culpada. "Oh, eu não quis dizer... Eu não quis sugerir que Lady Jacquelyn é... oh, Deus. Desculpe-me."

Ele dispensou suas desculpas impacientemente. "Esqueça," ele disse. "Nós dois sabemos o que minha noiva é. É por isso que estamos aqui. Eu receio que não tenho outra opção, Lady Caroline, do que aceitar a sua proposta. Embora eu não goste da ideia de você se envolver em minha casa, eu receio não poder

colocar a vida dos meus homens em risco tentando descobrir a identidade do amante de minha noiva."

Ele olhou para ela, de repente temeroso de que a desculpa soasse tão falsa para ela como soava para ele. Mas se achava que ele tinha outra motivação para aceitar a oferta dela – como, por exemplo, a chance de passar mais tempo com a intoxicaste presença dela – ela não demonstrou.

E por que ela suspeitaria de tal coisa? Ele tinha, assim com ele sabia muito bem, deixado bem claro que não estava interessado em garotas do feitio dela.

Idiota dela.

"Bem, então," ele disse, limpando a garganta. "Eu devo prosseguir com, um, uma leitura de algum tipo?"

Caroline, seus óculos em seu nariz, assentiu vigorosamente. "Sim, por favor."

Ele limpou a garganta. "E quantas lições precisamente... você acha que ira adquirir, Lady Caroline, em troca do seu testemunho?"

Caroline pareceu um pouco perturbada. "Oh," ela disse. "Bem, eu suponho que depende. Quantas você acha que ira precisa até eu me tornar totalmente entendida?"

"Isto depende, eu suponho," ele disse, devagar. Por dentro, entretanto, o pensamento dele estava se movendo sem nenhuma lerdeza. O que, ele estava pensando, ela faria se eu tirasse aqueles óculos do nariz dela, jogasse eles no chão, puxasse ela da cadeira, e a beija-se? Então? Ela sairia da sala? Bateria me? Ou me beijaria de volta?

"Bem," Caroline disse, interrompendo o frenético dialogo interno dele. "Por que você simplesmente não começa, e nós vamos por ai."

"Certo," ele concordou, relutantemente. E limpou a garganta novamente.

Ele tinha, é claro, preparado a leitura para a ocasião. Uma elegante leitura, bem ponderado. Ele tinha tido a ideia durante a opera na noite anterior. Bem, ele precisava de algo para mantê-lo de passar toda a tarde olhando Caroline.

Infelizmente, ele não tinha acreditado que ela apareceria esta tarde, e então ele deixou o seu programa da opera, o qual ele tinha feito anotações, ao lado de sua cama.

"Certo," ele disse de novo. Ele se sentia desconfortavelmente nervoso, embora o porquê ele estaria, ele não podia imaginar. Fora o fato de que ele nunca tinha se imaginado nesta posição, explicando algo tão... bem, intimo, para uma jovem lady que tinha sido gentil e cuidadosamente criada.

E a quem ele estava se encontrado mais e mais atraído.

Felizmente, o tópico que ele tinha escolhido para a primeira aula era bem impessoal. "Bem, você vê, Lady Caroline," ele começou, "as intimidades que ocorrem entre um homem e uma mulher na privacidade de um quarto não pode ser adequadamente descrita em algo como este. Nós estamos como você indubitavelmente esta ciente, em um escritório, uma atmosfera que dificilmente

conduz ao romantismo."

Isto soava bem. Ele decidiu explorar este tema.

"Eu não posso dar ênfase o suficiente da importância da atmosfera para um caso romântico. Tem os que dizem que amor não deve ser feito durante a luz do dia, como se a luz do sol não conduzisse a apropriado sentimento romântico. E eu acho que isto é verdadeiro com algumas mulheres que talvez tenham vergonha a respeito de seu corpo, eu acredito também que não há nada mais liberante do que tirar a roupa, assim como as inibições, na luz do dia-"

"Perdoe-me," Caroline interrompeu seu lápis ainda na pagina.

Ele pausou, e olhou para ela. Perdoe-o se ela não parecesse tão atraente como uma Náiade {ninfa aquática, tipo sereia} em seu banco, com seu cabelo dourado e sua linda pele fresca. Bem, uma Náiade de óculos.

"Sim?" ele disse.

Ela sorriu educadamente. "Como eu disse anteriormente, eu só tenho uma hora. Podemo-nos talvez guardar a discussão sobre a atmosfera – que é fascinante, acredite em mim – para outra hora, e ir direto para o beijo?"

Ele levantou suas sobrancelhas. "Beijos?"

"Sim," Caroline disse "Beijos. E depois nós possamos discutir aquilo que você fez noite passada, com o seu dedo."

Ele tossiu. Era muito para impessoal.

Bem, voltou a si. Pense no rosto de Jacquelyn, ele pensou. Pense em como ela ficara quando Lady Caroline Linford aparecer como testemunha a favor dele...

Ele podia, ele sentiu manter o controle sobre seus instintos básicos pelo prazer de ver isto. "Certo, então," ele disse. "Beijos. Muito bem. Escutamos, é claro, sobre beijos todo o tempo, mas o que não escutamos é que o beijo é uma parte muito importante do-"

Lady Caroline o interrompeu. "Há um tipo particular de beijos que eu quero discutir, um que eu observei em certa ocasião. Um tipo em que as pessoas engajadas enfiam suas línguas uma na boca da outra."

Ele não pode deixar de olhar para a boca dela quando ele disse isso. Era uma boca bem bonita, seus lábios rosados e iminentemente beijáveis. Ele arrastou o olhar com certo esforço. "Você observou isto."

Ela assentiu enfaticamente. "Oh, sim. É certamente uma coisa. Eu vi fazendo."

Ele se perguntou se ele já tinha mesmo em seu bairro de criança, sido tão absurdamente inocente, e então decidiu que era justamente ao contrario.

Ele limpou a garganta. "Sim. Bem, este tipo particular de beijos que você descreveu é bem..."

"Nojento," ela terminou para ele, com um olhar de quem sabe.

Braden piscou para ela. Ele não pode evitar. Realmente, o que havia de errado com o noivo dela? Ele era mais do que um almofadinha? Ele era Braden não

pode deixar de seu perguntar, um daqueles? Braden sempre pensou que ele poderia ser. Esta era certamente a única razão em que ele pode pensar para que o cara não tivesse ido para cama com Lady Caroline. Ou ele era louco ou um idiota, ou provavelmente uma combinação dos dois. “Não é nojento,” ele disse, mantendo o tom impessoal com esforço. “Não é nojento mesmo.”

“Bem,” ela disse. “Eu não veja o que pode ser prazeroso sobre isso. Ter alguém forçando a língua em sua boca, eu quero dizer.”

“Ninguém força a língua em lugar nenhum,” Braden disse impaciente. “Se é isso que Slater faz quando a beija, não me assusta que você ache nojento.”

Caroline parecia recatada – o que não parecia difícil para ela realizar com aqueles óculos. “Se por Slater,” ela disse, “você se refere ao meu noivo, o marques de Winchilsea, a resposta é não, Mr. Grandville. Ele nunca me beijou desse jeito.”

Bem, isto certamente não era uma surpresa. O que o surpreendeu, um pouco, foi o tom melancólico na voz dela quando ela fez a confissão.

“Bem,” ele disse, rapidamente. “um dia sem duvida ele fará, e é melhor você estar preparada. Este tipo de beijo, Lady Caroline, é conhecido pelos franceses como o beijos da alma, porque através desse beijo, um casal passa suas almas um para o outro e assim por diante.”

A boca de Caroline se abriu. “Que mórbido” ela disse.

Ele contraiu os ombros. “Os Franceses,” ele disse, com uma contração de desculpa. “Agora, eu devo te alertar, este tipo de beijo pegou neste pais, e eu receio de que se você sinceramente deseja ser esposa e amante para seu marido, você terá que aprende-lo.” Caroline piscou resignadamente, virou a pagina de seu caderno, preparando seu lápis. “Muito bem. Como se faz?”

De qualquer outra mulher, aquilo teria sido um convite. Que certamente o afetaria como tal. Ele estava tomado por um repentino e poderoso desejo de beijar Lady Caroline que os braços dele pareciam chacoalhar com o esforço de mantê-los do seu lado. Ele não tinha o habito de ir, arrebatando garotas que tinham deixado claro seu desinteresse por ele, e beijando elas.

E lá estava ele. Ele queria beijar ela, apesar do fato de beijá-la ser indubitavelmente a ideia mais doente que ele já teve.

Porém, ele ainda lutava.

“Talvez,” ele disse, em uma voz que ele esperava que ela não notasse que não parecia em nada com a voz dele. “nós devemos voltar ao tópico de criar uma atmosfera romântica.” “Beijos, por favor,” Caroline disse, batendo impacientemente contra o seu caderno.

Bom Deus. Isto não daria mesmo. Até o jeito que ela falou as palavras – Beijos, por favor – naquele tom chateado tinha excitado ele.

Bem, e por isso se foi {?}? Que mal faria um pequeno beijo? Sério, que mal?

“Não é um tipo de coisa que você pode descrever,” ele disse o olhar dele na

boca dela mais uma vez. Era uma boca completamente desprovida de cosmético, diferente de qualquer outra boca que ele se lembrava ter beijado no passado. “Talvez seja melhor se eu mostrar para você.”

Ela abaixou o lápis. Quando ele levantou o olhar de sua boca para seu olho, ele viu que ela estava olhando para ele seriamente através das lentes de seus óculos.

“Mr. Grandville,” ela disse, severamente. “Talvez você tenha entendido errado. Eu não vim aqui com o desejo de ser adicionada ao seu Harém. Eu não estou interessada em ter um caso de amor com você. Eu estou como você sabe noiva.”

Ele sentiu um encantador jorro atravessar ele. Era inexplicável. Ele nunca tinha sentido nada como isso antes.

“Como eu estou, Lady Caroline,” ele disse, abrindo suas mãos grandes. “Mas você não me vê brigar devido à melhor maneira que eu tenho para te ensinar estas coisas. Porque você brigando pela maneira de aprender elas? Afinal você, Lady Caroline, veio até mim.” “Mas,” ela disse, em uma voz um pouco mais fraca do que a anterior, “Eu não vejo o porquê que você não pode apenas me dizer-“

“Eu te disse.” Ele empurrou a cadeira e se levantou. “Porque este não é o tipo de coisa que eu posso dizer.” Ele atravessou a sua mesa rapidamente, antes que ele pudesse dizer a si mesmo para não fazer, e enquanto ela ainda estava perplexa. “Eu tenho que te mostrar. É o único jeito.” Ele disse, se curvando para pegar o caderno e o lápis das mãos frouxas dela, “de você aprender.”

“Mas,” Caroline disse, fracamente.

“Você quer impressionar o marques, não quer?” Ele tinha pego a mão dela, e agora ele puxou ela firmemente da cadeira.

“Sim,” ela disse, na mesma voz instável. “Mas-“

Os óculos, ele percebeu, teriam que sair. Ele gentilmente os tirou, falando com ela em uma voz baixa e sussurrante, o mesmo tipo de voz que treinador deve usar em um cavalo nervoso.

“Tudo ficara bem,” ele disse. “Você vai ver. Você pode até gostar.”

“Eu não acho,” Caroline disse, ansiedade estava escrita em seus enormes e expressivos olhos marrons.

“Bem,” Braden disse, “Eu acho.” Ele pegou um rebelde cacho âmbar da testa dela. Enquanto ela estava distraída por isto, ele se inclinou, e com um sentimento de urgência, pressionou sua boca contra a dela.

Capítulo 13

Caroline mal podia acreditar no que estava acontecendo. Em um minuto, parecia que ela tinha a situação sobre controle, e no outro, Braden Grandville estava beijando ela.

Com isso tinha acontecido? Como ela permitiu que as coisas saíssem de sua mão, quando ela tinha sido vigilante para não cometer tal besteira? Afinal, Braden Grandville era o mais notório galinha de toda Londres. Era de se esperar que ele tentasse alguma coisa assim.

Mas ele tinha deixado bem claro, no primeiro dia que ela veio ate ele, que ele não queria nada com ela. Ela tinha pensado que ele não gostava dela, que ela tinha deixado-o horrorizado por ela não ser para frente, que ele tinha achado ela estúpida, uma virgem idiota que não merecesse uma segunda olhada.

E agora, aqui estava ela, com seu rosto na enorme – e calejadas mãos – de Braden Grandville, ela podia sentir os calos, áspero sobre a pele de sua bochecha- e em vez de se sentir gratificada por ele obviamente não tê-la achado repulsiva como ela pensou no inicio, ela sentiu apenas pânico.

Porque ele estava beijando ela de uma maneira que ela nunca tinha experimentado na vida. Não que ele enfiou a língua na boca dela – não mesmo. Ele estava apenas movendo seus lábios contra os dela no mais leve e gentil beijo imaginável. Os lábios dele, diferente de suas mãos, não eram ásperos, o que era uma surpresa. Ele certamente parecia como se ele fosse todo áspero, mas seus lábios eram muito macios.

Havia uma força atrás daquela soáveis, força esta que Caroline se encontrou respondendo. Tinha algo sedutor sobre isto, sobre a contenção que ele estava fazendo. Ela podia sentir esta contenção na maneira cuidadosa com a qual ele pegou a cabeça dela, não permitindo que suas mãos fossem para outro lugar – sentido que era apenas com esforço que ele não a aproximava dele, curvava seu corpo para trás, e a jogava contra sua firme estrutura.

E esta percepção a fez relaxar. Seus braços, ao lado de seu corpo, pareceram de repente impossíveis de levantar. Seus joelhos pareciam ter a consistência de manteiga. Ela sentiu com se as só as mãos de Braden Grandville a mantinha de pé.

Até a sua boca, a qual ela esteve segurando firmemente fechada, parecia se perder debaixo daquelas caricias suaves dos lábios dele. Ela sentiu seus lábios se separaram, e depois afrouxarem, como se ele fizesse parte de algum mundo mágico, e depois os abriu. Não havia meras palavras que poderiam a fazer sentir

tão delicioso prazer, e ainda completamente viva. Não havia magia envolvida, não tinha duvidas disso... Mas aquela mágica estava-nos persuasivamente gentis lábios de Braden Grandville, não em nada que ele tinha tido.

E depois, antes que ela se dessa conta do que estava acontecendo, ele tinha de maneira experiente – claramente um mestre no trabalho- escorregou sua língua parte mais úmida dos lábios dela. Um contato passageiro, e depois se foi, e Caroline, dificilmente sabendo o que ela estava fazendo, abriu seus lábios ainda mais...

...e lá estava de novo, a língua dele, movendo se rapidamente contra a dela.

Que extraordinário! Porque não era nem um pouco nojento. De fato, era o oposto. Ela esticou sua língua, timidamente no inicio, e depois com uma crescente confiança como ela percebeu, divagadoramente, era como se ele tivesse sacando a alma dela para dentro dele. Ela podia senti-lo despejando para ela, rolando da boca dela para a dele, até ele arremessá-la novamente. Era um sentimento amável, realmente. Miraculoso, quase.

Era ainda mais miraculoso o que o beijo de Braden Grandville estava fazendo com ela embaixo de seu pescoço. Porque ela estava sentindo coisas lá embaixo que ela nunca tinha sentido antes – uma estranha sensação de formigamento por quase toda sua pele, como se ela fosse um gato que alguém alisou na direção errada. Estava causando na ponta de seus seios um enrijecimento dentro de um afiado pico, e suas coxas apertando defensivamente contra um repentino calor onde eles estavam unidos. O que, se perguntou, confusa, está acontecendo comigo?

Mas ele mal teve a chance de se assombrar com a sua reação do que Braden Grandville estava fazendo antes que ele abruptamente parasse de fazer. Assim simplesmente, ele quebrou o beijo, soltando sua face e tirando sua boca da dela. Caroline, que manteve as pálpebras fechadas, abriu-os desorientadoramente devido ao ar frio que a atingiu onde estavam lábios e as mãos dele, e quase caiu, pois seus joelhos ainda não tinham se recuperado. Braden abriu os braços para firmá-la, e Caroline, se agarrando a eles como o único objeto firme no universo que tinha, só um minuto antes, girado fora de controla, levantou seus olhos maravilhados para encontrar os dele.

"Ai," ele disse. Era imaginação dela, ou a voz dele não soava tão firme como antes? "Não é tão nojento, agora, é?"

Era a imaginação dela. Tinha que ser. Braden Grandville era um homem de experiência. Ele não se sentiria como Caroline por causa do beijo deles, como se ela não pudesse falar. Seus lábios estavam entorpecidos, sua língua pesada como chumbo. Ela estava se sentido inteira pesada como chumbo. De fato, enquanto ela desabava na cadeira que ele tinha puxado para ela, lhe ocorreu que ela precisava de um minuto de descanso.

"Agora," Braden Grandville disse, procurando o caderno e o lápis dela e

esticando-os de volta para ela, “anote isto. Você tem certeza que se lembra de tudo? Se você quiser, eu posso fazer de novo.”

Caroline balançou a cabeça estupidamente. Ela sentiu como se houvesse teias em seu crânio. “Não,” ela disse, fracamente. “Não, eu achei que entendi.”

“Bom.” Braden Grandville, invés, de voltar a sua cabeça atrás de sua mesa, sentou na cadeira ao lado dela. Mas não, ela estava certa, por que as pernas dele pareciam não ter ossos, como o beijo dele a fez sentir. “Você é rápida para aprender.”

Caroline se ouviu murmurar, “Eu sempre tive boas notas na escola.”

“Excelente. Bem, o que nós vamos aprender depois? Você me perguntou sobre meu, er, toque em você noite passada bem aqui-“ Ele levantou o dedo em direção a base da orelha dela. Ela deveria ter recuado, entretanto, ele rapidamente abaixou a mãe, e disse, “A menos que você queira retornar ao assunto sobre a atmosfera romântica para a sedução...”

“Eu acho,” Caroline disse rapidamente, fechando seu caderno, “que isto foi o bastante por um dia. Talvez nós devêssemos nos encontrar de novo amanhã-“

Ela se levantou não muito firme, em seus pés. “Está bem. Mas você esta certa de que esta se sentindo bem, Lady Caroline? Você parece-“

Ela se curvou para recuperar sua luva, a qual tinha escorregado de colo quando ele tinha puxado ela para a cadeira. Ele disse,

“Permita-me,” e as pegou antes que ela tivesse a chance de tocá-las, depois deu a ela com um galante floreio.

“Obrigado,” Caroline murmurou.

“Não se ofenda,” ele disse, ajudando-a a alcançar seu chapéu, sua bolsa e sua sombrinha, que tinha se espalhado no chão sobre a cadeira dela, “mas sua cor está um pouco... forte. Talvez você devesse esperar e tomar um chá. Eu posso pedir um-“

“Não, não,” ela disse, rapidamente. “Eu não posso ficar. E eu estava jogando badminton outro dia, e estava ensolarado, então suponho que estou apenas um pouco queimada-“ “Deve ser isto.” Ele pegou sua bolsa, e colocou o caderno e o lápis dentro. “Então. Há mesma hora amanhã, Lady Caroline?”

“Um” ela disse, enquanto ela colocava as luvas. “Sim. Eu acho que sim. Se estiver tudo certo para você.”

“Perfeitamente bem,” ele disse, passando o chapéu para ela. “Obrigado.”

Com seu chapéu seguro, ela alcançou a sombrinha que ele segurava. “Obrigado,” ela disse, educadamente.

“E você vai,” ele perguntou, educadamente, “estar no teatro novamente esta noite? Talvez nos vejamos de novo.”

“Não,” ela disse. “Nós temos um jantar privado para ir, eu acho. Bom dia, Mr. Grandville.” Ela começou a ir, pensando que estava bem, exceto pelo fato de que ela obviamente estava um pouco corada, ela realmente não tinha controlado a

situação tão mal. Mas a voz profunda dele a tirou de seus pensamentos.

"Lady Caroline?"

Ela virou e piscou para ele. Ele realmente era um homem terrivelmente largo, imponente. Não era difícil imagina ele quando criança, lutando para viver no sórdido distrito de Seven Dials, onde Thomas tinha dito que ele cresceu. Ele teve que aprender a ser rápido com aqueles massivos pulsos, simplesmente para sobreviver.

E ainda, apesar de todo aquele tamanho, ele tinha sido surpreendentemente gentil com ela.

"Sim, Mr. Grandville?" ela disse.

Ele segurava algo na direção dela. "Você esqueceu seus óculos," ele disse.

"Oh," ela disse, dando um passo para pegá-los. "Obrigado. Eu, um, só preciso deles, você sabe, para ler. E escrever. E essas coisas."

"E essas coisas," ele disse, com um severo aceno. "Claro." "Bem," Caroline disse. "Adeus novamente."

Ele saiu depressa, antes que ele tivesse a chance de chamá-la novamente, ou mesmo dizer outra palavra.

Foi com um grande alivio que Caroline se viu parada com Violet na agitada, Bond Street. Mas um momento depois da porta do escritório Enterprise Grandville ter se fechado atrás deles que a magnitude do que ela tinha acabado de fazer a atingiu.

Bom Deus. Ela beijou Braden Grandville. Ela tinha beijado Braden Grandville.

Não apenas Braden Grandville, pensado que aquilo era suficientemente ruim. Não, ela tinha beijado outro homem, um homem com quem ela estava comprometida.

Sem esquecer completamente uma semana antes, onde ela tinha visto seu noivo fazendo algo mais do que beijar outra mulher. Isto não era ela falou para si mesma, sobre Hurst. Bem, exceto de uma maneira indireta. Isto era sobre ela. Isto era sobre ela e o homem com quem ela tinha feito um acordo.

Um acordo que tinha expressamente uma clausura de não tocar.

Ela não tinha a menor ideia do que a compeliu a fazer o que ela fez a seguir. Ela só sabia que em minuto, ela estava na Bond Street, e no outro, ela estava pedindo a Violet para esperar um momento, e estava voltando para a grande porta preta.

Ela se importou em tocar a campanha. Ela colocou a mão no trinco e empurrou, e a grande porta abriu. Ela não tinha prestado a mínima atenção no olhar questionador que ela estava recebendo dos empregados de Braden Grandville. Ela não prestado a mínima atenção no pequeno homem que perguntou se ela tinha esquecido alguma coisa. Ela meramente seguiu em direção a porta pela qual ela tinha acabado de sair alguns segundos atrás, e jogou todo o seu peso contra ela.

Braden Grandville se virou da janela na qual ele estava parado sozinho, com suas mãos no bolso da calça.

“Lady Caroline,” Braden Grandville disse, em tom surpreso. “Você esqueceu algo?” “Certamente eu esqueci,” Caroline disse.

Ela avançou para ele, trouxe seu braço para trás, e atingiu seu rosto com mais força do que ela jamais balançou uma raquete de badminton.

O som resultante da pele dele batendo na dele foi alto, e extremante satisfatório. E quando ela trouxe os braços para baixo de novo, Caroline teve a maior satisfação em ver a marca de sua mão, fortemente branca, contra a bochecha dele. Um instante depois, o branco se encheu com uma cor quente.

Ela disse, “Considere isto sua primeira lição em como fazer amor, Mr. Grandville.” Depois ela se virou e saiu da sala novamente.

Capítulo 14

Então não tinha saído de acordo com o plano. E daí? Se tinha uma coisa que Braden Grandville tinha aprendido durante seu caminho em direção a riqueza e a fama, era que as coisas frequentemente não iam.

De acordo do com os planos, isto é.

E quando uma mulher esta envolvida, bem, as coisas garantidamente davam errado. Particularmente uma mulher como Caroline Linford, que era claramente...

Bem, não normal.

Braden se assegurou da anomalia da jovem mulher durante todo o jantar com sua noiva e a família dela. Realmente, não havia duvidas sobre isto. Nenhuma garota normal teria reagido do jeito que Caroline Linford reagiu. Havia algo seriamente errado com aquela garota. Ela tinha pedido a ele – implorado a ele, praticamente – para ensiná-la a arte de fazer amor, e então, quando ele fez uma sincera e pura tentativa de fazer isto, ela o atacou, tão ferozmente quanto um gato encurralado.

Presumidamente, ela tinha deixado claro no começo que ela não queria contato físico. Mas ele tinha pedido a permissão dela antes de beijá-la, não tinha? E ela deu...

Relutantemente, talvez, mas ela deu. Então que direito ela tinha de dar um tapa nele? Que direito?

Todo o direito. Ele tinha sido completamente manipulador, e imperdoavelmente rude. A única chance que ele tinha de se redimir pelo seu comportamento insensível foi jurar nunca mais tocá-la, ou mesmo chegar perto dela.

Um voto que era mais fácil manter, ele imediatamente descobriu, quando ela não estava em sua vista. Porque tão logo ele a viu no salão de baile lotado, para qual ele tinha sido arrastado pela sua noiva, sua resolução desmoronou. Em segundos, ele estava dando tapas no ombro do seu parceiro de dança – que, felizmente, acontecia de ser seu irmão, um jovem para quem o nome Braden Grandville era sinônimo de herói – e dizendo, “Me perdoe. Mas eu posso?”

O jovem conde de Bartlett se virou de pressa para render sua irmã, que não parecia muito feliz com a troca. De fato, ela teve o descaramento de vocalizar sua decepção, e um pouco alto, também.

“Tommy,” ela disse, em uma voz perigosa.

“Sério,” o conde estava dizendo, para Braden. “Você pode dançar com ela. Eu

estava sentado, de qualquer modo, mas Ma me fez convidá-la, desde que ninguém mais tinha-“ “Tommy,” ela disse, e Braden não pode ver como o irmão dela falhou em ouvir o aviso na voz dela.

Mas Thomas Linford apenas disse, “Divirtam-se, vocês dois,” e saiu, deixando sua irmã – que parecia uma jovem tão doce e indefesa – sozinhos nos braços do infame Braden Grandville.

Indefesa. Há!

“É melhor você parar de franzir o rosto e começar a se mexer,” ele disse, enquanto colocava uma mãe em volta da cintura dela, e pegava sua mão direita com a outra, “ou sua mama vira aqui, se perguntando o que esta errado. E eu serei compelido a contar a ela.” Aqueles olhos marrons, tão enganadoramente decepcionante, atiraram adagas nele. “Eu aposto que você faria,” ela disse, amargamente. “O que você esta fazendo aqui? Você tem homens me seguindo agora, assim como a Lady Jacquelyn?”

“Não seja ridícula.” Ele a moveu com experiência pelo salão de dança lotado. “É claro que eu não estou seguindo você. Eu estou aqui com Jacquelyn.”

“Bem, então porque você não esta dançando com ela?” Caroline exigiu. “Foi ela quem aceitou casar com você. Então porque você esta perturbando a mim?”

“Porque eu gostaria de me desculpar,” Braden disse, calmamente. Ela olhou para ele com suspeitas. “Pelo que?”

“Você sabe muito bem.” Ele disse.

“Por me insultar e degradar, você quer dizer?” Ele quase parou de dançar, de tão perplexo.

“Não vamos tão longe,” ele disse, quando se recuperou. “Foi apenas um beijo, afinal, Lady Caroline.”

“Foi isso? Ou você estava tentando me seduzir?” O olhar dela estava penetrante.

Ele parou de dançar, de vez. “Certamente eu não estava. Meu Deus, de onde você tirou esta ideia?”

“Ou dance ou me escolte para fora do salão,” ela sussurrou. “Não fique ai parado. As pessoas estão olhando.”

Ele começou a mover os pés novamente. “Você e eu, Lady Caroline,” ele disse, tentando manter a voz estável, embora, verdade seja dita, ele sentiu como se estivesse gritando. “temos acordos de negócios – ou pelo menos, eu achei que tínhamos. Onde em nome de Deus você tirou a noção de que eu estava seduzindo você? Só por causa daquele beijo?” “Você se esqueceu,” ela disse, “que eu tenho um irmão que o venera. Eu sei tudo sobre você, Mr. Grandville. E suas maneiras horríveis.”

Ela pôs uma ênfase insultante na palavra mister, como se ela achasse que ele não merecia o titulo.

“Agora veja,” ele disse. “Você veio ate mim por causa dos meus horríveis

modos. Contra meu melhor julgamento, eu concordei em ajudar você, em troca da ajuda com minha... situação. Agora de repente parece que você esta voltando atrás da sua parte do acordo." "Porque eu não deveria?" Caroline perguntou. "Quando esta claro que sua intenção é me adicionar meu nome na sua lista de tolas que se apaixonaram por você ao longo dos anos?" Ela separou dele repentinamente. "Bem, obrigado, Mr. Grandville, mas esta é uma honra que eu acho poder passar sem. É melhor você considerar esta dança acabada, Mr. Grandville."

Ela não quis dizer apenas o waltz {dança popular}, também, e ele sabia.

Repentinamente ocorrendo que ela estava escapando, Braden a puxou para ele, deixando Caroline tão perto dele que Caroline pode sentir a corrente do relógio dele através do fecho do seu corpete... A corrente de seu relógio, e seu coração, que estava batendo tão rapidamente quanto o dele contra suas costelas.

Para sua mortificação, ela sentiu suas bochechas esquentarem novamente. Não pela imprópria maneira que ele estava segurando ela, em um abraço publico, mas pela miríade emoção causada pelo contato tão próximo: a essência dele – a qual ela se lembrava muito bem – uma combinação extremamente masculina de sabonete e, levemente, de pólvora; o calor emanado de debaixo de seu casaco, quase chamuscando ela através do material de suas luvas; a fraca coloração da pele ao longo de sua mandíbula, já espinhenta pela com a barba barbeada; aquela maligna cicatriz em sua sobrancelha... Todas estas coisas pareciam ter rompido a resistência dela.

Mas ela iria resistir. Ela tinha que resistir.

"Eu não tive nenhuma intenção de seduzir você," Braden rosnou. Sua respiração quente causa tremores que subiam e desciam pela espinha dela, o mesmo tremor que ela sentiu quando ele correu o dedo ao longo do pescoço dela. Pior do que os tremores, entretanto, era o fato dela sentir seus mamilos enrijecendo contra seu corpete. Oh, não, ela pensou. Não novamente.

"A menos é claro," ele continuou, "que aconteça de você me querer."

Caroline disse, rapidamente, "Eu posso assegurar que isto nunca vai acontecer." "Prove, então," ele disse, "ficando e terminando de dançar comigo. Eu prometo que me comportarei como um perfeito cavalheiro."

Ela continuou hesitante, ate ele adicionar, "É claro, se você escolher sair em um acesso de raiva, isto só iria chamar a atenção das pessoas que poderiam me inquirir porque você está tão brava comigo. E eu seria compelido a explicar nosso acordo..."

"Você não faria!"

Ela não pode deixar de ver pela expressão dele, entretanto, que ele faria, e relutantemente ela pôs a mão de volta em seu ombro, e escorregou a outra de volta para seus dedos.

"Então é por isso que você faz sucesso com as mulheres," ela comentou.

“Você as chantageai.”

Braden não pode deixar de enrugar a testa ao ouvir isto. Isto não estava acontecendo do jeito que ele tinha a intenção de fazer. Mas o que tinha desde que ele a conheceu? Caroline Linford parecia trazer a tona o pior dele. Era uma guerra se lembrar que ele deveria supostamente ser um cavalheiro agora, e não um gangster desajeitado do Dials, apaixonado pela primeira vez.

Apaixonado? Dificilmente. O que ele estava pensando?

Interessante. Isto que era. Ela o interessava. Ela o interessava muito certamente. E ele esperava causar melhor impressão nela do que ele evidentemente tinha causado à tarde. “Acredite em mim, Lady Caroline,” ele disse, movendo ela com experiência pelo salão de dança. “Se eu quisesse, eu poderia fazê-la tão ávida a dançar comigo, que você me chantagearia se eu não te convidasse.”

Mas tudo o que ela disse amargamente como resposta foi, “Hurst estava certo sobre você.”

Mas não, Caroline tinha que admitir, sobre tudo. Ele dançava, para uma coisa. Braden Grandville não dançava como um homem acostumado a vacilar. Para um homem do tamanho dele, ele era quase gracioso! Usualmente quando ela se vê sendo parceira de um rapaz da sociedade de Londres, Caroline teme pelos seus sapatos, mas abrigada nos braços fortes de Braden Grandville, ela sentia que seus dedos talvez, pela primeira vez, estariam seguros. A única possível objeção dela poderia ser que, diferente dela, ele não estava usando luva, e ocasionalmente ela sentia sua mãe despida pressionada não contra sua cintura, mas na pele macia e desnuda de seu pescoço, entre as laminas de seu ombro. Este contato era um pouco mais intimo para um salão de dança no qual o noivo de Caroline estava parado a uns doze passos de distancia. Não, é claro, que ela esperasse que Hurst notasse. Mas a mãe dela certamente notaria.

“Ele esta aqui, agora?” Ele não soava com o mínimo de prazer ao ouvir isso. “E o que o marques diz sobre mim?”

“Ele me disse como você é um bruto pretensioso,” ela informou a ela. O que ela negligenciou, foi que quando Hurst disse isto, ela objetou a crueldade de sua condenação. Agora, entretanto, ela convenientemente deixou de fora esta parte da conversa deles; “E ele me avisou para ficar longe de você.”

“Oh, ele avisou, não avisou? Então, porque,” ele inquiriu, “você não segue o conselho dele?”

“Porque você segurou minha mão.” Caroline estalou, “e não me deixou sair, obviamente.” Ele jogou a cabeça para trás e riu, e Caroline, surpresa, piscou para ele. Era inquietante como Braden Grandville ficava bonito quando ele ria. E ele certamente vestia trajes de noite bem. A gravata dele era tão enfeitada quanto à de Hurst!

Se lembrando do se noivo, Caroline olhou em volta. Hurst, normalmente o

mais conciso dos homens – por isso que ela achou a descrição de Braden Grandville do amante de Jacquelyn como um "fantasma" tão hilária – não teria ligado nem se ela estivesse dançando com chefe Zulu... Especialmente esta noite. Ele esteve distraído a noite toda, ao ponto dela perguntar se ele estava bem.

Quando de repente, ela notou, ele estava alerta o suficiente não só para reconhecer que ela estava dançando com Braden Grandville, como também para fazer exceção do caso. Ele já estava avançando em direção a mãe dela, com a boca aberta em uma reclamação e o dedo apontado na direção dela.

Bom Deus, Caroline pensou consigo mesmo. Poderia ser... Seria possível o noivo dela estar na verdade com ciúmes?

Não poderia ser. Hurst não ligava para ela – não desse jeito. Ele apenas, ela sabia, odiava Braden Grandville com paixão, pelo seu pobre nascimento e pela sua imensa riqueza e, inquestionavelmente, pela escolha de sua noiva. O que a lembrou...

"Se você acha," Caroline estalou, "que nos vamos continuar aquelas chamadas lições, eu irei apontar, sir, que você esta tristemente enganado."

"Oh, mas você esta enganada, Caroline," ele disse quietamente, olhando para ele com um calor no olhar, Caroline não podia desviar o olhar. "Nós vamos continuar com elas. Eu ate comecei a planejar a lição de amanhã."

Caroline engoliu. Ela não ousava perguntar qual seria o programa.

"Se você encostar um dedo em mim novamente," ela disse, "Eu contarei para Hurst." "Para alguém que diz estar em tanto debito com o marque, você certamente esta colando a vida dele no caminho do perigo. Eu não tenho sido chamado de Dead Eye a maior parte da minha vida por nada, você sabe."

Ele estava sorrindo abertamente agora. A cicatriz na sua sobrancelha, assim como o sorriso, davam a ele um distinto ar de maldade que mais uma vez causou uma falta de ar em Caroline. Ela se perguntava se teria que colocar sua cabeça entre os joelhos mais uma vez.

"O que seria uma pena," ele disse, em uma voz com tanto carinho quanto a sua mãe que se movia devagar mais uma vez pela pele desnuda do pescoço dela. "para o seu noivo ter que ir para um hospital com o braço enfaixado – ou pior ainda, para um caixão."

Ela sugou sua respiração. Ela não pode evitar como ela não pode evitar as lagrimas que repentinamente saltaram de seus olhos, "Pare," ela disse se soltando mais uma vez dos braços dele. "Você – como você ousa?"

Ele sabia mesmo antes de a ouvir ela soluçar e ver as lagrima que ele tinha ido longe demais. Tardiamente, ele se lembrou do irmão dela, e se amaldiçoou. O medo que o menino tinha dado nela e no resto da família ainda estava muito fresco para se fazer piada sobre morte. Ele ficou imediatamente contrito, movendo os braços de modo confortador através dos ombros dela, um braço que ela imediatamente tirou.

“Caroline,” ele ralhou com ela, gentilmente. “Desculpe-me. Eu nunca atiraria no seu marque, mesmo se ele me chamasse. Eu sei o quanto ele é importante para você” Por alguma razão, essas palavras de conforto pareceram ter o efeito oposto ao que ele esperava. Porque repentinamente, Caroline se virou e saiu da sala.

Felizmente, o waltz já tinha acabado, e então ninguém – com a possível exceção da mãe dela – notou a abrupta saída de Caroline Linford. Os rijos ombros dela com variações – sem vergonha. Certamente não era uma vergonha, ou foi o que ela disse para si mesmo quando ela se virou, e começou a marchar cegamente, em direção a porta francesa que, ela assumiu, levaria ao jardim. Ela sentiu uma repentina necessidade de escapar do calor do salão – e do olhar de Braden Grandville.

Braden Grandville, entretanto, que não a deixaria escapar tão facilmente, se apressou atrás dela.

“Oh, Lord,” Caroline disse, não muito encorajado, quando ela viu que ele a seguia. “Porque você esta fazendo isto?”

“Fazendo o que, Caroline? Eu não estou fazendo, Caroline? Eu não estou fazendo nada. Eu só estava brincando quando eu disse aquilo sobre atirar em seu noivo. Eu certamente não queria dizer-“

“Não, não isto,” ela disse, com uma impaciente batida de pé. “Porque você esta aqui, falando comigo? Eu sei que você acha que eu não sou nada alem de um simples escolar. Então porque você se incomoda de vir me procurar?”

Braden hesitou surpreso pela perguntar. Ele deveria ter esperando isto, é claro. Caroline Linford não era nada se não direta. Braden sabia que não poderia responder com nada parecido com a candura dela, entretanto. Ela possivelmente não podia dizer a verdade para ela – que ele não era capaz, desde que ele notou aqueles enormes olhos marrons pela primeira vez, de tirá-los da cabeça. Que, diferente do que poderia parecer, ele sentia um tipo estranho de afinidade com ela – sentido desde daquela noite em que ele segurou a cabeça dela no colo dela, e a ouviu descrever sobre a sua falta de comprometimento com a causa de sua amiga Emily. E mais do que tudo, que ele tinha achado, durante aquele altamente beijo erótico que eles compartilharam em seu escritório – o primeiro e único beijo, ele estava convencido, que ela já tinha tido em seus vinte e um ano – que ele queria ela do pior jeito.

E então ele respondeu, calmamente. “A verdade é, Caroline, que você... interessa-me. E quando alguém me interessa, eu faço um esforço para conhecê-la melhor.”

Caroline olhou para ele in descrença. “Interesso você?” ela ecoou sua voz quebrando. “Eu interesso você?”

“Sim.” Ele assentiu seriamente. “Você me interessa.” Mas como a expressão dela parecia não acreditar nele, ele decidiu provar a ela. E então ele se sentou no

banco de pedra, e disse “Me conte sobre isto.”

As nuvens abruptamente se separaram, e em alguns segundos a lua foi desobstruída, e ele pode ver a expressão dela.

Ela parecia confusa.

“Te falar sobre o que?” ela perguntou. “O acidente de seu irmão.”

Qualquer coisa que ela estava esperando que ele dissesse, não era aquilo. Ele podia dizer pela boca aberta dela. Então a lua desapareceu novamente, e ele pode ver apenas o contorno dela, sua silueta contra a balaustrada que separava o baile e o jardim.

“O...” a voz dela estava fraca. “O acidente dele?”

“Sim, Você me disse que ele foi baleado. Em Oxford, certo?” Ele bateu no lugar vazio ao lado dele no banco. “Sente aqui e me conte sobre isto.”

Ela andou em direção dele, e um arco de luz, saído de uma das altas janelas do salão de dança, atravessou sobre ela. Ele pode ver que o olhar confuso foi substituído por um de suspeita.

“Porque você quer falar sobre o que aconteceu com meu irmão?” ela perguntou, cautelosamente.

“Por que,” ele respondeu. “Você me interessa, lembra? E embora pareça que ele se recuperou, eu posso dizer que o acidente do conde – ou qualquer menção dele, ou de armas em geral – ainda parece chatear você. E eu gostaria de saber por quê.”

“Porque ele quase morreu,” ela disse, em um tom que sugeria que isto deveria ser obvio. “Verdade? Foi só apenas um, ou um tiro múltiplo?”

“Só um” ela disse. “Uma única bala que atravessou aqui.” E ela apontou para uma área em baixo de seu coração.

Braden, não estando certo se ela podia ou não ver ele, sentada nas sombras, assim como ele, assentiu. “Sim. Eu imagino que tenha sido muito assustador.”

E então ela estava no banco ao lado dele, sentada, se ele não se enganava, com uma perna enfiada debaixo dela. Ela estava tão próxima que ele podia sentir a essência de lavanda que ela usava. Misturada com a fragrância de chuva e rosas que pairava tão pesadamente no ar.

“Eles não puderam mover ele,” ela disse. “E nos tivemos que ficar em Oxford for varias semanas – do Natal ate o Candlemas {festival do fogo, que celebra a chegada da primavera} – ate que ele ficasse forte o suficiente para voltar para casa. Mesmo assim, nos não estávamos certos – nós não podíamos ter certeza que ele sobreviveria durante a viajem. Mas Ma só confiava nos cirurgiões de Londres, e então ela achou que valia o risco.”

O conde, Braden entendeu, sobreviveu a viajem, em grande parte graças aos esforços do Marques de Winchilsea, sem o qual, Caroline afirmou, sua pequena família estaria perdida. A mãe dela afundou na metade do tempo em histeria, o marque tinha sido um enviado de Deus, fazendo todos os arranjos necessários nas

pousadas ao longo do caminho, observando de trocar os cavalos, tudo, quase como se Thomas fosse seu próprio irmão. Nunca houve tão devoto amigo. A afinidade do marques nunca poderia ser paga por Caroline e sua família.

"E então," Braden disse, quando ela se silenciou, sua narrativa completa, "você não teve escolha a não ser dizer sim quando ele te pediu em casamento."

Ele sentiu, melhor do que viu o pé que estava embaixo dela se mexer, ate que ambos os pés estivessem no chão de novo.

"Não foi assim que aconteceu," Caroline informou a ele, com a voz um pouco recatada. "Eu estava... afeiçoada ao Lord Winchilsea por algum tempo antes dele propor. Eu fiquei deliciada em aceitar sua oferta de casamento."

E ele imaginou que ela tinha ficado. Tinha sido indubitavelmente sua primeira. Ele não pode deixar de notar que a proposta de Slater coincidia com a primeira sessão fora de Caroline depois de ter herdado a fortuna do pai.

"Não há duvida, então," Braden observou, com um tom cuidadosamente neutro, "que você esta ansiosa para agradar seu futuro marido."

Ele não podia dizer com certeza, mas ele imaginou pelo seu silencio que tinha a feito corar. Fazia anos, ele percebeu desde que ele esteve com uma mulher que corava tão facilmente quanto Caroline Linford.

"Agora que eu estou completamente ciente do quanto você deve ao marques," ele continuou, dificilmente sabendo o que ele estava falando, ele estava tão consciente da proximidade dela, o calor irradiando dela, o doce cheiro de seu cabelo, "eu acho que vou poder ter uma ideia melhor dos assuntos que deveremos cobrir durante nossas lições." "Sobre minhas lições, Mr. Grandville," ela disse, não havia o menor sinal de rancor em sua voz rouca. "eu realmente acredito que o ocorreu esta tarde foi um erro. Um horrível, terrível erro. Eu acho que seria melhor – muito melhor – não continuar as, um, lições." "Eu não acho que foi um erro," ele disse.

E antes que ela soubesse o que ele estava falando, ele esgueirou o braço em volta de sua cintura, e a puxou – não rudemente, mas enfaticamente – contra ele.

"Eu não acho mesmo que tenha sido um erro," ele disse, e ela pode sentir sua voz profunda reverberar através do peito dele.

O rosto dela a apenas algumas polegadas abaixo do dele, ela olhou para ele, um par de olhos um pouco mais escuro do que o dela, apenas com um pouco mais de chama neles que seus próprios olhos, ela sabia, tristemente faltava. Aqueles olhos em chama estavam examinando ela tão proximamente como os dela estudava ele, só que enquanto não havia nada além de ressentimento em seu olhar – ou era o que ela estava dizendo para si mesma – os de Braden Grandville pareciam cheios de alguma coisa completamente diferente.

"Mr. Grandville." Por alguma razão, ela se achou sussurrando. Porque, quando ela devia estar gritando furiosamente? Mas tudo o que veio de sua garganta foi um fraco pleito. "Eu iria apreciar se você me soltar, sir."

“Não,” ele disse, e sua voz parecia um pouco instável, “eu não acho que iria.”

Caroline o estava encarando, com algum tipo de pergunta hipnótica, para os lábios dele enquanto ele falava. Eles não eram exatamente lábios legais. Longe disto. Não que ela fosse feia. Não mesmo. O que eles eram, ela pensou, lábios que tinham beijado muito. “Sério, Mr. Grandville,” ela disse, incapaz de arrastar seu olhar da boca dele. “Você não pode simplesmente agarrar as pessoas assim-“

E então aqueles lábios, que a um segundo atrás ela estava admirando, estavam-nos dela, e ela não pode pensar em mais nada.

Capítulo 15

Esta acontecendo tudo novamente. Igual a antes, mais ainda pior agora, porque Caroline deveria saber melhor desta vez. Ela sabia, ela sabia como seu corpo reagiria em contato com o dele! Mas invés de empurrá-lo, em invés de gritar, ou fazer qualquer coisa, qualquer coisa que impedisse isso de acontecer novamente, ela estava só sentada, sabendo que estava acontecendo tudo de novo, e deixando. Deixando!

Ela achou que Lady Jacquelyn era ruim. Mas, ela não era muito melhor.

Mas aquele conhecimento não a parou diante do sentimento de paixão que tinha se instalado dentro dela no momento em que a boca dele tocou a dela. Nem de manter seu corpo de encontrar o dele até parecer que ela só se manteria de pé no abraço dele. Nem de que não faria nenhum bem ela deslizar os braços em volta do pescoço dele. Nem que ela era capaz de não suspirar um pouco... Que deixou seus lábios um pouco abertos, o suficiente para que a língua dele se lançasse em outra exploração dentro da boca dela. E desta vez, ela se encontrou mexendo a língua rapidamente, só para ver o que aconteceria...

O que aconteceu foi muito mais do que ela estava buscando. Braden Grandville deixou escapar um gemido, abafado contra a boca dela, um som que ela teria confundido com um grito de dor, exceto que ele não a afastou. Longe disto. Ao invés, ele se agarrou a ela, puxando ela para mais perto dele com uma mão só, ela quase pulou em seu colo, enquanto a outra mão subia deslizando na parte de cima de seu vestido, se movendo rapidamente sobre a pele macia de seu braço, até os dedos dele descansarem no lugar onde o coração dela batia forte contra o peito.

Caroline começou a se sentir causticante quando a mão dele deslizou pela curva de seu peito. Ela nunca tinha sido tocada ali antes, por ninguém. Como a língua dele continua brincando de pega-pega com a dela, ela não pode falar nada. Embora ela tentou se afastar dele reflexivamente, sabendo que aquilo tinha ido longe demais, muito longe.

Ele não a soltou, entretanto. Ele não deu espaço. Aquele dedo insultante a deixaram perplexa mesmo antes de desceram embaixo da renda do extremamente modesto decote, antes dele segurar a pele macia do seio dela em sua mão, o bico já estava duro contra a palma de sua mão.

Neste momento, Caroline tirou a boca da dele.

"O que-?" ela começou a perguntar, arquejando quando os dedos dele começaram a amassar aquela parte sensível dela, exercendo uma gentil, mas

inexorável pressão que quase a fez chorar com uma apreciação sem palavras, quando, ela começou a beijá-lo de volta.

"Caroline."

Apenas o nome dela. Foi tudo o que ele disse apenas o nome dela, e ela mal reconheceu, de tão gutural que estava sua voz. O polegar dele se movia sobre o endurecido bico do seio dela, causando outra onda de desejo bateu contra ela. Ela estava consciente que estava úmida em toda a parte, mas principalmente entra as pernas, onde ela sentia a mesma sensibilidade que ela experimentou aquela tarde no escritório dele.

Ela piscou para ele, a respiração dela estava rápida, arfando. Oh, Lord, ela pensou. Eu não posso respirar de novo. Ela podia sentir uma pressão da frente da calça dele contra seu quadril.

Então é assim, ela pensou, vagamente. Para Hurst e Jackie. Bem, isto explica, eu suponho. E então os dedos dele estavam apertando o seio dela novamente, e sua boca abaixando para a dela mais uma vez..

Foi quando ela ouviu seu nome sendo chamado no interior da casa que a sanidade voltou. Colocando ambas as mãos contra o peito duro dele, Caroline empurrou com toda a sua força. Braden estava tão envolvido no abraço que estava completamente inconsciente, poderia ter destruído o banco inteiro, e um vaso de Hortência se ele não tivesse se endireitado no ultimo minuto.

"O que-" ele começou a perguntar, mas foi interrompido pelos passos do Marques de Winchilsea através das postas Francesas, chamando irritadamente o nome de Caroline. "Oh, aqui esta você," o noivo dela gritou em alivio. "Sua mãe e eu estivemos procurando você por todo lugar, querida."

Caroline caminhou ate entrar em contato com a áspera pedra da balaustrada que guardava a escada do jardim. Seu olhar culpado se prendeu no rosto de Hurst, mas aparentemente estava escuro demais para que ele notasse tanto a cor agitada nas bochechas dela ou o fato de que seu peito estava subindo e descendo tão rapidamente como se ela estivesse correndo.

Nem parecia que ele tinha registrado o fato de que tinha um homem parado a alguns passos distantes dela, removendo pétalas de Hortência do seu casaco e ajustando sua calça para acomodar o que Caroline tinha sentido, mas que não tinha capaz de identificar. "O que você estava fazendo aqui?" Hurst perguntou, indo para o lado de Caroline. "Eu estive procurando você por um tempo dos diabos. Onde está-" Ele finalmente notou Braden, que estava reto em toda sua altura e assistindo eles com os braços cruzados sobre o peito, com uma inescrutável expressão no rosto sombrio.

"Oh," Hurst disse. O desapontamento na voz dele era tão evidente que Caroline teria explodido em uma gargalhada se ela não tivesse tão mortificada com o que Hurst, se ele tivesse chegado alguns segundos antes, poderia ter visto. "É você."

"É" Braden concordou, sucintamente. O que em nome de Deus, Caroline tinha

visto neste parasita irritante? Ele teria que fazer alguma para se livrar dele, e rápido. Braden se perguntava se um pouco de pólvora dentro de um ou dois charutos do homem contaria, na mente de Caroline, como violência extrema.

Caroline limpou a garganta. “Hurst,” ela disse. “Mr. Grandville e eu estamos apenas... apenas...”

“Discutindo,” Braden disse, calmamente, “a situação na França.”

A linda face de Hurst enrugou de perplexo- o que estava tudo bem, porque o perplexo torna o marques.

“França?” ele ecoou.

“Certamente,” Braden disse, gravemente. “Eles têm um jeito único de-“

“Brigar com os Prussos,” Caroline terminou para ele. “Realmente, as novas armas que eles estão usando são revolucionarias.”

“Novas armas?” Hurst balançou a cabeça, claramente confuso. “Vocês dois estavam aqui, falando sobra armas?”

“Bem, o que mais? Mr. Grandville é, afinal, um expert no assunto.” Caroline deslizou a mão através do braço dobrado de seu noivo e disse, ”Eu suponho que mamãe esteja pronta para ir. É por isso que você estava me procurando, Hurst? Por que mamãe esta pronta para ir?”

Ele disse “Er, sim. Sim, ela está.”

“Certo.” Caroline agarrou o braço dele no dela. “Bem, Mr. Grandville, eu suponho que isto seja um boa-noite, então.”

Ele apenas olhou para ela.

De um jeito, ela supôs, aquele olhar era pior do que qualquer coisa que ele poderia ter dito. Era um olhar enigmático, completamente sem expressão. E ainda, vendo aquilo, ela de repente sentiu o mesmo jorro de emoção estranha que ela tinha sentido na noite que ela olhou para ele na festa de Dame Ashforth.

O que era aquilo que ela estava sentido? Piedade? Pelo grande Braden Grandville? Mas isto era ridículo. Ele não precisava da piedade dela.

Ou ele precisava? Afinal, ele não se encaixava em lugar nenhum. Ela agora era rico demais pra pertencer ao Seven Dials. Mas porque ele era um novo rico, ele nunca seria aceito no circulo social no qual Caroline viajava com tanta facilidade. Mesmo ela tinha tido problemas para receber convites para certos eventos antes do noivado dela. Afinal, o pai dela tinha sido o primeiro Conde de Bartlett, um titulo tão novo que as pessoas riam sarcasticamente. Thomas, como o segundo Conde de Bartlett, tinha mais facilidade. O que as pessoas tinha feito de Braden Grandville, quando ele quando ele começou a chegar, Caroline não podia imaginar, mas ele suponha que o noivado dele com Lady Jacquelyn Seldon tinha dado a ele um grande apoio na aceitação social.

A verdade seja dita, eles não eram tão diferente, Caroline Linford e Braden Grandville. Por isso que ela sentia um tipo estranho de familiaridade com ele? Ela deveria, sabia ela, estar brava com ele por beijá-la de novo – especialmente

depois de ela deixar claro para ele que seus avanços não eram bem-vindos. Ela tinha conseguido controlar a fúria depois que ele tinha a beijado pela primeira vez em seu escritório. Por que ela não podia fazer isto agora? "Esta," a mãe dela sussurrou no ouvido dela, alguns minutos depois, depois de Hurst ter a deixado voltar ao salão de baile, "é a ultima vez que você fala com aquele homem. Nunca. Você entendeu? Isto é inconcebível, um como aquele, e uma garota como você – uma mulher compromissada – sozinhos. Á noite! Eu nunca em minha vida ouvi falar de tal coisa. O que o marques deve pensar de você? E Dalrymples! Eles estão mortificados! No jardim de pessoas que o Príncipe de Wales estima tanto. Como você pode?"

Caroline apontou para o irmão dela. "Ele foi quem o deixou interromper." Ela disse. Thomas segurou as duas mãos em um gesto de Quem, eu? "Ele pediu," ele disse. "O que eu supostamente era para eu fazer? Dizer não?"

"Sério, Ma," Caroline disse. "Isto só teria causado uma cena ainda maior."

"Eu... não... ligo." Quando ela está furiosa, os lábios de Lady Bartlett têm a tendência de desaparecer, de tanto que ela estava comprimindo eles. Eles não estavam em nenhum lugar à vista no momento. "Você nunca mais dançara com ele novamente, Caroline. Não dançar com ele, não falar com ele, nem ser vista a dez passos dele. Se isto acontecer novamente, eu vou... eu vou mandá-la para o campo ate o dia do seu casamento. E também, você passara todo o dia amanhã presa no quarto."

Caroline e seu irmão trocaram olhares, tentando não rir alto. A raiva da mãe deles sempre foi uma grande diversão para eles.

Lady Bartlett, entretanto, flagrou a troca de olhares deles, e, ainda mais furiosa por causa disso, declarou, "E não é só isto, moçinha, mas eu irei vender todos os seus cavalos!" Caroline não sentiu mais urgência de rir depois disso.

"Você não faria!" ela gritou.

"Faria." Lady Bartlett segurou seu queixo erguido. "Todos eles. Os que você mantém em Londres, e também os que você acha que eu não sei a respeito, aqueles horríveis cavalos de carroça que você compra e manda para o estábulo de Emily em Shropshire."

"Ma!" Caroline bateu o pé. "Você não pode!"

"E posso, e você vera," Lady Bartlett disse, orgulhosamente. Satisfeita por ter comprido seu dever maternal, Lady Bartlett bocejou. "Senhor é tarde. Onde esta Peters?"

Caroline, completamente confusa por tudo o que aconteceu em sua vida nas ultimas vinte e quatro horas, estava longe, absorta em uma auto piedade para objetar quando seu noivo de repente apareceu, e pediu a Lady Bartlett permissão para levar sua filha e seu filho para casa. Lady Bartlett ficou satisfeita em dar, indubitavelmente isto significaria que ela não teria que olhar a expressão amuada de Caroline todo o caminho de casa.

Caroline, por sua parte, não poderia se importar menos com quem a levasse para casa, tão longe como ela estava. Ela queria tirar seu apertado corpete e entrar em uma banheira quente de uma vez, onde ela poderia sentar em absoluta privacidade e tentar entender como ela se sentiu sobre ter tido as calejadas mãos de Braden Grandville na sua parte mais privada. Bem, talvez não a mais privada, porem, um lugar onde ninguém tinha tocado antes, mas que ele tinha apalpado sem nenhum sinal de culpa.

E ela deixou! Esta era a coisa mais chocante de todas, Ela tinha sentado lá e deixado ele. E tinha gostado!

Oh, qual era o problema com ela? Braden Grandville era um perseguidor de saia. Braden Grandville era um homem guiado por seu temperamento. Braden Grandville era responsável pela fabricação e distribuição de milhares de armas de fogo que poderiam muito bem ser usado em crimes violentos como o que ocorreu contra o seu irmão. Ela não deveria gostar de ser tocada por tal homem.

E ainda...

E ainda ele tinha sido muito gentil no jardim, a ouvindo ela falar sobre Tommy. Ele parecia que ele tinha genuinamente se importado. E pareceu genuinamente interessado – interessado nela!

"Caroline."

Ela olhou para cima, e viu o Marquês de Winchilsea olhando para ela seriamente do assento onde ele estava sentado ao lado dela.

"Você esta bem, Caroline?" O lindo olho azul do Marquês – tão diferente do olho escuro e perturbador de Braden Grandville – estavam cheio de preocupação. Deveria se, por tudo que Caroline sabia, estava plano se sinceridade.

"Eu?" Caroline piscou. Tommy tinha os abandonados assim que eles estavam a salvo da linha de visão de Lady Bartlett, abatendo-se da carona de Hurst por uma mais interessante com a linda filha do vizinho. O seu status de não-acompanhada não preocupou Caroline, afinal, ninguém ia detectar, e muito menos comentar sobre, o Marque de Winchilsea e sua quase-esposa sozinhos na carruagem.

"Sim, você," Hurst disse. "Você não disse nenhuma palavra desde que saímos." "Oh," ela disse. "Sim, eu estou bem. Você esta me levando para casa?"

"Claro que eu estou te levando para casa," o marques disse. "Onde mais eu estaria te levando?"

Onde é claro. Certamente não de volta para o quarto para violentar ela, do modo que os marqueses sempre faziam com as heroínas nos livros.

Mas Caroline sabia perfeitamente que ela não era nada parecida com aquelas heroínas. Em primeiro lugar, elas não tinham sido infiéis com seus noivos, como ela. E em segundo lugar, mesmo que elas tivessem, elas não iriam pedir para completos estranhos para ensiná-las como fazer amor, para que assim elas pudessem ganhar seus noivos de volta. Em vez disso, tudo seria um horrível mal

entendido, e todo mundo viveria feliz para sempre no final.

Caroline duvidava muito que ela tinha se enganado sobre o que ela viu na sala de estar de Dame Ashforth.

Impulsivamente, ela se virou em seu assento e colocou ambas as mãos ao redor dos firmes, mas não pronunciados bíceps do marques. “Hurst,” ela disse, puxando o braço. Ele estava concentrado guiando o par – um esperto par de cavalos cinza que Caroline comprou para ele, com uma carruagem – virando ao redor de uma carroça laranja. “O que, Caroline?”

“Hurst.” Ela esperou ate ele ter guiada com sucesso a carruagem laranja, e depois deu outro puxão em seu braço. “Hurst me beije.”

Obrigatoriamente, ele virou a cabeça, e plantou um ligeiro beijo na sua têmpora, antes dele retornar sua atenção a estrada.

“Não,” Caroline disse, com sentimento de algo parecido com desespero. “Eu quero dizer, estacione e me beije adequadamente.”

Hurst, parecendo muito surpreso, entretanto fez o que ela pediu. Ele estacionou a carruagem, se virou no assenti, e inclinou os lábios para pressionar os delas.

Caroline, que não tinha mentido quando confessou ter recebido boas notas na escola, se lembrou com exatidão como Braden Grandville tinha beijado ela. E então, deixou os braços de Hurst e avançou, pegando o rosto dele em suas mãos. Depois ele pressionou rapidamente, avidamente beijando através de toda a boca do marques.

Mas ao invés de deixar seus lábios abertos sobre o ataque violento da boca dela – como Caroline tinha feito, quando Braden tinha beijado ela daquela maneira – Hurst puxou a cabeça dele para trás, e olhou para ela como se ela tivesse acabado de escapar de um manicômio.

“O que,” ele disse, ”você acha que esta fazendo, Caroline?”

Ela sentou desajeitadamente em seu assento. “Nada,” ela respondeu.

Bem, em que ela estava pensando? Que ela poderia de alguma forma recuperar o excitamento que ela sentia quando Hurst a beijava, antes dela encontrar ele com Jackie Seldon? Antes de Braden Grandville ter mostrado a ela como um beijo adequado era? Não. Estava acabado. Não havia mais esperança agora. Consideração e amizade, ela disse para si mesma. Não há nada de errado com consideração e amizade.

Hurst a encarou. Depois, para o espanto dela, ele disse, “Caroline eu entendi pela sua mãe que você tem passado algum tempo ultimamente na companhia de Braden Grandville.” Ela disse, rapidamente, “Bem, sim, mas só porque eu estou comprando uma das armas dele, você sabe, para Tommy, para quando ele voltar para a escola. Para se defender, você sabe. Não é nada mais do que isso. Sério. Eu juro.”

“Oh, eu acredito em você.” Hurst disse. “Não é por isso que eu estou preocupado.” Ela sentiu um descaracterizo jorro de violenta raiva. Que o diabo

carregue o homem!

"Eu só estava imaginando," Hurst continuou, atenciosamente, não olhando para ela agora, mas para a chama da lamparina a gás que se contraia da qual eles estavam estacionados próximos. "Em todas as suas conversações com ele, Braden Grandville tinha... bem, ele mencionou alguma coisa sobre... bem, mim?"

Os olhos de Caroline se abriram. Hurst estava pescando informação! Ele estava tentando saber o quanto Braden sabia sobre o caso dele com Jacquelyn Seldon. Se apenas, ela pensou, ele soubesse. Se ao menos ele soubesse o que Braden Grandville e o homem dele achavam dele – um fantasma! O amante fantasma!

A historia que Braden Grandville contou para ela – sobre o homem ser atacado por alguém que estava seguindo o amante de Jacquelyn Seldon – surgiu em sua consciência. Mas não podia, ela sabia ter nenhuma relação com Hurst. Ninguém poderia querer machucar o marques. As ruas de Londres, Caroline sabia, eram vergonhosamente inseguras – e o elemento criminal estava espalhando, como ela sabia muito bem, formando-se as principais sedes do campo. O homem de Braden Grandville foi atacado sem duvida por um ladrão como o que quase matou o irmão dela.

"Mr. Grandville?" Ela manteve a voz calma. "Perguntar sobre você, Hurst? Por qual motivo?"

"Oh," Hurst disse, com elaborada casualidade, "Eu só estava imaginando."

Eu aposto que você está Caroline pensou em dizer. Mas ao invés, ela disse. "Não." "Oh." Hurst pegou as rédeas, e assobiou para os cavalos. "Ele é estranho, Grandville. Sua mãe está certa, você sabe. É melhor você se afastar dele. Você realmente encomendou uma arma dele para Tommy?"

Ele tinha dito tantas mentiras ultimamente, que estava tendo problemas em manter todas elas em controle. Ele supôs que tinha dito algo parecido para alguém, e disse, "Sim."

"Eu a pego então, quando tiver pronta. Certo? Eu não quero você perto daquele cara de novo."

Caroline continuou sentada pelo resto do caminho para casa, e disse muito pouco. O que havia, afinal, para dizer? Ela já tinha aprendido tudo o que ela precisava saber.

Por isso que quando Braden Grandville a beijou, todos os sentidos dela se tornaram vivo, até parecer como se alguém estivesse acendendo fogos – sim, fogos – dentro dela.

Mas quando o noivo dela a beijou agora, ela não sentiu nada. Absolutamente nada. Meu Deus, ele não podia parar de pensar. As calças.

As calças não servem.

Capítulo 16

Passava da meia note quando Braden Grandville tocou a companhia da porta da frente da elegante casa de cidade em Mayfair. Apesar da hora tardia, apenas um segundo ou dois se passaram antes da porta se abrir, e quando ela o fez, um homem enorme apareceu atrás dela, com um manto através dos vastos ombros, e com uma cara que parecia ter sido usada como bigorna de ferradura.

O rosto se contorceu de alivio quando reconheceu Braden.

"Já era hora de você aparecer, Dead," o mordomo chorou, em tom de repressão. "Este lugar esta mais ocupado do que uma prostituta da Covent Garden sábado à noite –"

"Por favor, Crutch." Braden tirou a luva e jogou-as dentro do chapéu que ele passou para o mordomo enquanto atravessava a porta. "Agora não. Eu não estou no humor."

"Você ficara" Daryl "Crutch" Pomery disse, enquanto seu patrão se movia para dentro, "quando você ver quem esta te esperando em seu –"

Mas Braden deixou o aviso do gigante para lá. "A menos que seja o coletor de impostos, eu não ligo. Traga-me um uísque, tudo bem, Crutch?"

"Você precisara de muito mais que um uísque esta noite," Crutch murmurou ameaçadoramente. Mas desde que Braden tinha escutado os calamitosos avisos de Crutch Pomeroy por mais de vinte anos, ele o ignorou, abrindo a porta da biblioteca...

E ficou mais do que surpreendido em ver seu pai sentado exatamente na cadeira na qual Braden tinha olhado, usando seu chapéu de dormi.

"Braden!" Sylvester Grandville gritou seu livro favorito descansando no colo, seu tornozelo coberto por uma meia estava cruzado na otomana diante do fogo. "Graças a Deus. Eu estive esperando por você a noite toda. Venha cá, meu garoto. Venha cá e veja o que eu fiz!"

Atrás de Braden, Crutch murmurou, "Eu te disse. Insistiu em esperar por você. Disse que tinha algo para te mostrar." Então o mordomo deixou a sala, fechando a porta firmemente atrás dele.

"Venha, menino!" Sylvester bateu no braço da cadeira de couro ao lado dele, ansiosamente. "Sente aqui!"

Suspirando – ele estava muito cansando – Braden se moveu da porta para o assento que seu pai tinha guardado para ele.

"Boa noite, Pa," ele disse, enquanto afundava na cadeira almofadada. "O que você quer me mostrar?"

Sylvester segurou um livro da linhagem com capa de couro muito maltratado. “Eu mesmo escrevi,” ele disse exatamente. “Eles não vão publicar outra edição em um ano ou mais, você sabe. Olhe.”

Obrigatoriamente, Braden se inclinou, e olhou onde seu pai tinha apontado. Ali, na pagina que listava os descendentes do Duke de Childes, ele viu seu próprio nome ao lado do de Jacquelyn Seldon. Mas antes do seu nome, o pai dele escreveu a palavra Sir, e depois, as letras bt.

“Para baronete,” o velho homem explicou, entusiasmadamente. “Para quando você finalmente for baronete. O que não é muito nobre, você sabe, mas definitivamente é da alta burguesia. Definitivamente alta burguesia. Agora, se Vossa Majestade se sentir particularmente generosa, e fizer de você um barão... bem, isto seria muito “melhor” .”

Mas Brade dificilmente ouvia seu pai. Ele estava olhando para o livro, para o nome que o pai dele ligou ao dele. Jacquelyn. Jacquelyn Seldon. A noiva dele.

“Pa,” ele disse, lentamente. “Se isto não acontecesse? Você ficaria muito decepcionado?” Sylvester olhou para cima, o fogo dando um tom alaranjado ao seu cabelo. “A carta de patente? Oh, mas meu garoto, eu tenho certo autoridade que sairá.”

“Não a carta de patente,” Braden disse, com um rápido balanço de cabeça. “O casamento. Com Lady Jacquelyn. Supondo que eu me casasse... bem, com outra pessoa, ao invés.”

O sênior Mr. Grandville pareceu preocupado. “Não se casar com Lady Jacquelyn? Oh, meu garoto, mas porque não? Ela é uma criatura amável.”

Amável. Sim, Lady Jacquelyn Seldon era amável, certo.

“Supondo que eu me case com outra pessoa ao invés,” Braden continuou – um pouco intrépido, ele sabia, mas ele vinha se sentido intrépido desde que ele deixou o salão de dança em Dalrymples. “Supondo que eu me case, ao invés, com Lady Caroline Linford.” Os olhos cinza de Sylvester se abriram no limite. “A filha de Lady Bartlett? Amável Lady Bartlett, a quem nos encontramos na opera?”

Braden assentiu. “Sim. Aquela Lady Bartlett. A filha dela.”

Sylvester imediatamente começou a folhear as paginas de seu livro. Quando ele chegou aos Bs, entretanto, ele estava tristemente desapontado.

“Não Bartlett aqui,” ele disse, parecendo acometido. “Nenhum mesmo! Poderiam os editores terem cometido um erro?”

Braden suspirou. “Não, Pa, nenhum erro. O Conde De Bartlett é completamente novo. Eu acredito que ele só surgiu a alguns anos atrás, graças a um encanamento único que ele inventou.”

“Encanamento?” Novamente, Sylvester parecia acometido, mas a afeição pelo seu filho superou sua obsessão. Ele deu uma palmadinha afetuosa na mão de Braden. “Meu garoto,” ele disse, docemente. “Se você quer se casar com a filha do encanador, vá em frente. Mas pense em um lindo presente para Lady

Jacquelyn, ela ficara dolorosamente desapontada!" Braden não tinha duvida disto. E como as chances dele de realmente se casar com a filha do encanador eram, afinal, discutíveis, ele disse para seu pai não se preocupar, e o ajudou a subir as escadas, e viu o Mr. Grandville Sênior finalmente na cama. Não foi ate ele abrir a porta de seu próprio quarto que ele descobriu o que Crutch tinha dito quando ele assegurou que a casa estava mais ocupada que prostituta do Covent Garden no sábado à noite.

Lá estava enrolada no meio da cama coberta de Braden, com um lençol cobrindo apenas seus ombros brancos, Lady Jacquelyn Seldon.

Ela sorriu para ele recatadamente e disse, "Bem, já estava na hora de você vir para casa." Era uma coisa legal ser capaz de prover estabilidade, um emprego legal para alguns amigos, Braden pensou, ocasionalmente, mas nesse caso, estava se provando problemático. Um mordomo profissional teria mencionado, quando Braden retornou, que sua noiva tinha exigido entrar, e estava em seu quarto, nua como no dia que tinha nascido. Crutch, entretanto, que tinha passado a maior parte de sua vida trabalhando como bandido, e não como mordomo de um cavalheiro, tinha passado a informação em termos tão colorido que Braden tinha perdido completamente a implicação.

Ele tinha que ser muito tolo, entretanto, para perder a implicação da ação seguinte de Jacquelyn, que foi atirar o lençol para trás para revelar que ela estava, certamente, tão nua como ele tinha suspeitado.

"Você não vem para a cama?" ela perguntou, com um sorriso malicioso.

Lady Jacquelyn Seldon, tinha que se admitir, sempre foi à tonelada de jóia proclamada por ela {?}. Braden, que tinha observado ela sempre em condição e comprometimento durante o relacionamento de um ano deles, podia testemunhar a veracidade disto. Esbelta e ainda assim com proporções generosas onde as proporções generosas importam, a beleza escura de Jacquelyn Seldon era universalmente admirada. Seu bom gosto para a moda, que sempre assentia as suas vantagens, era anunciada aonde quer que ela fosse. Com vivacidade e um espírito alto, o nome de Lady Jacquelyn raras vezes era deixado de fora das listas de convidados, e felizes eram as anfitriãs a quem a única filha do ultimo Duke de Childes escolhia agraciar com sua presença. Ela era, de perto, perfeita em tudo o que importava – no mínimo na opinião da sociedade – e Braden Grandville deveria ter se sentido gratificado e lisonjeado de encontrá-la esparramada em sua cama em estado extremo de nudeza.

O que ele estava, entretanto, era perturbado.

"Pelo amor de Deus, Jackie," ele disse. "O que você esta fazendo aqui?"

Jacquelyn traçou um pequeno circulo no lençol de linho embaixo dela com uma unha afilada. "O que," ela disse a fuligem de seus cílios contra a alta curva de sua bochecha, "parece que eu estou fazendo aqui?"

Ele sentiu outra onda de perturbação. Qual era a função, ele se perguntava, de

trancar a porta da frente, se qualquer um que quisesse podia entrar e se sentir em casa?

"Bem," ele disse. "Você não pode ficar aqui." Ele sabia que soava rude, mas ele não se importava. Ele tinha dolorosamente testado nessas duas ultimas horas, primeiro por Caroline Linford e deu infernal noivo, e agora por ele mesmo. Ele não estava certo, na verdade, de quanto mais ele podia ser empurrado sem que ele empurra-se de volta. E Braden Grandville não era um empurrador {não achei tradução melhor} cuidadoso. "O que você quer dizer?" Jacquelyn levantou seu olho escuro para encontrar o dele. "Porque eu não posso? Eu já passei a noite antes, Braden. Muitas vezes." "Certamente," ele disse. Ele tinha que falar com uma paciência forçada, ele estava surpreso que ela não notasse. "Mas isto era antes."

"Antes de que?" Seus olhos escuros ligeiramente estreitos.

"Antes de nos ficarmos noivos, é claro," ele emendou, rapidamente. "As coisas são diferentes agora. Eu te disse outro dia. Agora coloque as roupas de volta, eu vou pedir a alguém para te levar para casa."

Jacquelyn, ao invés de fazer o que ele pedia, soltou uma gargalhada sem humor. "Você não pode estar falando sério, Braden," ela disse.

"Jackie," ele disse, "Eu achei que tinha deixado claro para você que este tipo de coisa-" ele fez um gesto para as roupas dela, espalhadas descuidadosamente pelo chão, assim como para seu magnífico corpo nu –"tem que parar."

Jacquelyn riu de novo, um som ainda mais estridente do que, ele tinha certeza, ela objetivava. "Por Deus, Braden, você tem se tornado terrivelmente correto ultimamente. Qual é o problema com você? Eu posso me lembrar do tempo em que você achava delicioso achar uma lady nua em sua cama. Não é assim que eu imaginei que nossa vida de casado ia ser você me ordenando para sair de sua cama, em vez de entrar."

Ela estava tentando ser divertida, mas Braden não esta com humor para levianismo. "Vamos lá," ele disse, abaixando-se e pegando as pantaloons dela. "Eu estou cansado, Jacks. Foi um dia longo. Vamos lá."

Isto tinha sido mal calculado por ele. Normalmente, Braden era aguçado para entender a mente humana assim como ele tinha para trabalhos mecânicos em qualquer maquina. Mas nesse caso em particular, ele estava muito impaciente, muito fora de controle para ir cuidadosamente. Ele podia, em qualquer outra noite, ter sido capaz de tirar Jacquelyn fora de seu mau humor, e fora da cama dele, sem machucar nenhum sentimento. Mas nesse momento, ele pisou muito rapidamente.

"Eu vou," ela estalou, pegando sua pantaloons da mão dele, e referindo-se a ele através dos olhos que não estavam estáveis, mas muito acalorados. "Um longo dia, eh?" Se mexendo dentro das pantaloons, que aconteciam de ser o par que ele tinha comprado para ela, uma de seda, enfeitado com um laço Venetian,

Jacquelyn não tirava o olho dele. “Sim, e eu suponho você esta tão cansado por dançar em Dalrymples. Não, é claro, que você tenha se incomodado de dançar uma única dança comigo. Mas com Lady Caroline Linford, por outro lado-“

Braden franziu a testa à menção do nome. Ele não pode evitar. O nome tinha estado muito em sua mente ultimamente, mais desde que ele aconteceu dele ficar mais próximo da dona do que ele tinha esperado. Lady Caroline Linford, com sua proximidade, tinha um efeito completamente devastador no equilíbrio dele.

Pior, era a visão de Lady Caroline com outra pessoa – no caso, o marques de Winchilsea – que tinha provado ter um curioso efeito inquietante nele. Ele sabia que estava sendo ridículo, mas quando Slater veio e levou Caroline embora, tudo que Braden foi capaz de fazer foi olhar para ele, em seu perfil de aristrocata, seu nariz que parecia nunca ter sido quebrado, seu espesso cacho loiro, seu atraente, precioso olho azul.

Ele não estava com ciúmes do homem. Longe disto! Slater era mais do que desprezível, tão insípido, tão auto-involvido que Braden não podia sentir ciúmes dele. Não, o que ele sentiu ao invés foi fúria – quase uma fúria assassina – por Caroline, que tinha se compromissado com um homem tão inferior a ela.

Não que Braden fosse muito melhor para se pegar. Ele tinha, depois da morte da sua mãe, e a piora de seu pai em uma moderada loucura, aprontado muito na sua juventude e tinha sofrido inúmeros problemas com a lei, a maioria dele merecidamente. Se não fosse a paciente e a bondade de um homem – Josiah Wilder, gunsmith {quem faz armas} a quem a corte o tinha assinalado para estagiar, o homem que arrastou ele, literalmente, da vida de crime, tratando ele como um segundo filho e mostrando a ele, anos antes da eventual morte de Josiah por velhice, que havia outra maneira de viver – ele poderia estar no Seven Dials ainda, se escondendo da lei e, bebendo ate a morte, uma pratica comum e bem-respeitada por lá.

Ainda, ele ainda era uma escolha melhor para marido do que Slater, que não conseguia abria a boca sem soltar alguma insanidade. Só porque ele era bonito, com seus olhos azuis e seu nariz não quebrado? Há mais em um homem do que sua aparência. Porque ele era um marques? O que era um titulo, de qualquer maneira? Todo mundo podia ter um. Até, se seu pai estivesse certo sobre a carta de patente, Dead Eye Grandville.

Claro, o homem de alguma maneira tinha salvado a vida do irmão dela. Este era um fato que não podia, infelizmente, ignorado. Hurst Slater podia ser um insípido. Ele bem que podia um insípido. Mas não havia duvida que em relação ao irmão de Caroline, ele tinha agido generosamente e com auto-sacrificio – indubitavelmente um esforço para ganhar a afeição do menino com a irmã repentinamente rica – mas ele tinha feito.

Tal nobreza era irresistível para uma garota como Caroline Linford. Era, de

fato, quase impossível de resistir. Com alguns elogios e beijinhos na bochecha, Slater logo se achou com uma noiva muito rica. Claro que ela tinha dito sim quando ele a pediu em casamento. O que mais ela iria dizer? O marques não era só bonito. Ele não era só atencioso. Ele tinha salvado a vida do irmão dela.

Nenhuma mulher no mundo teria dito não a tal homem – com a possível exceção de uma mulher como Jackie, que nunca tinha Braden agora estava certo, sentido gratitude e simpatia na vida.

"O que vocês estavam falando, de qualquer modo?" Jacquelyn exigiu, interrompendo sua meditação privada. "Você e Caroline Linford, no jardim de Dalrymples? E não tente negar que você estava com ela, Braden. Eu vi vocês juntos."

"Armas," ele disse, automaticamente. "Estávamos-nos falando sobre armas."

Ela pausou seu trabalho no botão de marfim. "Armas. Você e Caroline Linford estavam no jardim – no escuro – falando sobre armas."

"Correto."

Jacquelyn parou de se vestir e olhou para ele. Não havia nenhum calor no seu olhar agora. Seus olhos escuros voltaram a ser estáveis e mortos.

"Caroline Linford," ela disse, calmamente, "odeia armas. Ela tem quase uma obsessão para se livrar delas, por causa do que aconteceu com o irmão dela."

"Sim," Braden disse. "Eu sei."

Mas ele não estava muito atento ao que Jacquelyn estava dizendo. Ele continuava pensando em Caroline.

Tinha sido tão ruim, em Dalrymples, ver ela com Slater, que ele foi forçado a ir embora. Era verdade o que ele disse a ela, ele estava interessado nela. Mas teria sido mais verdadeiro dizer que desde que ele veio ate seu escritório pela primeira vez, e o chocou com sua proposta tão imprópria para uma lady, que ele queria ele. Nos braços dele. Mais do que qualquer outra mulher que ele já tinha conhecido.

E porque não? Não havia duvida que ele era a mais genuína mulher que ele encontrou desde que ele deixou o Dials. Ela parecia não se importar com convenções, dizia exatamente o que ele pensava (na maior parte do tempo, de qualquer maneira) e uma vez que ela colocava uma ideia na cabeça, claramente ela não desistia, e para o inferno as consequências. Caroline Linford tinha todas as qualidades que ele mais admirava nas meninas do Seven Dials – lealdade e uma brutal honestidade – e nenhuma afetação das garotas da chamada sociedade educada que ele tanto desprezava com um senso de humor desarmante em um temperamento quente. Tudo isto, e o fato de que ela era, tinha que se admitir a garota mais excitada que ele teve a boa sorte de ter nas mãos, o convenceu de que era uma luta em que valia a pena lutar, não importava como o corpo aumentava. Exceto, é claro, pelo fato de que ele se casaria com outra pessoa no final do mês.

Alguém que, de fato, que estava olhando para ele de maneira muito triste certamente, enquanto ela se esforçava para colocar sua creolina de volta.

Jacquelyn disse, “Eu acho que você deveria saber Braden…” ela puxou a gaiola de metal em volta de seu quadril. “-que eu tenho a intenção de te processar. Se você cancelar o casamento, eu quero dizer.”

A sobrancelha com a cicatriz levantou, só uma polegada. “E o que,” ele perguntou, docemente, “faz você pensar que eu iria querer fazer algo tão temerário como cancelar nosso casamento?”

“Talvez,” Jacquelyn disse, atirando seu cabelo escuro, “porque você não tem me tocado por mais de um mês.”

“Meramente observando as convenções sociais,” ele disse, “consideradas tão importante para você e para seus amigos.”

Os olhos sem vida se estreitaram. “Eu quero dizer, Braden. Isto não ficara bonito. Estou falando de tudo isto. O homem que eu tenho recusado desde que eu estou com você. A angustia emocional-“

“Não se preocupe, minha querida,” Braden disse, quase gentilmente. “Se isto acontecesse

– cancelar o casamento – você pode ter certeza que eu teria uma boa razão para fazê-lo. O tipo de razão que muito boa na corte.”

“Se vista Jacquelyn.” Não havia nenhuma gentileza em seu tom agora. “Eu pedirei para alguém te levar. Tenho certeza que Crutch ficara deliciado de fazê-lo.”

Ou ficaria, uma vez que Braden desse alguns Pound a ele. Era muito ruim, realmente, que Lady Jacquelyn não era tão facilmente aplacada.

Capítulo 17

O nono marquês de Winchilsea havia não muito, na realidade, deixado seus descendentes. Ele não tinha, pobre homem, muito a deixar, exceto, é claro, seu título e uma paróquia enfraquecida em Lake District.

Mas algo que ele deixou para Hurst foi o posto de sócio em um clube masculino bastante exclusivo, no qual o marquês tinha, na realidade, dívidas não saldadas há algum tempo, mas que era tão exclusivo, que ninguém se atreveu a mencionar isto ao novo marquês, que era quem, pelo esperado, aniquilaria todas as suas dívidas logo após o iminente casamento com a rica filha do conde de Bartlett, se tornasse um fato.

Mas não foi a demora em pagar suas dívidas que fez com que os empregados do clube adquirissem tamanho desprezo pelo marquês. Especialmente se sua natural mesquinhez, que o impedia de dar gorjetas, mesmo que lhe trouxessem bons aperitivos, que escovassem seu cavalos enquanto almoçava, ou que o sommelier lhe trouxesse seu vinho rosé preferido.

O pior, além de toda a sua pouca generosidade, o novo marquês era extremamente exigente, reclamando se alguma folha de louro fosse encontrada em seu prato de carne com vegetais ou se tivesse que esperar mais de cinco minutos para receber qualquer coisa.

Então, não era de se admirar que os empregados do clube não hesitariam em declarar ao o marquês atual receberia um homem que era chamado Samuel Jenkins e que era, na realidade, o Duque.

E, para mostrar para um homem como o Duque, a cadeira do marquês, na qual este estava afundado, encarando entediadamente as chamas - bem, este era um sinal de que Hurst era bastante impopular entre os colaboradores do clube, sem dúvidas.

- Olá, meu menino - o Duque disse, enquanto abaixava seu impressionante corpanzil, para se sentar na cadeira de couro em frente ao do marquês. - Dando um tempo, é isso? - por um longo minuto, Hurst só pôde olhar para o homem à sua frente, completamente mudo. Então era verdade.

Era verdade, afinal de contas. A coisa que ele mais temia.

E ele dizendo a si mesmo todo o tempo que estava sendo ridículo...

O Duque não poderia saber. O Duque não podia sequer imaginar o que tinha feito.

Quem teria lhe dito? Não era como se os dois frequentassem os mesmo círculos sociais, ou era?

Mas alguém tinha dito. Alguém tinha que ter dito; porque o Duque agora estava em Londres. Ele veio à Londres e, aparentemente, veio à Londres em busca de Hurst. Iria ser o Duque quem iria dar um corretivo nele. O duque e não Grandville.

Oh, senhor! Só podia ter sido Grandville!

Hurst disparou ao criado que tinha levado o corpulento homem para sua frente um olhar de raiva, que o empregado intencionalmente ignorou, preferindo curvar-se polidamente para o Duque - de quem ele já tinha recebido uma generosa quantia para mostrar onde Hurst estava - e oferecer-lhe:

- Conhaque, senhor Jenkins?

- Sim, eu penso que um pouco me conhaque me fará bem - o Duque disse - e milord? - Hurst balançou a cabeça, muito estupefado para falar. O Duque - cujo verdadeiro nome Hurst não sabia; e que, certamente, não era Jenkins - estava correndo bastante risco mostrando sua cara em Londres, onde, se o marquês não estivesse cometendo algum engano, estava sendo procurado por um vasto número de crimes, dentre eles, nada menos que um importante assassinato. E o que, em nome de Deus, ele estava fazendo no clube de Hurst onde qualquer um - até mesmo um juiz da corte criminal - podia descobri-lo?

Bem, no mínimo, Hurst pensou, passando o dedo embaixo de sua gravata, que estava parecendo apertada demais, ele não poderia, talvez, tentar matá-lo. Não ali, não na frente de todas aquelas testemunhas.

- Agora - o Duque disse - eu penso que temos algumas questões a discutir, você e eu - Hurst notou que as palmas de suas mãos estavam suando frio, o que diferenciava daquela sala onde eles estavam, visto que não houve nenhuma mudança brusca de temperatura.

- Se é sobre o dinheiro - Hurst explodiu - eu continuo não o tendo. Mas o terei! Em torno de um mês eu o terei.

- Não, milord - o Duque disse, numa ótima imitação de paciência paternal, para um homem que tinha um temperamento tão violento - Você sabe perfeitamente bem que não é sobre o dinheiro. Bem, pelo menos, não diretamente.

- Eu não - Hurst olhou ao redor da sala. Será que não havia qualquer outro membro que poderia parecer capaz de reconhecer aquele membro do submundo, que estava sentado exatamente à sua frente? Será que ninguém viria em seu resgate? - sei do que você está querendo dizer.

- Não sabe? - o Duque ergueu o delicado frasco que guardava o conhaque que o garçom tinha trazido para si. A graciosa peça de cristal parecia extremamente ridícula quando segurada por dedos que mais pareciam salsichas, que pareciam pertencer à outra pessoa, visto que o tronco do Duque era muito pequeno.

Enterrando seu largo nariz na boca do copo, ele provou o líquido âmbar com seus lábios rechonchudos, julgando-o aceitável e acenando para o garçom, quem

deixou-os com um sorriso no rosto e uma pequena modificação extra em seus bolsos. - Não estou surpreso em ouvir isto. Passou-se um tempinho, não foi? Desde antes do Natal, pelo o que me lembro; foi quando eu o vi pela a última vez, de qualquer forma - Hurst apertou com força seus braços em volta da cadeira que ocupava.

- E-eu tenho um amigo. Ele ficou doente, eu ti-tive que cuidar dele.

- Ah - o Duque disse - Eu ouvi falar disto, na realidade. Você sabe o que eu ouvi falar?

- Na-não...

- Ouvi dizer que seu amigo que estava doente, assim ficou por minha causa... Aquele sujeito que você tinha levado à mim. Qual era o nome dele mesmo... ? - o Duque olhou para Hurst através de seu copo de bebida, que ele segurava com seus dedinhos de porco, no ar - Oh, sim... Linford - Miolos nunca tinham sido algo muito apreciado pelas pessoas que frequentavam os mesmo lugares que Hurst; todos eles preferiam homens que sabiam caçar, do que aqueles que filosofavam, mas ele se lisonjeou por ser tão inteligente quanto o Duque e, por isso, tentou inventar alguma resposta evasiva.

- Oh, sim! lord Bartlett - ele quase gritou - Sim, sim, claro! Sim, lord Bartlett era um, er, cavalheiro com quem você teve um pequeno desentendimento...

- Ele me chamou - o Duque disse, com a voz num murmúrio perigoso - de vigarista.

- Eu me lembro, me lembro - Hurst inclinou-se para frente e falou ao Duque, com a voz baixa - mas não foi por isso que eu deixei Oxford, se você quer saber. Lord Bartlett não é meu amigo, você sabe. Não, era um outro sujeito, que já se foi de Londres; danos em duelos. Bastante sérios, na realidade. Pensei em lhe enviar um recado, mas eu devo ter tido um lapso e...

- Não faça joguinhos comigo, Slater. Eu tenho te assistido, seu bastardo maldito! E eu sei que era Linford. Você vai se casar com a irmã do sujeito em junho próximo, está em todos os jornais! Você deve pensar que eu sou um lixo ignorante, mas eu sei ler. Na próxima vez que você tentar fugir de mim, garoto, te aconselho a sumir das colunas sociais - Hurst percebeu que suas tentativas de tergiversar seriam todas más sucedidas, então, ele decidiu mudar de táticas.

- Tudo bem - disse, friamente, se recostando em sua cadeira. - Certo, tudo bem, então. Fui eu quem pescou Linford pra fora da sarjeta, fui eu quem o ajudou a ser remendado e despachado de volta para sua casa, fiz isso por você, se quer saber. Você deveria me agradecer, isso mesmo, e não sentar-se aí, e me ofender.

- Agradecê-lo? - o Duque o olhou, raivoso, para Hurst - Agradecê-lo pelo o que?

- Por salvar aquele maldito garoto! No que você estava pensando quando atirou nele? Ele nos devia mil libras esterlinas!

- Ele me chamou de vigarista!

- E então você tentou matá-lo? Muito brilhante! Extremamente inteligente! E como você planejava reunir as mil libras?

- Eu planejava - o Duque disse - torcendo esse seu pescoço esquelético. É isso que eu planejava! Foi você quem o levou lá, em primeiro lugar.

- Se o você o deixasse ganhar algumas rodadas e depois...

- Depois o que? - metade dos olhos porcinos do Duque, escondidos entre as dobras de gordura, brilharam - Se eu o deixasse ganhar algumas rodas e depois o que?

- Ele não iria suspeitar de nada! - Hurst disse, numa voz calma - Ele é um excelente jogador e era isso que você procurava, não é verdade? Bons jogadores... Confiante em suas habilidades, apostando alto. Bem, ele apostou alto. E perdeu muito. Muito, muitas vezes. Ele sabia que algo não estava certo.

- Certamente que sabia - o Duque bebericou delicadamente seu conhaque, novamente - E foi por isso que eu atirei nele.

- Eu lhe preveni. Eu te disse antes que, se você não deixasse que eles ganhasse algumas rodadas antes, eles começariam a suspeitar - o Duque forçou uma risada.

- Você não fez isso - pontuou.

- Fiz sim - Hurst disse - Mas estava completamente bêbado.

- Não tanto quanto Linford estava... - Hurst franziu as sobrancelhas. Isto era verdade, obviamente. Ele nunca seria tão beberrão quanto o conde e jamais suspeitaria disto.

Ele perdia, perdia, perdia e continuava a jogar, até dever mais que... Bem, mais do que ele poderia ter esperança de pagar em toda sua existência.

Mas isso não importava, no fim das contas, porque ele tinha algo, algo que o Duque e seus amigos desejavam ardentemente: conexões. Conexões com outros jovens rapazes como ele mesmo, apenas herdeiros ricos. Muito ricos.

Hurst sabia que não era um homem inteligente - não tão inteligente quanto, ele sabia, o conde de Bartlett - mas ele tinha sangue azul, por Deus!

E estava sempre ganhando de uma geração de acéfalos, qualquer dia da semana. Então, com isso, Hurst estava sempre seguro, graças à sua avó.

- Certo - ele disse, nervosamente - Tudo bem. então, você me achou, mas não é como se eu tivesse me escondendo de você, ou algo do tipo. Eu planejava voltar a ver você - Mentira. Uma mentira deslavada. - Depois do meu casamento, de qualquer forma. Porque é quando terei o dinheiro que lhe devo, mas não estarei apto a continuar trabalhando para você, certamente, uma vez que eu estiver casado. Não terei tempo pra ficar fazendo todas aquelas viagens à Oxford, mas estarei disposto à dizer para os rapazes que quiserem ir ao seu encontro onde você...

- Você está mal da cabeça? - o Duque esticou suas pernas e cruzou os dedos

em forma de salsicha sobre sua vasta barriga - Está tudo completamente bem pra você, agora? - Hurst lançou-lhe um olhar incomodado.

- Bem... Não tudo - ele disse, mas sentiu que não poderia sobrecarregar o Duque com seus problemas com Jacquelyn e Braden Grandville.

- Porra! - o Duque disse, explosivamente. Hurst, enquanto ficava vermelho, olhou ao rapidamente ao redor. Um número alto de patronos do clube e, até mesmo alguns dos empregados, lançaram olhares curiosos à irrupção súbita de mau-humor que o convidado do marquês havia tido.

- Sua Graça - Hurst disse. O Duque gostou de que ele se dirigisse à ele com o título que ele se auto-concedeu. - Sua graça, se você pudesse, por favor, baixar o tom de sua voz. Isto é um clube privado e eu...

- Porra! - o Duque disse, novamente, mas, desta vez, um pouco mais baixo. - Você me dá nos nervos, Slater! sentado aí, nesse seu clube de merda, com suas calças de veludo de merda, enquanto você tem ao seu lado uma noiva de merda e uma vagabunda de merda, também. Está vendo? Nós sabemos. Nós vigiamos você, Slater e não estamos nada felizes com o que temos visto - o Duque tinha uma tendência à aplicar o majestoso *nós* quando estava zangado. E parecia estar bastante zangado naquele momento. - Você sabe que eu atirei em Linford. E sabe que eu o deixei lá pra morrer. E deveria ter morrido se não fosse pela sua interferência de merda. Bem, isto foi longe demais e eu estou preocupado com isso, portanto... Você fez esta bagunça, por isso, você tem que limpá-la - Hurst lambeu seus lábios. Uma parte dele estava se perguntando quantos membros de seu clube estavam se queixando da quantidade de vezes que seu convidado empregou a palavra *"merda"*. Outra parte - que era muito maior - estava preocupada com o que o Duque quis, exatamente, dizer.

- Bagunça? - ele ecoou - Que bagunça seria essa, Sua Graça?

- A bagunça de Linford - o Duque passou a língua em seu copo de cristal e terminou seu conhaque em um único e rápido gole. - Eu atirei nele, seu extremo imbecil, para evitar que ele saísse contando para os amigos que o Duque é um vigarista. E não haverá jogos e, consequentemente, lucros, se esses amigos ouvirem o que lhe é falado.

- Ora, por favor! - Hurst disse e sentiu seu coração bater com uma desconfortável força debaixo de sua camisa. - Bartlett não dirá à ninguém, Sua Graça. Ele aprendeu a lição, posso jurar por Deus que isso aconteceu. Ele ficará quieto como um rato quando voltar, no próximo outono e...

- Sim - o Duque disse - Ele irá ficar mesmo. Homens mortos não falam - o coração de Hurst pareceu ser arremessado para fora de suas costelas.

- Oh, não - ele disse - Você não quer dizer... Você não pode querer dizer... - Mas o Duque havia sido extremamente claro.

- Mas, Sua Graça... - isso era tudo o que Hurst poderia fazer para evitar de se jogar em frente ao homem e implorar, de joelhos. - Eu estou noivo da irmã dele!

Você não entende... Ela tem dinheiro! Montes e montes dele, que eu usarei para lhe pagar. Ficarei contentíssimo em lhe pagar qualquer quantia que você estipular.

- Oh, mas é claro... - o Duque olhou para ele, zombeteiro. - Você fará isso, claro. Além disto, terá muito mais dinheiro do que pode imaginar, principalmente depois da morte do conde, já que começará a exercer maior influência sobre a irmãzinha dele, que ficará com muitíssimo mais dinheiro. Você terá uma esposa extremamente rica, Slater. Mais rica do que você imaginaria, mas, primeiro, obviamente, você terá que arrumar a sua bagunça.

- Mas...

- Você irá arrumar sua bagunça - o Duque levantou os pés - Ou nós arrumaremos para você, de qualquer forma - vendo que o *senhor Jenkins* estava se preparando para partir, o rapaz encarregado de tais atividade, apressou-se em lhe entregar sua capa e cartola e sua bengala, as quais o Duque aceitou com um sorriso e um brilhante guinéu{2}.

- Não adiante muito isso, Slater - o cavalheiro disse tais palavras, antes de partir. E cada uma delas pareceu atingir Hurst como um golpe de martelo, no peito.

Quanto tempo ele permaneceu sentado ali, depois do Duque partir, ele não saberia dizer; sempre suspeitara de alguma coisa como aquela estava prestes a acontecer, aconteceria, é claro. Ele jamais pensou que conseguiria se livrar do Duque e seus capangas com tanta facilidade, mas jamais pensou que custaria tão caro assim.

Mais tarde, depois de uma refeição, uma boa quantidade de membros do clube de Hurst especulavam sobre as razões pelas quais o marquês de Winchilsea tinha abandonado sua cadeira tão repentinamente, depois de um encontro com o extraordinário senhor Jenkins. Em geral, a maioria tinha aceitado que o marquês tinha superestimado a si mesmo e que o senhor Jenkins, na realidade, ela mais um dos indivíduos para os quais o marquês devia dinheiro.

Mas o que eles não sabiam, certamente, era que a razão pela qual o marquês ter deixado o club tão de repente naquela tarde, não era ir ao banco e sacar o dinheiro para pagar suas dívidas, mas sim para que fosse à uma loja de armas mais próxima e começar a treinar tiro ao alvo.

Capítulo 18

"Ele o que?" a voz de Emily quebrou.

"Shhh." Caroline colocou a mão sobre os lábios de sua amiga. "Não tão alto! Ma esta em seu quarto no final do corredor, como outra de suas dores de cabeça. Ela pode ouvir você."

"Mas, Caro," Emily explodiu de trás dos estrategicamente colocados dedos. "A língua dele?"

Caroline tirou a mão dos lábios da amiga e disse, "Não é tão desagradável quanto parece, Emmy. De fato, é até... legal."

Emily fez uma cara. "Legal? Caroline, não nada de legal sobre isso – como você pode... mas este não é o ponto. O ponto é que você deixou um homem te beijar desse jeito – bem, é equivalente a convidá-lo para sua cama." Emily socou enfaticamente o colchão sobre a qual elas estavam sentadas, o colchão pertencia à grande e coberta cama. "E se você acha que Braden Grandville ira te deixar sozinha agora que você colocou a ideia na cabeça dele…"

"Não é assim," Caroline disse. "Ele não é como você pensa que ele é- como todo mundo diz que ele é. Emmy, ele é realmente muito legal..."

"Legal?" Emily rolou os olhos. "Caroline, Braden Grandville não é legal. Você é tola por pensar isto. Ele não é como Hurst ou Tommy. Ele é diferente. Ele vem de um mundo diferente."

Caroline se encontrou encarando sua amiga. "De um lugar um pouco mais a leste daqui. Não da China, pelo amor de Deus."

"Você esta me interpretando mal," Emily disse um pouco rígida. "Intencionalmente, eu acho. Você sabe que eu não julgo um homem de acordo com o lugar que ele nasceu. E acredito na igualdade das classes assim como eu acredito na igualdade dos sexos. Mas Caro, Braden Grandville tem uma reputação. Você sabe que tem. Você não pode permitir que um homem faça algo assim... intimo como enfiar a língua dele em sua boca, e esperar que ele simplesmente esqueça. Não foi um experimento social para ele assim como foi para você. Ele não irá simplesmente esquecer. Porque quando um homem como Braden Grandville enfia a língua na sua boca, esta realmente ensaiando para enfiar outra coisa em sua-"

Caroline pegou um travesseiro de sua cama e atirou contra sua amiga. "Não está" ela disse corando furiosamente.

"Caro, esta sim." Emily pegou o travesseiro. "E Braden Grandville não é o tipo de homem que fica satisfeito em apenas ensaiar. Ele não te deixara em paz ate as

cortinas abaixarem e a ovação começar...”

Caroline tentou dar de ombros com a preocupação da amiga, embora não fosse fácil, com seu rosto queimando tanto. Ela queria não nunca ter falado sobre nada para Emily. Ela queria que isto fosse um segredo que ela pudesse se abraçar de noite, como um travesseiro.

“Bem,” Caroline disse, com uma elaborada indiferença. “O que há de tão errado nisto?” Emily a encarou. “O que há de errado com isto? Você me perguntou o que há de errado com isto? Caroline, o que é errado sobre isto é que você vai se casar com Hurst Slater, o décimo marques de Winchilsea, em menos de um mês.”

Ela levantou o queixo. “E? Se Hurst pode ter uma amante, porque eu não posso também?” O queixo de Emily caiu. Vendo a expressão chocada dela, Caroline gemeu, e depois, rolou, ficando de barriga para baixo e deixando sua cabeça preocupadamente do lado da cama.

“Tudo bem,” ela disse, em sua nova posição. “Você esta certa. Eu não sou o tipo de garota que tem um amante, sou? Mas o problema Emmy, é que eu experimentei as calças e elas não serviram.”

Sua amiga caiu do seu lado. “O que?”

“Eu beijei Hurst noite passada – realmente o beijei – e não senti nada.” “Você costumava amar quando ele te beijava,” Emily disse. “Exatamente. Mas agora? Nada.”

“Oh, Deus.” Emily levantou sua cabeça, seus olhos verdes soltando fogo. “Isto tudo é sua culpa, você sabe. Se você tivesse me contado o que você iria fazer quando foi ver Braden Grandville pela primeira vez-“

“Porque você tentaria me falar para não fazer.”

“É claro que eu teria feito. Foi uma ideia perfeitamente ridícula. Aulas, Caro? Em como fazer amor? Só uma mulher louca teria tido uma ideia dessas.”

Caroline sentou, “O que mais eu poderia ter feito, Emmy? Eu honestamente acreditava que poderia fazer Hurst me amar.”

“E agora?”

“Agora? Agora eu me digo que há coisas piores do que se casar com um homem que você não ama, e que não te ama.” Caroline suspirou. “Cobras, por exemplo.”

“Eu estava errada.” Emily se levantou da cama, e começou a andar no lindo quarto de Caroline. “Isto não é sua culpa. É de Tommy. Se ele não tivesse sido estúpido o suficiente para levar um tiro, Hurst não teria salvado ele, e você poderia se casar com o homem que quisesse.”

“Mas eu quero me casar com Hurst,” Caroline apontou. “Eu estava deliciada com a ideia de casar com Hurst. Até eu descobrir sobre Jackie Seldon, e depois que as calças não serviam.”

Emily olhou furiosamente. “É culpa de Braden Grandville então. Você nunca

saberia que as calças não servem se ele não tivesse enfiado a língua em sua boca."

"Ou," Caroline adicionou, refletidamente, "colocado à mão no meu seio." {na verdade a expressão é shimmy, ou seja, rebolar, remexer}

Emily gritou, "Ele o que?"

Caroline, surpresa, disse, "Oh, sim. Eu me esqueci de te contar sobre essa parte." "Caroline!" Parecia que Emily poderia desmaiar, mas Caroline sabia que ela não iria. Emily, assim como ela, nunca tinha desmaiado na vida. "Você não... ele não... Diga-me que você fez!"

Caroline disse, "Bem, eu e fiz um pequeno esforço para pará-lo. Quero dizer, ele é muito maior que eu. Além do mais, eu senti-"

"Que bruto!" Emily explodiu. "Eu não acredito na audácia dele! Eu direi para sua mãe – não, eu direi para Hurst. Não, eu direi para Tommy!"

Num flash, Caroline agarrou o pulso da amiga. "Você não ousaria," Caroline disse, a voz dela tão dura quanto seu aperto. "Tommy tentaria lutar com ele, e você sabe que ele não está recuperado ainda. Além disso, Braden nunca iria aceitar o desafio, e você sabe como isto iria-"

"Braden?" Emily encarou sua melhor amiga com olhos tão grandes quanto um pires. "Agora você o chama de Braden?"

"Bem," Caroline disse, pega um pouco de surpresa. "Eu acho que estou permitida. Ele tem sido mais intimo do que Hurst jamais foi, e eu o chamo pelo seu primeiro nome."

Emily balançou a cabeça. "Oh, Caroline," ela disse. "Isto é horrível." Uma batida na porta.

"Lady Caroline?" A voz de Bennington soou cansada. "Uma mensagem para você, minha senhorita."

Caroline rolou os olhos. Outra carta de lamentando não comparecer, ela supôs, para o casamento dela. Bem, a mãe dela ficaria feliz. Isto significaria que ela poderia convidar outro casal da lista B.

"Prometa-me," ela disse, ignorando o mordomo, e falando com sua as duas mãos de sua amiga nas suas. "Prometa-me, Emily, que você não ira falar nada para Tommy."

Emily, parecendo taciturna, disse, "Certo, eu prometo. Mas você tem que me prometer acabar com isto, Caroline. Agora, antes que isto avance mais."

O mordomo bateu novamente. "Lady Caroline?"

Caroline deixou a mão de sua amiga. "Oh, tudo bem," ela disse, impacientemente. "Entre, então."

A chave arranhou na fechadura, e então o mordomo, parecendo como se levar mensagens para jovens senhoras que foram trancadas em seu quarto pelas suas furiosas mães era algo que ele fazia todo o dia da semana, entrou, segurando uma bandeja de prata. Caroline pegou o recado dobrado que estava na bandeja,

e viu que não reconhecia a grafia. Curiosa, ela levantou os óculos de onde eles estavam descansando na sua mesa de cabeceira, colocou-os nos olhos, e rasgou o lacre, olhou a assinatura, e imediatamente ficou violentamente vermelha.

Caroline, a nota tinha uma escrita forte, poderosa. São cinco horas. Você esta exatamente uma hora atrasado para nosso compromisso. Atraso é uma coisa eu não suporto. Pegue seus óculos e me encontra aqui fora em cinco minutos, ou eu irei até ai e a arrastarei para fora. B. Grandville

Caroline olhou para o mordomo, sua boca de repente muito seca. "Bennington," ela disse. "Tem alguma carruagem parada do lado de fora de casa?"

"Certamente, my lady," ele disse. "Tem. Um fechado cabriolé {é um termo utilizado para designar um tipo de carruagem} de dois cavalos preto. O servente me informou que seu mestre está dentro dela. Seu criado esta esperando sua resposta."

O coração dela estava batendo muito rápido em seu peito, Caroline escorregou para fora da cama e foi ate sua mesa de escrever, movendo-se como alguém atordoado.

"Caro," Emily disse, com uma voz preocupada. "Você esta bem? Você parece... estranha." "Estou bem," Caroline disse, automaticamente, sacando um pedaço de papel e uma caneta.

Mr. Grandville, ela escreveu, rapidamente. Mesmo se eu quisesse encontrá-lo, o que certamente estou certa não seria nada sensato, eu não poderia desde que minha mãe me trancou em meu quarto como castigo por ter ido até o jardim com você na noite passada na festa em Dalrymples. C. Linford.

Ela assoprou a nota até a nota secar, depois ela dobrou e colocou-a na bandeja de Bennington. "Isto é tudo, Bennington," ela disse. "Obrigado."

O mordomo se curvou, e deixou o quarto. Ele cuidadosamente, depois de fechar a porta, a trancou de novo atrás dele.

"Aquela carta," Emily explodiu, "é de Braden Grandville, não é?"

"Caroline fique quieta! Você tem que gritar?" ela perguntou. "Eu te digo, Ma tem ouvidos que parecem de gato. Se ela descobrir que Bennington deixou você entrar aqui, não haverá mais nenhum minuto de paz depois disso."

"Era dele." Emily correu para o lado de Caroline. "Deixe-me ver."

Sabendo que Emily não daria paz a ela se ela não o fizesse, Caroline lhe deu a nota. Emily a leu com uma expressão que ficava mais indignada a cada linha.

"Toda esta vaidade-" ela praticamente jogou a nota em Caroline de volta. "Eu não posso acreditar em todo o convencimento desse homem! Primeiro ele enfia a língua em sua boca, depois põe a mão em seus peitos, e agora isto!"

"Sim," Caroline disse. Ela sabia que era terrível, mas ela não podia deixar de se sentir extremamente satisfeita. Nunca em sua vida um homem tinha ameaçado – em escrito, nada menos – entrar em um prédio e arrastá-la de lá.

Havia algo extremante emocionante. Especialmente por que o homem em questão era Braden Grandville.

"Isto é barbarize," Emily disse. "Ele esta mandando em você como se você algum tipo de... escravo! Isto é um clássico exemplo da dominação masculina que achando que ele pode exercer seu poder sobre uma mulher ameaçando a com violência física."

"Chocante," Caroline concordou feliz.

"E o que eu ele quis dizer, sobre seus óculos?"

"Oh," Caroline disse. Ela ouvia por sons, no andar de baixo, de Braden forçando sua entrada. Onde ele estava? "Nada."

"O que você respondeu?" Emily queria saber. "Eu espero que você tenha dito para ele ir e esfregar a cabeça gorda dele em algum lugar."

"Claro que não," Caroline disse. "Isto teria sido criancice."

"Caroline." A voz de Emily estava cuidadosa. "Você esta apaixonada por ele?"

Caroline sentiu suas bochechas ardendo de novo. "O que? Eu? Apaixonada? Por Braden Grandville?"

"Você me ouviu," Emily disse maçantemente. "Você esta?"

Sim. Esta era a lamentável resposta, e ela sabiam disso. E não sabia como tinha acontecido, ou quando. Tudo o que ela sabia era que em alguma hora entre a noite na Dame Ashforth, e a noite passada, quando ele escorregou a mão para o peito dela, Caroline tinha se apaixonado por Braden. E se apaixonado feio.

Não, é claro, que ela fosse admitir isto para Emmy. Ou para qualquer um. "Eu mal," ela disse com uma fungada, "conheço o homem."

"Você acabou de me dizer que conhece ele muito mais intimamente do que você conhece o Hurst," Emily chorou. "e você esta noiva dele. Eu não desconsidero a possibilidade – considerando que eu te conheço minha vida inteira, e nunca vi voe agir deste jeito antes – que você possa estar apaixonada por Braden Grandville."

Felizmente, Caroline foi poupada de responder devida outra batida na porta. "Lady Caroline," Bennington disse, calmamente. "O cavalheiro respondeu."

Caroline se contraiu e chamou, "Entre." Quando o mordomo destrancou a porta e entrou, ela sussurrou, ruidosamente, "Sério, Bennington. Você tem que dizer a palavra cavalheira tão alta? Você quer que minha mãe escute, e me racione pão e água depois?" "Realmente, Bennington," Emily disse, severamente.

"Eu imploro seu perdão, my lady," o mordomo disse. Ele manteve seu queixo muito alto. "Você esta certa. Aqui esta a resposta."

Caroline pegou o papel da bandeja de prata e o abriu. Rabiscada atrás de suas próprias letras estavam às letras,

Você honestamente espera que eu acredite nessa ridícula historia de que você esta trancada em seu próprio quarto como um tipo de princesa na torre? Se isto

for verdade, tudo o que eu posso dizer é que eu tristemente subestimei sua inteligência se uma mera fechadura é tudo que a mantém prisioneira em sua própria casa. Claro, que se não for verdade, tudo o que tenho a dizer é que Deus perdoe sua alma mentirosa, desde que eu certamente não irei. B.G.

Caroline olhou para o mordomo.

"Terá resposta, my lady?" ele perguntou, com uma voz comportada.

"Sim," Caroline disse, removendo seus óculos e levantando-se. "Mas eu farei isto em pessoa."

Emily arfou e levantou, também. "Caroline!"

Caroline, ignorando as expressões chocadas em ambos os rostos, procurou por sua bolsa, na qual colocou seus óculos.

"Me perdoe, Lady Caroline," Bennington disse. "Mas eu e escutei corretamente? Você disse-"

"Sim," Caroline disse. Ela agarrou um chapéu de dentro de seu guarda-roupa, e amarrando as fitas embaixo do queixo dela em um grande e atrevido laço. "Você me ouviu corretamente. Eu vou sair."

"Mas," o mordomo disse, "eu imploro seu perdão, Lady Caroline, eu acredito que sua mãe expressamente proibiu você de-"

"Bennington," Caroline disse, colocando suas luvas. "Você nunca bateu em uma mulher, bateu?"

"Certamente, não, my lady." O mordomo disse, parecendo um pouco assustado.

"E você nunca faria nada," Caroline disse, procurando sua sombrinha, "para me machucar, faria?"

"Um." Bennington engoliu dificilmente. "Não, certamente, my lady."

"Então-" Ela levantou a sombrinha ate descansar em seus ombros. "-eu lamento te informar que o único jeito de me deter para sair por esta porta, Bennington, é me batendo algo que você acabou de dizer que nunca faria."

Bennington baixou a bandeja... E o queixo. "Muito bem, my lady," ele disse, desanimadamente. "Isto seria uma explicação tão boa para Lady Bartlett que eu cedo sem dureza."

"Claro," Caroline disse. "Escusado será dizer {?}."

"Caroline!" Emily correu atrás dela assim que Caroline deixou o quarto e começou a descer as escadas. "Você perdeu todo o senso que Deus te deu? Você não pode ir a lugar nenhum com este homem. Quem sabe o que ele tentara fazer?"

Isto, Caroline pensou, com um pouco de culpa, é precisamente o porquê deu estar indo. "Caroline, você não vê? Você não vê o que ele esta fazendo com você? Ele estava fazendo exatamente o que ele fez com dezenas de outras mulheres – milhares, talvez. Ele esta seduzindo você."

"Não," Caroline respondeu. "Ele não está."

“Caroline, abra seus olhos. Claro que ele está. O que mais ele poderia querer?” Caroline pausou na escada. “Ele disse que eu... interesso-o.”

“Perdoe-me, Caroline.” Emily parecia com dor. “Mas o que mais você acha que pode significar que interesse um homem como Braden Grandville?”

Caroline considerou a pergunta de sua amiga cuidadosamente. “Bem,” ela disse. “Deixe-me ver. Nós temos discutido sobre a natureza do amor, o acidente de Tommy, minha mãe, beijos, o processo de quebra de promessa da noiva dele, Hurst, e. oh, e a importância de criar uma atmosfera romântica.” Ela se virou e deu a Emily um sorriso se quem sabe. “Se, entretanto, ele planeja realmente me seduzir, eu ficarei na defensiva. Não tema.”

“E eu estou certa de que escapar dessa forma para ver ele é o melhor de fazer isto.” Emily estava no patamar, suas mãos para cima em um apelo para sua amiga. “Caroline escute você mesma. Ele é um miserável manipulador. Homens como ele – cobras charmosas como Braden Grandville- que mantém as mulheres como nos de alcançar nosso potencial total, porque eles nos dividem nos colocam uma contra as outras-“

“Oh, Emmy,” Caroline disse, enquanto se precipitava para as escadas. “Pelo amor de Deus, ele não esta fazendo isto. Eu tenho certeza que ele nunca esteve nem perto do Parlamento.”

“Bem,” Emily emendou, rapidamente. “Você tem que admitir pelo menos que se você for com ele, agora, dessa maneira, sua reputação estará em pedaços no pôr do sol.” “Emmy,” Caroline disse. “Não se preocupe. Eu estarei em casa antes que Ma pense em se vestir para jantar. Ela nunca vai perceber minha ausência, do mesmo modo que ela nunca vai saber que você estava aqui. Quando eu voltar, Bennington pode me trancar de novo, e tudo ficaram bem,”

“Caroline-“ Emily pausou para pegar ar, embora fosse Caroline que estivesse usando um corpete restritivo, e não ela. “-eu não entendo. Por que você esta fazendo isto? Você sabe que isto não conduzira a nada, exceto talvez a sua ruína. Então porque você esta fazendo isto?”

Caroline não hesitou. Ela abriu a porta da frente, e se lançou para o sol da tarde. “Por que ele me pediu,” ela gritou por sobre seu ombro, e depois saiu, e fechou a porta firmemente atrás dela.

Capítulo 19

"Se você não iria vir," Braden Grandville disse, sem nem um boa tarde ou um como-você-esta, "o mínimo que podia fazer era me deixar saber."

Caroline o olhava desconfortavelmente. O quer que ela tenha esperado quando o motorista a ajudou a entrar na cabriole, não tinha sido aquilo. Ele parecia zangado, como uma nuvem de verão, que ameaça a desatar uma torrente. No interior da cabriole estava escuro – ele tinha atenciosamente abaixado as telas da janela, assim ninguém poderia reconhecer Caroline no passeio deles - ele parecia mais satânico do que nunca.

Satânico, talvez, mas inegavelmente atraente, de um jeito que Hurst, que era mais bonito do que o senso tradicional, nunca teve.

"Eu não pude," Caroline disse, cuidadosamente. "Estou sendo castigada. Não estou nem permitida de mandar uma mensagem pelo meu criado. Ma instruiu todos eles para-" "Por ter ido ao jardim comigo?" a expressão dele foi de desdenhosa para incrédula. "Eu sou um ogro, agora?"

Caroline riu disto. Ela não pode evitar. "Não, muito pior. Você tem uma reputação." Quando sua única resposta foi uma expressão de dor, ela disse, "Não finja que você não sabe que eles o chamam de Lothario de Londres," e estava satisfeita que uma pulsação de emoção que ela sentiu ao dizer isto – Lothario de Londres – não apareceu em sua voz. Por que precisamente aquela emoção era, claro, ela se recusava a admitir para ela mesma. Mas Braden Grandville não fez esforço para esconder o que ele sentiu ao ouvir o seu popular apelido. Ambas as suas mãos, que não estavam enluvadas como a dela, se cerrou no punho, por um momento. E depois os dedos dele relaxaram de novo.

Caroline, observando isto de onde ela estava sentada ao lado dele no macio e acolchoado assento, apenas levantou suas sobrancelhas, sentindo uma onda de descontrole passando sobre ela. A visão dos punhos dele – tão largo, e masculino – a fez lembrar-se do que Emily disse no quarto dela. Ele era de um mundo diferente, um mundo onde punhos e balas e facas e garrotes {colares de metais usados para enforcar/asfixia alguém} era comuns.

Não que Caroline achasse que ele usaria os punhos nela. Mas os vendo relembrou ela o outro nome do qual ela ouvia as pessoas chamando ele: Dead Eye.

O que ela estava fazendo? O que ela estava fazendo ali? Emily estava certa. Ela era uma tola. Ela não deveria estar ali. Ela deveria estar com Hurst, que não tinha outro nome alem de Hurst, e ocasionalmente, Lord Winchilsea, e quem ela

nunca viu fazer punho.

"Então sua mãe," Braden Grandville disse, rompendo os desvairados pensamentos dela, "trancou você em seu quarto como punição por estar no jardim de Dalrymples com o Lothario de Londres."

A voz dele não tinha inflexão. Porém, Caroline se apressou em garantir a ele, "Bem, só porque ela não conhece você, só a sua reputação. Tommy fala sobre você, você sabe, quase incessantemente."

"Isto é estranho," ele disse, quase caprichosamente, "que seu irmão não compartilhe seus sentimentos sobre a imoralidade do meu concebiemento de armas para viver, considerando o que uma fez com ele."

Caroline assentiu. "Ele continua afeiçoado a elas. Estranho porem, a ânsia dele para voltar à escola no outono. Você pensaria que depois do que aconteceu com ele, Oxford seria o ultimo lugar que ele iria quer ver de novo, mas ele parece ávido. Ele ate sugeriu que nos fizéssemos uma viajem de final de semana para lá, embora o doutor disse que ele não estava pronto. Ele supostamente não poderia dançar, também, mas nada o detém." "Você acha que ele quer achar o homem que-", mas ele se deteve, e apenas olhou para suas mãos.

Ela o olhou questionadoramente. "Homem que o que?"

"Esqueça. Eu instrui meu motorista para dar uma volta pelo parque. Eu senti que tínhamos coisas para discutir, você e eu. E desse modo, não seremos mais interrompidos." Relembrando precisamente o que eles estavam fazendo a ultima vez que eles tinham sido interrompidos – quando Hurst tinha entrado no jardim – Caroline engolindo, e estava cuidadosa para não olhá-lo nos olhos quando ela disse, "Sim. Eu quero falar com você, também. Eu - eu iria escrever para você, assim que minha me deixasse mandar uma nota. Você vê-"

"Você não precisa dizer nada," ele disse. Havia muito cansaço em seu tom. Caroline arriscou olhar em seu rosto, e o viu virado na direção do dela, os olhos escuros dele a olhavam com uma intensidade que enviava tremores para cima e para baixo da espinha dela como se ele tivesse encostado um único dedo nela. "O processo. Eu sei que você não será capaz de testemunhar-"

Ela estava sacudindo a cabeça antes que as palavras saíssem de sua boca. "Oh, não," ela disse. "Não é isto. Claro que eu ainda vou... ajudar você." E depois ela se lembrou do aviso da mãe dela noite passada, sobre vender os cavalos dela, e fechou seus lábios. "Eu posso," ela disse, "precisar de um lugar para por meus cavalos por um tempo, entretanto, se eu fizer. Quantos cabem em seu estábulo? Você não teria espaço para mais vinte, teria?" O intenso olhar que ele dava para ela se transformou em confusão. "Vinte cavalos a mais?"

"Eles-" ela balançou a cabeça de novo com um sentimento de desesperança. "Oh, esqueça. Estou certa que ela não quis dizer isto. Não, eu prometi que te ajudaria no processo de Lady Jacquelyn, e o farei. Mas tenho receio de que não serei de continuar com as, um, aulas."

Lentamente, a sobrancelha com a cicatriz levantou, e com isto, um lado de sua boa – só um canto. “Então é isto,” ele disse, com um tom que sugeria que ele estava apenas meio interessado no que ela estava dizendo.

“Sim,” ela disse, firmemente. “Veja, não esta dando funcionado.” De novo o tom de desinteresse. “Você acha que não?”

“Não. Não tem mais nenhum ponto para isto agora.”

Ambos as sobrancelhas e o canto de sua boca abaixaram, até que ele franziu a testa para ela. Não havia nenhum desinteresse no seu tom quando ele perguntou, rapidamente, “O que você quer dizer?”

Caroline balançou a cabeça tristemente. “As calças não servem.” Ele pareceu confuso. “Que calças?”

Caroline suspirou. “Hurst. Você sabe o que eles dizem. Não compre uma calça antes de experimentá-la. Bem, eu experimentei, e acontece delas não servirem. Então nenhuma razão para continuar as aulas, há?”

Pensando que ela estava a uns quinze centímetros dele no acolchoado assento, com nem mesmo a beira da saia tocando ele, ela o sentiu enrijecer. Ela começou a se virar na direção dele questionadoramente, mas um segundo depois, ele se virou no assento e agarrou ambos os ombros dela.

“Você teve relações com Slater?” ele perguntou, com uma voz chocada.

Caroline olhou no zangado-sombrio rosto, completamente perplexo pela acusação dele – e de fato ele parecia bem triste. “Relações?” ela ecoou, chocada. “É claro que não! Eu apenas o beijei pelo amor de Deus!”

O aperto em seus ombros se afrouxou de uma vez. Toda a cor escura que tinha surgido em seu rosto desapareceu, e então ele disse “Meu Deus,” e soltou-a, voltando os largos ombros.

Caroline gaguejou, “Eu - eu tentei beijar ele do jeito Frances – você sabe, do jeito que você me ensinou – e ele não pareceu gostar nada. Ele estava perturbado com isto, na verdade. Então você vê, além do fato de que as calças não servem, elas não estão funcionando, suas aulas. Então qual é o ponto?”

Do lado dela, Braden levantou a mão – uma daquelas mãos traidora que ele tinha levantado tão descuidosamente e agarrada ela um momento atrás, apesar da promessa que ele se fez de não tocá-la de novo – e a levou ate seu espesso cabelo escuro. Qual, ele se perguntou, era o ponto? Ele tinha se perguntado a mesma questão enquanto o relógio dava quatro e meia, e ele finalmente tinha admitido que ela não ia. Por que aquela loucura tinha o induzido a pedir a carruagem e ir atrás dela, ele não podia imaginar.

Ele disse para si mesmo que era porque ele não era um homem que costumava ficar esperando. As pessoas simplesmente não quebravam compromisso com Braden Grandville. O fato de que Lady Caroline tinha feito isto – sem um imploro o seu perdão – tinha enfurecido ele. Ela tinha prometido vir às quatro horas, e quando ela não chegou, ele tinha se sentido perfeitamente

justificável em for ate a casa dela e exigir uma explicação...

Mas mais do que isso, ele supôs, que tinha vindo para... Ver. Para ver o que, ele não estava muito certo. Para ver se o que o almofadinha do noivo dela tinha descoberto exatamente no jardim antes dele interrompê-los noite passada. Para ver se Caroline Linford, a quem ele não tinha julgado ser uma covarde, estava se escondendo atrás da saia da mamãe, com medo, pelas sensações que ele sabia ter despertado nela.

Ou talvez só para ver se ainda continuava faiscando aqueles líquidos olhos dela.

Se este fosse o caso, ele teve a resposta. Eles continuavam faiscando, tudo bem. Faiscando e até, ele estava encantado, parecido com um foguete {?}, também. Lady Bartlett podia trancar a filha dela por cem dias, mas ela nunca seria capaz de apagar o fogo que brilhava naqueles profundos olhos marrons, olhos que refletiam cada passagem de emoção de Caroline, olhos no quais, Braden sentiu, ele poderia se perder...

Se reanimando, ele disse tão calmamente como ele pode, "eu sinto que preciso investigar isto mais afundo."

Caroline, aliviada do que quer que fosse que tinha tomado ele, parecia ter desaparecido. Perguntou "Investigar o que?"

"A falha que você citou." Ele estava cuidadosamente não olhando para os lábios dela. Mas nem podia olhar dentro daqueles translúcidos olhos. Procurando pela mãe enluvada dela, dobrada recatadamente em seu colo. "Com o seu noivo."

"Falha?" Ela compreendeu. "Oh, você quer dizer o beijo? Bem, dificilmente importa. Eu te disse, é claro que as calças não servem. Eu posso ver agora que... que este aspecto do nosso casamento-" ela estava muito embaraçada para dizer a palavra sexual. "-provavelmente nunca será particularmente boa-"

Se isto for verdade, Braden disse para si mesmo, é só porque Slater é desinteressado no sexo feminino. Ou um eunuco {homem com testículo removido}

"-então eu pretendo me concentrar em outras coisas, coisas mais importantes."

Braden teve que olhar nos olhos dela. Ele não pode acreditar que ela estava falando serio. Mas seu olhar firme disse a ele que certamente, ela estava.

"Mais importante do que ocorre na cama matrimonial?" ele perguntou incrédulo. "E que coisas seriam estas?"

Caroline suspirou. Realmente, era vergonhoso, ter que se explicar para este homem todo o tempo. Ainda mais vergonhoso era que ele não precisava fazê-lo. Não era como se ele tivesse fechado a porta da carruagem. Ela podia abri-la e sair quando ela quisesse.

Mas ela não queria. O que era ainda mais vergonhoso.

"Mobiliar nosso novo lar," ela disse, devagar. "Entreter nossos amigos. Hurst

tem um monte deles, você sabe. Ele é apaixonado por cartas – ele e Tommy – e ele recebe frequentemente jogadores de cartas. Eu terei que ser cordial, uma vez que eu sou Lady Winchilsea-"

"E isto é mais importante para você," Braden disse, insensivelmente. "Ser Lady Winchilsea, e cordial com jogadores de cartas, do que casar com um homem que-"

Ele quebrou. O que ele estava fazendo? O que ele estava fazendo?

Ela estava encarando ele de seu canto da carruagem. "Claro que isto não é o mais importante para mim," ela disse, com raiva. Ambos os foguetes, ele viu, estavam com força. "Como você pode dizer tal coisa? Eu disse para você porque eu estou casando com ele."

"Por causa do que ele fez pelo seu irmão?" Me diga uma coisa Lady Caroline. Se o homem que tivesse salvado o seu irmão tivesse sido um imundo ao invés do marque, ou um corcunda de um olho só, ao invés do janota de cabelo dourado, você teria a mesma obrigação de se casar com ele?"

Ambos os foguetes se tornaram vulcões. "Claro que não," Caroline estalou. "Eu não concordei em casar com Hurst só pelo que ele fez pelo meu irmão. Eu o amava, também." Depois, como se ela tivesse percebido que tinha dito algo indiscreto, ela pressionou os lábios juntos, e virou o rosto resultante para longe dele, até ele ser escondido atrás da borda de seu chapéu.

Sentindo de repente uma explosão que só poderia se chamada de deleite, Braden escorregou pelo assento ate os quadris deles se tocarem – algo parecia perturbar Caroline, desde que ela escorreu, até estar pressionada contra a porta.

"Você o amava?" Braden esticou o braço e o ergueu um cacho que tinha escapado do chapéu dela, e caia sobre sua bufante manga branca. "Mas você não ama mais?"

"Eu não disse isto." Tudo que ele podia ver do rosto dela era sua bochecha, que esta decididamente rosa. "Claro que eu amo ele."

"Mas não, talvez," Braden disse, trazendo o cacho para mais perto de seu rosto, como se ele quisesse examiná-lo, "do modo que uma esposa deveria amar seu marido. Mais, talvez, do jeito que uma irmã ama o homem que salvou a vida de seu irmão."

"Se você diz," foi à dura resposta de Caroline.

"Mas você uma vez o amou de um jeito diferente," Braden disse. Ele levantou o cacho para o seu nariz. O cabelo dela cheirava como ele sabia a lavanda. "Se não, você não teria me procurando com sua interessante... proposta. Eu me pergunto o que aconteceu, Lady Caroline, para faz-la desapaixonasse pelo seu noivo."

Ela sabia o que ele estava pensando. Ela sabia com toda a certeza como ela sabia seu nome. Ele achava que ela estava apaixonada por ele.

E ele estava tão errado? Não era, é claro, o que tinha acordado ela do estupor

no qual os beijos de Hurst a tinha colocado. Se ela apenas pudesse contar para ele o que realmente aconteceu para quebrar o feitiço! Isto certamente varreria o sorriso de sabe-tudo do rosto dele.

Sim. E colocaria uma bala através de Hurst.

Ela não podia contar para ele. Ela não contaria nunca para ele. Melhor deixá-lo achar que ela o amava do que ele saber a verdade.

Oh, como ela pode ter feito algo tão estúpido quanto se apaixonar por Braden Grandville? Porque em despeito do que ela tinha dito para Emily – que Braden Grandville não era o grande sedutor que todos achavam, mas um muito doce, atencioso homem, que tinha tentado, no mínimo, dizer não quando ela o procurou primeiramente com seu ridículo plano – não havia como negar o fato de que ele era um Lothario – o Lothario, na verdade. O Lothario deLondon.

Ela arrebatou o cacho de cabelo dos dedos dele. "Nada aconteceu," ela disse, cuidadosamente evitando o olhar dele. "Eu não estou não apaixonada por Hurst."

"Mas você acabou de me dizer," ele foi rápido em apontar, "que as calças não serviram." Ela se amaldiçoou. Porque ele tinha que ter aberto a boca sobre isto? Ela tentou um curso diferente.

"Bem," ela disse. "Talvez não foi as calças que não serviram. Talvez eu apenas coloquei errado."

Quando, um segundo depois, ele deslizou uma daquelas fortes mãos ao redor do pescoço dela, ela sabia que não tinha dito a coisa certa.

"Eu acho," ele disse os profundos olhos marrons dele muito fixos e quentes nos dela. "é melhor você me mostrar o que você fez. Assim nos podemos averiguar a fonte do problema, e tentar repará-lo.

Caroline se rasgou entre um quase irresistível desejo que sentir a boca dele na dela uma vez mais, e uma forte suspeita de que ela era um tipo de servente em um elaborado plano de manipulação que ele estava fazendo só para de divertir. Mas realmente, quando ela pensou obre isto, era ridículo pensar que ele tinha algum desejo de seduzir ela. O que poderia ela – Lady Caroline Linford – fazer para alguém como Braden Grandville?

"É só um beijo, Caroline" ele disse com censura.

"Eu sei disto." Agora ela foi tomada por uma indignação. "Então do que você esta com medo?"

"Você, se tornando um selvagem novamente."

"Eu?" ele soou visivelmente divertido. "Selvagem? Quando eu me tornei um selvagem?" "Noite passada, no jardim de Dalrymples, é claro."

"Eu não fui nem um pouco selvagem. Eu fui um perfeito cavalheiro." Ela bufou. "Um perfeito cavalheiro que pôs a mão no meu peito."

Agora ele estava rindo, evidentemente divertido por ela. "Eu tive a impressão que você gostou quando eu fiz isto."

"Eu não gostei," Caroline mentiu, recatadamente. "E se eu o beijar agora,

você tem que prometer não fazer de novo."

Ele suspirou. "Tão rigorosa para alguém tão nova... e tão inexperiente. Que seja então. Eu prometo não por a mão em seu – Como é mesmo?"

"Seio," Caroline disse, começando a suspeitar que ela estivesse sendo caçoada, e não tendo certeza do que deveria fazer sobre isto.

"Ah, é claro. Eu prometo fielmente não por a mão em seu seio esta vez. Agora por que você não vem para mais perto de mim?" Ele pôs um infinitésimo de pressão atrás do pescoço dela.

Caroline concedeu – embora ir até lá, com a firme saia dela, não era tão fácil quanto ele fez soar. Ela conseguiu se aproximar o suficiente dele, contudo, no apertado assento da carruagem, então os ombros dela se encaixaram embaixo dos braços dele, e o quadril dela estava tocando novamente o dele – embora, é claro, sobre camadas e camadas de roupa, para não mencionar as barras de aço da saia dela.

"Certo," ela disse, decidindo rapidamente que se ele estivesse manipulando ela, bem, ela não se importava. Nenhum homem podia manipulá-la quando ela estava usando tantas roupas como ela estava usando no momento. "E agora?"

"Agora," ele disse "me mostre o que você com Slater."

Ela suspirou para mostrar que ela achava tudo aquilo muito cansativo certamente, depois, escorregando um pé em baixo dela pra lhe dar mais altura sobre o assento, inclinou sua cabeça e plantou uma serie de beijos na boca de Braden Grandville.

Só que desta vez, em vês de manter a boca firmemente fechada, como Hurst tinha feito, Braden deixou seus lábios separados, só um pouco. Só o suficiente para Caroline escorregar sua língua. Ela o fez com hesitação, perfeitamente consciente do que tinha ocorrido na ultima vez que ela tinha beijado ele.

Mas quando os segundos passaram, e nada aconteceu – nada mesmo – Caroline puxou a cabeça para trás e o olhou, apreensivamente.

"Eu estou fazendo errado, não estou?" ela perguntou. Sem duvida. Sem duvida do por que Hurst tinha olhado do jeito que ele olhou!

Os olhos de Braden tinham estado fechados. Agora as pálpebras se abriam devagar, e ela estava surpresa de ver seu olhar cortante um pouco distante.

"Eu não estou certo," ele disse, em uma voz não muito firme. "É melhor você tentar de novo."

Caroline assentiu, e, escorregando seu outro pé para se equilibrar, então agora ela estava sobre os joelhos ao lado dele no apertado banco, ela voltou ao trabalho. Desta vez, ela colou a mão atrás do pescoço dele, para melhor suporte enquanto ela estava se deslocando para alcançar seus lábios.

E quando ela começou sua segunda agressão nos lábios dele, ela teve melhor sorte. Os dedos dele colocado na nuca dela se apertaram. Caroline achou isto um pouco sinal, e começou a beijá-lo com mais energia, tentando se aproximar

audaciosamente com a língua dela, confiantemente dentro da boca dele.

Ela não estava preparada para a violência da reação dele.

A ponta de sua língua mal tinha encostado-se a ele antes dela se achar completamente fora de seu equilíbrio pela repentina introdução do outro braço dele embalando sua cintura. Os aros da creolina se quebraram e sua saia estava esmagada enquanto ele a levantava do banco e a depositava em seu colo, com as pernas em volta dele. Alarmada, Caroline tentou escapar, mas ele manter uma mão no pescoço dela, prevendo o ataque. Caroline só teve tempo de estar agradecida por estar usando um vestido de pescoço particularmente alto esta tarde antes de se tornar consciente da pressão dos lábios dele na boca dela, e sentir aquela sensação familiar de novo, e estava perdida.

Capítulo 20

Sério, mas tinha que ser imoral, o jeito que ele a fazia sentir. Como se só estivessem os dois no mundo inteiro. Como se não houvesse nenhum lugar mais importante para ela ir, nada mais importante para ela fazer, do que sentar na carruagem e lentamente explorar a boca deste homem, e o deixar fazer o mesmo com ela.

E ainda que ele não estivesse fazendo o mesmo com ela. Caroline percebeu muito tarde que enquanto ela tinha estado ocupada aproveitando o saque sensual que ele estava fazendo em sua boca, um saque um pouco diferente estava acontecendo embaixo daquele conjunto de aço que ela contava como sua proteção. A mão de Braden Grandville – a que não estava atrás do pescoço dela – tinha escorregado para debaixo da creolina dela e em algum lugar encontrou a fita que mantinha as pantaloons dela fechada.

Caroline tentou protestar quando ela sentiu o arco, no qual as fitas estavam firmemente amarradas, apertado de repente, e depois aperto. Ela tentou dizer pare. Realmente, ela tentou. Mas isto era tão... Difícil. E não só porque a língua dele estava na boca dela. Mas por que... Bem, ela não queria que ele parasse.

Porém, não era certo, o negocio com as pantaloons dela. Por a mão nos seios dela tinha sido uma coisa, mas isto...

"Pare de se contorcer, Caroline," ele afastou sua cabeça da dela para dizer, abruptamente. "O arco de sua creolina continuam espetando na minha costela."

"O que você esta fazendo ali em baixo?" Caroline exigiu. "Você não pode fazer isto." "Claro que eu posso. Estou tentando te mostrar uma coisa. Você me pediu-"

"Eu te perguntei se eu tinha ou não beijado Hurst corretamente."

Mesmo quando ela falava, ela sentia nos lábios um agradável excitamento da maneira brutal que ele tinha retornado o beijo. Ela tinha beijado ele corretamente. Ela sabia que tinha beijado ele corretamente. A pessoa com quem tinha algo errado, ela decidiu, era Hurst, que nunca tinha beijado ela desta forma, nem expressado o menor interesse no arco que mantinha as pantaloons dela fechadas.

"Eu não pedi a você," ela apontou, "para me despir."

"Eu não estou despindo você," ele disse. "Beije-me de novo." "Não, não ate você mover sua-"

Ele a silenciou beijando a ele mesmo, trazendo o rosto dela contra o dele com a mão que ele tinha deixado atrás do pescoço dela, e aparentemente devorando a

boca dela, parecia, com a dele. Caroline, querendo não tanto sair, estava horrizada em se encontrar beijando-o de volta, desejando seus lábios e língua com tanto entusiasmo quanto ele aparentava querer a dela.

Bem, e poderia esperar que ela se detivesse? Aqui estava ela nos braços dele – no colo dele, para falar a verdade – cercada por ele, envolvida por ele. Ele era tudo que ela podia ver tudo que ela podia tocar tudo que ela podia experimentar. A respiração dele – um pouco cansada – era tudo o que ela podia ouvir, se ela não contasse a não –muito- regular batida de seu coração, a qual ela não podia só ouvir, mas sentir, mesmo através do colete dele, e o do vestido dela de pescoço-alto. Tudo que ela podia cheirar era a rica, masculina essência dele, uma mistura de sabonete e linho limpo, e mais fracamente, a pólvora, um cheiro que ela estava certa, que anos e anos após este, sempre traria lembrança de Braden Grandville. Isto era ridículo – totalmente ridículo – imaginar algo como isto – o cheiro de pólvora- a fazia agarrar-se a ele ainda com mais força, beijar ele com um abandono maior, mas foi exatamente o que aconteceu. Ela não podia explicar. Ela não precisava explicar. Ali estava, e isto era tudo.

E então ela descobriu exatamente o que a mão dele estava fazendo em suas pantaloons...

Descobriu quando aquela mão esbarrou – e não acidentalmente, ela estava certa – certa parte dela que ultimamente vinha tendo um comportamento muito estranho certamente, tendendo a ficar úmida na presença dele, especialmente quando ele a beijava. Estava úmida agora, úmida e extremamente sensível, tão sensível que quando os dedos dele a tocou, as costas de Caroline se arquejaram reflexivamente, e fazendo-a apertar os dedos ao redor do pescoço dele, e deixar escapar um murmura contra a boca dele...

Mas não de protesto. Não de protesto mesmo.

Como se esse fosse o sinal que ele esteve esperando, Braden deixou sua mão escorregar lá de novo. Só que desta vez, em vez de tocar casualmente contra ela, os dedos dele pressionaram lá com as mais definidas intenções.

E que causou uma sensação ainda mais gratificante. Caroline, que mal tinha tocado lá ela mesma, muito menos permitido alguém de fazê-lo, estava despreparada para sua imediata e física reação. Instantaneamente, ela se achou cheia de anseia, e este anseio parecia aumentar o deseja dela de se pressionar ainda mais firmemente contra aqueles duros e calosos dedos. Tão firme, de fato, que parecia como se um ou dois daqueles dedos pudessem ter na verdade escorregado pra dentro dela...

E ela nem se importava. De repente, Lady Caroline Linford tinha se transformada – pelo mero toque dos dedos de um homem – em uma coisa impudica, sórdida, que não podia pensar em mais nada além de...

Bem, disto.

Mas quem podia culpá-la? O sentimento era tão sublime, ter a mão dele ali, e

os lábios nos dela, e a outra mão, oh, a outra mão, tinha escorregado para seu pescoço, e parou no seio, e era muito ruim ela estar usando tanta roupa, por que era uma sensação divina, o jeito que ele agarrava o seio, mas havia todo aquele material no caminho. No futuro quando ele for encontrar com ele ela terá que se lembrar de usar nada além de manga curta e o vestido de pescoço mais baixo e...

O que ele estava fazendo agora? Petting {duas pessoas que se beijam e se tocam de forma sexual} ela, parecia. E isto era tão bom, o jeito que ele estava "tocando" ela, tão delicadamente e tão suavemente, mas ainda havia aquele anseio, que sentia que se ele apenas colocasse um pouco mais de pressão ali...

E de repente ele fez.

E o mundo de Caroline, que estava girando completamente fora de controle, parecia ter explodido em milhares de pedaços bruxuleio. Era parecido com a sensação que ela experimentava toda a vez que entrava em uma banheira excessivamente quente – por alguns segundos, todo o corpo dela, do topo da cabeça até as solas do pé, pareciam estar pegando fogo. Era quase intolerável, a sensação, mas perfeitamente deliciosa, também. E, passado a dor, ela puxou seus lábios do dele e agarrou a frente da camisa dele convulsivamente, incapaz de não gritar...

E depois, de repete, o fogo passou, e ela sentiu como se estivesse tremendo toda, como algo recém nascido.

Tremendo e completamente mole atordoada por tudo isto, ela desmoronou contra ele, arfando.

"O que," ela queria saber, quando ela pôde falar novamente, "foi isto?"

A voz dele também não estava muito firme. "Sua lição do dia," ele respondeu. "Lição?" ela exigiu. "Você chama isto de lição?"

Mas ele não podia reunir uma indignação real, desde que ela se sentia tão deliciosamente letárgica. Se apenas, ela estava pensando, ela pudesse sentar assim para sempre, como sua bochecha sobre o ombro dele, e os braços dela enrolado no pescoço dele, ouvindo as batidas de seu coração, e o som das patas dos cavalos enquanto eles rodavam e rodavam o parque...

O som disto, mesmo enquanto estava registrando em seu subconsciente, abruptamente parou.

Braden moveu a mãos das coxas dela e deu a um tapa nas nadegas dela que foi um longo caminho em direção a trazê-la de volta do seu feliz estupor.

"Levante," ele disse. "Você esta em casa."

Ela levantou a cabeça e picou para ele. "Casa?" ela disse, estupidamente.

"Sim." Mesmo enquanto ela sentou lá, encarando ele, ele estava colocando a roupa dela de volta no lugar, amarrando o laço da pantaloons dela de volta no lugar, e puxando o arco da creolina dela para baixo de novo. "Nós estivemos fora por mais de uma hora. Nós não queremos aumentar as suspeitas de sua mãe agora, queremos? Ela pode te trancar em seu quarto de novo, e isto

adversamente atrapalharia os planos para a aula de amanhã." Caroline balançou a cabeça, confusa. Do que ele estava falando? Ele não tinha percebido o que ele fizeram? Levando ela para o céu, foi o que houve. E agora ele simplesmente espera que ela vá para casa? Andar na porta da frente como se nada tivesse acontecido? Como se não tivesse, na medida em que ela estava preocupada, tocado sua alma?

"Mas-" ela começou.

"Aqui," Ele "pegou" um cacho que tinha escorregado debaixo do chapéu dela, sem duvida quando ela atirou a cabeça para trás em esctasy. "Você precisa arrumar sua..." Ele fez um gesto ao redor do rosto dela. "Você mesma. Seu cabelo saiu todos..."

Mecanicamente, Caroline começou a enfiar seu cabelo de volta onde eles pertenciam. "Mas eu não entendo," ela disse, enquanto ele colocava. "Eu apenas pedi para você me dizer se eu beijei ou não corretamente."

"Oh, sim," ele disse. "Eu acredito que você virou uma mestre nos beijos. Foi por isso que eu passei para o próximo passo."

"O próximo passo? Foi isso que aconteceu?"

"Bem, nó podemos ter pulado alguns no meio," ele disse, havia, ela achou, alguma coisas estranha em sua expressão; "Mas não é sua culpa. Nós voltaremos neles, algum dia desses."

"Mas-" Caroline balançou a cabeça, tentando entender, e desfazendo todo o cabelo que ela tinha acabado de arrumar. "Mas supostamente era para você me ensinar como... como" ela quebrou não muito certa em como colocar em palavras o que ela queria dizer. Ele olhou para ela, questionadoramente, uma sobrancelha erguida. Mas como não era a sobrancelha com cicatriz, ela imaginou que não tinha se zangado ele. De repente, ela sabia exatamente o que dizer.

"Era supostamente para você me ensinar como dar prazer a um homem," ela disse tudo de uma vez. "E não supostamente me causar prazer."

Levantando a sobrancelha com cicatriz.

"Então é isso?" ele disse... Brandamente, ela pensou, para alguém que parecia tão... Bem, intimidante.

"Sim," Infelizmente, o amável fulgor que ela tinha experimentado estava esvairando. "Como supostamente eu vou aprender algo sobre fazer amor para um homem quando tudo o que você sempre faz é fazer amor comigo?"

Por alguma razão, ele parecia achar aquilo divertido. Ambos os cantos de sua boca estavam se contraindo enquanto ele pegava sua cintura e a levantava de seu colo, colocando a no assento ao lado dele novamente.

"Esta" ele disse rica em uma emoção que ela não pode identificar, "é a primeira vez que eu escutei esta particular reclamação de alguém que eu – como foi mesmo que você colocou? Oh, sim, dei prazer." Ele mal podia dizer uma

palavra, ele estava tentando não rir. “Vá para casa, Caroline,” ele disse, se inclinando para dar um não-romântico beijo na testa dela.

“Nós nos veremos para meu prazer da próxima vez. Vá, antes que a estimada Lady Bartlett descubra que você saiu-“

Caroline não hesitou. Ela escorregou para fora da carruagem, e, depois de parar apenas uma fração de segundo para ajeitar sua saia, que tinha ficado lamentavelmente emaranhada, correu para os degraus da sua porta da frente...

E só então ela percebeu o que ele tinha dito.

Da próxima vez. Ele iriam se ver para o prazer dele da próxima vez.

Mas não poderia haver uma próxima vez! Ela não tinha explicado para ele que as lições não podiam continuar?

Ela estava a ponto de voltar ate a carruagem para se assegurar que ele tinha entendido que não poderia haver uma próxima vez quando, para sua consternação, a porta da frente se abriu por um zangado Thomas.

“Caroline,” ele disse, urgentemente, escorregando a mão debaixo do braço dela. Caroline lançou um olhar rápido sobre seus ombros. A carruagem não tinha se movido. Ainda havia tempo-

“Só um momento, Tommy,” ela disse. “Há uma coisa que eu tenho que fazer-“

A mão de Tommy apertou o braço dela. “Você tem que falar com Ma,” Thomas disse. “Por favor, que estou implorando para você.”

“Ma?” Não! A carruagem estava indo embora! Devagar, mas com certeza, descendo a rua. “Ela está tendo uma de suas “crises”,” Foi à resposta surpreendente de Thomas. E Caroline se esqueceu de tudo a respeito de Braden Grandville, e brandiu todo o seu olhar surpreso em seu irmão.

“Uma de suas crises?” ela ecoou.

E então eles estavam dentro de casa, Caroline desfez os laços do chapéu dela enquanto Thomas fechava a porta atrás deles.

“Ela notou,” Caroline disse agitadamente. “Ela notou que eu sai, não foi?”

“Não,” Thomas disse. “Isto não tem nada a ver com você, para variar. É que eu disse a ela... bem, eu disse a ela esta tarde que eu estou voltando. Para a escola. Eu voltarei depois de amanhã, só por uma semana. E ela ficou louca.”

As sobrancelhas de Caroline se levantaram. “Bem, eu posso ver o porquê. Você sabe o que o doutor disse Tommy. Você pode se sentir melhor, mas ainda não esta completamente recuperado, e você supostamente deveria estar descansando o Maximo possível – não que você tenha feito isso. O que espera que Ma diga – Vá com a minha benção, filho?”

“Você fala com ele, Caro? Eu sei que ouviria você.”

Parada no piso de mármore do vestíbulo, Caroline encarou seu irmão. Por um longo tempo, ela tinha sido a mais alta dos sois, até o memorável verão que ele tinha crescido dez centímetros em três meses. De repente, ele se tornou capaz de

vencer ela em todos os jogos que ela costumava ganhar.

Quando chegou a noticia que ele tinha sido baleado, Caroline achou que o mundo dela tinha caído. Se ele tivesse morrido, e deixado ela sozinha, sozinha com a mãe deles...

Ela nunca teria sido capaz de suportar. Ela amava sua mãe ternamente, mas sem Tommy...

Sem Tommy, ela nunca teria sido ninguém.

"Por que é tão importante para você voltar, Tommy?" ela perguntou para ele. Nos últimos raios da tarde que atravessavam à longa e estreita janela que borda a porta da frente, ela viu que havia cor no rosto dele, sarda sobre o nariz dele, por que apesar das ordens do doutor, ele não ficava dentro de casa. "A escola nem começou as aulas ainda. Nenhuns de seus amigos vão estar lá."

Ela viu seus bronzeados dedos se fecharem em um punho, e veio em sua cabeça outro par de punhos que ela tinha acabado de observar de perto, só meia hora atrás.

"Há uma coisa," Tommy disse, "que eu tenho que fazer lá. E estive esperando e esperando

– e agora eu acho que estou bem o suficiente. Por favor, Caro. Vá e fale com ela. Eu preciso da carruagem, e algum dinheiro. Só o suficiente para um ou dois dias."

"O que?" Algo na voz do irmão dela despertou a irmã mais velha nela, cheia de desconfiança – ou pior, temeridade. "O que você tem que fazer lá?"

"Não é algo em que eu me sinta confortável discutindo com minha irmã," ele disse, com um sorriso afetado.

Caroline olhou para ele. Uma garota? A filha de um mestre, talvez? Ela só podia ter esperança. Ela rezava para que não fosse uma barman estourada – embora como poderia ser, se o que ele tinha dito aquele outro dia era verdade, sobre nunca ter experimentado nenhuma calça antes?"

"É só uma coisa que eu tenho que fazer certo?" Thomas passou a mão pelo cabelo comprido, fazendo arco no final. "Algo que eu tenho cuidar. Isto é tudo."

Não. Ela estreitou seu olhar. Não era uma garota mesmo. Ela não podia dizer como ela sabia, mas ela sabia, de repente.

"Tommy," ela disse. "Hurst sabe que você esta indo?"

Algo se apertou no rosto do irmão dela. Ele pareceu pálido sobre seu bronzeado. "Não," ele disse. "E você não vai contar para ele, Caro. Isto não é algo que eu quero arrastar Hurst. Não é culpa dele."

As sobrancelhas dela se ergueram. "O que não é culpa dele? Do que você esta falando, Tommy?"

Ele olhou para ela. "Você não deve dizer nada a Hurst sobre minha ida. Prometa-me, Caro."

Caroline balançou a cabeça. Só havia um motivo para que o irmão quisesse ir

a Oxford e não dizer a seu bom amigo Hurst. Por que Hurst tentaria falar para ele não ir.

"Você não pode me pedir para manter um segredo do homem que eu estou prestes a casar," Caroline disse, firmemente. "Se você não levar Hurst com voe, que não quero que você vá também. Não sozinho. Não depois-" "Caro, você não entende-"

"Não, eu não entendo. Eu não vou falar para Hurst. Mas eu não vou falar com Ma para deixar você ir." Caroline virou a cabeça, e olhou por cima da escada para seu quarto. "E não se incomode me pedindo dinheiro também. Eu não vou te emprestar nem um centavo. Você ainda não esta bom, eu posso dizer. É melhor você ficar aqui até melhorar." Tommy permaneceu na final da escada. Ela podia sentir seu olhar zangado atrás do pescoço dela a cada passo que ela dava, mas ela não se importava. Ela manteve os ombros retos e a cabeça erguida. Ela não gostava de brigar com seu irmão – não agora que eles estavam crescidos. Mas o que ela podia fazer? Ele iria. Ela o conhecia, assim que ele conseguisse juntar dinheiro suficiente para um bilhete de trem, se ele não conseguisse que a mãe deles emprestasse a carruagem, ele iria.

Seu primeiro instinto foi contar a Hurst, mas como ela poderia, se ele tinha pedido para ele não dizer?

Mas por quê? Tommy teria finalmente percebido o que Caroline tinha? Que Hurst não era a criatura santa que ele parecia quando eles o conheceram? Oh, ele amava Tommy. Não havia duvidas sobre isto. Mas agora que os dois estavam prestes a se tornarem verdadeiros irmãos, será que Tommy suspeitou que o amigo dele não ama a irmã dele como ele deveria? Ele saberia, ela se perguntou, sobre Jacquelyn? Com certeza não, ou ele teria dito alguma coisa a seu amigo, a Caroline – ela não podia acreditar que seu próprio irmão mesmo tendo conhecimento a deixaria casar com um pilantra.

Ou seria simplesmente por que Tommy achava que Hurst, também, tentaria detê-lo se ele ficasse ciente de seus planos?

Era loucura, a decisão de viajar quando ele ainda estava tão fraco – e Caroline sabia disto, apesar das suas declarações ao contrario, Tommy ainda não estava inteiro. Ele continuava dormindo todas as manhãs até depois das dez, o irmão dela que sempre acordava para andar a cavalo antes de bater oito horas. E ela o viu se contraído, ocasionalmente, toda vez que ele era empurrado no lotado salão de dança. E mal podia comandar um cavalo, nem dançar mais do que uma musica nunca noite. Até o badminton parecia um esforço algumas vezes.

Não, ele não estava forte o suficiente para embarcar no quer que seja a missão que ele tinha designado para ele. Mas se ele não iria ouvir as palavras de aviso do doutor, ou os protestos de sua mãe, ou os conselhos de Caroline, o que ela faria para induzi-lo a não ir? Não foi até ela voltar a seu quarto – Bennington obrigatoriamente trancando-a novamente, depois de lhe dizer que Lady Emily

tinha finalmente desistido de esperá-la e tinha ido para casa – e ela viu um pedaço de papel na mesa de vestir que ela se lembrou de Braden Grandville.

E assim, ela sabia o que tinha que fazer.

Capítulo 21

O recado dela chegou ao escritório dele na manhã seguinte com o primeiro correio, a letra feminina a qual tinha chegado separado das cartas de negócios e correspondências legais que chegaram ao mesmo tempo. Braden o notou no minuto em que ele sentou em sua mesa, e rapidamente o puxando da pilha, examinando o pequeno, e cor de creme envelope dentro do qual ele estava dobrado. Ele reconheceu a caligrafia de Caroline. A escrita dela escrupulosamente pequena, cada letra formada com cuidado, como se ela ainda estivesse se esforçando para conseguir boas notas no manuscrito.

Ele sentou estudando o envelope, estranhamente relutante em abri-lo, e zangado com si mesmo por estar. Ele sabia o que era, é claro. O que mais poderia ser? Especialmente depois do que aconteceu entre eles em sua carruagem no dia anterior. O que ele tinha pensado pensando? O que em no me de Deus ele tinha pensado pensando?

Ele não tinha pensado em nada. Este foi o problema. Algo o possuía quando Caroline Linford esta em qualquer lugar perto dele. Era diferente de qualquer coisa que já aconteceu com ele antes. Sempre antes com uma mulher, ele tinha sido capaz de manter o controle sobre suas ações, suas emoções. Cortejar a atratividade feminina era um jogo, um jogo com o qual ele era mestre anos antes. Ou ele achava que tinha sido no mínimo. Lady Caroline Linford tinha mostrado a ele o contrario.

Porque esta mulher a quem ele tentava muito impressionar era a mesma mulher que levava ele a cometer tais atos de suprema idiotice? O que tinha acontecido na carruagem era um excelente exemplo. O que ele tinha pensado, atacando ela daquele jeito, como se ela fosse uma prostituta que ele tinha pego nas docas? Caroline Linford era uma lady – uma das únicas mulheres que ele já conheceu que merecia realmente a definição da palavra. E ainda parecia que toda vez que ele fica a dois ou três passos dela, seu único pensamento era remover cada parte possível de sua roupa no tempo limite que eles tinham juntos. O tipo de jeito era esse de se tratar uma lady?

Não havia a menor duvida que ela queria cortar ele todo em tirinha. Ele merecia completamente a reprovação dela. Ela era completamente inocente, sem malicia no entendimento de metade da espécie masculina, e ele tirou vantagem disto. Era imperdoável, o jeito que ela tratou ela.

E ainda assim ele não foi capaz de se deter, menos do que ele era capaz de parar de respirar. Talvez fosse melhor que ela estivesse colocando um final nisto.

Se ele não podia controlar seus instintos básicos na presença dela, ele não merecia tê-la. Talvez seja verdade, o que Jacquelyn tinha dito: O homem pode sair da lama, mas nunca a lama sairá do homem.

Decidindo que, não importasse quão eloquente fosse seu apelo, ele não iria permitir o fim disto – com uma carta – ele correu o dedo debaixo do selo que prendia a carta de Caroline fechada, e a desdobrou. Dear Mr. Grandville, ele disse. Bem, é claro. Ela ainda chamá-lo de Braden.

Mas o que veio depois da saudação não foi mesmo o que Braden esperava. Ele leu a cuidadosa escrita de Caroline que deixou de ser impessoal – Mais sinceramente sua C. Linford – então ele correu o olhar para o topo da pagina novamente, e leu de novo, certo de que ele tinha perdido algo.

Mas ele não tinha. Não havia nada de reprovador ali, nada que indicasse que ela gostaria de nunca mais ver ele. Nenhuma palavra de condenação. Nada amargo nada amargurado. Em vez de recriminações veio um pedido. Um pedido diferente, mas um que Braden podia facilmente acomodar.

Ele pegou um papel e começou com uma caneta a escrever uma resposta que chegaria, se ele se apressasse, pelo próximo correio.

Era prazeroso para ele mais do que deveria, o pensamento de que ele pudesse ser capaz de fazer algo por ela – algo que ninguém mais poderia fazer. Era repugnante essa fraqueza dele por ela. Ele quase ficava feliz por Weasel estar detido com sua perna machucada: ele ficaria enojado com o comportamento condescendente de seu patrão – principalmente por que ele era não era característico. Braden Grandville nunca tinha feito um esforço tão grande para ganhar nenhuma mulher.

Até agora.

Mas ele não podia se deter. Uma olhada naqueles olhos castanhos, e toda a compostura de aço pela qual ele era conhecido estava perdida.

Passava um pouco do meio dia quando ele chagou, sentando em um cavalo calmo encilhado, o olhar dele varrendo a pista arenosa na qual apenas alguns cavalheiros estavam realizando seus exercícios matutinos. A Rotten Row {rua de Londres} era mais movimentada por trafico equestre na hora mais cedo do dia, mas Caroline tinha deixado claro em sua carta que desde acidente, o irmão dela raramente saia de casa antes do meio dia. A ultima hora, entretanto, não iria manter o Conde de Bartlett de aparecer no parque. Ele estava determinado a não deixar seu ferimento manter ele longe dos ritos e tradições da sociedade que ele veio a conhecer desde que ele ganhou seu titulo.

E, Braden viu, depois de alguns minutos procurando, que ele estava lá, montando facilmente em um bom cinza. Ele estava acompanhado por um a serviçal de meia idade, mas seja porque a escolta não era particularmente do agrado do conde, ou o serviçal tinha uma disposição taciturna, parecia não haver conversação entre os dois homens, e o conde, de fato, anda um pouco na frente,

seu rosto virado em direção ao sol do meio dia.

Braden deu em sua montaria um gosto gentil de seus calcanhares, e sua égua quebrou em um trote animado. Ele estava quase pescoço a pescoço com o conde, e então relaxou as rédeas.

"Boa tarde, my lord," ele disse, gravemente.

O menino atirou nele um olhar surpreso. Quando ele percebeu quem o tinha cumprimentado, o conde se tornou profundamente vermelho – Braden viu suas bochechas carmim pelo canto do olho. Ele era tão fácil para corar quanto a sua irmã. "Gran- eu quero dizer, Mr. Grandville," Thomas Linford gritou. "Oh, eu digo. Eu nunca o vi por aqui."

"Não," Braden disse, resignadamente. "Eu não tenho muito tempo para cavalgar."

"É claro." Thomas assentiu. "Você esta ocupado com seus negócios, eu imagino, o tempo todo."

"Interamente." Braden se virou e olhou para o serviçal, que estava cavalgando um pouco mais atrás deles, com a cabeça curvada, como se fazendo isto, ele pudesse parar de entreouvir a conversa de seu mestre. "Você acha que nós podemos ter uma palavra em particular, my lord?"

O rapaz assentiu novamente, e se virou na sela para instruir seu serviçal para esperar por ele. Ele iria cavalgar um pouco com Mr. Grandville, então retornaria quando seus assuntos tivessem sido concluídos.

O serviçal assentiu e Braden e o conde cavalgaram em um silencio desconfortável – desconfortável por parte do conde, desde que era possível ver o conde ansioso por perguntar a Braden o que ele queria, e Braden porque ele não estava certo de como introduzir o assunto que gostaria de discutir sem trair Caroline, que pediu em sua carta para que o conde não descobrisse que ele sabia.

Finalmente, passando um rapaz que tinha obviamente bebido muito na noite anterior, e tinha caído no sono em cima de sua montaria, rodando pelo parque até seu cavalo se cansar e decidir ele mesmo achar o caminho de casa, Braden se lembrou de uma coisa, e disse, "Eu costumava vir aqui frequentemente quando eu era criança."

"Ao Row, sir?" A voz de Thomas expressava toda a surpresa sem que, Braden estava certo, o menino quisesse. "Eu quero dizer-"

"Eu sei o que você quer dizer. Eu não vinha cavalgar, é claro. Eu não tinha cavalo ate antes dos meus vintes. Mas meus amigos e eu costumávamos vir aqui e olhar os caras como aquele rapaz ali."

"O bêbado, senhor?"

"Sim, aquele. Eles eram alvo fácil. Esperávamo-nos eles passarem perto da arvore, e quando ninguém estava olhando, nos o tirávamos de sua montaria e pegávamos suas carteiras." Braden falava com a mesma tonalidade como se ele estivesse descrevendo um experimento químico. "Um jeito perigoso de fazer a

vida, mas fora ele, nós não tínhamos outro."

Thomas cavalgou ao lado dele em silencio. Braden estudou o perfil do rapaz. Exceto pela sua cor, Braden não podia traçar muito de sua irmã. As características dele eram bruscamente fundas como resultado pela perda de peso depois do ferimento. O rosto de Caroline era muito mais suave, o nariz dela não era torto, mas arrebitado, suas bochechas eram altas o suficiente para dar a ela olhos bonitos com uma inclinação para cima no final, como um gato, sem fazer a aparência dela soberba no mínimo.

"Mas," Thomas disse, depois de um longo tempo, "você nunca atirou neles, não é? Esses homens que você roubava, eu quero dizer."

"É claro que não." Braden desviou sua atenção para seu cavalo ao redor da particularmente grande pista que tinha ficado suja. "Nenhum de nos tínhamos armas. Elas eram muito caras. Isto é o porquê-" ele grunhiu enquanto sua égua pisou em falso, sua pata afundando na profunda sujeira, e momentaneamente perdendo seu equilíbrio. Um segundo depois, ela tinha se endireitado, e parecendo embaraçado com o contratempo, dando um relincho indignado antes de continuar a se mover – "eu me encontro perguntando sobre sua historia do assalto."

Ele viu o queixo do menino se levantar, e instantaneamente reconheceu o teimoso gesto, era exatamente como a que aparecia na face de sua irmã quando ela estava intratável. "Você esta me chamando de mentiroso, sir?" Thomas perguntou quentemente.

"É claro que não. Eu estou meramente sugerindo que a historia que você contou a sua mãe e a sua irmã sobre o assalto pode ter sido fabricada para esconder a verdade sobre como você levou o tiro." Braden estava cuidadoso para manter o tom neutro. Sem julgamento. Meramente estudando o fato. "Eu não o culpo pela mentira. Se eu tivesse uma mãe e uma irmã, eu teria dito para elas exatamente a mesma coisa. Para que elas não soubessem – como nos sabemos – que assaltantes raramente tem acesso a pistolas. E se eles por acaso encontram uma, eles geralmente a vende – até por uma miséria, uma pistola ira usualmente valer mais do que os ladrões podem fazer em um ano."

Thomas estava em silencio, mas não soturnamente. Ele estava ouvindo Braden atentamente, e parecia debater algo consigo mesmo.

"A pessoa que atirou em você," Braden continuou, "não era um assaltante. Não apenas porque ele tem acesso à pistola, mas porque ele tem habilidade com ela. Ele tinha que ter pratica, e muito. Não apenas isto, mas ele respeitava a arma dele, mantendo em ótimo estado. Se ele não tivesse, você não estaria vivo hoje, o tiro era limpo, se fosse um pouco mais abaixo. Eu presumo que ele mirou o coração."

Thomas murmurou, "Meu pé escorregou. Eu estava escalando o muro, e meu pé escorregou-"

“Boa coisa, então,” Braden disse. “Se você tivesse se mantido estável, nós não estaríamos tendo esta discussão.”

“Estava-“ O conde parecia ter sido levado para longa da Rotten Row – não fisicamente, mas em sua mente. Ele murmurou, “Queimou. Quando bateu em mim. Lançou-me para trás, e então queimou. E então quando eu acordei, doía. Mais do que outra coisa que eu já tinha sentido.”

“Sim,” Braden disse, estavelmente. “Dói, não dói?”

Isto o trouxe de volta. Ele atirou um olhar surpreso na direção de Braden. “Você- você já foi baleado antes?”

“Varias vezes,” Braden disse, equilibradamente. “Alguém não de torna conhecido como o Lothario de Londres sem enfrentar ocasionalmente a ira de um marido. Mas eu nunca fui estúpido o suficiente,” ele adicionou, “para ser atingido por um assaltante.”

E com isto, Thomas desistiu.

“Não foi um assaltante,” ele disse, com desdém. “Foi o Duke.”

“O Duke?” Braden não poderia ficar mais surpreso se Thomas tivesse dito que ele tinha atirado em si mesmo. “Vocês estavam duelando?”

“Não. Cartas.” A voz de Thomas estava cheia de desde. “Um jogo fixo, estou certo disto. Eu o chamei de ladrão. E então ele me seguiu em casa e atirou em mim, eu suponho para que não dissesse a ninguém sobre o fato do jogo ser fixo.”

“Mas ele falhou,” Braden disse. “porque o marques achou você.”

“Achou-me?” Thomas soltou uma gargalhada. “Não dificilmente. Ele esteve me seguindo. Ele suspeitou que o duque poderia quer meu sangue, e ele-“

O tom de Braden era afiado. “Lord Winchilsea estava jogando também?”

“É claro. Foi ele que me levou ate o jogo. Mais alta participação em Oxford, ele disse. Ele não disse que era alta dessa maneira, embora.” Ele tocou o lugar que a bala tinha atravessado com uma expressão de amargura. “Ele não tinha a mínima ideia que as cartas estavam marcadas, é claro.”

Braden Grandville sentiu um frio repentino, embora o tempo estivesse bom. Alguém tinha andado sobre a sepultura dele. Pelo menos, era como ele se lembrava de sua mãe explicando a sensação.

“As cartas estavam marcadas?” ele perguntou, em uma voz dura. “Você esta certo disto?” “Sim. Estava difícil para ver – eles mantêm a luz baixa. Mas se você semicerrar os olhos e olhar tempo suficiente, você pode ver, plano como o dia, o marca desenhada atrás-“ “The Duke,” Braden disse.

“Bem, foi o que ele disse que era, mas eu já encontrei dukes antes, e este-“ “Não um duque,” Braden disse, rapidamente. “The Duke.”

“Certo. É como ele se chama. Você o conhece?”

Braden balançou a cabeça. Quando Caroline tinha escrito para ele, perguntando se ele poderia tentar falar com o irmão dela para que ele não fosse a Oxford no final de semana, ele nunca tinha imaginado isto...

“Eu o conheço,” Braden disse, soturnamente. “Thomas, você deve me dizer a verdade agora. Ele sabe que você esta vivo? The Duke? Você não se comunicou com ele, não é desde o acidente? Ou qualquer pessoa que possa conhecer ele?”

“Não,” o conde disse confuso. “Apenas Hurst. Mas ele disse que não diria a ninguém sobre... bem, sobre o que aconteceu. Foi ele que teve a ideia do assalto. Eu suponho que ele ficara bravo quando descobrir que eu disse a você, mas você-“

“Ele esta certo,” Braden disse, “Você não deve dizer uma palavra – nem uma palavra, Thomas- para ninguém.” Ele balançou a cabeça pensando. “Eu me pergunto se ele ainda não descobriu,” ele murmurou.

“O que?” Thomas se inclinou para frente em sua sela, embora visivelmente não era fácil para ele fazer isto, com seu abdômen ainda não completamente curado. “O que você disse?”

Braden rodou sua égua ao redor e motivou-a para frente até que ela ficasse nariz a nariz com a montaria de Thomas. Depois ele disse, em uma voz baixa e urgente, “Thomas, eu conheço esse homem, The Duke. Seu nome real é Seymour Hawkins. Ele costumava operar um edifico de apostas ilegais no Dials. Ele subornava os policiais locais para que eles fechassem os olhos para isto... ate que um homem novo, um homem honesto, foi apontado como chefe da policia, e não aceitaria o dinheiro de sangue de Hawkins. Hawkins não tem doçura com homens honestos, Thomas. Ele cortou a língua do policial fora por ter chamado-o de mentiroso e ladrão, e arrancou seus olhos por olhar para ele enquanto ele fazia.”

Thomas o olhava com uma mistura de fascinação e horror em seu rosto. “Verdade?” ele perguntou, parecendo ter muito mais do que seus dezenove anos.

“Verdade,” Braden disse. “O crime foi tão brutal, que chamou muita atenção pela a mídia, e The Duke se tornou um homem procurado. Ele foi forçado a deixar Londres. Se ele descobrir que você ainda esta vivo, Thomas – se você for para Oxford – ele vera para que você seja permanentemente despachado desta vez. Eu sei com tanta certeza como eu estou olhando para você agora. Você não passara pelo The Duke.”

Thomas disse, em uma voz que ele obviamente queria que fosse desdenhosa, mas que sai petulante, “Eu não posso deixar um homem atirar em mim e sair impune. Eu sou um conde. Eu não posso demonstrar tal covardice. Eu tenho meu orgulho, sir. Agora que eu estou bem o suficiente, eu devo ir e exigir satisfações-“

“Pro inferno seu orgulho,” Braden disse. “Pense em sua irmã, - rapaz. Ela preferiria ter você vivo e desonrado do que você morto e vingado.”

Uma carranca surgiu no rosto do conde. “Você parece conhecer muito os sentimentos de minha irmã.” Seu tom era acusador.

“Eu não irei negar,” Braden disse, em uma voz dura, depois de alguns momentos de silencio, “que eu admiro sua irmã.”

“Ela esta noiva,” Thomas disse, rapidamente.

“Certamente.” Braden disse novamente sem nenhuma doçura. “E de um homem que é responsável por você ser baleado.”

“Não é!” Cor inundou as bochechas do menino. “Hurst foi quem me salvou. Eu estaria morto se não tivesse sido pelos seus esforços.”

“Se não tivesse sido pelos esforços dele,” Braden disse, não tão sem tonacidade agora, “você não teria sido baleado em primeiro lugar. Como você pode ser tão cego para não ver? A bala atingiu o seu peito, não os olhos.”

Thomas disse agitadamente, “Hurst não sabia. Ele me disse milhares de vezes que ele não sabia que o jogo era armado. E eu acredito nele!”

“Evidentemente,” Braden disse a raiva queimando tanto que até sua égua sentiu. E começou a dançar nervosamente. Mas não aparecia em sua voz. “Evidentemente você acreditou nele o bastante para confiar sua única irmã. Eu admito que não seria tão fácil assim, sabendo que minha irmã vai se casar com um homem que se associa livremente com pessoas como Seymour Hawkins.”

“Eu prefiro ver ela casada com ele-“ Thomas, por toda a sua tormenta, soava como se ele pudesse começar a chorar. “do que com o Lothario de Londres!”

“Então você pode descansar fácil.” Braden percebeu que ele chateou o garoto. Ele não tinha a intenção. Mas ouvir a verdade sobre Hurst o fez cerrar os dentes no Maximo. “Porque ela não a intenção de terminar o noivado com o marque. Mas se você for algum tipo de homem, my lord, você contaria a verdade a ela. Ela tem o direito de saber exatamente o tipo de cara com que ela esta se casando.”

“Eu não posso contar a ela,” Thomas disse, parecendo horrorizado. “Se Caro descobrir que estava apostando, ela... bem, eu não sei o que ela faria. Contar a Ma, não duvido. E ela me deserdaria.”

“Eu não tenho irmã,” Braden disse, rigidamente, “mas se eu tivesse eu posso te assegurar que minha fortuna não valeria mais do que a felicidade dela.”

“Caroline ama Hurst,” Thomas assegurou a ele, com uma conficialidade que Braden não estava convencido que ele na verdade sentisse isto. “Assim como ele ama ela. Ele é um homem bom. Ele tomara conta dela. Eu aposto minha vida nisto.”

“Você deve,” Braden disse.

“O que isto quer dizer?” A voz do conde subiu um oitavo. “Eu digo, o que você quis dizer com isto, Grandville?”

Braden apenas disse, “Jure que você não voltara para Oxford.” Thomas disse, “Eu não farei tal coisa.”

“Jure que você não vai voltar, ou eu irei contar a sua irmã a verdadeira historia sobre como você foi baleado.”

O queixo do conde subiu novamente. “Você não faria.”

“Eu faria. Eu farei, a menos que você me jure que não ira a nenhum próximo

de Oxford, e do The Duke."

Thomas olhou sombriamente suas mãos. "Eu juro, então," ele disse. Os lábios de Braden se curvaram, mas não por satisfação.

Por favor, diga a meu irmão que ele não deve ir. Caroline tinha escrito na carta para ele aquela manhã. Eu não sei por que é tão importante para ele retornar a Oxford – ele disse que tem algo que ele deve fazer lá. Mas ele não esta tão bom como ele acha que esta. Por favor, diga para ele não ir. Ele ira ouvir você. Ele pensa em você como o Grande Grandville. Eu farei qualquer coisa que você diga, estou certa disto.

Mas não foi assim. O conde de Bartlett não faria o que ele disse. Oh, ele não iria voltar a Oxford – Braden estava quase certo disto agora. Mas ele nunca contaria a Caroline à verdade sobre o homem com quem ela estava se casando.

E ele tinha jurado que também não diria.

Capítulo 22

Não ande com a cabeça inclinada assim, Caroline. “Puxe os seus ombros para trás.” Caroline, que está em um escabelo no centro da sala espelhada, puxou os ombros para trás.

“Não sei,” disse sua mãe. “Não parece certo, mas não posso dizer por quê.”

Caroline olhou abaixo para a confecção branca espumosa que ameaçava engolfá-la. Ela Sabia precisamente porque o vestido de noiva não parecia certo nela.

Caroline levantou o seu olhar ao reflexo que ela viu olhando por trás dela em quase Toda direção. A menina no espelho não era Caroline Linford. Ela já tinha decidido isto. A menina no espelho era alguém que parecia

Caroline Linford, mas não pode ser naturalmente, de fato Caroline Linford, porque Caroline Linford não era mais pura, e não tinha devia vestir vestidos de noiva brancos. Pelo menos, ela não pensava que fosse pura mais. Não conta quando um homem pôs o seu dedo em você? Ela pensou que ele provavelmente sim, mas não estava certa, e não tinha ninguém a quem ela pudesse perguntar.

“Levante-se ereta, Caroline,” disse sua mãe novamente, parecendo exasperada. Caroline, já estando tão ereta como ela poderia, estufou o peito, e prontamente levou a costureira a se picar com uma agulha de costura.

“Sinto muito,” suspirou Caroline, inclinando-se para deitar a mão sobre as costas da menina.

“Você está bem?”

“Caroline,” sua mãe repreendeu, “fique afastada dela. Você não vê que ela está sangrando?

Você quer que pingue sangue no seu vestido de noiva? É isto o que você quer? O seu vestido de noiva Worth, desenho original, arruinado por uma costureira sangrando?” Caroline endireitou-se novamente, e olhou abaixo compassivamente para a costureira, que estava

Chupando o dedo. “Sinto muito,” ela disse novamente.

“Não se preocupe com ela, Caroline,” disse Lady Bartlett. “Violet? Esta caixa está vazia. Veja se Mr. Worth tem mais. ”Lady Bartlett entregou à sua criada uma caixa que tinha bombons, e a criada deslizou rapidamente da sala à procura de mais.

“Eu não queria dizer nada em frente de Violet,” disse Lady Bartlett, não parecendo se importar de dizê-lo em frente da costureira anônima em vez disso. “Mas eu realmente queria perguntar a você — Tommy disse algo mais para

você sobre este desejo absurdo dele de ir a Oxford neste fim de semana?"

Caroline sentiu que ficava vermelha. Incrível. Mesmo uma lembrança indireta de Braden Granville, como a menção de sua mãe de Tommy, causava o seu rubor.

Bem, e que tipo de menina ela seria se ela não ruborizasse? Depois de que ela tinha deixado

ele fazer naquela carruagem — e depois o modo atrevido que ela lhe tinha enviado aquela carta esta manhã! Porque, só uma moça levada da ordem mais baixa deixaria um homem fazer-lhe as coisas que ela o tinha deixado fazer, depois se vira e pede que ele a faça um favor tão pessoal, também. O que Braden Granville deve pensar dela?

Ela não pode dizer pela sua resposta à sua nota. O seu tom tinha sido perfeitamente impessoal.

Ele tinha afirmado simplesmente que ele estaria muito feliz em ajudar Lady Caroline com qualquer ajuda que ele pudesse.

Então ele tinha prosseguido que ele ansiava "pela lição" do dia - e Caroline tinha percebido, com uma sensação de afundamento, que ela tinha esquecido tudo sobre das palavras com quais ele tinha se despedido dela deixado fora da sua carruagem no dia anterior. Ele pensava em continuar o acordo, embora ela lhe tivesse dito que não houvesse mais nenhuma razão para isso.

E embora ela devesse ter respondido ao mesmo tempo, lembrando-o que ele não tinha mais qualquer obrigação de cumprir a sua parte do contrato, ela não fez. Em vez disso, ela tinha aberto a sua caixa de jóias e tinha retirado o fundo falso, e tinha acrescentado a sua carta às notas ela tinha recebido dele no dia anterior, pondo-as onde olhos bisbilhoteiros não as descobririam.

Às quatro. Ela o veria novamente às quatro. Oh, ela má, muito má coisa! Ela não tinha nenhum direito, nenhum direito mesmo, de estar em pé aqui vestida de branco.

"Ele não me disse nada," disse Caroline. "Mas não o vi desde que ele foi no seu passeio de manhã."

"O passeio de manhã," Lady Bartlett, indignadamente. " Ele não devia estar montando, e ele sabe."

"Ele vai devagar, Mãe," disse Caroline.

"Ele não deveria ir em absoluto," disse Lady Bartlett. "O doutor disse isso." Ela suspirou. "Ele

não disse mais nada para mim, também. Sobre este negócio de Oxford, quero dizer. Quando eu perguntei a Tommy, justo antes que ele saiu, ele me disse para __"

Algo na voz de sua mãe fez que a Caroline lançasse os olhos na sua direção. "Para o que?" "Para cuidar da minha vida!" A cor de Lady Bartlett estava forte. "Imagine! A sua própriamãe! E ele me diz para cuidar da minha vida! Não só

isso, mas ele me chamou.

"Ela abaixou a sua voz a um sussurro. "Gorda!"

Caroline, que tinha se inclinado para ouvi-la propriamente, uniu as sobrancelhas. "Desculpe?"

"Gorda! "Meta-se com a sua vida, gorda, " ele disse. As suas palavras exatas. Quase desmaiei na hora, Caroline. "

Caroline teve de tentar muito não rir em voz alta. "Sinto muito, mãe," ela disse. "Mas tenho certeza que ele não quis dizer isso —"

Violet voltou, parecendo lamentável. "Peço desculpa, milady," ela disse. "Mas eu não consegui encontrar Mr. Worth. Eles dizem que ele está com outro cliente na outra sala. "

"Outro cliente?" A cara encantadora de Lady Bartlett virou uma sombra cor de rosa. "Mr. Worth atende mais de um cliente por vez?"

A costureira tirou dedo da sua boca e disse, em um forte sotaque francês, " Monsieur Worth é um homem muito ocupado, Madame. "Se ele não atendesse mais de um cliente por vez, ninguém seria atendido".

Lady Bartlett cortou-a. "Especificamente marquei um encontro para o ajuste final do vestido de noiva de minha filha para hoje. Não temos nenhuma intenção de esperar —"

"Oh, não haverá nenhuma espera, Madame" a menina francesa assegurou-lhe. "Se a Madame e Mademoiselle seguirem por aqui, lhes mostrarei uma renda que acaba de chegar de Viena. Talvez Mademoiselle ainda necessite de renda, para o véu?"

Vendo a expressão sombria de sua mãe, Caroline disse, "Eu vou. Você fica aqui, Mãe. Eu volto logo."

Lady Bartlett disse ameaçadoramente, "Se o seu vestido for danificado enquanto ela está lá fora, espero que Mr. Worth o conserte grátis."

"É claro, Madame," a costureira francesa disse, e conduziu Caroline pela porta estreita, em uma sala agradável cheia de mesas longas, através das quais havia jarda estada depois de jarda de renda diferentemente padronizada.

Foi à renda que fez isso.

O vestido não tinha feito. Estando lá em toda aquela espuma branca, ela tinha simplesmente meditado na ironia disso. Mas a renda... A renda do seu véu. Isto de qualquer maneira trouxe a realidade de tudo isso.

A renda. Havia muitas delas. Renda florida, renda com modelos de coração nele, rendas delicadas como teias. Quantas meninas, Caroline admirou-se, tinham estado a esta mesa e tocado essa renda? Meninas esperançosas. Meninas felizes. Provavelmente não muitos não tinham estado antes ali, se sentindo como ela, como se fosse desatar a chorar a qualquer momento.

Foi quando ela viu a renda que ela soube. Ela imaginou-se levantando os fios de teia de aranha sobre o seu rosto, virando para o homem para quem ela

acabava de prometer passar o resto da sua vida, levantando os seus lábios para encontrar o seu na união alegre...

Foi quando a visão se dissolveu. Porque os lábios com os quais ela tinha imaginado o beijo não eram de Hurst. De jeito nenhum.

Oh, Deus. O que ela ia fazer? "Lady Caroline. "

Uma voz, esquisitamente familiar, soou junto dela. Caroline levantou o seu olhar...

E descobriu-se fitando diretamente os olhos escuros de Lady Jacquelyn Seldon.

"Oh," ela ouviu-se dizer, fracamente.

"Que surpresa encontrar com você aqui." Jacquelyn sorriu lindamente. "Eu não sabia que o seu vestido de casamento era um Worth."

Automaticamente, o olhar fixo de Caroline mergulhou em baixo do pescoço de Jacquelyn. Ela, também estava vestida com um Worth. Jacquelyn, Caroline viu em um relance, era um bem menos modesto que a Caroline, com um decote muito baixo por cima do peito. O vestido de Jacquelyn era muito mais de fantasia também, com ornato de contas de e até algumas penas que sobressaíam fora das mangas. As mangas de Caroline eram muito comuns.

"Você gosta desta renda?" Jacquelyn perguntou, levantando uma parte que apresenta um modelo de corações entrelaçados, e tocando-o experimentalmente.

Caroline olhou para baixo para o tecido branco como a neve. Tudo que ela pode pensar foi, Ontem, o noivo desta mulher colocou a mão por baixo das minhas calças.

E logo as suas faces tornaram-se carmesins. Porque, ela pensou consigo mesma, aqui estou eu, odiando Jacquelyn Seldon por fazer o que ela fez com Hurst, e o que eu tenho feito? O que tenho feito? Porque, eu sou tão má quanto ela. Bem, talvez não completamente tão má, mas quase tão mal. Não tenho nenhuma razão para sentir-me superior a ela. Nenhuma, em de jeito nenhum Sou tão má quanto ela.

E nós duas — nós duas usando branco!

Caroline disse, com lábios extremamente secos, "é encantadora."

Jacquelyn viu o a renda, fez uma careta, e rejeitou-a. "O Odeio." ela disse. "É muito trabalhado. Granville comprou-me uma tiara, você sabe, e eu não gostaria de algo para diminuir isto. Não que algo pudesse, naturalmente. Tem mais de 65 diamantes nele, não aquele do qual é menos de um quarto de um quilate."

Caroline fez o que ela esperava que fosse uma expressão apropriadamente impressionada, mas tudo que ela poderia pensar era ele foi para casa na noite passada e fez aquele truque com os dedos nela?

E logo, para o horror de Caroline, Jacquelyn, quase como se tivesse lido os seus pensamentos, disse, "Você sabe, Lady Caroline, não pude deixar de notar você e Granville dançaram juntos outra noite em Dalrymples."

Caroline engoliu em seco. "Sim", ela tentou dizer, mas ele não saiu o direito. Ela teve de limpar a garganta e tentar novamente. “Quero dizer, sim. Estou comprando uma arma dele. Para o meu irmão. Para quando ele voltar à escola. No outono.”

“Oh, seu irmão,” disse Jacquelyn. Ela avançou a mesa, o trem do vestido branco de cetim fazendo um som que assobia atrás dela. “Naturalmente. Como ele está? Ele parece melhor cada vez que o vejo"

“Ele está muito bem,” disse Caroline. E se o noivo desta mulher fosse próspero na sua missão como ele tinha jurado a Caroline que seria o Tommy continuaria bem por algum tempo — ou pelo menos até o seguinte esquema vazio que entrasse na sua cabeça. “Thomas é muito apegado, você sabe, em Bra -, quero dizer, Mr. Granville.”

“Bem,” Jacquelyn disse. “Ele não é o único.”

Caroline abaixou o rosto, esperando que Jacquelyn não notasse o calor vermelho a cobri-lo. Ela sabia. Ela tinha de saber. O que aquela observação poderia indicar? Jacquelyn sabia precisamente como ela se sentia em relação à Braden Granville.

Mas como ela poderia evitar? Ele não se parecia com nenhum outro homem com quem Caroline tinha se encontrado alguma vez. Ele não se parecia com Hurst e os seus amigos, docemente de cabeça oca, pensando só no jogo de cartas seguinte ou um copo de porto. Braden Granville de fato escutou-a, e pareceu considerar as suas opiniões com um pouco de interesse, pelo menos quando ele não colocava as suas mãos embaixo várias partes da sua roupa. Como qualquer mulher poderia evitar se entusiasmar com Braden Granville? Ele era... Bem, ele era extraordinário.

Lady Jacquelyn falava novamente, repentinamente, tirando Caroline de suas reflexões. “Você sabe, Caroline, é estranho, mas embora você e eu fôssemos à escola juntas,

Não sinto... bem, que eu o conheça muito bem. Portanto espero que você não o leve a mal se lhe der um pequeno conselho feminino.”

Caroline, os seus olhos muito largos, ecoaram, “Conselho?”

“Sim,” Jacquelyn disse. Ela virou ao contrário e concedeu a Caroline outros daqueles sorrisos assustadores. “De mulher para mulher. Você vê Caroline, eu sei.”

Caroline sentiu que seu rosto ficava escarlate novamente. Não foi uma sensação agradável. “Sabe?” ela começou a gaguejar. “Sabe o que?”

Jacquelyn rodou a cabeça. O seu cabelo preto como a tinta tinha sido arrumado em um complicado arranjo de cachos, muito do qual suspenso livremente atrás do seu pescoço, balançando como as frondes de uma árvore de salgueiro. Isto é o que Jacquelyn era, Caroline pensou, repentinamente. Um salgueiro chorão, alto e magro, curvando-se no vento, mas nunca quebrando.

Nada podia quebrar Jacquelyn.

“Sobre você,” disse a mais velha menina, ligeiramente. “E Granville. Você nunca foi muito boa, você sabe, na ocultação dos seus sentimentos.”

O rubor de Caroline desgastou-se. Ela, ela pensou, deve ter ficado tão pálida como o seu vestido.

Ela disse a única coisa na qual pode pensar que foi “"eu não sei o que você quer dizer”.

O sorriso de Jacquelyn, que tinha sido tão sinistro, repentinamente tornou-se muito doce. “Não? Não é nada para se envergonhar, querida Você não pode evitar. Qual mulher pode evitar se apaixonar por ele? Não o chamam o Lothario de Londres por nada. Mas, você vê, é porque eu quis dar-lhe um pouco de conselho. Você é uma pessoa tão inocente, temo que você pudesse ter o seu pequeno coração pisoteado.” Caroline pestanejou. “Você quer dizer... você quer dizer...?”

“Sim.” Jacquelyn sorriu-lhe amável. “Sei que você está apaixonada por meu noivo. Deus, qualquer tolo pode ver, só de olhar para o seu rosto toda hora que o nome dele é mencionado. Você fica vermelha, Caroline. E quero que você saiba, não estou nem um pouco zangada por causa disso. Mas realmente sinto-me obrigada a avisar você, Caroline, que Granville não é... bem, ele não é o tipo da pessoa com as menininhas como você deveriam se apaixonar.”

Caroline teve vertigens repentinamente. Ela teve de alcançar atrás dela, e agarrar a borda da mesa em que descansavam todas aquelas jardas de renda. Se ela não tivesse a mesa para segurar, ela tinha certeza de que teria afundado no chão, já que os seus joelhos pareciam ter virado geléia.

Oh, Caroline pensou. Oh Deus!

Porque era verdade. Era verdade, o que Jacquelyn dizia. Ela realmente amava Braden Granville. O amava como ela nunca tinha amado antes. A atração boba que ela tinha por Hurst só tinha sido isso- um pálido, patético, arremedo de sentimento, facilmente rasgado em dois como a renda que ela agarrava quando aderiu à mesa. O que ela sentia pelo noivo daquela mulher era tão forte e tão robusto como o tafetá grosso da sua saia. Ele nunca ia rasgar nunca quebrar. Só a tesoura grande de podar pode rasgá-lo.

Oh, Deus, o que ela tinha feito?

Vergonha seguida rapidamente nos saltos da vertigem. Já que ela sabia agora que ela deveria ter percebido desde o início: ela não era nem um pouco melhor do que Jacquelyn Seldon. O comportamento ontem na carruagem de Braden Granville não era tão repreensível quanto o de Jacquelyn e Hurst naquela noite em Dame Ashforth?

Não havia nenhuma diferença. Nenhuma diferença em absoluto.

“Posso ver que a estou afligindo,” disse Jacquelyn. “Mas você deve saber, querida, para o seu próprio bem, que Granville... bem, ele só está jogando com

você. Ele não quer dizer isso. Ele só a acha... bem, interessante, suponho. Ele não teve muita experiência com virgens, você sabe."

Caroline teve de se segurar mais uma vez na mesa, porque de repente ele pareceu até que o soalho poderia apressar-se a encontrar o seu rosto. Ela desejou muito, uma cadeira. Oh, Deus, ela rezou. Independentemente do que mais acontecer, não me deixe desmaiar em frente de Lady Jacquelyn Seldon. Não me deixe desmaiar.

Jacquelyn, notando o aperto de Caroline, gritou, "Oh, o cachorro! Ele foi está brincando com você, não é? Pobre Caroline. Bem, você foi avisada. E eu

sei o quão razoável você é. Você voltará ao seu marquês adorável agora, não vai? Naturalmente você vai. Pense em quanto você lhe deve. Porque, ele salvou a vida de seu irmão, entendo. Imagine o escândalo se você romper com ele, no fim de tudo que ele fez para você e a sua família. Você teria de deixar a cidade, imagino."

Caroline, totalmente consciente que ela não tinha proferido um som para discutir com Jacquelyn tentou fazer os seus lábios se moverem. Sinto muito, ela quis dizer. Mas você deve estar enganada. Não estou apaixonada por Braden Granville.

Mas nenhum som veio da sua garganta. Foi como se as palavras ficassem presas lá, do jeito como a bola de badminton às vezes se prendia na rede.

Jacquelyn levantou as sobrancelhas. Ela pareceu perceber que Caroline tentava dizer algo. "Sim, querida?"

Uma mentira. Por isso Caroline não pode dizer as palavras. Porque elas eram uma mentira. Mas ela tinha mentido antes. Muitas vezes, de fato. Então, por que não poderia fazê-lo agora, quando realmente importava?

Jacquelyn alcançava quase durante todo o tempo os seus olhos. "Caroline". O sorriso se alargou. "Sei o que você está tentando dizer. Sei que você é um tipo muito bom de pessoa, que se orgulha de coisas como lealdade e honestidade e bondade a criações quadrúpedes e assim por diante. Mas não há nenhuma razão em negá-lo. Você está apaixonada por Braden Granville. É perfeitamente óbvio para alguém que olha nos seus olhos. Você o ama muito, isso está rasgando você por dentro. Mas afortunadamente, há ainda o tempo para parar com isso antes que qualquer verdadeiro dano seja feito. Esqueça ele, Caroline. Antes que você faça algo estúpido, algo que poderia danificar a sua possibilidade de felicidade. Antes que ele quebre o seu coração, como ele quebrou os corações de tantas meninas através de Londres. Tudo bem?"

Danifique a sua possibilidade na felicidade. Que possibilidade de felicidade Caroline tinha? Casado com um homem que não a amava por quem ela não conseguia sentir nada — nada exceto gratidão. Que tipo de possibilidade de felicidade era esta?

Uma vez isso tinha sido suficiente. Mas não agora. Não agora que ela conhecia

Braden Granville.

O que ela ia fazer? Foi desespero que fez ela segurar a mesa agora, suspendendo a sua cabeça e desviando o olhar para o dedo de sua mão esquerda, aquele em que ela usava o anel da avó de Hurst. Um anel que ela não duvidava que ficaria muito melhor na mão de Jacquelyn

Repentinamente ela ouviu chamarem o seu nome. Levantando os olhos, Caroline viu

Violet se aproximando dela, segurando um envelope selado.

"Oh, milady," ela disse, apressadamente. "Isto chegou para você, pelo mensageiro privado. Está marcado urgente."

Caroline viu a parte dobrada do papel almaço na mão da criada. Era exatamente do mesmo tamanho e forma daquela ela tinha recebido antes durante o dia de Braden Granville. Como, ela se admirou, ele tinha conseguido ir no encalço dela em Mr. Worth? E logo, mais aflitivamente, outro pensamento ocorreu-lhe. Ele tinha falhado? Tinha falhado em convencer Tommy a ficar na cidade?

Mas então Violet entregou-lhe, e Caroline viu que não era de Braden Granville". "Não más notícias, espero?" Lady Jacquelyn disse, olhando o rosto de Caroline cuidadosamente como ela abriu o selo.

Caroline esquadrinhou a caligrafia familiar rapidamente.

Caro, ele leu. Reunião em Trafalgar Square as três esta tarde. Prenderam-me na estátua do leão. Obrigado a ser detida. Pague as minhas multas novamente? Vejo você lá. E.

Caroline lançou os olhos a Violeta. "Você tem horas?"

A criada viu a cara de relógio preso ao seu avental. "São três e meia a milady. " Caroline enrugou a nota na sua mão.

"Espero que não sejam más notícias," disse Jacquelyn, docemente.

"Não," Caroline respondeu. "A minha dama de honra foi detida novamente. Isto é tudo. " Então ela virou e voltou ao seu provador sem lembrar-se de dizer adeus à Lady Jacquelyn. Mas Lady Jacquelyn, verdade seja dita, não se preocupou se Caroline tinha se despedido. Ela tinha coisas muito mais importantes para se preocupar.

Capítulo 23

"Eu não quero ouvir nenhuma outra palavra sobre isto," Jacquelyn estalou. "Você tem que fazer isto, Hurst, e tem que fazer de uma vez."

Hurst desmoronou em uma cadeira desconfortável que, embora re-encapada recentemente em um cetim azul pálido, tina estado na família de Jacquelyn por mais ou menos um século, disse apenas, "Você tem que gritar? Eu estou com uma deplorável dor de cabeça."

"Parece que eu devo gritar," Jacquelyn disse, enquanto andava diante de sua cadeira. "Para a sua clara insensibilidade de raciocínio. Eu estou te dizendo, Hurst, é o único jeito." "Sim, mas, querida-" Ele levantou a cabeça das mãos onde ela estava afundada, e olhou para ela miseravelmente. "É tão drástico."

"Momentos drásticos requerem atitudes drásticas." Jacquelyn atravessou a prateleiras de mármore da lareira e corrigiu a posição da Dresden milkmaid antes de se virar para seu amante novamente. "Eu te digo, Hurst, você tem que fazer isto."

Hurst se levantou da cadeira e se jogou, ao invés, na mais confortável espreguiçadeira. "Mas você sabe que eu não suporto a Espanha."

"Bem, então a leve para França." Jacquelyn, linda ate em uma pálida mussoline, parada acima da cabeça do marques, suas mãos no quadril. "Leve-a para a Bélgica. Eu não ligo para onde. Só se case com a vaca estúpida, agora, antes que ela cancele. Eu estou te dizendo, Hurst, ela irá. Ela esta apaixonada por Grandville. Qualquer tolo pode ver isto – com a possível exceção do próprio Grandville, que esta ta apaixonado por ela que não consegue ver nada."

Hurst rolou sobre a espreguiçadeira e olhou irritadamente para sua amável lady. "Eu não vejo o que faz você pensar que Caroline esta apaixonada por aquele bruto. Ela parecia apaixonada por mim, ainda, quando eu a vi pela ultima vez. Ela ate queria que eu a beijasse."

O olhar de repulsa de Jacquelyn, o qual ela tinha atirado na direção do marques, aprofundou. "É claro que sim," ela disse. "A garota idiota não sabe o que ela esta sentindo. É por isso que o tempo é a essência, Hurst. Vocês têm que fugir antes que ela perceba o que é o que. Você ainda tem chance com ela, se você agir rápido."

Hurst olhou para os animados anjos pintados no teto da sala de desenho. Ele odiava o jeito que eles olhavam pra ele, zombando dele. Ele sabia que não podia haver nenhuma fuga. O casamento seria indubitavelmente adiado – se houvesse qualquer casamento, depois do funeral.

“Você tem que fazer esta noite,” Jacquelyn continuou, implacavelmente. “Eu farei os arranjos. Vá para a casa, e faça sua mala.”

Hurst disse, cuidadosamente, “Eu não posso esta noite. Eu tenho algo planejado.” Jacquelyn bateu o pé. Ela não era o tipo de mulher nervosa. Se Hurst estivesse olhando para ela quando ele respondeu, e não para o teto, ele poderia ter colocado de uma forma um pouco diferente. Ainda assim, entretanto, ele continuava olhando para o mural do teto, e não tinha visto os trovões se juntando no horizonte.

Jacquelyn andou rapidamente na direção dele, abaixou, e apertou o nariz dele muito duramente entre duas perfeitas unhas.

“Você irá... fugir... com... aquela... garota... hoje á noite,” ela sibilou, ferozmente, “ou sofrera as consequências, meu amigo.”

Alarmado, Hurst balançou um braço, e quebrou o aperto de Jacquelyn em seu nariz, e, tampando delicadamente o seu nariz, lamentando, “Ow! Porque você teve que fazer isto, Jacks?”

Os olhos de Jacquelyn estavam estreitados em duas fendas. “Eu te disse. Você se casara com ela, e logo.”

Lamentavelmente segurando seu nariz, Hurst perguntou, “Porque a pressa, Jacks?” “Ela esta apaixonada por Grandville, você não vê? E eu temo que ele retribua o sentimento. E ela não o terá! Somente eu. Eu sou a única que o terei.”

Hurst olhou curiosamente para ela. Ele não era uma mente brilhante, mas naquele momento, enquanto ele olhava para Jacquelyn Seldon, algo aconteceu em sua linda cabeça, e ele disse, como alguém que tinha acabado de acordar de um transe, “Jackie! Você esta apaixonada por ele!”

Jacquelyn ficou vermelha. “Eu não. Que estupidez.”

Mas Hurst, que nunca tinha inspirações daquele tipo, estava tão impressionado com ele mesmo e sua nova descoberta para deixa-la em paz. “Não, não. Você esta. Eu posso dizer que você esta. Você esta corada. E você nunca cora. Meu Deus, Jackie! Como você pode? Grandville?”

Jacquelyn andou pela sala tão rapidamente, que ele nem teve a chance de se curvar quando ele viu a mão voando em direção de seu rosto.

Smack. Jacquelyn olhou para ele com os olhos mais escuros e amargurados que ele já os tinha visto.

“Terá mais disto,” Jacquelyn sibilou, “se você disser algo como isto novamente. Eu não estou apaixonada por Braden Grandville. Não estou!”

Hurst, acariciando sua mandíbula com a mão, olhou para Jacquelyn com descrença em seus olhos azuis.

“Você está” ele gritou, em uma voz próxima da histeria. “Você está caída por ele! O Lothario de Londres! Meu Deus, Jackie. Meu Deus.”

Mas Jacquelyn só berrou, “Pare de dizer isto!” E quando Hurst não parou, ela correu até a lareira, tirou a Dresden milkmaid da prateleira, e arremessou nele

com toda sua força. Desta vez Hurst teve a prudência de se abaixar. E a figura bateu inocentemente na parede atrás dele.

"É isto," Hurst disse, quando ele se endireitou novamente.

"É isto, Jackie. Eu tive o tanto quanto eu pude. Braden Grandville. Braden sangrento Grandville. Ele não tem nem o direito de pisar nas casas de dança decente. Você sabe disto. Este homem é o lixo do Seven Dials, e não tem a menor ideia de como se comportar em torno de seus melhores. Porque ninguém nunca deu aquele pretensioso o tratamento que ele merece-"

Jacquelyn, seu rosto ainda furioso, gritou, "Se você relar um dedo nele, Hurst – um só dedo – eu direi a garota Linford! Eu juro que vou. E ela nunca ira se casar com você. Nunca."

Hurst se virou e foi para a porta.

"Aonde você vai?" Jacquelyn parecia perplexa. "Como você ousa me virar às costas quando eu estou falando. Hurst! Hurst!"

Ele bateu a porta com tanta força quando ele saiu que até a vaca da Dresden milkmaid tremeu na prateleira, e então se lançou apressadamente em direção da casa, onde encontraria o mesmo destino como amante. Jacquelyn, observando isto, deixou sair um grito angustiado que convocou a empregada, que estava instigada a tapear seu rosto por falta de obediência.

Capítulo 24

Tinha alguma coisa na atmosfera fora da Old Bailey {corte criminal de Londres} aquela tarde. Braden não estava surpreso. Onde o elemento criminal reunido pode usualmente encontrar o homem que esta sendo pago para processar, defender, e prender eles, e a mistura dessas pessoas tende a inspirar um ar de constante histeria. Abrindo caminho para um bewwigged {que usa um cabelo artificial na cabeça} juiz e um insatisfatório ladrão, que carregava, por alguma razão, um macaco gritando em seus ombros, Braden se perguntou, pelo que parecia a centésima vez, o que ele estava fazendo no Central Criminal Court, um lugar que ele não esteve desde a sua juventude, o que o manter ali.

Não que ele sentisse a falta da Central Criminal Court, todos esses anos.

Ele tinha tido sorte – mais sorte do que a maioria dos meninos com os quais ele cresceu; Apenas Joshia Wilder – o gunsmith a quem Braden tinha sido apontado para ser aprendiz pela corte, e cuja viúva Braden ainda suporta e visita, quinze anos depois – tinha ensinado a Braden muito mais do que o trabalho interno de armas de fogo todos esses anos atrás, em sua loja pequena, mas ocupada. Para Braden, foi à lição que Josiah ensinou a ele fora da loja a que mais importou. Josiah Wilder ensinou Braden Grandville tudo que ele sabia e que tinha algum tipo de importância, desde como dançar sir Roger de Coverley, até a maneira certa de segurar um recém nascido. Foi Josiah Wilder a quem Braden sentia que devia tudo o que ele tinha, e é a memória deste grande homem para quem ele silenciosamente levanta um copo no jantar toda a noite.

Mas isto não quer dizer que Braden particularmente aprecia o lugar onde ele encontrou o homem que mudou sua vida.

Mas não havia nada a fazer. Ele tinha que vir. Ele tinha recebido a nota de Caroline, escrita em obvia pressa, repetindo o fato de que ela não iria requerer mais nenhuma “lição”, e que ela não poderia ir ao encontro dele como ele tinha pedido no dia anterior e sua resposta em relação à carta de preocupação a respeito do irmão dela, porque sua presença era requerida na corte.

Ele imediatamente pediu por sua carruagem.

Bem, que outra escolha ele tinha? A nota dela tinha enlouquecido ele. Sem mais lições. Ela tinha dito muito isso no dia anterior, mas ele tentou não ouvir. Não ouviria. Sem lições, o que prenderia ela a ele? Nada. Ele se casaria com aquele canalha do Slater – a quem Braden estava convencido não ser tão inocente como o irmão dela dizia – e estaria para sempre perdida para ele.

Porque ele tina prometido. Ele tinha prometido não dizer a ela o que ele sabia.

O que significava que ele certamente não podia contar a ela o que ele meramente suspeitava que era para ele, o ato de heroísmo do noivo dela não passava de uma consciência culpada. Slater poderia ter mais conhecimento com The Duke do que ele dizia. Braden sabia que um jeito de Hawkins atrair altos apostadores para seu estabelecimento no Dials tinha sido empregando empobrecido, mas altamente estimado membro da sociedade para comprovar a autenticidade do lugar. Era Slater um desses peões?

Não que faria muita diferença se a suspeita dele fosse comprovada. Ele tinha prometido. No Dials, um homem morria e vivia pela sua palavra. Braden não voltaria atrás em sua promessa.

Mas também não desistiria dela. Não tão facilmente.

Por isso ele estava aqui, em um dos seus lugares menos preferido em Londres. Old Bailey, como ele sabia muito bem, era desprazeroso o bastante para qualquer um, mas era absolutamente o ultimo lugar na terra em que uma jovem lady como Caroline Linford deveria ser vista. O que, ele se perguntava pela milionésima vez, poderia a idiota mãe dela estar pensando, permitindo sua filha de ir ali? Se havia duas coisas completamente incompatíveis, essas coisas eram Caroline Linford e o Old Bailey.

Foi quando ele viu, enquanto ele andava pela sórdida praça, a carruagem dos Bartletts, estacionada de um lado, com a empregada e o motorista esperando pacientemente pela sua senhora. Não parecia ser possível, mas ali estava a prova: Caroline Linford esta em algum lugar naquela costurada multidão. “Ele passou por uma multidão de prostituta – criando problemas pela educada desculpa que subsequentemente” – e aproximou-se do motorista. A empregada, ele viu, era, por um golpe de sorte, Violet. Ele chamou por ela, e ela olhou, claramente assustada por tudo o que acontecia ao redor da calma ilha de couro e aço na qual ela estava sentada.

“Eu digo, é você, Violet?” Braden usou sua voz mais profunda e ressoante.

A empregada girou em seu alto assento, parecendo confusa. Quando o olhar dela caiu em Braden, ela animou-se consideravelmente.

“Oh,” ela disse, parecendo prazerosa. “É você, sir.”

“Lady Caroline ainda esta lá dentro, certo?” ele perguntou, assentindo a cabeça em direção a Old Bailey, que estava lotado com todo o tipo de refratários que era necessariamente atraído para tais locais, criminais e as suas famílias e apoios, mendigos e missionários, vendedores de frutas, cachorros, hordas de pivetes, esperando lucrar com o recolhido em um bolso ou dois, e o mais lamentável de todos, advogados.

Violet assentiu sua cabeça com tanta força que as floras artificiais balançaram em seu chapéu. “Sim, senhor.” Ela disse. “Já faz uma hora.”

“Ela me pediu para encontrá-la aqui,” Braden mentiu, procurando no seu bolso do colete. “Não há necessidade de você ficar. Eu trouxe minha carruagem. Eu a

levo para casa. Porque vocês dois não vão e tomam uma boa xícara de chá em algum lugar?"

Violet e o motorista trocaram olhares rápidos. Braden não perdeu o olhar de apreciação que o motorista deu na carteira que ele estava sacando do bolso do colete.

"Oh, sir," Violet disse. "É muita bondade do senhor. Mas não ousamos ir. Se Lady Bartlett descobrir-"

Ela quebrou em um uivo. O motorista tinha obviamente chutado ela.

"Nós ficaríamos felizes de ir para um chá," o motorista disse, sorrindo educadamente para Braden. "É muita bondade do senhor." E, quando ele notou o quanto Braden tinha sacado, seus olhos se abriram, e ele adicionou "Muita bondade certamente."

A carruagem balançou um segundo depois, e Braden assumiu a posição onde ela estava Braden dobrou o braço e tentou ignorar incensáveis atividades em volta dele, muitas das quais consistia em atos, que em qualquer outro lugar de Londres, resultariam imediatamente em prisão, mas como eles estavam em frente à corte, resultava apenas em gargalhadas, desde que todos os policiais estavam ocupados dentro do prédio, afastando aqueles que estavam recebendo sua punição.

Uma carroça de sorvete estacionou um vagão vacilante parado com preocupação, e o motorista informou a Braden que ele estava parado na vaga dele, Braden apenas olhou para ele, e depois de um pequeno tempo, o sorveteiro decidiu que não era a vaga dele afinal de tudo, e ficou onde ele estava anunciando altamente seu produto.

Não foi antes de um quarto de hora depois que os olhos de Braden foram capturados por duas figuras cheias de cor, e ele viu Caroline e sua amiga, Lady Emily Stanhope, emergindo da Old Bailey, suas saias trilhando através da multidão como velas no mar aberto. Ele achou, para sua surpresa, que ele estava esperando com algum suspense para ver qual seria sua reação quando ela o notasse. As reações de Caroline Linford eram tão variáveis – e imensamente satisfatórias – que ele tinha começado a olhar em direção a elas do mesmo modo que uma criança olha em direção a meia de natal vazia.

Ele não se desapontou quando Caroline, vindo para o lugar onde a carruagem dela tinha estado, parou no seu caminho e perguntou, "Mas onde Peters e Violet poderiam ter desaparecido?"

Então seu olhar caiu sobre Braden, e ele viu aqueles enormes olhos marrons abrindo-se mais do que nunca. Depois, como as janelas de Westminster quando i sol bate nelas, as bochechas de Caroline começaram a ficar vermelha e mais vermelha.

Ele sorriu para ela, imoderadamente satisfeito pela cor dela. Tinha valido a pena esperar. "O que," ela chorou, a voz dela tão rouca como se tivesse sido ela,

e não a amiga dela, que tinha animado um comício na Trafalgar Square algumas horas antes. “você esta fazendo aqui? E onde estes meu motorista e minha empregada?”

Ele balançou a cabeça para ela. “Tsk, tsk, tsk,” ele disse. “Tão desconfiada, para alguém tão nova. O que a faz pensar que eu fiz alguma coisa com a sua preciosa empregada?”

“O que mais eu posso pensar?” Caroline exigiu. “Ela estava aqui quando eu a deixei, e eu volto e vejo que ela se foi, e você no lugar dela. Considerando o que você fez com ela da ultima vez-“

Lady Emily, que esteve assistindo a conversa com os olhos apenas um pouco menores que o de Caroline, interrompeu.

“O que?” ela perguntou, avidamente. “O que ele fez com ela da ultima vez?”

“Eu não fiz nada com ela,” Braden respondeu, no exato momento que Caroline disse, “Ele a enfeitiçou.”

Emily, olhando de Braden para sua amiga e vice-versa, finalmente disse, “Eu acho que vocês devem querer ficar sozinhos. Caroline, obrigado, mas eu acho melhor eu achar meu próprio caminho para Ca-“

Para o desapontamento de Braden, Caroline agarrou o braço da amiga severamente. “Eu não,” ela declarou. “Eu não quero ficar sozinha com ele.”

Emily parecia como se ela realmente preferisse chamar um taxi e seguir seu caminho.

Braden não a culpava. Ele certamente parecia tão desesperado como ele começava a sentir; Desespero não era algo que ele estava acostumado a experimentar quando se tratava de mulher, mas Caroline Linford parecia ter a habilidade de trazer isto a ele.

Porem, ele tentou se lembrar que ele no mínimo um pouco cavalheiro, e disse, com uma referencia, “Eu ficarei deliciado em deixar ambas em casa. Eu tenho minha carruagem, bem ali, através da praça. Eu ficarei feliz de deixar vocês-“

“O que você fez com Violet e Peters?” Caroline exigiu.

Mas antes que ele pudesse responder, eles foram interrompidos novamente, desta vez por um taxi que parou tão abruptamente ao lado da carroça de sorvete que os pivetes – que tinham se escondido atrás do vagão para roubar as coisas geladas – dispersassem como pombos para todos os lados da praça.

Um segundo depois, o motorista, parecendo deliciado em bater seus companheiros por esta corrida fácil, estava ajudando Emily, que estava assinalando para ele, quebrando então o aperto de Caroline, no interior do taxi.

Caroline abruptamente abandonou Braden, e se apressou na direção de sua amiga. “Emmy,” ela disse, sua face cheia de confusão. “Mr. Grandville disse que ele nos levaria-“ Emily lançou um olhar para Braden por cima do ombro de Caroline. “E é muita bondade dele.” ela disse, rapidamente. “Obrigado pela sua ajuda, Caro, mas eu acho que vocês devem ficar a sós para, er, trabalhar as

coisas-“

Braden viu Caroline puxando ar para argumentar, mas Emily já tinha encorajado o motorista para seguir. Quando Caroline voltou ate ele, seu rosto estava cheio de indignação.

“Olhe o que você fez,” ela disse. “Você a assustou.”

“A assustei?” Braden estava chocado. “Como na terra eu posso ter assustado Lady Emily? Ela me assusta!”

Caroline olhou para ele. “Bobagem. Você deve ter levantado esta infeliz sobrancelha para ela ou alguma coisa para espantá-la, quando você sabe – você perfeitamente bem – que eu não posso ficar sozinha com você. Não novamente. De fato, eu não deveria nem mesmo estar parada aqui falando com você. Alguém pode nos ver juntos-“

“Oh?” Isto era interessante – um homem menor poderia ter dito alarmado – encerrando o assunto. Mas Braden Grandville apenas disse, pegando ela pela mão, “Então é melhor nós irmos. Minha carruagem é-“

“Não.” Ela puxou os dedos que ele segurava. “Não. Você não vê? Isto tudo de novo. E estava errada quando eu fui até você em primeiro lugar. Eu agradeço por tudo que você tem feito-“ ela quebrou, olhando para ele por cima da sombra da aba de seu chapéu, então perguntou, quase timidamente, “Você teve a chance de falar com meu irmão?” “Certamente,” Braden disse, gravemente. “Eu falei. Você não precisa se preocupar mais. Ele não ira para Oxford.”

“Ele irá-“ ela se virou para olhar para ele pensadoramente. “Realmente? Oh, obrigado! Muito obrigado. Apenas o que você disse para ele para fazê-lo concordar de ficar em Londres?”

“Oh,” Braden disse, casualmente. “Nada de mais. Eu não acho que ele particularmente quisesse ir em todo o caso, era só apontar as vantagens de ficar.”

Caroline bateu em sua testa. “Bem, eu achei que elas fossem obvias. Mas talvez ele precisasse ouvir de um homem. Pobre Tommy, com tantas mulheres em volta dele. Ele deve se sentir molestado.”

“Ele não mencionou isto,” Braden disse.

“Oh,” Caroline pareceu perceber que ele ainda segurava a mão dela. Ela começou a puxá-la novamente. “Bem, obrigado. Você tem sido muito bom – especialmente sobre Tommy. Mas agora eu tenho que ir. Você tem que me desculpar. Eu-“

Ela estava tentando tirar sua mão da dele, mas ele foi mais rápido que ela. Em um segundo, ele tinha a mão dela enfiada em seu braço, onde ele a mantinha com uma rigidez impressionante.

“O que,” ele disse, tentando soar mais calmo do que ele se sentia. “nós temos aqui, então? Motim?”

Ela puxou inefetuosamente seus dedos presos. “Isto não é divertido, Braden,” ela disse. “Nós não temos o direito de estar fazendo o que... bem, o que nos

estivemos fazendo. Seria melhor que nós parássemos agora e seguíssemos de onde nos estávamos, e esperar que ninguém descubra como nos fomos tolos..."

Sua voz parou quando ela notou a expressão no rosto dele, a qual devia ter sido estranha certamente, julgando pelo jeito que ele estava olhando para ela. "O que?" ela perguntou claramente alarmada. "O que é?"

Ele ainda não tinha se recuperado do choque, e não podia, pela sua vida, parar de olhá-la. Nem podia deixa ir. Não então. Talvez nunca. "Do que você me chamou?"

Suas pálpebras foram para baixo, embaraçada, ela olhava para o chão, para seu pé, menos para ele. "Mr. Grandville," ela disse, sem ar. "Eu quis dizer Mr. Grandville. Agora me deixe…"

"Não foi assim que você me chamou."

"Foi como eu quis chamar você," ela disse, ainda sem encontrar os olhos dele. "Porque você não me deixa ir? Eu te disse que eu não posso ficar aqui com você-"

"Diga de novo." "Mr. Grandville. "Diga de novo."

"Oh, muito bem!" Ela parou de se esforçar e se virou para o rosto dele, as bochechas dela estavam rosa agora, não pelo embaraço, mas pelo esforço de se livrar dele. "Braden. Você esta feliz? Eu disse. Braden. Agora, você poderia me soltar?"

Ele a soltou. Parecendo extremamente surpresa por se achar repentinamente livre, ela levantou a mão e, aparentemente por força do habito, arrumou seu chapéu.

"Agora," ele disse, devagar. "Que bobagem é essa de nos não nos vermos mais?" Abaixando seu olhar para o chão novamente, ela puxou uma profunda respiração, e disse, "É só que esta tarde, eu encontrei Lady.."

O som de algo quebrando interrompeu ela – feito-a pular, de fato, e Braden atirar o braço sobre os ombros dela defensivamente.

Capítulo 25

Mais ou menos um pé ou dois longe de Caroline, o motorista da carreta de gelo levantou o braço para dar outro soco no cavalo irritado amarrado ao seu veículo

"Avance," gritou o vendedor de gelo com a égua. "Faça um movimento, então."

Mas desta vez quando ele abaixou o seu açoite, em vez de ouvir o estalo de satisfação do couro ao flanco cabeludo, ele ouviu ossos triturados. Os seus próprios ossos, principalmente os do seu pulso, que tinha sido agarrado com o punho de Braden Granville. "Oy," gritou o velho homem. "O que você pensa que você está fazendo? Você está quebrando o meu braço!"

"Não mais do que você merece," rosnou Braden, "usando o chicote assim perto de uma lady."

"Para não mencionar —" para desconcerto de Braden, Caroline deu passos para a frente, e, pondo suas mãos nos seus quadris, confrontou o vendedor de gelo em de maneira não diferentemente das mães dos seus amigos atrás em Seven Dials costumaram confrontá-los depois da beberrona de uma noite longa. "— o fato que você está insultando este pobre animal. Olhe para ela! Nenhuma carne nos seus ossos, suas costelas sobressaem em todo lugar — quando foi à última vez você alimentou-a com uma refeição decente? Ou a deixou parar para tomar água?"

O vendedor de gelo olhou do cavalheiro à lady e pareceu decidir que, apesar do aperto doloroso que ele tinha no seu braço, o cavalheiro era o mais racional do par.

"Olhe," ele disse, em uma voz lisonjeira. " Eu sinto muito por ter assustado milady, Você gostaria de gelo gratuito, sir? Você e a lady? Um bocado de gelo para lamber em uma tarde quente —"

"Penso que você deve," disse Caroline, "dar um pouco daquele gelo seu ao seu pobre cavalo."

O vendedor de gelo olhou para Braden em busca de ajuda, mas ele só disse, "Você ouviu a lady."

Suspirando, o velho homem desceu do seu assento e, depois que Braden libertou o aperto de seu braço, arrastando para trás do seu veículo puxado a cavalo. Caroline, entretanto, tinha-se debruçado, e examinava o animal preso à frente do veículo.

"Oh," ela gritou, claramente assombrada enquanto examinava muitas marcas de infiltração na carne do pônei à qual as moscas eram poderosamente atraídas.

“Oh, Braden, olhe. Olhe a pobre coisa.

Braden olhou apenas de relance para o cavalo. Em vez disso, olhava fixamente para a mulher que exclamava. Ele lembrava, com a claridade um tanto alarmante, a maneira com que Caroline tinha lançado a sua cabeça para trás no dia anterior, quando ela tinha atingido o clímax em seus braços. A sua garganta, totalmente estendida, tinha parecido tão longa e fina, a pele ligeiramente bronzeada, durante todo o tempo ao ponto onde ele desapareceu abaixo do seu colarinho de cadarço.

A que distância, ele se perguntava, aquela cor bronzeada estendeu-se?

Caroline endireitou-se. “Esta égua estará morta na próxima semana se lhe permitirem que continue insultando-a desta maneira.”

Braden lembrou como, no pico do seu orgasmo, os dedos de Caroline tinham apertado convulsivamente na sua camisa, então lentamente desenrolado com os tremores de prazer diminuindo.

Assistir Caroline Linford chegar ao clímax nos seus braços tinha sido o momento mais erótico na vida de Braden Granville.

“Quanto?” Caroline dizia. “Quanto você quer por ela?”

Braden balançou a sua cabeça, tentando concentrar-se na situação à mão. O vendedor de gelo, ele viu, fitava muito Caroline.

“Perdão?” O vendedor de gelo pareceu confuso.

“Você me ouviu.” Caroline penetrou na sua retícula. Os últimos raios do sol de tarde tocavam os seus cachos, transformando-os em chamas. “Quanto para o seu cavalo, sir? Eu gostaria de comprá-la de você, se puder.”

Finalmente percebendo o que Caroline estava fazendo, Braden procurou no bolso do colete, não exatamente acreditando no que acontecia. Ao que parece, eles compravam um pônei mordido de pulga.

“Permita-me milady,” ele disse.

Caroline levantou os olhos das profundidades da sua retícula. Vendo que ele segurava a carteira na mão, ela empalideceu.

“Oh, não,” ela disse. “Mr. Granville, você não deve —” “Quanto?” Braden perguntou ao vendedor de gelo.

O vendedor de gelo, claramente nenhum tolo, deu uma olhada no rosto de Braden, e o outra na sua carteira, e disse, firmemente, “Vinte e cinco libras.”

Caroline disse, “Mr. Granville devo insistir que você me permite a —”

“Perfeito,” Braden disse, e empurrou o dinheiro nas mãos do velho homem. “Não a puxe e ate-a até atrás daquele curricle lá adiante, somente através da praça. ”Então, segurando o braço de Caroline, ele começou a guiá-la, também, na direção do seu veículo.

Mas Caroline ainda esbravejava, mesmo enquanto ela andava. “Vinte e cinco libras!” ela gritava. “Vinte e cinco libras! Porque, duvido que ele pagou mais que três por ela em primeiro lugar. E eu disse que eu a compraria, Mr. Granville.

Você simplesmente não pode ir e —”

“Caroline,” ele disse cerrando os dentes, enquanto a empurrava, ignorando os mascates que, tendo-o visto comprar o cavalo do vendedor de gelo, pareceram convencidos de que ele era bastante estúpido de comprar as suas éguas doentes e feias, também.

“Você não entende.” Caroline não notou quanta atenção eles atraíam. “Aquele vai precisar de semanas da assistência. Ela está exausta e foi o mais sujamente abusada. Você deve me deixar- levá-la.”

“Caroline,” ele disse novamente, enquanto acenava com a cabeça Mutt, o seu motorista, que olhava com uma expressão assustada enquanto cavalo de carreta cheio de mosca estava atado às costas do seu lindo curricle preto.

“Eu insisto,” seguiu Caroline, apaixonadamente, “que você deixe-me comprá-la de você, Mr. Granville. É o mínimo que posso fazer —”

Braden colocou-a no curricle. Ela não pareceu notar isto, apesar do fato ela tinha dito que ela não podia vê-lo mais, ela foi de fato quase carregada por ele. Não, ele supôs que houvesse muito para ela fazer sobre isso se ela tinha notado. Cada carro de aluguel da área já tinha sido chamado, cada ônibus apertado a capacidade.

“Vou levá-la a Emmy,” dizia Caroline, enquanto ele se balançava no assento perto dela. “Ela tem uma casa de campo em Shropshire,para onde eu envio todos os cavalos que resgato. Os pais dela não se importam se. Eu lhes pago por espaço e hospedagem, naturalmente. E eles têm tanta pastagem, que eles mal sabem a diferença se houver dez ou vinte cavalos. Eles têm o cavalariço mais excelente. Ele fez maravilhas com animais piores do que este você verá. Ele terá a sua chegada da grama durante menos de um mês, juro para você.”

Braden inclinou-se para frente e disse, “Casa, Mutt, bonito e fácil,” ao seu motorista, e o a carruagem repentinamente balançou no movimento.

Caroline arremessou fora uma mão para estabilizar o seu boné, que se tinha quebrado para frente com o movimento do curricle.

“Onde,” ela quis saber, como se percebendo pela primeira vez o que, exatamente, estava acontecendo, “estamos indo?”

“‘“Para casa, naturalmente,” disse Braden. “Para casa?” ela repercutiu. “A sua casa?”

Não gostando da nota crescente do alarme que ele descobriu na voz dela, ele disse, calmamente, “temos que ver o cavalo, não é?”

“Mas —” Caroline torceu-se no seu assento, perscrutando o modo que eles tinham vindo. “Enviei a sua carruagem para casa, Lady Caroline.”

Caroline girou a cabeça em volta para olhar para ele. “Quem lhe deu a permissão,” ela exigiu, “para fazer isto?”

“Ninguém,” ele respondeu, com um encolhimento dos seus ombros pesados. “Mas eu tinha de falar com você, e este foi o único modo que pude pensar para

fazê-lo.”

“Falar comigo?” A sua expressão abrandou-se. “Oh. Você quer dizer sobre meu irmão?” “Isto, e... outras coisas.”

“Mas ele te escutou, não é?” Os seus olhos castanhos estavam quentes na metade de luz que filtrado em volta dos lados de cegar ele tinha derrubado por cima das janelas de carruagem. No aceno de cabeça de Braden, ela disse, com um suspiro tempestuoso, “eu sabia que ele ia. Eu tinha certeza de que se havia alguém que podia falar para ele sair fora de tal loucura, era você. Obrigada.”

Ela estendeu a sua mão direita. Braden olhou abaixo para aquilo como se fosse uma coisa estrangeira.

E de fato possivelmente ele pensou que era, porque lhe pareceu excessivamente estranho que estivesse apertando a mão de uma mulher em que só o dia antes, ele tinha tocado muito mais intimamente, diretamente nesta mesma carruagem...

“Não me agradeça,” ele disse. A sua voz pareceu estranha, não a dele mesmo. Mas ele teve de dizer isso. Ele não tinha feito nada para merecer os seus agradecimentos. O que ele tinha feito, além e usá-la para o seu próprio prazer egoísta? Ele tinha lutado com ela no início, que ele admitiria. Mas logo que as coisas ficaram inconvenientes para ele — neste caso, quando a Weasel tinha sido

prejudicado — ele tinha capitulado, e desde então, tinha estado conduzindo-a por um caminho que ia, se ele não parasse com isso logo, ocasionar a ruína dela.

Mas como ele podia parar? Como poderia ele conservar-se longe dela, quando cada polegada dele queimava com o seu toque? Ele estava enganado. Ele sabia isto. Ela era uma lady, gentilmente nascida e criada, enquanto ele era... O que ele era. Não estava certo.

E ele ainda não pode ficar afastado.

Ela estendeu a mão através do assento, puxando a mão dele na sua, e apertou-a, num breve, caloroso contato.

“Obrigada,” ela disse, logo abaixou a sua mão novamente, e virou para perscrutar inquietamente pônei que eles puxavam.

“O seu cavalariço,” perguntou Caroline, “saiba algo sobre atender cavalos tão doentes como este?”

Braden, ainda sentindo ferido, como se fosse ele, e não que o cavalo triste, que era arrastado atrás de uma carruagem, disse, “não tenho a mínima ideia

“Possivelmente,” Caroline disse, “devemos levá-la à minha casa. O meu pai muitas vezes trouxe os cavalos doentes e feridos em casa, e os nossos pôneis são bem —”

Ele não pode dizer o que o fez tão grosseiro, exceto que ele sabia que se eles fossem para casa, que seria o fim. Ele teria de dizer-lhe adeus, e ele não seria capaz de suportar. “Não,” ele disse, curtamente. “Ela é a minha égua. Paguei por ela. Ela fica comigo. ” “Bem,” Caroline disse, mastigando o lábio. E logo, como

ele tinha esperado secretamente que ela ia fazer, ela disse, “devo ir junto com você, então, não é? A título de prevenção? Quer dizer, tenho muita experiência com animais feridos como este. ”

Braden teve de morder os cantos da sua boca para impedi-los de frisar-se. “Se você pensa que isto é o melhor,” ele disse, suavemente.

“Ainda não entendo, entretanto,” disse Caroline, desgrudando o olhar fixo da égua, e voltando para ele, em vez disso, “o que você estava fazendo nos tribunais.”

“Tenho pensado fazer-lhe a mesma pergunta,” disse Braden.

“Mas expliquei o que eu fazia lá,” disse Caroline. “Na nota que lhe enviei com a explicação do porque não poderia encontrá-lo hoje.”

“Você explicou que você ia pagar a fiança de Lady Emily,” ele disse. “Está certo. E “fiz.”

“Você, contudo, não explicou porque tal tarefa deve cair em você.” Ele considerou ela tão calmamente como ele poderia, considerando os seus sentimentos quando ele tinha aberto a sua nota e visto onde foi ela pretendia ir, não foi muito calmamente em absoluto. “Há vários lugares em Londres, Caroline, onde as moças tal como você mesmo não têm a mínima noção do que são e os Tribunais Criminais Centrais são definitivamente um deles.” Ele não pode impedir uma nota da raiva de arrastar-se na sua voz. Ela o ouviu, e aqueles olhos, que se tinham tornado tão suaves como ela tinha fitado o cavalo ferido, endureceram-se.

“Por isso você veio?” ela exigiu. “Para repreender-me por ir?” “Para assegurar o seu regresso seguro,” ele a corrigiu, polidamente.

Ela deixou sair uma pequena risada de descrença. “Mr. Granville, não preciso de um protetor.”

Braden levantou uma mão de interrogatório. “Por quê? Porque você já tem um? Se isto é assim, eu espero que você não se importe coma minha pergunta... onde ele está?”

O seu queixo escorregou fora desafiantemente enquanto ela erguia o seu maxilar. “Hurst não sabia que fui aos tribunais.”

"Deveria ser da conta dele saber. Não sendo ofensivo, mas nenhum homem permitiria a sua noiva frequentar esta parte da cidade desacompanhada exceto por alguns empregados domésticos obtusos ou um diabo insensível ou um asno.”

Para seu horror, aqueles olhos largos, escuros encheram-se repentinamente de lágrimas. O queixo cujo impulso fora tão obstinado tremeu, e ela disse, parecendo significativamente mais ferido do que a besta emaciada eles rebocavam, “Eu disse a você-Hurst não sabia.”

Braden, dividido entre um desejo de parar as lágrimas que já brilhavam parecidas a uma jóia, nos seus escuros e longos cílios, e um desejo igualmente forte de dizer-lhe exatamente que ele pensava do tolo do qual ela estava noiva,

optou por dizer, rudemente, “Sinto muito.”

Ela não disse nada imediatamente, e ele não pode ver mais o seu rosto, porque ela tinha-o virado para que fosse escondido pela borda do seu boné de palha. Ele sentou repreendendo ele mesmo por vários segundos, perguntando-se porque era que com qualquer outra mulher em Londres, ele sempre tinha sabido exatamente a coisa certa a dizer, mas com esta ele instintivamente dizia a pior coisa que pudesse.

“Peço desculpa,” ele tentou novamente, desajeitadamente, “se pareci... censurador.” Para surpresa, ela deixou sair um pequeno riso, e a próxima coisa que ele sabia, ela foi acendê-lo um sorriso — tentativa, na melhor das hipóteses, mas ainda um sorriso.

“Onde você aprendeu uma palavra assim?”

Não certo que as lágrimas tinham ido completamente, ele encolheu os ombros com desconforto. “Eu não sei,” ele disse. “Suponho que somente o apanhei.”

“Você não a apanhou. Você não apanha palavras assim. Você aprendeu-as em algum lugar. Sei que você não foi à escola. Tommy me disse Assim como você aprende elas? De livros?” Ele encolheu os ombros novamente, perdendo interesse na conversação. “Um livro, de qualquer maneira. O dicionário.”

Os olhos dela, que sempre tinham parecido um pouco grande para seu rosto, pareceram alargar-se ao tamanho de pires. “O dicionário?”

“Sim,” ele disse, impacientemente. Eles tinham tão pouco tempo. Isto não era o que ele queria estar fazendo durante ele, discutindo a sua educação — ou necessite de disso. Ele tinha ouvido sobre isto bastantes vezes de Jackie. “O homem de quem que fui empregado como aprendiz tinha um dicionário. Eu costumava lê-lo à noite, antes de dormir.”

“Um dicionário,” disse Caroline, como se para clarear.

“Sim.” Ele viu-a, e observou que os seus olhos estavam ainda anormalmente largos. “Você acha que isto é estranho. ”Jackie tinha pensado certamente ele bastante estranho, tão estranho que ele tinha ouvido por acaso a sua menção uma vez, em um tom trocista, em um jantar.

“Ler um dicionário inteiro?” ela disse. “E lembrar-se o que estava nele? Não tanto estranho como extraordinário.”

Sentindo-se pouco confortável, ele lançou os olhos para trás do curricle, ostensivamente para ver se o cavalo tinha tropeçado, mas realmente evitando olhar aqueles penetrantes olhos claros. Ela pareceu admiradora. Ele não tinha feito nada digno da sua consideração.

“Isto é algo que nunca foi um problema para mim,” ele disse, desdenhosamente. “Sempre lembro tudo que li alguma vez.”

“Tudo?”

“Tudo.”

“O que eu disse,” perguntou Caroline, “na minha nota para você?” “Qual?”

“Na primeira.”

“Mr. Granville,” ele disse, pegando facilmente da memória. “. Mesmo se eu quisesse encontrá-lo, o que certamente estou certa não seria nada sensato, eu não poderia desde que minha mãe me trancou em meu quarto como castigo por ter ido até o jardim com você na noite passada na festa em Dalrymples. C—”

Caroline, atordoada segurou a mão dele, rindo. “Pare!” ela gritou. “ —Linford. ”

“Como você pode fazer isto?” ela perguntou, confusamente. “Como pode lembrar-se de cada palavra?”

Ele encolheu os ombros. “Como pode alguém não? Isto é o que eu sempre perguntava. Como é que alguém pode evitar dar em um alvo para que eles tinham apontado? Isso não faz sentido pra mim A menos que, naturalmente, a arma defeituosa —”

“Você,” Caroline disse, “é um homem estranho, Mr. Granville. Mas bom penso.”

E logo, antes que ele tivesse uma possibilidade de tentar dissuadi-la desta noção — ele não poderia ser bom, não onde ela estava preocupada — o curricle parou, e Mutt, no assento do motorista, tinha anunciado, “Estamos em casa, sir.”

Capítulo 26

"Você vê," Caroline disse, parecendo extremamente prazerosa. "Eu te disse. Um pouco de farelo e uma compressa sobre seu machucado. Era tudo que ela precisava."

Braden não disse nada. Ele particularmente não disse o que seu criado tinha dito, quando viu a égua manca pela primeira vez, que foi, "O que esse cavalo precisa é uma bala no cérebro."

Felizmente, o olhar de aviso de Braden tinha mantido ele de trazer esta ideia em particular

– embora estivesse atraído – novamente, e Hammer tinha feito um bom trabalho seguindo as ordens de Caroline sobre o cuidado com a égua, que consistia principalmente em prover comida macia para que a frágil boca dela pudesse mastigar, e espantar as moscas do machucado. Quando eles terminaram, Braden tinha que admitir que a égua parecia um pouco melhor, embora Hammer ainda estivesse a olhando com algo parecido com horror, obviamente se perguntando por que aquela preocupação com aquele cavalo se eles tinham os bons puros-sangues.

Mas a orelha resgatada do cavalo tinha se curvado, provando que elas não ficariam para sempre em um temperamento doente, como Braden tinha temido, quando ela aceitou – com uma delicadeza de lady – o cubo de açúcar que Caroline tinha extraído do fundo de sua bolsa e ofereceu a ela na mão esticada.

Foi por essa educação surpreendente que levou Caroline, enquanto eles estavam saindo do estábulo, dizer, excitadamente, "Eu tinha certeza, quando eu a vi, que ela nem sempre tinha sido uma égua de carroça. Eu aposto que provavelmente ela tenha sido uma égua de montaria, que foi vendida quando seus donos caíram em tempos difíceis. Uma pena, como ela ficou doente depois disso! Eu acho que você deve chamá-la de Lady, porque claramente ela foi uma."

Braden, que não tinha a intenção de chamar o cavalo de nada, abriu o portão do jardim, e fez um gesto para que Caroline o seguisse. Ela o fez, claramente estava tão entretida sobre a recuperação do cavalo que nem considerou o que ela estava fazendo...

... Que era Braden pensou deprimidamente consigo mesmo, andando diretamente para a teia da aranha.

Ele deveria, ele sabia deter ela. Ele deveria mandar ela para casa de uma vez, pelo bem dela. Se o noiva dela e seu irmão não olhavam por ela, ele tinha que

fazer.

Mas ele sabia que a coisa que ela mais precisava de proteção era dele mesmo, e ele não podia mandar ela embora.

“Então esta é a casa,” Caroline disse, enquanto ela entrava pelo fundo da casa de cidade, levantando o rosto contra o luminoso céu de verão, “do grande Braden Grandville.”

Ela não disse isto de forma divertida. O olhar surpreso que ele atirou nela revelou que, se a expressão dela fosse alguma indicação, o que ela quis dizer era relevante, como se o lugar em que ele morava fosse algum tipo de monumento para alguma coisa.

E, se ele considerasse isso impessoalmente, ele supôs que era um pouco perturbador, o fato que tudo isto – os nove quartos, o lindo jardim com uma fonte e um gazebo, o bom estábulo que continha as melhores puros-sangues e os mais rápidos veículos disponíveis – pertenciam a um homem que tinha nascido tão pobre. Porque para Braden, a coisa mais impressionante era ter ido tão longe como ele foi.

“Você,” Caroline perguntou, enquanto ela estava parada com seu pescoço erguido, olhando para a casa. “tem uma quadra de badminton?”

Ele não poderia ter ficado mais surpreso se ela perguntasse se ele mantém macacos no seu sótão.

“Badminton?” ele ecoou. “Er...”

“Oh, você já ouviu falar, certamente.” Ela girou e fez a menção de um saque, usando sua bolsa como uma raquete improvisada. Embora o céu estivesse ficando escuro o suficiente para as estrelas brilharem, Braden pode ver com perfeição o fato de que quando Caroline puxou seu braço para trás, a creolina dela balançou o suficiente para dar a ele uma boa vista dos seus esbeltos tornozelos por debaixo do vestido.

“O Duke de Beaufort o inventou alguns verões atrás,” Caroline informou a ele, sem emoção. “Tommy, Emmy e eu estamos loucos por isto. É como tênis, só que com um pequeno emplumado-“

“Eu não tenho quadra de Badminton,” Braden disse. Então, notando o desapontamento em seu rosto – ele não estava errado, quando supôs que ele era uma garota que passava muito tempo fora de casa – adicionou, “mas eu tenho um balanço.”

“Um balanço?” o interesse dela, assim como ele esperava, estava aumentando. “Que tipo de balanço?”

Era um jardim de balanço, pendurado em um grosso galho de uma velha arvore por duas cordas grossas, com uma ornamental madeira atrás, e um grande e almofadado assento, longo o suficiente para segurar varias pessoas. Caroline, vendo o, segurou sua respiração com deleite.

“É o maior balanço que eu já vi!” ela gritou.

“Certamente,” ele disse, dando um empurrão no balanço, e causando um gentil balançar para frente e para trás. “Quando eu tenho alguma dificuldade em um modelo que estou criando, eu acho bom vim aqui com um charuto e um brandy e-“

Caroline se jogou no balanço e correu os dedos – as luvas dela tinham disso abandonadas enquanto ele preparava a compressa para o cavalo – sobre o assento acolchoado apreciativamente. “Oh, sim,” ela disse, embora ela estivesse permitindo Braden de terminar sua afirmação, “Eu posso certamente ver isto. Se eu tivesse esse balanço, eu nunca o deixaria. Eu passaria todo o verão aqui.”

Ele não devia. Ele sabia que não deveria. E ainda assim, rapidamente, as palavras vieram aos lábios dele.

“É longo o suficiente para se alongar,” ele disse. “Eu gosto de olhar para a modelagem que folhas fazem contra o céu. É como estar no ar livre.”

E Caroline, como parte dele sabia que ela faria, levantou o pé e realmente se alongou sobre o balanço, aparentemente estava muito entusiasmada para perceber o fato que a creolina dela tinha se inclinado, dando a ele uma boa visão de sua pantaloons, a qual naquele momento mostrava sua formosa panturrilha e coisas altamente apelativas para uma vantagem, por todo o caminho acima tentadoramente em forma de V onde elas se juntavam.

“Oh, sim,” ela disse, olhando para a folhagem acima dela, escura contra o céu iluminado. “Eu entendo o que você quer dizer. Você não pensaria que nós estamos na cidade. Você não pode ver nenhum prédio daqui, apenas arvores e o céu.”

O que aconteceu depois foi inteiramente culpa dele. Ele sabia que iria acontecer quase no momento que ele mostrou o balanço para ela. Esteve no fundo da mente dele, ele estava certo, desde que ele tinha visto o irmão dela aquela manhã. Em algum lugar, de algum modo, ele tinha feito Caroline esquecer. Esquecer a família dela, esquecer o noivo dela, esquecer seu casamento próximo e o que aconteceria se ela cancelasse.

E desde que ele não podia fazer aquilo do jeito que ele preferiria, contando a ela o que ele suspeitava que o marques tinha feito, Braden pode apenas apelar para sua fraqueza, a fraqueza que apenas ele, em todo mundo, tinha conseguido descobrir.

E era que Caroline Linford era uma criatura tão carnal quanto ele, por baixo de todo aquele virtuoso exterior, daquelas luvas brancas, e sua roupa de baixo enfeitada com laço. Ele sabia, ele sabia agora, pelo primeiro momento que ele tinha beijado ela, quando ele tinha percebido que ali estava, no mínimo, o que ele tinha procurado a vida toda: uma boa mulher, uma boa e honesta mulher, cujos grandes olhos fascinados pelo mundo eram cheios com uma sensualidade mais gananciosa que ele já tinha encontrado, com exceção talvez de si mesmo.

Mas como fazê-la admitir, a tirar aquelas luvas brancas e aceitar o fato de que

eles pertenciam um ao outro? Não tinha jeito, exceto de mostrar a ela.

E então ele tentou.

Ele não fez, ele foi o primeiro a admitir, com muita sutileza. Ele não tinha tempo para isto. Ao contrario, ele resolveu ir direto ao ponto, e moveu-se com toda a rapidez que a juventude no Seven Dials ensinou a ele. Em um piscar de olhos, ele estava em cima dela, achatando sua creolina, e prendeu a mão dela – a qual ela tinha levantado quando ela tinha o visto ele vindo – em sua própria.

"O que," ela arfou, enquanto seu peso a prendia onde ela estava deitada. "você acha que esta fazendo? Você não pode-"

Não tinha realmente nenhum ponto em deixá-la terminar. Ele achou por experiência que Caroline, enquanto apresentava uma resistência aos seus primeiros avanços, logo perdia todo o interesse em negar que era ele estava certo, o que ambos queriam. E então ele baixou a cabeça e, achatou os lábios dela, a silenciando.

Embaixo dele, Caroline se esforçou. Não porque ela não gostasse do que ele estava fazendo – os lábios dele a enfeitiçava, do jeito que as palavras dele tinham enfeitiçado a empregada dela – mas porque ela gostava demais. Ela sabia agora mais do que nunca, que o beijo dele, divinos como eram, eram perigosos também. Eles a recordavam do que Jacquelyn tinha acusado ela aquela tarde – que ela o amava.

Era por isso que ela não podia – devia – o deixar fazer as coisas que ele estava fazendo...

Tudo que ela precisava fazer, ela sabia, era pedir para ele parar. Ele pararia. Ela sabia que ele pararia.

Mas era muito difícil. Era muito difícil dizer para, especialmente quando, pela primeira vez em sua vida, Caroline percebeu como era absolutamente incrível a sensação disto, ter todo o peso de um homem em cima de si. Ela não sentia como se ele estivesse esmagando ela, ou que ela não podia respirar. Ao invés, ela sentiu um calor por todo o seu corpo, mas especialmente em certos pontos, pontos que ele nem mesmo tinha tocado – no mínimo, não diretamente. Não ainda.

Mas então ele estava tocando eles, muito diretamente. Ela não estava certa de onde isto veio – ele estava beijando ela profundamente, tão invasivamente, que os pensamentos dela se tornaram um amontoado passageiro, mas as sensações eram intensas: como o sabor dele – de menta, com o pelo de sua barba arranhando o rosto dela, e como ficava queimado ao redor da boca dela, como aquela noite em Dalrymples; como ele tinha conseguido intrometidamente separar as pernas dela com seu joelho, e se encaixado entre elas; como ele murmurava o nome dela ocasionalmente, na voz mais profundamente imaginada, quando ele levantava a cabeça para respirar, antes de beijá-la novamente.

E então, repentinamente, embora os lábios e a língua dele tivessem confundido

os sentidos dela, Caroline começou a ficar ciente que os dedos dele tinham achado seu caminho dentro da barra do vestido de dela, e tinha até conseguido mergulhar embaixo do laço do corpete dela. As mãos calejadas dele sobre um dos seus mamilos, e então do outro, e Caroline, embaixo dele, se sentiu completamente sem poder de parar ele – não por causa da força ou do peso superior dele, mas porque ela não queria parar ele... Nem mesmo quando, com sua outra mão, Braden começou a remover as pantaloons dela.

Isto mesmo, removendo elas. E Caroline nem ligava. Tudo, tudo mais parou de importar – Jacquelyn, Hurst, a mãe dela, tudo isto. Ela não se importava nem um pouco, apenas em se manter beijando ele, grudando-se em seus enormes ombros, e se perguntando como ela tinha passado vinte e um anos de sua vida sem nunca ter se sentido dessa maneira antes, nunca tinha se sentido tão verdadeiramente viva como naquele momento, debaixo das estrelas no jardim de balanço de Braden Grandville, que estava balançando gentilmente com o movimento do corpo deles.

E então ele a tocou, lá, onde ele a tinha tocado no dia anterior, bem, ela não estava objetado para isto, também. Como ela podia, quando parecia tão bom, tão certo? Ela queria que ele a tocasse lá, queria que ele a tocasse mais do que qualquer coisa que ela já quis na vida. Ela ainda estava arfando quando ele fez – era tão estranho, ter os dedos de outra pessoa lá. Estranho, mas, todavia, imensamente satisfatório. Embora não tão satisfatório, ela pensou, para que se desejo fosse dissipado, como se ele pressionasse para baixo, completando ela com seus dedos, do jeito que ele tinha feito na carruagem. E então ela se moveu contra a mão dele, para mostrar a ele o que ela queria...

Mas então alguma coisa perfeitamente perturbadora aconteceu que tirou Caroline rapidamente de seu estado de amor. Por que quando ela se moveu contra ele, ela sentiu alguma coisa, dura e longa, pressionada contra a coxa dela, através da calça dele. Porque, tudo o que ele tinha que fazer, ela percebeu, era abrir algum dos botões de sua calça, e não haveria nada, nada para impedi-los de fazer precisamente o que ela tinha visto Jacquelyn e Hurst fazendo na sala de estar, não muitas noites atrás-

E eles não seriam diferentes de Jacquelyn e Hurst, por que não podia haver futuro para eles, apenas um prazer momentâneo.

Seguido por – no caso de Caroline, pelo menos – uma vida inteira de culpa e arrependimento.

Com um soluço arrebentado, ela o empurrou. “Oh, me solte,” ela chorou. Braden, achando que tinha machucado ela, embora ele pudesse imaginar como, a

obedeceu de uma vez. Mas quando ela ficou de pé, ficou claro que não havia nada de errado com Lady Caroline – pelo menos fisicamente.

“Oh, Deus,” ela murmurou, se apressando para recolocar as roupas que ele

tinha acabado de tirar. “Oh, Deus, oh, Deus, oh, Deus...”

Braden sentou, sentindo a cabeça leve. O coração dele estava disparado em seu peito, e ele estava respirando com tanta dificuldade como se ele estivesse correndo. Sua ereção pulsando, era um lembrete doloroso de sua idiotice.

“Sim. Tommy. E depois tem-“ Ela balançou a cabeça, seu cabelo, desarrumado pelo contato áspero dele, saíram do prendedor. Ela não podia contar a ele, é claro. Ela não podia contar a ele o que ela tinha percebido. Era muito humilhante. Mas ela podia contar uma parte. “Eu vi Lady Jacquelyn esta tarde, e-“

Ele estava de pé e fora do balanço em um segundo.

“E o que?” ele exigiu, urgentemente. “O que ela disse a você?”

“Ela acha...” Caroline disse de pé, perfeitamente incapaz de encontrar o olhar dele. “Ela acha...”

Ele disse a si mesmo para não entrar em pânico. Não era uma surpresa que Jackie poderia ter mentido para ela. Ela era capaz de tudo. Mas não podia ter sido tão ruim, ou Caroline nunca teria permitido o que tinha acabado de acontecer no balanço. “Diga-me o que ela disse.”

“Ela disse... oh, Braden. Você não vê? Se nós fizermos isto, eu não serei melhor do que ela.”

Ele relaxou. Culpa. Isto era tudo. Jacquelyn não tinha dito nada para ela. Caroline estava sofrendo de nada mais do que uma consciência culpada.

“Bem,” ele disse. “Eu não me preocuparia com isso, querida. Qualquer coisa que ela tenha dito, ela disse apenas porque esta com ciúmes. Ela vê como eu olho para você. Ela deve saber-“

Caroline se retorceu para longe dele. “Mas você não vê?” ela chorou. “O que isso faz de mim? Algo horrível! Você e eu não somos melhores do que Jacquelyn e... o amante dela.

Nós podemos ser ate pior, porque por tudo o que nos sabemos, Jacquelyn e... o homem com quem eu a vi podem estar apaixonados. Eles podem não ser capazes de se deterem. Eles podem sentir uma incontrolável paixão, uma paixão ardente que eles tem que negar, enquanto nós-“

Ele levantou peculiarmente a sobrancelha. “Nós estamos?”

“Nós estamos apenas jogando um jogo.” Caroline falou para o chão do jardim. Ele viu o perfil dela atenciosamente. “É isso que você acha, então? Um jogo?”

Não para mim. Isto era o que ela queria dizer. Mas as palavras de Lady Jacquelyn ainda estavam frescas em sua memória. Um jogo. Era tudo um grande jogo para ele.

Ela era tão ingênua, tão inexperiente para saber melhor. Não, ela tinha ido e se apaixonado por ele, e arruinado tudo.

Finalmente, ela se sentiu capaz de olhar para ele sem chorar. “Bem,” ela disse.

“Do que mais você chamaria isto? Não é como se você e eu estivéssemos... loucamente apaixonado um por outro.”

“Não estamos?”

A questão foi tão suavemente colocada que de primeira ela não teve certeza se ela tinha escutado direito. Era como se a folhagem, movendo-se em uma leve brisa acima da cabeça deles, tivesse feito a pergunta, não ele.

Mas tinha sido ele. Inquestionavelmente tinha sido ele. Ela podia ver na maneira que ele a olhava, esperando uma resposta. Ela pode ver o tenso modo que ele se segurava, pronto para saltar para frente, parecia, e arrebatar ela novamente, e a fazer sentir e sentir - oh, as coisas que ele a tinha feito sentir!

E de repente, ela estava com medo, com mais medo do que ela jamais se lembrava ter sentido. Duas pequenas palavras – Não estamos? – e o mundo dela, que ele já tinha conseguido virar de ponta cabeça, caiu de novo, rodou e rodou até ela não saber diferenciar a esquerda da direita, o dia da noite, pra cima do pra baixo.

E então, repentinamente, tudo se endireitou novamente, quando Sylvester Grandville apareceu no terraço acabando de sair da biblioteca.

“Braden, meu rapaz,” ele chamou. “Ai esta você. Eu estive procurando você por todo lugar. Ouvi outro rumor hoje a respeito da carta de patente. Eu digo, quem esta ai com você, eh? Lady Jacquelyn?”

Braden antecipou sua fuga um segundo atrasado. Ele andou para frente, sabendo que ela correria esticando o braço para agarrar seus ombros para prevenir...

E se achou agarrando apenas o ar. Caroline, sua saia levantada próxima ao joelho, estava correndo para longe dele, em direção a silueta que seu pai fazia contra a janela da biblioteca.

“Oh,” ela chorou, enquanto corria. “Oh, Mr. Grandville, sou eu, Caroline Linford. Você se importaria – poderia eu incomodá-lo para chamar um taxi para me levar para casa, por favor?”

“Caroline,” Braden disse. Ele não podia acreditar nisto. E não podia que isto estava acontecendo, e desta maneira.

Ela o ignorou, e correu os degraus que levavam ao terraço.

Se Sylvester Grandville estava surpreso em ver Lady Caroline Linford correndo em direção a ele através do ar ameno da noite, ele não demonstrou. Ao invés, ele soltou se livro de baronetes, o qual ele estava carregando, e colocou a mão de Caroline em volta de seu braço.

“É claro, my lady,” ele disse. “O que você desejar. Mas nós não precisamos chamar um taxi para você. Estou certo que o motorista do meu filho ficaria feliz em te levar para casa.

Você gostaria que eu a escoltasse?”

“Oh, sim,” Caroline disse, atirando um olhar nervoso por cima de seu ombro.

Braden estava agora subindo os mesmos degraus que ela tinha acabado de escalar, usando uma expressão que ela achou proibitiva, para dizer o mínimo. Ela se virou rapidamente em direção a Sylvester. “Se nós pudermos ir de uma vez...” ela disse, sua urgência em seu tom e no aperto com o qual ela segura seu braço incrustado.

“Caroline,” Braden disse, sua voz profunda cortando através do ar da noite,

Sylvester, entretanto, estava aproveitando sua nova função como acompanhante, e disse, “Eu estou levando Lady Caroline para casa agora, Braden. Eu verei você quando eu retornar.”

Braden ignorando o velho homem se dirigiu a Caroline, ao invés.

“Isto não acabou, você sabe,” ele assegurou a ela, em sua mais baixa e estável voz. Se Caroline o ouviu, entretanto, ela não deu indicação. Ela continuava grudada no

Grandville ancião, permitindo que ele a guiasse através da casa e em direção a porta da frente, onde a carruagem que ele tinha chamado logo estacionaria.

“Você me ouviu, Caroline?” Braden exigiu, com o sentimento de crescente desespero, enquanto seguia o par. “Você ouviu o que eu disse?”

Na porta da carruagem, Sylvester se virou, tendo guiado Lady Caroline seguramente para dentro do veiculo. “Meu rapaz,” ele disse, com uma risada. “É claro que ela ouviu você. Mas ela esta obviamente um pouco chateada com você agora. Eu deixaria, se eu fosse você. Você sabe como as mulheres são. Fale com ela de manhã. Estou certo de que ela ficara prazerosa em ouvir você até lá.”

E então Sylvester bateu no teto da carruagem, e o veiculo partiu, levando Caroline com ele.

Era duvidoso que em todos os anos de sua existência, Park Lane já tenha ouvido uma linguagem como a que Braden Grandville usou naquele momento em particular.

Capítulo 27

Jacquelyn estava sentado em sua mesa de vestir, praticando expressões faciais em seu espelho grande e de moldura dourada: esta era a expressão que ela usaria quando Braden Grandville se se vira em sua cerimônia de casamento e a presenteasse com o anel de esmeralda e diamante que ela tinha pedido; esta era a expressão que ela usaria quando ele tirasse sua luva e esfregasse o anel na cara de Lady Caroline Linford, na primeira chance que ela tivesse.

Ela estava tão profundamente absorta na expressão que ela usaria quando recebesse um colar que combinasse com o anel de casamento como o primeiro presente de aniversario, quando repentinamente, a porta do quarto dela – a qual Jacquelyn sempre trancava cuidadosamente enquanto ela estava fazendo sua toalete, por medo de alguém pegá-la sem rouge – abrir.

Não só abrir, mas explodir, voando as dobradiças e estilhaços. Jacquelyn deixou sair um grito e envolveu um "roupão" decorado em volta de seu peito nu.

Mas Braden Grandville, que era aparentemente a pessoa que tinha batido na porta de baixo, desde que era ele quem estava atravessando as ruínas, aparentemente não estava nem um pouco interessado ao estado de nudez de Jacquelyn.

"Bem, Jackie," ele disse, assim que ele atravessou seguramente o recentemente criado mar de madeira quebrada e dobradiças. "O que você disse para ela, então?"

Jacquelyn olhou da arruinada porta de seu quarto para a perigosa expressão no rosto de Braden Grandville, e então para baixo novamente. Ela aparentemente considerou mais seguro se dirigir ao estrago que ele tinha acabado de fazer do que a pergunta dele, desde que ela disse, com uma boa dose de indignação, "Braden! Realmente! É uma coisa boa a morte do meu pai, ou ele iria te expulsar por um comportamento tão rude. Você fez o mesmo com a porta da frente?"

"Eu não fiz," Braden disse. "Sua mãe me deixou entrar."

Jacquelyn rolou os olhos. "Ela abriu. Mas eu duvido muito que ela sabia o que você iria derrubar a porta do meu quarto."

Braden Grandville, entretanto, disse apenas, "O que você disse para Caroline Linford quando você a viu hoje no Worth?"

"Caroline Linford?" Jacquelyn bateu em sua testa, olhando para Braden como se ele estivesse acabado de sair do Bedlam {manicômio}, e não de sua fashion residência, que em poucas semanas, também seria dela... Se ela jogasse as

cartas direito. “Caroline Linford? Você derrubou minha porta para me perguntar sobre Caroline Linford?”

“Correto,” Braden disse, calmamente. “Você me ouviu. O que diabos você disse para ela?” Jacquelyn olhou para ele. Ela tinha ouvido, é claro, que o temperamento de Braden Grandville era uma coisa perigosa – tão perigoso como uma de suas armas, em mãos erradas. Mas ela nunca tinha sido vitima de uma original fúria de seu futuro marido. Não era ela via agora, um bom sinal. Braden Grandville era másculo, isso era verdade, mas ele não era bonito. E quando seu rosto, como estava na ocasião, era retorcido com ira – o músculo de sua mandíbula quadrada saltados, aquela demoníaca sobrancelha, a que tinha a cicatriz, tinha levantado praticamente até a linha de seu cabelo – era completamente assustador.

“Eu apenas disse a verdade a ela,” ela disse, defensivamente. Ela não tinha se levantado de sua mesa, mas podia apenas ficar sentada na borla da cadeira na frente dela, imóvel pelo medo.

“A verdade?” Braden Grandville olhou para ela com algo que só poderia ser chamado como desprezo. “E qual é, Jackie, sua versão de verdade esta semana?”

Ela piscou para ele, surpresa em achar lagrimas saindo de seus olhos. Realmente. Lagrimas! Jacquelyn não tinha chorado por anos, não desde que seu pai morreu, e apenas chorou porque ela percebeu que não tinha ninguém a quem pedir dinheiro para suas necessidades semanais. Sentindo que isto era muito bom para ser verdade, Jacquelyn deixou sair um soluço, e chorou, “Oh! Porque você tem que ser tão cruel?”

Braden não pareceu particularmente impressionado pelo seu teatro. Ele disse, “Jackie, se você não quiser que eu faça com você o que eu fiz com esta porta, é melhor você me dizer a verdade.”

Isto, Jacquelyn sentiu, era simplesmente demais. As suas lagrimas foram esquecidas, ela se levantou, pulando de sua mesa com o roupão severamente em volta dela – severamente o suficiente para que nenhuma curva de seu corpo fosse deixada despercebida.

“Seu bruto,” ela disse, com um arremesso arrogante de sua cabeça. “Eu sabia que você bateria em mim um dia. Você continua o mesmo, o mesmo vindo do Dials. Você acha que bater em uma mulher é a única maneira de exercer seu poder sobre ela.”

Braden pareceu tão despreocupado pelo seu discurso quando pelas suas lagrimas. “Pessoalmente,” ele disse “Eu prefiro extorsão á violência física, onde as mulheres estão preocupadas. Jacquelyn, se você não me disser o que você disse para Caroline Linford esta tarde, o casamento esta cancelado.”

A mandíbula de Jacquelyn caiu. Esta não foi uma ocasião para qual ele tinha praticado uma expressão anteriormente. A que ela estava usando, portanto, não era a sua melhor.

“O que?” ela chorou sua voz quebrando nessa palavra.

“Você me ouviu,” Braden disse, sinistramente. “Diga-me o que você disse a ela.”

“Você não pode-“ Jacquelyn se esqueceu de agarrar seu roupão fechado. Ao invés, a mão dela caiu lentamente do lado dela. Tão grande foi se choque, que ela nem percebeu. “Você...” ela respirou. “Você não pode cancelar o casamento.”

“Na verdade,” Braden disse, “Eu posso. Agora me diga.”

“Eu te processarei.” Jacquelyn piscou. “Na corte. Eu te processarei por quebra de promessa.”

Ele fez um gesto impaciente. “Não me importa. Não me importa mais. Só me diga o que você disse a ela.”

“Não importa?” Ela se apressou através do quarto, não tão inconsciente agora da sua nudez. Pelo contrario. Ela parecia prazerosa que o delicado material tivesse deixado sua nudez aparente para ele. “Como você pode dizer isto, Braden? É isto que você quer dizer? Ver seu nome nos jornais, não porque você inventou algo novo, mas porque você esta sendo processado pela sua ex-noiva?”

Ele balançou a cabeça, da maneira irritada como uma pessoa que esta sendo perturbada por um mosquito. “Eu não me importo mais, Jackie,” ele disse. “Nada disso me importa mais, Costumava, admito. A ideia de te dar um centavo irritava meu âmago. Mas agora-“ Lightwood não ficaria feliz com isto, mas ele não ia a lugar nenhum, percebendo agora que nada importava. Nada importava, exceto Caroline. “Eu considerarei um dinheiro bem gasto, se me levar para longe de você para sempre.”

Ela estava genuinamente chocada. Era um choque no orgulho feminino dela. Ela disse as primeiras palavras que vieram em sua mente. “Mas eu amo você,” ela murmurou.

Ele segurou a mão para silenciá-la. “Não faça isso, Jackie,” ele disse. “Você estava indo tão bem antes.”

Ela não pode se deter. “Mas é verdade. Eu sei que você não quer ouvir. Boa nova, o Lothario de Londres nunca disse essas três palavras antes, para nenhuma mulher. Mas elas são verdade. Eu amo você.”

Ele olhou para ela curiosamente. “Agora, você esta indo um pouco longe de mais, você não acha? Me ama? Não, Jacquelyn. É melhor assim. O casamento esta cancelado.” Jacquelyn o agarrou pela lapela de seu casaco. “Certo,” ela chorou, desesperadamente. “Eu te direi o que eu disse para ela, para Lady Caroline, no Worth hoje.”

Ele sorriu para ela, um sorriso tranquilizador, um sorriso que quase o fez parecer bonito. “Ah,” ele disse. “Melhor assim. Bem. O que, então?”

“Não era nada, realmente,” Jacquelyn disse, com uma risada nervosa. “Eu suponho que foi um pouco cruel, mas eu a conheço desde que nos fomos para a

escola juntas, e você sabe como garotas gozam uma das outras-“

“Sim,” Braden disse. “Eu imagino que Caroline estava gozando de você terrivelmente, e você não teve outra escolha a não ser retaliar.”

O sarcasmo dele foi perdido por Lady Jacquelyn, que disse, “Bem, é claro. Foi precisamente como aconteceu. Eu estava perturbada, então eu atirei na cara dela, o fato de que ele esta dolorosamente apaixonada por você-“

Mas Braden tinha repentinamente agarrou seus braços.

“O que,” ele disse, através dos dentes cerrados, “você disse para ela?”

“Para Lady Caroline?” Então, vendo a expressão dele, ela disse, em genuína perturbação, “Oh, não me diga que você não sabia, querido. Você pode ver nos olhos dela toda vez que seu nome é mencionado. Caroline sempre teve os mais imprestáveis olhos. Você pode ler os pensamentos dela com apenas um pequeno olhar-“

O aperto dele endureceu.

“E o que ela disse?” ele exigiu, dando a ela uma pequena chacoalhada. “O que Caroline disse, quando você disso isto para ela?”

“Bem, ela negou, é claro, querido.” Jacquelyn olhou para suas mãos. “Braden, você esta amassando meu robe, você sabe.”

“Negou?”

“Bem, é claro que ele negaria. Embaraçada, é claro. Eu quero dizer, assim como eu bem coloquei para ela, o que o grande Braden Grandville iria querer com a pequena Lady Caroline Linford? Afinal – o Lothario de Londres e a inocente Lady Caroline? É perfeitamente ridículo. É claro, ela disse alguma coisa sobre como ela achava que você poderia retornar os sentimentos dela-“ Aqui Jacquelyn estava embromando um pouco a verdade, mas ela queria ver como Braden reagiria. Como ele reagiria quando ela contasse tudo. ”-mas eu disse a ela que você estava apenas jogando um pequeno jogo com ela, é claro.”

Ele libertou ela tão abruptamente, que ela chacoalhou, e caiu em cima de um pedaço da porta. “Um jogo,” ele murmurou. “Oh, Deus.”

Então. Ela se endireitou, e procurou pela faixa de seu roupão. Era como ela tinha suspeitado. Realmente, ela pensou com si mesma. Quem teria pensado? O grande homem, conquistado por esta peculiar, horsey {que gosta de cavalo} garota. Bem, não tinha terminado. Jacquelyn via isto.

“Bem, é claro que disto isto para ela, querido,” ela disse, alisando seu cabelo que tinha se soltado quando ele tinha a balançado tão selvagemente. “Eu quero dizer, o que você esperava que eu dissesse a ela? É a verdade, não é? Que possível interesse você pode ter em Caroline Linford? Eu quero dizer, ela é tão tediosa. E, afinal, animal-“ Aqui as pálpebras de Jacquelyn caiu sugestivamente, e a voz dela se resumiu a um ronronar. “Você pertence a mim.”

Havia algo quase desdenhoso na expressão dele quando ele a olhou para ela. Mas o que, é claro, era impossível. E ainda...

“Não mais,” ele disse, e então ele se virou, e seguiu em direção a fenda da porta.

Pânico, mais forte do que qualquer mão agarrou a garganta dela. Saindo em disparada, ele agarrou as mangas dele e chorou, “Mas, Braden, querido, o que você quer dizer com isto? Você disse, que se eu dissesse a você o que eu disse a Caroline, você não cancelaria o casamento.”

Ele olhou para ela, apenas uma vez. Ele disse, “Você deveria saber melhor, Jacks, do que acreditar em algo dito por alguém vindo do Dials.”

E então, com um aperto na madeira embaixo do pé dele, ele tinha ido.

Capítulo 28

Tommy estava agachado no escuro. Ele estava respirando com dificuldade. Muita dificuldade. Com tanta dificuldade, que ele ficou com medo de poder ser ouvido. Ele tinha que ser silencioso. Ele tinha que ser silencioso, e ele tinham que pensar.

Era impossível pensar, embora. O coração dele estava acelerado. Ele achou que poderia explodir. Ele sentiu a batidas do seu coração muito altas em seus ouvidos. Isto era tudo que ele podia ouvir, embora. A pistola disparou tão perto dele, ele estava convencido que a explosão o tinha deixado surdo.

Ele sabia que o tinha deixado surdo. Ele tinha tido que olhar cuidadosamente para os lábios do impossivelmente largo homem que tinha atendido a porta da casa da qual ele estava agachado próximo. Não, Mr. Grandville não esta em casa. Ao menos, era o que ele achou que o gigante tinha dito. Houve uma negativa chacoalhada de cabeça para acompanhar a resposta do gigante para a próxima pergunta de Tommy – Não, ele não sabia quando seu mestre chegaria em casa.

E então os grossos lábios se moveram rapidamente, irritadamente. O gigante apontou para o relógio de bolso que ele tinha acabado de tirar do bolso do colete. As mãos indicavam que já passavam das uma da manhã. Vá embora, colega. Volte pela manhã. Mas Tommy não foi embora. Porque ele estaria morto até amanhã.

Ele sabia como ele deveria parecer para o mordomo – se fosse medo o que o largo homem tinha. Coberto de lama, de quando ele tinha pulado da carruagem em frente do hall de apostas. A gravata dele estava torta, o seu casaco rasgado. Havia flocos de pólvora fixo na pele de sua bochecha. Ele podia sentir o cheiro. Senti-la, também, dúzias de elevados vergões. Eles queimavam.

Mas desta vez eles não tinha conseguido colocar a bala através dele. Não desta vez.

Ele não podia dizer quem tinha atirado. Estava a usual confusão do lado de fora da casa de aposta, um amontoado de gente, metade tentando entrar, outra metade, como Tommy, tentando sair. Um minuto, ele estava empurrando através do aglomerado, depois subindo dentro da carruagem que estava esperando, com Slater bem atrás dele.

Ou foi o que ele achou. Por que no minuto seguinte, ele caiu, e tinha se esparramado no chão da carruagem.

Foi isto que o salvou. Tropeçar. Novamente, ele tinha perdido seu pé, e estes

desastres tinha salvado sua vida. O tiro tinha sido mirado muito alto, então a bala roçou em sua bochecha e atingiu sem machucar a almofada do assento, ao invés do cérebro dele, onde tinha sido a intenção.

Slater tinha provavelmente ido embora. Tommy supôs que ele teve que ir. Mas ele não tinha sido capaz de escutar nem o som de sua própria respiração depois do primeiro tiro. O mundo ficou repentinamente silencioso, sinistramente silencioso. Ele não pode mais ouvir a incessante conversa da multidão que corria em volta da carruagem, o relinchar dos cavalos nervosos, a voz barulhenta do seu motorista, encorajando os cavalos a permanecerem calmos.

Ele sabia o que tinha acontecido. Ele sabia de uma vez. E ele tinha se movido instintivamente, se atirando a porta oposta da carruagem – apenas para achar, quando ele caiu na rua, outra carruagem, cheia de meninos bêbados com a idade dele, bloqueando seu caminho.

Não importava. Ele tinha se curvado, e rolado por baixo dela.

E então ele se colocou de pé e correu. Correu por tudo que valia a pena.

Ele não sabia aonde ir. Casa estava fora de questão. Ir para casa, quando alguém queria matar ele? Não. Ele não colocaria sua mãe e sua irmã em perigo. Depois das primeiras ruas, ele percebeu que estava indo em direção da casa do Slater. Sim, Slater ajudaria. Slater trancaria ele lá, primeira coisa. Esperar lá, ele pensou consigo mesmo, enquanto ele corria por perplexos vendedores de flores e damas da noite. Esperar por Slater. Ele saberia o que fazer.

E então algo estranho aconteceu. Ele se lembrou do olhar perplexo de Braden Grandville aquela manhã, quando Tommy tinha mencionado que Hurst foi quem o introduziu ao The Duke.

E de alguma forma, quando Tommy chegou à rua onde o noivo de sua irmã atualmente alugava quarto, em vez de parte na porta para que o marques o deixasse entrar, ele se curvou na direção do beco. Ele ficou parado lá, arfando no escuro, tentando capturar ar. Slater tinha estado bem atrás dele, o ajudando a subir na carruagem, uma mão em seu cotovelo. Ele sabia que o marques acreditava que ele estava mais bêbado do que ele realmente estava. Tommy tinha desistido do gim, entretanto, desde a noite que ele levou o tiro. Ele bebia vinho na janta, e cerveja no café da manhã, mas desde a sua ferida, ele não podia suportar o gosto dos licores fortes. Ao invés, ele tinha passado para o garçom um guinea {antiga moeda inglesa}, e sussurrou para ele trazer água – apenas água, mas em um copo como os dos outros que tinham pedido gim, apenas com uma laranja torcida, assim ele poderia diferenciar.

Ele não estava nem meio bêbado do que Slater tinha pensado. Isto era porque, ele percebeu, com um frio crescendo, ele não estava morto agora.

Mas ele não podia pensar para onde ir. Ele não podia ir para casa, e ele não podia ir para casa do Slater. Mas ele não podia ficar no beco a noite toda, não surdo como uma poste, como ele estava. Ele tinha outros amigos. Ele estava

debatendo qual deles morava mais perto quando ele viu uma carruagem estacionar – a carruagem dele, dirigida por Peters.

Enquanto Tommy assistia, Slater explodiu da carruagem, e correr para sua porta da frente, onde ele ficou parado golpeando o grosso portal.

E foi quando Tommy percebeu como ele estava surdo. Ele não podia ouvir os golpes. Ele estava a alguns metros – ele podia ver o olhar preocupado no rosto do motorista – e ainda não podia ouvir os golpes.

A porta abriu. A senhoria de Slater parou lá com um xale e um chapéu de dormi, gritando com o marques, pela expressão contorcida dela.

Mas Tommy não podia ouvi-la.

Ele devia ter assegurado ao marques que ele não tinha tido visitantes, desde que Slater se virou, e voltou para a carruagem.

Tommy, no beco úmido, quase foi em direção deles. Ele quase assinalou para Peters, e subiu ao lado de seu velho amigo. Porque não podia ser. Simplesmente não podia ser. Slater era amigo dele, o melhor amigo. Ele iria se casar com sua única irmã, pelo amor de Deus. Porque Slater iria querer matar ele? Slater tinha salvado ele em Oxford, tinha tirado ele da beira da morte. Era ridículo pensar que Slater pudesse querer machucar Tommy. Mas no ultimo minuto, Tommy se curvou para trás no beiço escuro. A carruagem dele partiu se movendo perigosamente rápida na rua que, mesmo tão tarde da noite, ainda estava cheia de atividade. Ele os deixou partirem, seu coração batendo freneticamente em seus ouvidos. Idiota, seu coração parecia dizer para ele, Idiota, idiota, idiota...

Alguma coisa o tinha impedido de entrar na carruagem com Slater.

Ele não podia dizer o que era além da expressão que Braden Grandville tinha usado quando naquela manhã ele tinha mencionado o Duke. O Duke, que já tinha atirado nele, certamente não hesitaria em fazê-lo novamente. Mas ele não estava na multidão esta noite. Tommy teria reconhecido ele logo. Não havia como disfarçar aquele volume terrível.

Não, não tinha sido o Duke que atirou nele. Mas ele estava quase certo que tinha sido alguém que trabalhava para ele. Tommy estava tão certo como ele estava que não podia ouvir a vendedora de laranja parado do outro lado da rua, a boca dela abrindo e fechando em silencio estranho enquanto ela vendia sua mercadoria. O Duke tinha apontado alguém para assassinar o conde de Bartlett.

E Slater tinha estado bem atrás dele na carruagem. Bem atrás dele...

Não. Era impossível. Não Slater. Slater não tinha atirado nele. Ele não faria. Faria?

Isto não importava. Não importava quem tinha tirado. O que importava era que ele estava vivo. Ele precisava ir para sobreviver. Ele não podia ir para casa. Não, ele não estaria a salvo lá, e não arriscaria a vida de sua mãe e de sua irmã. Mas ele não podia ficar na rua a noite toda. Antes de seu ferimento, sim, mas não agora. Ele não tinha forças.

Mas ele também não tinha dinheiro. Ele tinha apostado tudo, na mesa de cartas. Ele não podia pagar lugar nenhum. Onde ele poderia ir? O que ele poderia fazer? E então repentinamente ele sabia. Havia um homem em Londres que ele estava certo que não era um empregado do o Duke. Um homem em Londres que ele sabia que podia confiar acima de qualquer outro.

E então ele seguiu para lá, deixando para trás o beco.

Agora ele estava reunido na entrada de serviço, na sombra dos degraus da porta da frente de Braden Grandville, se abraçando embora não estivesse frio. Era uma noite amena, com uma camada pesada de nuvens de chuva acima dele, rosa pela luz da cidade. Não tinha começado a tempestade ainda, mas iria. Chover, Tommy estava convencido, o que o mataria mais certamente do que qualquer bala. Ele estava em choque. Ele reconhecia os sinais em seu tremor incontrolável, sua batida de dente, sua pele grudada. Tommy podia apenas rezar para que antes do céu explodir, Braden Grandville chegasse em casa.

Ele deve ter adormecido, agachado no escuro, porque parecia que no meio de sua oração sobre a chuva, quando repentinamente uma luz brilhou em seus olhos, e ele percebeu que a porta da frente, alta no topo da escada, tinha sido aberta.

Ele disse um nome – pelo menos ele achou que sim. Ele ainda não podia se ouvir – e saiu das sombras. Uma carruagem parou ao lado do meio fio, puxadas por magníficos cavalos cinza. Os Árabes de Braden Grandville, estrepitando nervosamente, rolando seus amáveis olhos nele.

E no topo da escada o homem parou.

Ele se virou questionadoramente na direção de Tommy. A luz da entrada da frente iluminava seu rosto, revelando plenamente seu choque quando Tommy veio cambaleando ate seu campo de visão.

Ele disse alguma coisa, Braden Grandville. Mas Tommy não podia ouvir ele. Ele viu os lábios do homem se mexer, mas ele não podia ouvir o que ele disse.

E então – Tommy não sabia como isto aconteceu – ele estava caindo, e mãos estavam procurando por ele, tentando mantê-lo de pé. Tommy tentou falar para elas o que tinha acontecido, mas ele não sabia se estava ou não falando em voz alta, porque ele ainda não podia ouvir sua própria voz.

Mas ele estava certo que estava chorando, porque ele podia sentir as lagrimas em sua bochecha, e ele só teve tempo para pensar que era uma coisa lamentável, quando um conde – mesmo um novo – chorar na frente de outro homem, especialmente um homem como Braden Grandville.

E então tudo ficou preto, e a ultima coisa que ele se lembrava era os braços de Braden Grandville indo em volta dele, e os lábios dele se movendo, com uma expressão que não era mais de surpresa, mas sim de preocupação.

Capítulo 29

Era às dez da manhã seguinte quando Braden Granville levantou o complicado batedor de latão da porta do conde Bartlett e deixou-o retroceder novamente.

As dez, Braden percebeu, era cedo para uma chamada social. Ladies como Caroline Linford e sua mãe tinha subido apenas por àquela hora, ou se tinham, elas foram agora mesmo terminar as suas toaletes ou cafés da manhã, ou sentaram-se, possivelmente, para escrever cartas. Muito diferente da vida em Seven Dials onde, pelas dez da manhã, o dia já estava em andamento há cinco ou seis horas, tendo em vista que todas as mulheres lá subiam à aurora, para preparar a refeição da manhã para seus maridos ou pais e irmãos, ou alimentam os fogos da cozedura do dia, ou ajudam a escalar o primeiro proveito...

E para Braden, que tinha sido incapaz de quebrar alguns hábitos nos quais ele tinha adquirido nos Dials, as dez era bastante tarde. Mas ele estava bastante consciente que esta não foi uma opinião popularmente mantida com pessoas no seu novo círculo, e, portanto ele tinha contido o seu impulso de convidar Caroline um pouco antes — embora ele tivesse de fazer de tudo para impedir que fizesse à porta de Caroline o que tinha feito à de Jacquelyn.

Mas quebrar a porta de Caroline Linford não teria ajudado em nada, não importa como urgentemente ele tinha de vê-la...

E a sua razão neste caso era, ele sentiu, muito urgente de fato. Não porque ele desejasse suavizar a preocupação dela com o irmão, ele sabia que ela deve estar fora de si de preocupação com ele. Não, não era isto em absoluto. O rapaz estava bastante bem. Ele estava dormindo sadiamente quando Braden deixou a sua casa pela de Caroline, sem danos piores do que a queimadura de pó e um zumbido nos ouvidos que duraria só um dia ou dois.

Não, havia outro assunto muito mais urgente — para ele, de qualquer maneira — do que a prosperidade de Tommy que o tornava ansioso por ver Lady Caroline. E nem mesmo era um desejo de apurar para ele a verdade da revelação extraordinária de Jackie que Caroline Linford estava apaixonada por ele. Não, foi algo mais importante do que até mesmo isto. Por mais desagradável que a sua entrevista da noite anterior com Jackie tinha sido, tinha uma coisa sobre a qual ela estava certa.

Ele não tinha nunca, em todos os anos desde o seu primeiro encontro sexual, proferido aquelas três palavras que Jackie tinha o acusado ontem de não terem qualquer lugar no seu vocabulário.

Ele certamente as tinha ouvido — sussurrado ou até gritado pra ele, uma vez

ou duas.Muitas mulheres tinha-lhe dito que o amavam. Mas ele nunca tinha devolvido o favor.

E não porque ele fosse incapaz de sentir o amor. Ele tinha amado sua mãe, e o seu pai, e até Wesley, do seu próprio modo. Mas uma mulher? Nunca. Eles tinham sido todas agradáveis, as mulheres que ele conhecera. Inquestionavelmente belas. Mas nenhuma até Caroline tinha-o guardado sem sono, agitando-se e virando até as horas mortas, relembrando, na sua cabeça, cada palavra e gesto dela. Nenhuma até Caroline tinha-o feito sentir-se assim completamente fora do controle, como se em todo o mundo que ele tinha pensado uma vez ele o domínio decaía inexoravelmente fora do aperto. Nenhuma até Caroline tinha feito o seu coração, cada vez que ele a via sacudir-se dentro do peito. Nenhuma até Caroline.

E por isso ele estava lá àquela primeira hora, batendo na sua porta. Ele estava destinado a dizer-lhe o que ele não tinha dito a nenhuma outra mulher, o que ele deveria ter-lhe dito na última noite, só que tinha pensado que os seus beijos poderiam formar melhor as palavras.

Mas ele lhe diria hoje, e ela deve escutar, porque ele só pretendia dizer uma vez. E se ela risse, ou pior, virasse as costas para ele novamente, ele... Bem, ele não sabia o que faria. Mas ele podia garantir que ele nunca diria novamente aquelas palavras. Nunca.

E logo a porta da casa dela abria-se, e um homem alto, de nariz aquilino, um mordomo Braden supôs, embora o colega parecesse um pouco familiar, fazendo-o se perguntar se possivelmente eles se tinham encontrado antes — olhava para ele arrogantemente.

“Sim?” ele arrastou palavras.

Braden estendeu o seu cartão com arrogância. “Lady Caroline, por favor,” ele disse.

O mordomo nem lançou os olhos ao cartão. Lady Caroline,” ele disse, “não está em casa.” Isto não foi algo que Braden tinha esperado. Oh, não que Caroline teria deixado a casa antes das dez. Ele não acreditou, por um momento, que ela tinha. Mas ela teria instruído o seu mordomo para dizer que ela não estava em casa pra ninguém.

Braden, que tinha continuado estendendo o seu cartão, agora o virou, e, retirando o lápis do seu bolso, apressadamente escreveu algo atrás dele.

“Seria muito bom,” ele disse, quando tinha terminado, “se desse isto à Lady Caroline, e diga-lhe que estarei esperando por ela no meu curricle.”(deve ser tipo carruagem)

O mordomo lançou os olhos à grande carruagem preta que estava embaixo deles, na rua. Ele disse, “peço o seu perdão, sir, mas você vai esperar bastante tempo. Lady Caroline partiu da cidade esta manhã. Quando ela regressar, a informarei naturalmente, que você chamou. ”

Braden fitou o mordomo na descrença completa. “Deixou a cidade? Ele repetiu. “Deixou Londres?”

Mas era impossível... Absurdo. A menina não pode ter partido simplesmente. “Quando?” Braden ouviu-se latindo. “Onde ela foi?”

O mordomo pareceu desdenhoso. “Realmente, sir,” ele disse. “Mas não estou na liberdade —”

Braden apenas o ouviu. Algo tinha começado a zumbir dentro da sua cabeça, como se tivesse sido ele, e não o conde, que estivesse muito perto de uma rajada de pistola. O que ele deveria fazer agora? Caroline, parecia, tinha ido. Mas pra onde? E por quê? Ele sabia por quê. Ele sabia perfeitamente bem por que. Ele tinha estragado. Na sua tentativa sem jeito de fazê-la esquecer-se daquele noivo arruinado, ele só tinha feito coisas piores.

Ela foi assim diferente das outras mulheres no seu círculo de tantos modos — tão escrupulosamente conscienciosa, não afetada, sem um traço da vaidade — que ele tinha esquecido que de alguma maneira ela era tão absolutamente convencional como a maior parte de meninas no beau monde.

E uma daquelas maneiras era a sua ignorância completa de todas as coisas sexuais. Oh, certamente ela sabia como a coisa era feita. Mas ela não sabia nada do prazer que pode se ter entre um homem e uma mulher. E quando ele tinha tentado mostrar-lhe, ele ia certamente conseguiu acordá-la...

Mas ele ia também, ele sabia do modo que ela tinha corrido dele, a tinha assustado. Balançando cabeça para afastar o som intermitente nele, ele perguntou o mordomo, “Lady Bartlett está em casa?”

A olhada do mordomo de desdém agora se tornara abertamente hostil. “Lady Bartlett está indisposta. Se você gostaria de deixar uma mensagem a vossa excelência eu verei para que ela a receba ”

Braden pensou em mandar uma mensagem acerca do conde. , ele pensou, seria sagaz para deixar a Senhora Bartlett saber que seu filho, que ela tinha notado seguramente que não tinha voltado para casa na noite anterior, estava muito bem.

Sagaz, mas não, Braden pensou, sábio.Quanto menos pessoas conhecessem o paradeiro do conde, melhor — mesmo se ele significasse causar a sua ladyship um bocado de inquietude.

“Não,” Braden disse. “Nenhuma mensagem.” Ele virou para ir.

E logo, para assombro completo de Braden, o braço do mordomo saiu, e o seu ombro foi apertado excitadamente.

“Dead?” O mordomo perscrutou-o, toda a arrogância indo embora do seu rosto estreito “É você?”

Braden, assustado, fitou o homem. E logo bastante repentinamente, ele disse, “Oh meu Deus. Wormy?”

A expressão do mordomo tinha-se modificado de uma de aborrecimento

extremo a uma de reconhecimento agitado. “Sim, sou eu,” ele sussurrou, irregularmente, com um relance rápido o seu ombro, pra trás da casa.

“Meu Deus,” disse Braden. “Mal o reconheci, todos arrumado de terno e gravata. Quando eles o soltaram de Newgate, então?”

Acamaradando, Wormy Jones deslizou da casa, cuidadosamente fechando a porta atrás dele, para que eles pudessem falar sem ser ouvidos por acaso.

Jesus, Dead,”“ ele disse, pegando um lenço do bolso de colete, e lavando o rosto repentinamente úmido com ele. “Não o reconheci, também, naquele plastrão. Quanto tempo, então? Vinte anos?”

“Pelo menos,” Braden disse. “Mas você fez bem para você. Na última vez que eu o vi Wormy, eles arrastavam-no para a prisão para roubar aquele —”

Wormy arremessou um dedo aos seus lábios. "Shhhh", ele assobiou. “O que você está tentando fazer? Estou limpo agora, juro. Foi depois que eles me soltaram na última vez. Não estou dizendo que foi fácil —”

“Não,” Braden disse, pensativamente. “Não, não suponho que foi. Mas a sua sorte está um bocado de volta, não é? Quero dizer — ”Ele acenou com cabeça significativamente em direção à porta da frente do Conde de Bartlett.

Wormy estremeceu. “Ai, isto,” ele disse, desdenhosamente. “Sim, não é mau. Não iao ever”ve adquiriu o correio, entretanto, se isto blee0din” a Senhora Bartlett conhecia um mulo da puro-sangue, que, posso dizer-lhe, ela não faz. Mas os salários estão bem, e me dou bem com a cozinheira, então... ”Ele interrompeu-se, com um encolhimento de ombros filosófico.

Braden não gostou de tirar proveito de uma amizade tão velha como esta em particularmente porque ele não tinha visto o colega desde que ele mesmo tinha sido "joelho alto, mas" ele não tinha perdido o seu desejo ansioso de ver Caroline. E portanto ele perguntou, com toda a indiferença que pode reunir, “não suponho que você pode dizer-me agora onde Lady Caroline foi, não é, Wormy?”

Wormy assobiou, “È Bennington agora. Nada de me rastejar em lugares apertados. Sou limpo, eu disse a você. ”Ele lançou os olhos furtivamente de cima para baixo do bloco, como se esperasse a qualquer momento que o condestável local viesse rasgando em direção a ele. “Olhe, companheiro, não posso dizer-lhe onde ela foi só porque não o sei. Tudo que sei é, que eu requeri a carruagem puxada por cavalo em torno das seis esta manhã, às suas ordens, e fazia os rapazes carregarem as suas bolsas.”

Uma sensação de esquisita incapacidade – uma sensação de que Braden não gostava –veio até ele, e quando ele falou novamente, a voz saiu ferida com emoção. “Você deve ter alguma ideia de onde ela foi, Wormy.”

O mordomo balançou a cabeça. “Honestamente não faço, Morto. Em um ímpeto verdadeiro ela resolveu partir, entretanto. Parecia que ela não tinha pregado o olho.” Como bem Braden sabia a sensação.

Então Wormy clareou. “Sei,” ele disse. “Você quer encontrar a Lady Caroline,

você tem que perguntar a Lady Emily. Ela é um rum”un. Ela lhe dirá.”

Braden pestanejou. “Lady Emily? Sim. Sim, suponho que ela saberia.”

Wormy tomou providências em direção à porta, logo arremessou um relance na direção de Braden. “Eu juro eu que eu não teria conhecido você, Dead. Você mudou Você é um deles agora. ”Na palavra deles, ele acenou com cabeça para trás em direção a casa novamente.

“Não,” Braden disse, firmemente, e sem o mais leve desgosto. “Isto não é verdade.” Wormy pareceu distintamente desapontado. "Oh", ele disse. “Bem. Boa sorte então, Dead.”

Braden acenou com cabeça. “O mesmo para você, Wormy. Quero dizer, Bennington.” E logo o ladrão tornou-se mordomo mais uma vez, e deslizou, com o queixo levantado alto, atrás na casa.

E Braden foi à procura de Lady Emily Stanhope.

Só que primeiro, naturalmente, tinha algo que ele tinha de fazer.

Capítulo 30

- Mas, irmã Emily - Lucreta Knightsbridge se queixou - Esta barba coça! - Emmy, interrompeu, irritada.

- Bem e o que você espera que eu faça? Todos os outros visons com boas peles tinham se esgotado lá na loja! - Mas nenhum dos outros membros da Sociedade Londrina Para o Sufrágio Feminino apreciou o sarcasmo de Emily e nenhum pareceu inclinada a voltar a ensaiar o quadro, que Emily havia escrito e, agora, dirigia.

E era esperança de Emmy que, dirigindo uma performance mímica nos passos do edifício do Parlamento da Assinatura de Emancipação da Proclamação do Presidente Lincoln, a atenção fosse chamada ao paralelo entre os escravos na América e as mulheres da Inglaterra, fazendo com que os homens dentro do Parlamente pudessem ser convocados a agir como o senhor Lincoln agira, corrigindo algo que, há muito, era errado.

Lucretia Knightsbridge deveria interpretar Lincoln, mas continuava a reclamar sobre o desconforto de sua barba postiça à Emmy.

- Se a irmã Lucretia não tivesse que usar sua barba - Chrystabel Hemmings, que estava vestindo os trapos típicos dos escravos, com papel grudado em seus pulsos e tornozelos, simbolizando algemas, choramingou. - Eu não teria que usar essas calças; a lã me esfola! - Genevieve Kenney engoliu o ar apressadamente. A mais bela dos membros da Sociedade Londrina Para o Sufrágio Feminino estava elétrica para poder interpretar lady Liberty, usava apenas uma toga de musselina, com ramos de oliveira dourado grudado em seus cabelos.

- Se você pensa são ruins, - ela estava quase gritando - então o que eu posso dizer da minha fantasia? Eu pareço uma prostituta! - e, no meio do tumulto que se seguiu, Emmy, através das cabeças das senhoras que ali estavam, notou uma figura alta e distinta, completamente fora de lugar, no fim da sala. Fora de lugar porque, naturalmente, a figura era um homem e, como todos já sabiam, os homens não iam até o seu santuário, que era o local de encontros da Sociedade Londrina Para o Sufrágio Feminino.

E, com um suspiro, ele percebeu que homem que era.

E, repentinamente, ela estava escapando o mais rápido que conseguiu, tentando se lembrar de onde era a saída mais próxima, mas Braden Grandville era muito mais veloz que ela. Ele facilmente barrou seu caminho, apenas colocando se braço longo e forte, deixando a entrada intransponível.

- Lady Emily - ele disse, sem perder tempo levantando a voz por sobre a

cacofonia de vozes femininas, que continuava argumentando fervorosamente, ao redor deles. Mas ele não precisava levantar a voz, como um farol, sua voz profunda transpunha facilmente toda aquela euforia, tons agudos como gaivotas.

- Acredito que você deve estar apta a me esclarecer, lady Emily - Braden Grandville continuou - sobre uma questão na qual eu tenho o maior e mais ardente interesse pessoal

- Emily engoliu em seco. Ela devia saber, é claro, que isso iria acontecer. Caroline tinha assegurado que ela estava errada, mas Emily deveria saber. Uma garota não pode simplesmente fugir de um homem com Braden Grandville e escapar. Isso não acontecia. Ainda assim, ela tinha prometido a Caro, então disse:

- Esse é um encontro privado, senhor. Você não tem direito a estar aqui - ele levantou as escuras, intimidantes, sobrancelhas, até mesmo aquela onde havia uma cicatriz, conseguida há muito, graças a uma luta com facas, Emmy estava quase certa. Pena que aquele que empunhava a faca não tivesse acertado a lâmina um pouco mais abaixo; então, ela não estaria em uma posição tão terrivelmente embaraçosa.

- Não tenho direito de estar aqui? - Braden perguntou, divertido - Por que não? Eu sou um grande partidário de vocês, como você sabe - Emily piscou, assombrada - Vo-você não pode ser! - ela gaguejou - É um truque! Um ardil para que eu lhe diga para onde Caroline foi.

- Não no geral - e pôs as mãos nos bolsos do colete - É completamente ridículo que uma parte da população não tenha o direito de dizer a sua opinião aos governantes; vocês são, em sua maior parte, criaturas racionais. Mais racionais, certamente, que alguns homens que conheço. Eu me sentiria realmente preocupado se o nosso governo estive em suas mãos capazes do que, digamos, na de lord Winchilsea - estupefada, Emily apenas o encarou, sua boca ligeiramente aberta. - Se dívidas são necessárias - Braden observou - Então eu, certamente, as pagarei. Mas você, depois, lady Emily, deve concordar que, como um membro pagador de dívidas de sua organização, eu tenho, de fato, todo direito de estar aqui - Emily olhou, descrente, enquanto Braden Grandville mexia em sua carteira, pegando algumas notas - Eu acredito - ele disse, colocando em cima da mesa uma nota de cinquenta libras - que isso será o suficiente - Emily esticou a mão para pegar o dinheiro de maneira inconsciente, mas Braden Grandville puxou-o rapidamente para fora de seu alcance. - Espere um momento - ele disse. - Eu quero saber o que ganharei em troca de lhe dar meu tão suado dinheiro.

- Um certificado de membro, é claro - Emily disse, calmamente.

- Um certificado? Por cinquenta libras?!

- Bem e uma faixa.

- Uma faixa? E o que diabos eu faria com uma faixa?

- Você poderia usá-la - Emily disse - E poderia vir com ela às nossas reuniões;

diria Votos para Mulheres, nela.

- E isso é tudo?

- Não. Você receberá nossa circular mensal...

- Oh - Braden disse. - Isso será divertido. Explicará, talvez, porque há uma mulher aqui usando uma barba? - então, ele entregou sua nota de cinquenta libras - Nem pensar! Eu não quero isso. Apenas me diga onde diabos Caroline se meteu. E não minta! Eu posso ver toda vez que tentam me enganar. Sempre pude - Emily pegou a nota, dobrou-a furiosamente e meteu-a na manga. Foi com um sentido de não-realidade que fez isto, visto que Braden Granville foi o primeiro homem a se afiliar ao Movimento, de que ela sabia.

Ela se viu completamente incapaz de olhá-lo nos olhos.

Ele tinha um olhar penetrante, com íris pura e inteiramente marrons, ainda assim, não havia erros ao afirmar que haviam pintas, pequenos pontos, avermelhados nelas, que eram completamente intimidantes. Como Caroline podia amar esse homem, ela não tinha a mais pálida ideia.

Mas que ela o amava, disto Emily não tinha dúvida. E este homem, em sua opinião, tinha sido muito melhor para Caroline do que o último que tentou brincar com seu coração, muito melhor do que aquele idiota do marquês de Winchilsea; então, Emily decidiu dar-lhe uma oportunidade de se provar, provar se era digno de ser a razão pela qual ela iria quebrar uma promessa solene feita à Caroline.

- O que você irá fazer - ela perguntou, cautelosamente - Quando a encontrar? - a mandíbula de Braden Granville tremeu.

- Eu pretendo fazê-la ver que casar com aquele arrogante do Slater poderá ser o pior erro que ela poderá cometer em toda vida - Emmy cruzou os braços em frente ao peito.

- Oh, e eu suponho que ela ganharia muito mais sendo sua amante?

- Amante? - ele a encarou, furioso, como se ela tivesse dito algo repugnante - Eu pretendo torná-la minha esposa! - Emily deixou sair uma risada, que mais parecia um grito ao ouvi-lo.

- Oh, por favor! Você? O libertino de Londres, casando com Caroline Linford? Eu acho que não!

Ela não deveria ter rido, nem dito nada. E soube disto no exato segundo que as palavras saíram de sua boca.

Ela pôde ver a dor que transpassou por seu rosto, a escura raiva súbita que rapidamente se seguiu; ainda assim, controlou a emoção admiravelmente, dizendo em um tom de voz cuidadoso:

- Eu sei que, para você, a ideia de um homem como eu, casando com uma amiga é ridícula, e está completamente certa, mas eu acho que serei um melhor marido do que... bem, do que o marquês. E eu pretendo mostrar isso à você, assim que você me disser para onde ela foi - todo o impulso de rir tinha se esvaído, assim que Emmy viu a emoção muito verdadeira naqueles olhos

escuros. Ele ama Caroline, ela percebeu isso com algo parecido com choque. Ele, realmente, a ama. Ela estava pensando no Old Bailey (tribunal judicial geral de Londres) quando confirmou isso. Se não fosse...

- Você não pode se casar com Caroline - ela alegou - Você está comprometido com lady Jacquelyn!

- Não mais - foi à sucinta resposta dele.

- Mas... - Emmy balançou a cabeça - Caroline não estava lá para testemunhar. Se lady Jacquelyn registrar uma quebra de promessa e Caroline se casar com você - ou apenas estiver compromissada com você, o testemunho dela não vai contar e...

- Eu não me importo com isso! - Braden Granville rangeu os dentes, impaciente - Estou

disposto a pagar o preço. Não importa o quanto custe!

- Se ela romper com o marquês - Emmy se sentiu compelida a informá-lo - O nome dela está na lama. E você pode apostar qualquer coisa que ele também a processará e...

- Eu... Não... Me... Importo! - ele estava, obviamente, perdendo a paciência, deixando aflorar seu temperamento; um perigoso temperamento sobre o qual Tommy tinha falado tanto - Apenas me diga onde ela está! - Emily piscou. Bom Deus! Então era verdade... Era a total e completa verdade. O cafajeste de Londres! O cafajeste de Londres estava apaixonado por Caroline.

Caroline, sua Caroline! Aquela quem não podia passar por um mendigo sem lhe dar metade do que estivesse em sua bolsa, ou dar a um cavalo que guiava carruagens um cubo de açúcar.

Ela tinha o caçador de rabo de saias mais notório de Londres de pernas pro ar por ela. E ele estava disposto a se juntar à um movimento de sufrágio feminino tinha dito à ele para fazer isso.

- Caroline foi à minha casa de campo em Shropshire - Emily disse - Woodson Manor. Ela disse que precisava estar sozinha, para pensar. Eu não tenho certeza se você deveria ir até – mas Braden Granville já tinha se virado e abandonava a sala de... Bem, de um monte de mulheres que queriam sufrágio zangado atrás dele.

Capítulo 31

Caroline sentou-se perto da janela, assistindo a chuva respingar nos vidros e perguntou-se se não tinha perdido o juízo.

Porque, certamente, parecia que ela nunca o tivera. Afinal, que outra coisa, senão, a loucura poderia explicar o modo como agira quando estava com Braden Granville? Foi horrível o que fizera, pior do que chocante. No que ela estava pensando?

E o pior de tudo, era que fora ela quem inventara tudo aquilo, fora sua própria cabeça que tramara tudo aquilo. Lições de como fazer amor? Realmente!

Bem, no fim, ela estava sozinha - total e completamente sozinha, exceto pelo caseiro, sua esposa e o homem que cuidava dos cavalos. Porém, todos eles estavam longe dela, o que, de fato, era muito bom, já que precisava de paz e tranquilidade, de solidão, para pensar melhor, e sem distrações, em seu dilema, que tinha a forma, em particular, de Braden Granville.

Não, nada de particular, seu dilema era Braden Granville.

E, agora, ela estava só e estava chovendo e ela tinha todo o tempo para sentar, enquanto pensando sobre seu terrível erro e como ela poderia fazer as coisas se acertarem, como eram antes.

Só que ela pensou que não poderia fazê-lo.

E via isso agora. Ela não amava Hurst Slater. E agora ela sabia que nunca amou Hurst Slater. O que ela sentia por ele, não era nada mais do que gratidão; primeiro por ter salvado seu irmão e, depois disso, ter sido a mulher, dentre toda Londres, que ele pediu para se tornar sua mulher.

Ela tinha sido alvo de suas atenções, instigada por seus beijos - sem paixão, ela percebia agora, pensando nos beijos que tinham trocado - e grata, por pensar que o destemido e jovem marquês a queria, quando poderia querer qualquer outra linda garota.

Ela, dentre todas as outras lindas mulheres que conhecia. Ela a queria.

E, agora, ela sabia o porquê de não ter chorado quando o encontrou nos braços de outra, por isso que ela não correu atrás dele com uma pistola, em um tempestuoso acesso de ciúme doentio: Ela não o amava.

Mas isto, certamente, era a menor de suas preocupações.

Pesando muito mais do qualquer outra coisa em sua consciência, do que o fato de que ela não amava - e, provavelmente, nunca o amara - seu noivo, era que, aquilo de que Jacquelyn Seldon a acusara, no dia interior, no Worth, era verdade: Ela estava apaixonada por Braden Granville.

E ela não queria estar. Era horrível saber que estivesse.

Ela o amava, apesar de sua terrível reputação com as mulheres, apesar de desaprovar quase tudo sobre ele, inclusive seu trabalho e seu estilo de vida. Ela o amava, apesar de Hurst e de seus atraentes olhos azuis. Ela o amava, apesar de todas as coisas que ela tinha ouvido todas as coisas que Jackie Seldon tinha dito. Ela o amava, e o amara desde aquele momento no corredor de Dame Ashforth, quando seu coração tinha feito aquela volta estranha em seu peito.

Ela o amava por ser tudo o que outro homem em seu círculo social - com a exceção de seu pai - nunca seria: um homem esforçado, que venceu por seu próprio esforço, que possuía força e perseverança para sair da sarjeta e erguer-se até o topo em seu trabalho. Um homem gentil, que não tinha se esquecido de seus amigos e seus familiares em sua ascensão, que não tinha vergonha de aparecer em público com seu excêntrico, porém muito doce pai. Um homem honrado que, inicialmente se assustou com sua proposta e a deu o fora - e, agora, ela percebia que não havia homens em abundância lá fora que seriam tão nobres; eles iriam tentariam tirar proveito de sua inocência, mas Braden Granville não tentou...

Não no início, pelo menos.

Mas, até então, Caroline estava convencida de que ele não tinha feito tudo tão a sangue-frio. Ela estava completamente certa de que ele sentia alguma coisa por ela; tinha visto seu rosto na noite anterior, enquanto o pai dele a guiava para longe. Seu desejo puro que havia levado para casa, algo que ela nunca sentira antes; a gravidade da situação; o fato de ela estar brincando, todo aquele tempo, com fogo...

N*ão estavam?* Foi o que ele a perguntou quando ela disse que *se* os dois estivessem apaixonados...

N*ão estavam?*

Ela, então, percebeu que estava.

Estava tudo muito bem para ela amar Braden Granville - e ser incendiada por ele e desejá-lo ardentemente e suspirar por ele... E tudo não importava, porque ela estava certa que ele sentia o mesmo.

Mas para ele amá-la teria que admiti-lo - isso se ele amasse - falando, aquela voz que mesmo agora, apenas sendo lembrada, faziam com que os pelos dos braços de Caroline se arrepiarem.

E o que mais ela poderia fazer senão correr? Porque isso nunca aconteceria...

Ela estava prometida à Hurst e nunca poderia voltar atrás em sua palavra. Ela nunca poderia fazer aquilo com Hurst, com sua família.

E agora Caroline estava sentada ali, contemplando sua sanidade, ou a falta dela, quando ouviu uma batida na porta, tão alta e inesperada que ela, na realidade, soltou um grito estridente e deu um salto da cadeira onde estava.

Q*uem poderia ser?* Ela se perguntou, lutando para fazer com que as batidas de

seu coração voltassem ao normal no meio daquela sala de visitas dos Stanhope, onde a mobília estava coberta com panos de linho branco, para repelir o pó, até que a família voltasse para o verão.

Uma mensagem, talvez? Uma nota de sua mãe, embora ela tivesse deixado Londres em menos de doze horas?

Oh, será que uma mulher nunca consegue ficar sozinha?

Ela deixou uma carta para lady Bartlett, deixando expressamente escrita sua vontade de ficar só - pensando que seria melhor não mencionar o quão só ficaria, visto que Emily e toda sua família continuavam na cidade, porque, alguma coisa lhe dizia que sua mãe não gostaria muito de sua ideia.

Enrolando melhor o robe em volta de si - já que ela tinha trocado sua roupa de viagem por sua camisola, mesmo sendo a hora do chá, porque, de qualquer forma, ela não tinha onde ir, nem alguém a visitar - ela foi até a porta.

Que praticamente estourou, assim que ela a abriu, graças ao vento, que anunciava tempestades, que parecia ter aumentado em poucos minutos, lá fora.

Fustigada pela chuva, uma figura alta, estava sobre os degraus da porta, envolta em uma grande capa de chuva, revestida de pele de animal. A única pessoa no povoado que era tão alta quando esta, era o vigário, que era conhecido por fazer visitas informais e que gostaria de conversar por um tempo com o pai de Emily. Talvez, tendo visto as luzes, e pensando que o senhor Woodson estivesse em casa...

Mas então, ele tirou o capuz e Caroline gritou; a pessoa que estava embaixo da enorme capa não era um vigário de forma alguma.

Braden Granville atravessou a soleira da porta, tirou sua capa, que estava ensopada e chutou a porta, que se fechou com um estrondo.

- Bom Deus, Caroline! - ele disse - O que é isso que você está usando? - escarlate de vergonha, Caroline tartamudeou:

- Isto é... Isto é uma camisola. O que você está fazendo aqui?

- Uma camisola? - Braden olhou ao redor e sem ver nenhum criado na casa que, aparentemente, estava vazia, jogou sua capa no corrimão de uma escada em espiral que levava até o andar superior da casa. - Bem, eu penso que não é uma hora apropriada para vestir isso, já que está tão cedo e qualquer um pode bater à porta, sem falar nesse tempo! Você deve estar congelando!

- Como - Caroline começou e rezou para que estivesse usando o tom de voz mais autoritário que conseguiu - Você me achou? O que você está fazendo aqui?

- Eu poderia fazer a mesma pergunta para você - Braden olhou para a mobília organizada harmoniosamente, porém completamente cobertas, para os lustres cobertos com bolsas de musselina e declarou - Esse lugar é igual a uma tumba! Você realmente achou que poderia pensar em algo sério aqui, Caroline? Isto é um verdadeiro sarcófago!

- Não é um sarcófago! - Caroline disse - Apenas está fechado por não ser

ainda a temporada certa. E é um lugar perfeitamente razoável para se pensar. Especialmente quando se está aqui, sozinha - se ele entendeu a deixa, fingiu não ter entendido. Em vez disto, andou em passos largos pela sala de visitas e se ajoelhou junto ao piso de lareira frio, conseguindo, dentro da lareira, ligar o abafador.

- Eu acho difícil que essa atitude seja sábia, entende? E tudo aquilo sobre malfeitores desprezíveis contra os quais Violet supostamente luta para lhe defender? Você não concorda que têm muitos deles no país? Você não concorda que, uma mulher jovem, completamente sozinha, em uma casa grande como esta, vestida em uma camisola que deixa que usem um pouco a imaginação, atuaria como um grande ímã para homens deste tipo? - Caroline agarrou a camisola e a apertou com força envolta de seu corpo.

- Como você me achou? - ela perguntou. - Eu não disse a ninguém que estava vindo para cá! Ninguém, exceto...

- Que foi, precisamente, como lhe encontrei - Braden, que tinha encontrado um pouco de lenha, parecia estar determinado a fazer com que o fogo oferecesse um pouco de iluminação para repelir o frio úmido da casa. - Lady Emily me disse.

- Emmy disse a você? - Caroline mal podia acreditar em seus ouvidos. Emmy, sua melhor amiga, a quem ela tinha confiado os seus mais profundos e mais obscuros segredos, tinha entregado o seus mais íntimos de todos e a esse homem, dentre todas as pessoas do mundo?

- Não - Caroline disse. - Não. Eu não acredito em você. Emmy nunca faria uma coisa dessas.

- Ela fez - ele disse, enquanto mexia cuidadosamente na pilha de madeira e atiçava o fogo.

- Ela é completamente razoável, você sabe. Muito mais razoável que você - Caroline continuava muito indignada, porém grata, na verdade, pelo fogo, que ganhara vida e pulava alegremente entre a lenha e estava irradiando um calor muito necessário na direção de Caroline, quando ela disse:

- Eu tenho sido perfeitamente razoável.

- Tem, é? - ele ainda estava ajoelhado ante ao fogo, em cima do tapete de pele de urso polar bastante velho que a mãe de Emily tinha se recusado a deixar que fosse transferido para a casa de Londres, mas quê seu marido, o senhor Woodson, tinha insistido para que permanecesse com eles, porque fora ele mesmo quem abatera a criatura - em legítima defesa, quando este o atacou - quando fora em uma expedição polar quando era extremamente novo. Quando Braden olho Caroline, ela pôde ver algo que se assemelhava a um intenso brilho nos olhos escuros. - Por que você fugiu? - desconcertada ante ao brilho, Caroline gaguejou.

- E-eu te di-disse. Eu precisava pensar...

- Não agora - Braden disse. - Eu quero dizer, noite passada. Por que você fugiu de mim noite passada?

- Oh - Caroline disse, fracamente. Ela não esperava essa pergunta, na realidade. - Por que...

- Porque o quê? - ela não poderia dizer à ele. Não ali, na sala de visitas do senhor Woodson, vestida em roupas de dormir, com os pés descalços. O que ele deveria pensar dela?! Isto fora o que restou da dignidade dela. Foi ao que ele a reduziu. Ela estava completamente certa de que os rastros de suas lágrimas já deviam estar aparecendo em suas bochechas. Os olhos dela estavam vermelhos e inchados.

- Porque isso não pode acontecer - ela disse a voz rouca. - Você sabe que isso não pode acontecer - o brilho, ela notou, desapareceu completamente.

- Porque eu não sou um cavalheiro completo? Porque não pertenço à classe mais abastada, mais elevada? - ele perguntou, calmamente. Caroline, atingida no coração pelo tom de voz dele, perdeu-se e, sem se dar conta do que estava fazendo, se moveu, afundando no tapete de pele, junto a ele e capturando suas mãos nas dela.

- Mas é claro que não! - ela disse, olhando fixamente para as mãos, unidas em seu colo, desde que descobriu que era muito mais fácil olhar para os calos nas mãos dele do que para seus olhos. - Você sabe que não tem nada a ver com isso! É verdade que viemos de mundos diferentes, você e eu, mas não tão diferentes. Meu pai não foi um conde desde sempre, ele não era um cavalheiro desde sempre. Mas, como você, ele era único, de qualquer forma, desde seu nascimento. Alguns homens, não importa onde nasçam, são assim - ele tinha fixado seu olhar em seus dedos juntos no momento que assim ficaram, sem perder aquela sensação. Agora, porém, ele perguntou, em um tom de voz que mais parecia machucada, mas continuava inimaginavelmente suave.

- Então, por quê? - ela não precisou perguntar o que ele queria dizer. Ele continuava esperando para ouvir porque eles não poderiam ficar juntos. Como se ele não soubesse!

Como se eles já não tivessem falado sobre isto desde a primeira vez que ela fora até ele, naquele dia, em seu escritório! Será que ela teria realmente que dizer a ele? Será que ela teria que dizer as palavras Hurst Slater, marquês de Winchilsea?

Ela olhou para cima, para o rosto dele, encontrando seu olhar sobre ela... E, então, apressadamente, olhou para longe novamente, alarmada. Porque o que ela vira, mesmo na escuridão, naqueles inescrutáveis olhos, fora um brilho tão intenso de desejo que fez com que perdesse todo o ar.

E foi quando ela percebeu que eles estavam completamente sozinhos - que não havia ninguém em milhas e milhas, exceto os cavalos - e que, do lado de fora, a tempestade estava em grande intensidade que fez com que as nuvens tivessem

deixado o céu da tarde preto como a noite, fazendo com que a chuva açoitasse a janela com selvageria. E que, mesmo que ela quisesse - o que, definitivamente, não queria - não poderia expulsar Braden Granville em tais condições meteorológicas.

- Oh - Caroline não pôde evitar murmurar - Meu querido! - e então, para seu horror, ela o sentiuele levantar sua mão livre e puxar uma presilha do complicado amontoado que prendia seus cachos de cabelo, que a deixavam cansada de tanto escovar. - Oh - ela disse novamente. Ele hesitou suas mãos, que estavam se levantando para puxar outra presilha, ficaram indiciassem frente aos olhos dela.

- Te machuquei? - ele perguntou, curiosamente.

- Não - ela disse. - Apenas...

- Apenas o que?

- Apenas gostaria que não fizesse.

- Que não fizesse o que?

- Tocar minha cabeça dessa forma - ela deixar escapar, num impulso. - Não é certo - Braden baixou as mãos, mas seu olhar, que continuava fixo nela, era de incompreensão.

- Você não quer que eu toque em seu cabelo? - ela negou vigorosamente e, fazendo isto, percebeu que a presilha que ele soltou, era uma das principais. Ela já podia sentir a pesada massa de cachos escapando.

- É errado - disse. Houve uma tensão insuportável e ela começou a suspeitar que poderia desatar a chorar a qualquer momento. - Você não vê que é errado, Braden? Tudo o que temos feito... Você está errado, eu estou errada... E não importa o que você fale...

- Foi isso - ele perguntou, em um tipo completamente diferente de tom de voz que já usara, como Caroline pensou - que fez você fugir?

- S-sim - então elas vieram. Ela podia sentir as lágrimas acumuladas debaixo de suas pálpebras. Um segundo depois, a sala tornou-se água e ela teve que piscar para ver melhor.

- Eu não pude... Eu não pude suportar isso - o tom magoado voltou à voz dele quando disse:

- Não pode suportar ser tocada por mim?

- Não! - ela levantou a mão livre, a única que ele continuava sem segurar, a única que não estava sendo acariciada por seus polegares e limpou as lágrimas com a parte de trás de seu pulso. - Não! Não é nada disso! É apenas porque eu estou prestes a me casar e é muito angustiante estar prestes a se casar com alguém... E ainda pensar que está... Apaixonada por outra pessoa - Ali estava. Ela tinha dito. Admitido em alto e bom som, pela primeira vez, tirando aquele enorme peso de seus ombros. E então, Braden Granville estava limpando sua garganta - era sua imaginação, ou aquele era um som deveras desconfortável?

- Isto é muito interessante - ele disse. - Porque eu também descobri como é desconfortável estar prestes a se casar com alguém... - ele parou e Caroline, cujas lágrimas continuavam a tremer em suas pálpebras olhou-o, interrogativamente... E estava completamente impossibilitada de afastar o olhar. Algo naqueles olhos a faziam manter o seu, mais forte do que qualquer ímã ou cola. - E eu sei - ele disse, deliberadamente - que eu estou apaixonado por outra pessoa.

Agora, porém, quando as mãos dele se moveram na direção da cabeça de Caroline, ela não vacilou. Nem ao menos tomou fôlego para protestar. Em vez disto, ela se sentou corretamente enquanto Braden soltava outra presilha, puxando gentilmente...

E o cabelo dela, naquele glorioso tom de loiro-escuro, caiu por sobre os ombros de Caroline.

- Assim - Braden disse, com um tom de voz tão intenso e profundo que Caroline não reconheceu. - é muito melhor

Capítulo 32

E então os dedos dele afundaram profundamente nos cabelos dela, e ele estava trazendo o rosto dela em direção do dele...

E Caroline não protestou. Como ela podia? Ele a amava. Cada fibra de seu ser esta pulsando, vibrando, cantando com a nova descoberta. O coração dela estava batendo em compasso com as palavras...

Ele me ama. Ele me ama. Ele me ama.

Por isso era perfeitamente certo ele trazer sua boca, com uma dose de selvageria, sobre a dela. E porque não incomodou nem um pouco quando ele soltou sua mão e a colocou em volta da cintura dela, trazendo-a severamente contra ele. E o fato que havia apenas uma fina camada de material separando a pele dela da dele? Inteiramente perdoável.

De fato, Caroline se achou aliviada por estar usando tão pouca roupa. Porque sem a interferência do corpete ou da creolina, ela podia, pela primeira vez, sentir coisas que ela nunca tinha sentido antes... Pelo menos, não tinha sentindo em tão fascinante detalhe. Reafirmando a dureza do peito de Braden, o qual ele estava esmagando contra o dela, muito mais suave. Havia a firme parede de músculos que cobria o estomago dele, sua pele chamuscando a dela, através do material do colete e da camisa.

E, o mais importante de tudo, havia um caroço duro entre as pernas dele que noite passada – tinha sido mesmo há apenas vinte quatro horas atrás? – ela tinha ficado tão chocada de sentir contra ela, mas que agora ela estava curiosa para inspecionar. Tinha sido tão estranho... E continuava a ser estranho, desde que mesmo agora ela podia senti-lo pressionando insistentemente contra ela, através do grosso material da calça de Braden...

Então Braden, que estava beijando ela mais profundamente, e mais intrusivamente do que nunca – até que a sala estivesse girando em volta dela, e a única coisa estável fosse ele – levantou a cabeça, e sussurrou para ela, em uma voz que não estava nem um pouco estável, "Tire isto."

E com os dedos, ele puxou o vestido dela.

Mas Caroline balançou a cabeça, então aquelas mechas douradas do espesso cabelo dela refletiu com a luz da lareira.

"Não," ela disse a voz dela nem um pouco estável, também. "Não?" ele ecoou, parecendo um pouco chocado.

Ela deu um puxão no colete dele. "Você primeiro."

Com uma rapidez que fez ela se inclinar de surpresa, ele tirou o casaco, o

colete, e a camisa, quase em um único movimento. Caroline ouviu um bom numero de botões estourando, e algum material ser rasgado, também.

E então, a luz da lareira iluminou em alto relevo os picos e vales do torso muscular dele – o volumoso bíceps dourado, a profunda endentação em ambos os lados de seu estomago, o crespo, escuro cabelo com o qual o peito dele estava coberto – ele avançou para ela novamente, e desta vez, quando ele a arrastou em sua direção, e os dela tocaram, pela primeira vez, a própria pele, e não material, a respiração de Caroline ficou presa na garganta, e o coração dela começou a bater tão freneticamente que ela podia sentir-lo ser ecoado dentro das paredes das costelas dele.

Ele estava beijando ela novamente, mas agora com mais urgência do que selvageria, e as mãos dele, ao invés de estar ao redor da cintura dela ou do seu cabelo, estavam ocupadas com as fitas e botões que mantiam as roupas de noite dela juntas. Por um momento, ela achou que ele iria rasgar a roupa do mesmo jeito que ele tinha rasgado as suas, mas ele foi muito mais gentil do que isto, os dedos dele pareciam quase reverentes enquanto eles roçavam a pele dela. Em menos tempo do que ela achou ser possível, ela estava nua diante dele.

O fogo estava tão ameno, e as mãos dele tão capazes, que ela não tinha percebido isto até ela sentir a surpreendente sensação do peito nu dele contra o dela...

Isto era algo tão inesperado – e tão incrivelmente maravilhoso – que Caroline, dificilmente saberia o que ela fez, pressionando se ainda mais para perto dele, enquanto as mãos dele, parecendo deliciadas com a nudeza dela, corriam para cima e para baixo em seu corpo, como se ele estivesse tentando memorizar cada linha e curva. Em um segundo os dedos dele estavam moldando seus seios, seu toque quente como fogo, queimava acima deles. No outro, eles estavam se movendo nas nadegas dela, exercendo uma gentil, mas insistente pressão que trazia a pélvis dela severamente contra a dele.

E o tempo todo, os lábios dele se moviam sobre os dela, devorando ela, como se ele nunca fosse parar, não até ele ter saboreado ela toda, sua boca, sua garganta, até as pontas rosadas de sua mama...

Então, repentinamente, a cabeça dele levantou de onde ela tinha estado pressionada entre o vale dos seios dela, e, o olhar dele se prendeu no dela, Braden começou a abaixá-la, lentamente, mas inexoravelmente, para o chão...

Ou, melhor, para o espesso tapete branco no qual eles estavam ajoelhados.

E mesmo assim, Caroline não falou nada. Oh, o coração dela batendo, certo. Mas então, ela sabia, porque ela podia sentir o pulso dele saltar a cada mínimo toque dela. Não, Caroline não perdeu a coragem... Não ainda.

Mas quando ele afortunadamente a navegou para o chão, e ela deitou no espesso tapete branco, tão e macio e quente em baixo das costas dela, com o cabelo esparramado atrás da cabeça dela como um ventilador, e Braden, ainda

ajoelhado – só que agora entre as pernas dela – procurando pelos botões de sua calça, e liberando a parte dele que ela sentiu pressionando urgentemente contra ela...

Foi quando a bravura de Caroline fugiu, como a água foge de um vaso quebrado. Ela simplesmente não podia ver nenhuma possibilidade física para o que estava prestes a acontecer... Bem, acontecer.

Braden, ela podia dizer pelo olhar, não tinha a mínima duvida. De fato, ele parecia inconsciente do ceticismo dela. As mãos dele estavam sobre ela novamente, mas desta vez elas estavam tocando aquele lugar – oh, aquele lugar – ele já tinha tocado antes, mandando ela para uma altura gloriosa. E parecia gloriosa novamente, mas ele não podia pensar que possivelmente... Ele não podia realmente estar planejando...

Mas aparentemente ele estava desde que ele estava se movendo sobre ela, do mesmo jeito que ele tinha feito no balanço noite passada, mas desta vez, ele estava nu, assim como ela, e a sensação da pele dele contra a dela era quase mais do que ela podia suportar, era tão intoxicaste, mas ele não podia, ele realmente não podia-

E então ele estava, e Caroline, sentindo a ponta de algo impossivelmente grande, impossivelmente duro pressionando contra ela naquele lugar, congelou, e agarrou freneticamente os ombros dele, aqueles grandes, e perigosamente fortes ombros, o qual ela estava agarrando por estabilidade quando ele os beijos dele tinham feito a sala rodar em volta dela, e que agora ela estava puxando para chamar a atenção dele.

Ele levantou os lábios do dela – porque embora tudo isto, ele esteve beijado ela como se ele não pudesse parar, como se ele nunca ficasse satisfeito de beijar ela – e olhou para ela, seu olhar estranhamente desfocado.

"O que?" ele sussurrou, e Caroline, embaixo dele, fechou os lábios queimados de barba, dificilmente sabendo como dizer a ele... Não quando ela podia ouvir o coração dele batendo furiosamente contra ela.

Ela não podia dizer a ele. Como ela podia dizer a este homem que ela achava que podia ter algo errado com ele, que ele era excessivamente deformado, e que o ato de amor nunca seria possível entre eles? Isto era obviamente uma mentira, desde que ele tinha evidentemente feito amor satisfatoriamente, apesar de sua deformação, por toda Londres, na ultima década mais ou menos. Talvez fosse ela. Talvez fosse ela que era deformada. Talvez ele tenha sofrido toda a vida de uma doença oculta, e nem mesmo sabia. Talvez ele nunca saberia o que é ter um homem dentro dele, porque nenhum homem, se todos fosse como Braden, caberiam-

"Caroline." A voz de Braden soou estranha, como se ele estivesse lutando com algo duramente. Um rápido olhar para ele – seu rosto, afinal, consumia a maior parte do campo de visão de Caroline – revelou que ele estava rigidamente

apertando sua mandíbula. “O que é?”

“Nada,” Caroline disse, rapidamente. “Apenas...”

Ela o sentiu mover para mais perto dela, a ponta daquela rígida lança cutucando ela onde seus dedos estiveram antes, abrindo ela, movendo rapidamente entre aquele lugar úmido e macio...

E então, como por mágica, ele estava dentro dela. A restrição estava quebrada, e ele escorregou para dentro dela, seduzido pelo inacreditável calor que ele sentiu emanar dela, incapaz de se conter.

Ele queria ter ido lentamente. Ele queria ter sido paciente. Mas suas boas intenções foram derrubadas pelo calor atual. Agarrando ela, ele se moveu só uma polegada... Ou foi o que ele pensou. De uma vez, ele estava enterrado naquele calor escorregadio e úmido, ela endureceu em seus braços, e gritou...

E então ele foi consumido pela culpa, porque enquanto ela só tinha sentido dor, ele tinha sentido o mais magnífico prazer, estava sentindo ainda, com ela envolta dele, mais apertada do que qualquer outra vagina...

Embaixo dele, Caroline abriu os olhos, os quais ela tinha fechado rapidamente quando ele tinha enterrado nela, e piscou como alguém que acordando de um transe. “Desculpe-me,” ele disse esganiçadamente, movendo a mão para o rosto dela, e dando-lhe beijinhos. “Eu sinto tanto, Caroline. Eu te amo tanto...”

Mas Caroline, como se ela estivesse tentando entender algo, respondeu apenas se mexendo embaixo dele... Apenas levemente, mas o suficiente para que ele solvesse o ar, assombrado novamente pelo doce, envolvente calor que prendia ele tão apertadamente. Para Caroline, embora ela não fosse capaz de conter o grito pelo tamanho, e perturbador comprimento com que ele estava completando ela, ela sabia agora que aquelas vezes que ele a tinha tocado com os dedos, e ela tinha sentido um desejo vazio dentro dela, que era isso que ela desejava isto era o que ela estava procurando, quase desde o primeiro momento que ele tinha tocado ela.

Esta realização deve ter aparecido no rosto dela, porque com um gemido abafado, Braden abaixou a boca contra a dela novamente, e começou a se mover dentro dela – e não gentilmente. Ele se movia como um homem que tinha chegado ao limite do seu controle sobre seus instintos básicos, e agora, com a rendição dela, ele estava se abandonado a eles. Ele estava entrando dentro dela, como se com cada golpe, ele pudesse colocar em algum lugar por mais dele dentro dela. Uma de suas mãos enrolada em volta do quadril dela, levantando eles, para que ele pudesse mergulhar mais profundamente entre as coxas dela, sacando ela mais meticulosamente.

E então Caroline, ambos seus braços embrulhados em volta do pescoço dele, sua respiração vindo em arrebentadas arfadas, sentiu seu corpo inteiro ficar tenso, como se ela fosse à corda de um instrumento que um musicista tinha escolhido naquele momento apertar. O coração dele correndo tão rápido, que

parecia poder explodir, ela se pressionou a Braden o mais próximo que ela pode, o deixando completar ela, o deixando saquea-la. E então a corda quebrou, e parecia que ela iria voar em milhões de diferentes direções de uma vez.

Verdadeiramente. Repentinamente, ela estava pairando entre montanhas e planícies, oceanos e áridos desertos, através de salas de desenhos britânicas e templos Japoneses cheios de incensos, arejados palácios Indianos e coloridas tendas Beduínas. Voando, quase literalmente voando através deles, como se ela fosse um passarinho, ou passageira de um tapete mágico. Era inacreditável, a coisa mais inacreditável que ela conhecia.

Até que, com um choque que foi ao mesmo tempo violento e infinitamente gentil, ela estava de volta, e Braden Grandville tinha desmoronado, com um tipo de grito, em cima dela. Eles estavam, ela viu com um choque, na casa de campo dos Stanhope, deitados no tapete de pele de urso polar de Lord Woodson, onde eles aparentemente tinham pertencido um ao outro.

Braden, não respirando particularmente estável, todavia perguntou a ela, com uma curiosa expressão no rosto, "Você esta bem?"

Caroline, seu coração tendo retornado a algo parecido com o ritmo normal, estava ciente que ele, pulsando muito rápido e forte contra seu própria peito, ainda não tinha. Ela esperava que ele não fosse sofrer uma apoplexia, e perguntou preocupada, "Sim, é claro. Você esta?"

Ele pareceu achar a pergunta dela divertida, desde que ele estava sorrindo enquanto esticou o braço e suavemente tirou uns fios de cabelo do rosto dela. "Eu," ele disse, "estou muito bem certamente."

E eles caíram em um silencio mutuo, ouvindo o estalo do fogo e o silvo, e a chuva, que de alguma maneira tinha diminuído, batendo na janela.

"Isto não foi" Braden disse, se desculpando um pouco, depois de um tempo, "exatamente como eu queria que fosse você sabe."

Caroline, muito interessada em ouvir onde o professor tinha errado se levantou sobre seus cotovelos, e olhou para ele animadamente. "Não foi?"

"Não." Braden falou com um pouco de auto-reprovação. "É claro que não. A defloração de uma jovem lady deve ser feita em uma cama, não no chão."

"Deve ser, não?"

"É claro. Você terá que me perdoar, Caroline."

Ela disse gravemente, "Eu certamente tentarei."

"E agora," ele disse, se movendo de cima dela, e procurando pelo seu vestido, o qual estava amassado debaixo dele, "coloque isto – oh, não, talvez seja melhor não, este parece ter absorvido algum, er... Você trouxe outro?"

"Certamente," Caroline disse, observando a evidencia do pecado deles com a sobrancelha erguida. "Lá em cima, no primeiro quarto à direita."

"Muito bom. Fique aqui, e eu vou pegá-lo para você. Depois nos iremos achar um armário, e ver se tem algo que nos podemos jantar."

Caroline, sentindo um pouco letárgica, não fez nenhum movimento para esconder sua própria nudez enquanto ele colocava de volta suas calças. Ela já tinha revelado a ele os mais íntimos segredos de seu coração. Porque na terra ela iria se incomodar em esconder seu corpo dele?

"Não tem serventes," ela informou a ele, se desculpando. "Graças a Deus," foi à rápida resposta de Braden.

"Sim, mas você vê," Caroline explicou, "nos teremos que nos ajeitar na cozinha, E eu tenho que confessar, eu nunca fiz uma refeição na minha vida."

Braden sorriu para ela. "Felizmente para você," ele disse, "eu já."

Era muito tarde quando Braden Grandville olhou para cima do livro de sonetos que ele estava lendo em voz alta e viu que os olhos de Caroline estavam fechados. Os ombros dela subiam e desciam lentamente cada um profundamente, cada vez que ela respirava suas pálpebras fechadas escuramente contra suas bochechas, seu cabelo esparramado em arco âmbar contra o travesseiro.

Sorrindo, ele fechou o livro, e o colocou em cima da pequena mesa ao lado da cama que eles dividiam. Era a primeira vez que o som de sua voz tinha posto uma mulher para dormir. Ele não sabia se sentia insultado ou prazeroso.

Mas Caroline, ele supôs, não era precisamente do tipo que gostava de sonetos. Era muito sensível para ser influenciada por uma poesia. E ela teve um logo, e exaltante dia – embora ela parecesse, pela primeira vez desde que ele a conheceu – realmente feliz. No mínimo, ela parecia feliz o suficiente, sentada na cozinha dos Stanhope, observando-o enquanto ele cozinhava, e depois, enquanto eles comiam.

E é claro depois disto, ela parecia muito feliz certamente, quando Braden, possuído por uma repentina urgência de curvá-la sobre a mesa e violá-la novamente, rapidamente fez isto. Nenhuma palavra de reclamação escapou dos lábios dela... Embora, ele pensou agora, ela pudesse, desde que eles não tinham feito amor em uma cama ainda. Em uma carruagem, em um balanço, em um tapete de pele de urso, e em uma mesa rústica, mas em um colchão ainda não. Ele tinha que retificar isto, em sua primeira oportunidade. Mas Caroline parecia não se importar. Ela se comportava como uma mulher que tinha um peso tirado dela. Tinha ido aquela veia de preocupação que ela parecia usar quase constantemente durante a relação deles. Era como se, dizendo finalmente aquelas três palavras – aquelas palavras que ele evitou tanto dizer a qualquer mulher, até Caroline – ele tivesse destampado uma garrafa, e uma Caroline completamente diferente tivesse saído dela.

Uma Caroline muito diferente, esta parecia não ter preocupação com o mundo. Não mãe reclamando, não julgamento dos amigos, não casamento próximo. Ela não sabia, é claro, sobre o recente encontro com a morte do irmão dela – e Braden certamente não ia contar a ela. O conde estava se recuperando

bem e estava seguro na casa de Braden em Belgrave Square, com Crutch e Weasel e o resto da equipe de Braden olhando por ele, melhor do em qualquer outro lugar. Braden não teve nenhum receio de deixá-lo lá. O seu único desconforto nesse conhecimento era ter que manter a ultima aventura de Tommy longe de Caroline...

Mas como ele podia dizer a ela, quando ele sabia que a informação a mandaria correndo de volta para Londres? Ele iria contar a ela pela manhã, ele prometeu a si mesmo. Por agora, ela a deixaria feliz esquecendo sobre o futuro, e esquecendo sobre o passado, e vivendo inteiramente o momento.

Que era, considerando o que o futuro mantinha para eles, quando eles retornassem a Londres, a uma opção real.

O olhar dele não se afastou do rosto adormecido de Caroline, Braden guardou o livro de soneto e atravessou a cama para erguer um fio do sedoso cabelo dela, o qual ele examinava á luz do candelabro. Quem teria imaginado, ele meditou, que em baixo daquela aparecia inocente havia uma profundidade de paixão, tão sensual, que ele – Braden Grandville, o Lothario de Londres – tinha ficado pasmado?

Foi com esse pensamento que Braden apagou o candelabro da mesinha de cabeceira e se deitou, envolvendo os braços ao redor de Caroline, e envolvendo seu corpo contra o dela, pensando sobre a maciez do cabelo dela, o qual estava espalhado através dos dois travesseiros.

Um segundo depois, a voz de Caroline soou no escuro. “Braden?”

“O que é?”

“Eu suponho que há muitas outras formas,” ela disse, sonolentamente, “de fazer... o que nos fizemos, mais cedo esta noite.”

Ele piscou no escuro, sem certeza se ele tinha ouvido direito. “Fazer amor, você quer dizer?”

“Sim. Eu acho que nós devemos tentar elas.”

Braden não era usualmente tão devagar, mas tinha sido um longo dia, eles já tinham feito amor duas vezes – se for assim que alguém pudesse chamar a relação deles, que parecia para ele mais uma explosão de um longo alivio de paixão, particularmente quando se trata de Caroline, que atinge o clímax com mais rapidez do que qualquer outra mulher que ele já conheceu. Ele perguntou, “Tentar o que?”

Os olhos dele ainda não tinham se ajustado ao escuro, ele viu Caroline virar a cabeça na direção dele. Ele não podia, é claro, decifrar a expressão dela, mas a voz dela carregava todo o seu espanto diante da lenta compreensão dele.

“Bem, todas elas,” ela disse.

Ele piscou. Então piscou de novo. “Oh,” ele disse. “É claro.” E esticou o braço, determinadamente, para puxar os lençóis...

Mas Caroline tinha rolado, com um suspiro contente, e um “Bom,”

pronunciado em sua voz sonhadora. Um segundo depois, ela estava dormindo novamente, um braço enrolado possessivamente no meio dele.

Braden, sorrindo para si mesmo no escuro, deitou contra o travesseiro, e fechou os olhos.

Capítulo 33

Caroline acordou com um estalo.

Duas coisas bateram-na ao mesmo tempo como se estivessem terrivelmente erradas. A primeira foi que a luz solar atravessava as cortinas, indicando que ele já era bastante tarde no dia. Considerando o hábito de Caroline de acordar antes oito para montar, isto era perturbador.

Mas mais mesmo perturbador foi a segunda coisa que ela notou. E isso parecia ser um grande homem nu na sua cama.

Mas depois de tirar um pouco do sono dos seus olhos, Caroline foi capaz de ver, por um relance ao relógio de ouro na cornija de lareira, que tinha acabado de passar das dez. E o homem nu, ela percebeu, como as memórias da noite anterior que vieram submergindo, não era nenhum outro do que Braden Granville.

Braden Granville, com quem, ela lembrou, ela tinha-se comportado escandalosamente. Braden Granville, que lhe tinha dito não uma vez, mas várias vezes em todas as partes da noite, e muito enfaticamente, que a amava.

O que é mais, ele também a tinha informado, bastante sem parecer como se ela tivesse o dito isso mesmo -Emily ficaria chocada — que eles iam se casar.. Que ele não ia se enforcar como alguém disse, ou quantas pessoas eles chocaram. Que ele obteria uma licença especial amanhã, e que eles iam se casar no dia seguinte disto, e seria o fim disso.

E tinha parecido tudo muito bem na noite passada. A noite passada tinha sido a mais maravilhosa noite da vida inteira de Caroline. Ela tinha sido transformada, como se por magia, em outra pessoa, uma criatura corajosa e lasciva, bastante diferentemente do normal dela mesma. E tinha parecido tudo muito bem na noite passada. A noite passada tinha sido a mais maravilhosa noite da vida inteira de Caroline. Ela tinha sido transformada, como se por magia, em outra pessoa, uma criatura corajosa e lasciva, bastante diferentemente do normal dela mesma.

Mas na luz clara do dia o encanto se quebrou. Ela era ela mesma de novo. E ela sabia muito bem que não importa quantas vezes Braden Granville declarou que seria o fim disso, nunca haveria um fim para isso. Como poderia ser?

Porque mesmo se ele realmente conseguisse adquirir uma licença especial hoje, e eles se casarem amanhã, o que ia acontecer no dia depois disto?

Caroline sabia perfeitamente bem o que ia acontecer. Sua mãe ia a ter uma apoplexia. O soldado raso nunca ia falar-lhe novamente. E Hurst ia ser terrivelmente, irrevogavelmente magoado.

E ela seria conhecida em todas as partes de Londres como a menina que tinha dado o fora no Marquês de Winchilsea.

E não adiantava dizer que o marquês tinha dado o fora nela primeiro. Não era o mesmo, Caroline sabia, quando um homem o fazia. Era um de tópicos favoritos de Emmy, aquele que ela frequentemente decidia subir, especialmente em jantares exclusivos onde ela podia estar segura de haver abundância de namoradores presentes: Por que era que um homem podia ter muitos romances ilícitos como ele e não sofrer a mínima mácula social. Mas quando era uma mulher, ela era socialmente arruinada?

Que era o que Caroline era agora. Arruinada.

Foi ainda bem, possivelmente. Hurst nunca a tomaria agora, nem mesmo em uma travessa de prata. Ela esteve usada, sujada, o brinquedo de outro homem. Somente pensando sobre em como ela tinha sido usada fez com que Caroline puxasse a folha por cima da sua cabeça para esconder as bochechas ardendo.

Oh, Senhor, o que ela tinha feito?

Ele não serviria para dizer a ela que ela não tinha feito nada pior do que o marquês tinha-lhe feito. De qualquer maneira, ela sentiu que o que ela tinha feito era pior. Hurst tinha sido um amigo leal e fiel a Tommy, o melhor que alguém pode pedir. Mesmo se ele tinha tido um caso de amor ilícito com Lady Jacquelyn Seldon- mesmo que ela agora soubesse que os seus beijos tinham sido imitações pálidas, patéticas da verdadeira coisa, os sussurros carícias sem sentido em comparação com as admissões de arrancar a tripa que Braden tinha feito, em uma voz que tinha murchado para sempre aquelas palavras sobre a sua alma — ele não merecia ser tratado desse jeito.

Eles não poderiam, Caroline percebeu, simplesmente fugir. No mínimo, ela teria de escrever para sua mãe. Ela não pode arriscar causar a apoplexia de Lady Bartlett. E Thomas,

também, ia precisar de uma carta de explicação e desculpas. E Hurst... Oh, Hurst! O que ela poderia dizer para tornar isso melhor para ele?

Arruinada. Ela estava arruinada. Caroline Linford, que até a noite anterior tinha sido possivelmente a menina mais virtuosa em toda de Inglaterra, agora decididamente não era mais. E o que foi mais, ela tinha sido pedida em casamento pelo caçador de saias mais notório na cidade, o Lothario de Londres, Braden Granville.

Era simplesmente demais para acreditar. Não pode ser verdade possivelmente. Mas ela tinha evidência dele aí mesmo na cama junto dela.

Ela tinha começado a sair da cama para procurar por caneta e papel, para que ela pudesse começar as cartas de desculpas de uma vez, mas foi distraída quando notou que ela apertou o todo o lençol que os tinha coberto, para que Braden Granville se ponha completamente exposto ao seu olhar fixo... exposto e muito gloriosamente nu.

Caroline, que nunca tinha visto um homem nu antes — bem, a menos que uma contasse o breve vislumbre da noite anterior, quando ela estava preocupada demais para olhar bem. - estudando aquilo com algum medo. Os homens eram, ela sempre soube, um pouco diferentes das mulheres. Mas precisamente como diferente, ela nunca tinha tido ocasião de explorar. Mas agora Caroline viu estas diferenças essenciais, e sem nenhum alarme. Braden Granville não era conhecido como um homem bonito. Caroline sabia disto. Mas enquanto o seu rosto não poderia ter sido mais atraente do que muitos, para o gosto comum, de longe muito saturno e meditativo, com um nariz que tinha sido obviamente quebrado não uma vez, mas várias vezes, e aquela cicatriz, aquela cicatriz branca total, que cortava a sua testa — que simbolizava tudo que era masculino e, embora ela soubesse que ela não deveria admiti-lo, prazeroso.

Como poderia ela não apreciar o tamanho impressionante daqueles bíceps, que até dormindo pareciam ameaçadores? E aquela camada escura de cabelo que gira através do seu peito, então se abre em leque ao longo daquele estômago muscular chato, para tornar-se espesso em um ninho entre as pernas, onde põem o objeto fascinante que tinha permitido a Caroline tanto prazer na noite anterior. O seu olhar foi naturalmente, imediatamente para ele, e não somente porque o cabelo no seu torso pareceu afilar-se em uma flecha que apontou para ele. Realmente era o órgão mais extraordinário. Fitando nele no seu estado relaxado, Caroline perguntou-se como ela poderia tê-lo examinado alguma vez com a inquietude que ela tinha. Em repouso, parecia quase... Bem, inofensivo.

De fato, Caroline encontrou-se quase não acreditando que uma coisa relativamente tão pequena pudesse viajar em balão a tais proporções enormes. As suas cartas de desculpas esquecidas por enquanto, ela estendeu a mão, tentadoramente— depois de lançar os olhos rapidamente à face de Braden, para assegurar-se que ele ainda dormia — e o tocou. A sua curiosidade afiou, ela quis só a... Bem, ela não estava em absoluto segura do que ela queria.

Mas certamente não foi o que ocorreu, que foi que a coisa começou a crescer. Caroline, lançando um relance nervoso às pálpebras fechadas de Braden, rapidamente mexeu a sua mão pra longe. Mas era tarde demais. Era muito tarde.

E logo ela pulou novamente, desta vez com um latido, quando uma de mãos de Braden fechou por cima do seu pulso. Olhando-o com olhos grandes e assustados, ela viu que ele estava totalmente acordado, e sorrindo para ela na maneira mais inquietante.

“Bom-dia,” ele disse, em uma voz que era mais profunda do que o habitual, e ainda brusca por causa do sono. “O que você estava fazendo?”

Caroline disse, com a inocência de olhos arregalados, “Nada —”

Mas a palavra terminou em uma nota de alarme quando Braden agarrou a sua mão livre, e logo a levantou em direção a ele, não a soltando até que ela descansasse em cima dele. “Agora,” ele disse, como se a sua conversa da noite

anterior não tivesse sido interrompida por nove horas do sono. “O que,na noite passada, você disse que queria tentar?”

Caroline ruborizou. Não somente, é claro, porque foi a larga luz do dia, e ele referia-se a coisas que a maior parte de pessoas, ela sabia, não discutiam nem embaixo do capote consolador da noite, mas também porque ela pode sentir que o órgão que ela tinha despertado, longo e grosso embaixo dela.

“Eu” ela começou a dizer, mas foi tudo que ela falou, antes que ele alcançasse e trouxesse a sua boca sobre a dela.

E logo, realmente, a conversa ficou impossível, porque a sua língua fazia uma inspeção abarcadora do interior da boca dela, como se ele suspeitasse que ainda poderia haver um país desconhecido lá. O que estava muito bem para Caroline, tendo em vista que ela descobriu que não tinha muita vontade de falar, de qualquer maneira. Não quando os dedos dele levantavam a bainha da sua camisola, as suas mãos que descem, o comprimento das suas coxas, através dela a barriga chata, ao longo das suas costelas, e logo os seus peitos, para importunar os seus mamilos na mesma dureza pronta que ela ia

— embora inocentemente- importunado ele.

O que era isso, ela se perguntou, na pequena parte da sua mente que foi ainda capaz de pensar quando as mãos de Braden Granville estavam nela, que a fez ficar tão fraca ao toque mais leve deste homem? Ele só teve de beijá-la, e ela sentiu uma onda de desejo por ela que foi tão violenta que a deixou tremendo umidamente na sua vigília. Mesmo agora, ela pode sentir que a tensão familiar, que umidade faladora, entre as suas pernas que significaram que ela esteve pronta para ele, e tudo que ele tinha feito era beijado ela. Bem, a beijado e tocado lá, e lá, e, oh, lá...

E logo, as suas costas arquearam com o prazer, os olhos meio-cobertos de Caroline voaram abertos. Porque ela tinha percebido que ela estava tão pronta para ele, que ele estaca já a meio caminho dentro dela, e ela não tinha até notado, que estava molhada. E logo as mãos dele deixaram os seus peitos, e ajustaram-se em vez disso nos seus ossos de quadril.

Manteve-se a segurando, o olhar dele nunca deixando o dela, ele a introduziu completamente, e ela sentiu. Senhor, ela sentiu: ela estava cheia dele, mais dele, ela poderia ter jurado, do que havia sido na noite passada.

E logo ele movia-se, com lentidão deliberada, ainda mantendo os seus quadris, guiando-a. Caroline não pode deixar de respirar na espessura rígida dele como ele aliviou primeiro em, então fora do seu núcleo apertado. Mas lá era bastante liso lá que ele não doeu... De fato, ao contrário. Caroline sentiu a mesma excitação que ela tinha experimentado na noite anterior. Ela mexeu sua mão através do seu peito peludo, para que ela pudesse sentir que o seu coração batia abaixo da sua palma. Como ela tinha suspeitado, ele tamborilava com a mesma urgência que o dela próprio.

Então Braden puxava a sua camisola impacientemente por cima da sua cabeça.

“O que,” ela exigiu, de dentro das suas pregas argênteas, “você está fazendo?”

Ele teve sucesso na libertação dela da tenda franzina, e lançou-o ao soalho, antes de levantar ambas as mãos aos seus peitos novamente.

“Quero,” ele disse, em uma voz tão gutural com o desejo, Caroline quase não o reconheceu, “ver...”

Ver onde eles foram juntados em conjunto, Caroline rapidamente percebeu seguindo a direção do seu olhar. Ela teria ruborizado pelo embaraço, mas, abaixando as mãos dele nos seus quadris novamente, e pressão dela contra ele, ele apressou os seus impulsos nela, e ela deixou sair um pequeno gemido, em vez disso.

E então o cabo brilhante da luz solar que tinha encontrado o seu caminho pela parte nas cortinas pareceu se enrolar em volta dela, engolfando-a em um abraço caloroso. E ela não se lembrou no mínimo, porque isso que sentiu era tão delicioso. Ela pode sentir os raios de sol muito pequenos que a lambem do escalpo da sua cabeça aos fundos dos seus pés, e cada polegada dela ficou tensa, deleitando-se com a sensação erótica.

E logo ela desmaiou contra o peito de Braden, perfeitamente passado.

Braden, contudo, não foi. Repentinamente, ele tinha-a derrubado e, sem faltar a um golpe, impulsionado nela tão forte, ela pensou que ele poderia quebrar a cama, em vista que ela tinha aprendido por agora que ele não pode quebra (Caroline no caso)

E logo ele, também, com um tremor convulsivo e um grito rouco, desmaiou, bastante pesadamente, sobre Caroline.

“Braden?” ela disse, pouco depois, quando ele não se moveu. Ela sabia desta vez que ele não tinha sofrido uma apoplexia, porque ela pode sentir que o seu coração batia muito de fato contra o seu peito.

Ele inclinou-se para os seus cotovelos, que foi um alívio, desde que Caroline tinha temido que o seu o peso superior poderia esmagá-la. “Sim?” ele perguntou, em tons preguiçosos. Ela olhou nos seus olhos escuros. Eles sorriam-lhe, tanto como os seus lábios. Ele pareceu muito diferente do que ele era quando ela o tinha pela primeira vez, naquela noite em Dame Ashforth, quando ele tinha usado uma carranca tão assustadora, parecera tão aborrecido. Ele parecia muito mais jovem agora, mais feliz, e mais relaxado. Era isto, Caroline perguntou-se que o seu marido ia parecer? Se fosse, ele ia ser bastante difícil para ela desembaraçar-se do que ela tinha pensado alguma vez.

“Nada,” ela disse.

“É isso?” Ele levantou uma sobrancelha nela. “Isto é tudo que você tem de dizer? “Nada? “” Percebendo que ela deve ter soado uma tola, ela tentou, "Tem alguma coisa pro café da manhã, você acha?"

O sorriso alargou-se, tanto nos seus olhos como nos seus lábios.

"Vejo que você permanece obstinadamente não impressionada pelas minhas habilidades de fazer amor" ele disse. "Vou ter de retificar este problema de uma vez."

Capítulo 34

E então tudo tinha acabado.

Era Braden sabia, sua própria culpa. Ele deveria ter insistido em levá-la de lá de uma vez. Ele deveria te-la levado para Bath, Brighton, qualquer lugar. Qualquer lugar que ela não pudesse ser seguida.

Mas era a primeira vez dele. Não com uma mulher, certamente, mas a primeira vez dele com uma mulher cuja mera presença preenchia seu coração e mente, não havendo lugar para nada mais... Pensamentos racionais, aparentemente, inclusos.

Se ele tivesse pensando racionalmente, é claro, ele teria percebido a absoluta necessidade de remover Caroline Linford de uma vez de onde sua família pudesse achá-la. Mas nenhum homem, ele se consolou depois – um pequeno pensamento de conforto – poderia ter retaliado sua sagacidade quando se depara com a deliciosa descoberta que a mulher que ele adora que era a poucas horas atrás completamente virginal, queria a fazer a amor como um peixe na água.

Não era o tipo de coisa que um homem – pelo menos um homem como Braden – poderia ignorar. Mesmo se ele tivesse assinalado o que viria depois, ele duvidava que poderia ter feito algo diferente. Ele estava drogado pelo amor. Ele se excitava ao menor toque dela.

Ele se sentia intoxicado simplesmente pelo som da voz dela. Ele tinha se apaixonado pela primeira vez na vida, e tinha se apaixonado feio.

Como ele poderia ter imaginado que aquele bastado chorão não iria seguir suas ordens? Ele deveria saber, é claro. Ele deveria ter se lembrado que ali estava alguém que o diabo assustou mais profundamente, alguém cujos métodos eram mais brutais do que os de Braden.

Mas Braden tinha despachado aquele individuo em particular. Ele não tinha, é claro, escolhido compartilhar aquilo com o marques. E aquilo tinha sido outro erro. Ele tinha subestimado o homem. Vastamente, grosseiramente subestimado ele.

E por causa disso – deste único e simples erro – ele perdeu tudo.

Ainda mais desesperante que isso era que quando isto veio à tona, ele estava perfeitamente despreparado. Ele estava fazendo café da manhã – café da manhã! – quando aconteceu.

Eles estavam na cozinha. Caroline tinha sofrido a manhã toda com culpa na consciência; Braden reconhecia os sinais, embora ele não soubesse o que fazer sobre isso, alem de se curvar e beijar a linha de preocupação que algumas vezes

apareciam em sua macia testa. Quando eles faziam amor, era diferente. Então todos os problemas dela desapareciam, como por magia. Era quando eles não estavam fazendo amor que ela parecia se tornar consciente da gravidade do que ela tinha feito.

Ele tentou racionalizar com ela, dizendo que todo mundo iria entender eventualmente – embora ele não pudesse, é claro, dizer a ela por que. Ele tinha prometido para o irmão dela que ele não iria mencionar a aposta, e especialmente os dois atentados contra a vida dele. Ele só podia esperar que o conde acertasse as coisas com sua irmã em seu tempo. E Caroline estava tentando, ele podia ver colocar bravura em seu rosto. Mas ela não estava acostumada a ir contra os desejos de sua família. Pequenas rebeliões, certamente: seus cavalos, a ajuda a causa de Emily, suas aulas escondidas de como fazer amor. Mas este tipo de atitude era claramente incomum para ela.

E embora ele não gostasse que ela ficasse infeliz, ele sabia que não a amaria metade do que ele a amava se ela fosse insensível o suficiente para não ligar. Lady Bartlett era manipuladora, Thomas era descuidado, e o noivo dela um idiota miserável, mas Caroline amava cada um deles, do modo dela, e o pensamento de causar dor a eles a chateava.

E então ele tentou fazer esquecer de seus problemas com palhaçada, lançando os ovos na frigideira que ele segurava – uma habilidade que a mãe dele tinha ensinado antes de morrer – jogando-os o mais alto que ele podia, em uma esperança que eventualmente uma grudasse no teto, e especulando o que diria quando a cozinheira do Lord Woodson retornasse, e encontrasse ovos fritos no teto.

E parecia que ele estava sendo bem-sucedido, pelo menos um pouco, em animar Caroline, desde que ela riu da palhaçada dele, e até tentou manobrar a frigideira. Nenhuma mulher pertencente à chamada Sociedade Educada teria se juntado a um jogo tão idiota, estas ficariam pardas e zombando dele, o surpreendendo inteiramente. Dentre as supostamente mulheres da aristocracia que ele conheceu antes de Caroline, apenas Jacquelyn tinha mostrado uma pequena faísca de humor, o que tinha diferenciado ela das demais das paralisadas socialites do nível dela. Mas a sagacidade de Jacquelyn tinha sempre sido mais cara que a dos demais, as ideias dela eram frequentemente tiradas de – mas nunca criada por ela mesma – escritores populares e políticos.

Caroline Linford, por outro lado, ria fácil e frequentemente, e dizia exatamente o que ela estava pensando, não pegando emprestado de ninguém. Ele soube no primeiro momento que ela tinha descrito seu método inotordoxico de suporte ao movimento das mulheres que Caroline era original, diferente de qualquer outra mulher que ele já tinha conhecido antes. O que ele nunca suspeitou de como ela eventualmente iria exercer um poder sobre o seu coração.

Foi por isso, que quando a companhia da entrada de servente soou no meio da

sua preparação do café da manhã, ele teve um mau pressentimento. A casa estava silenciosa. Quem poderia estar batendo?

Caroline que estava segurando a frigideira, seus braços em volta dela enquanto ele a mostrava como balançar a frigideira só o suficiente para que o conteúdo voasse. Ela deve ter sentindo a tensão dele com o som, desde que ela olhou para ele, os seus olhos marrons já profundos pareciam um pouco mais escuros, e disse, suavemente, "Eu atendo." Ele pegou a panela, movendo para longe dela para que ela não percebesse como ele estava profundamente desconfortável. Os músculos de seu estomago estavam rigidamente apertado, e os músculos de sua mandíbula já estavam pulando com a emoção de surpresa.

"Não," ele disse, sucintamente, abaixando a frigideira. "Eu vou. Você fica aqui."

Mas Caroline o surpreendeu. Ela puxou alguns fios de cabelo grudados em se rosto e disse determinadamente, "Não, eu vou. Estou certa que é uma mensagem da minha mãe."

E foi bravamente para a porta da frente.

Este foi seu segundo erro. Seu primeiro, de não retirada de uma vez da propriedade dos Woodson, podia ser perdoável. Mas o fato dele não ter pensado em interceptar qualquer mensagem de Lady Bartlett definitivamente não foi.

Porém, ele deixou a frigideira de lado e seguiu ela ate a porta, só em caso de não ser um servente com uma mensagem da mãe dele, mas um daqueles criminosos malvados que ela tinha mencionado, e de quem ela precisava de proteção.

Era, entretanto, apenas Violet.

"Oh, olá, sir," a garota disse, animando-se perceptivelmente quando ela o viu. Se passou pela cabeça da empregada se perguntar o que sua senhora estava fazendo, entretendo Braden Grandville na casa de campo vazia de sua amiga, isso aparentemente não a incomodou. Ela sorriu alegremente para ele.

Caroline, entretanto, estava longe de sorrir enquanto ela lia o conteúdo da carta que Violet tinha acabado de trazer.

"Caroline," ele disse, o mau pressentimento que ele teve desde que ele ouviu a campanhia se tornou um grande alarme diante da expressão chocada dela. Ele não podia imaginar o que a mãe dela tinha escrito. Algo sobre Thomas, ele supôs. Braden tinha instruído o garoto a não sair da casa dele até que fosse considerado seguro ele fazer isto pelos homens que Braden tinha colocado na cola do The Duke e do marques. O garoto tinha tido problemas? Outro desastre teria acontecido com ele?

"O que-" ele começou a perguntar, mas quando ela virou o olhar em direção dele, ele viu aqueles olhos marrons cheios de lagrimas – e um olhar de traição, ele esteve próximo a gritar.

"Como você pode?" Caroline perguntou, em uma voz arrasada. "Como você

pode?" Braden não podia honestamente dizer que ele não tinha ideia do que ela estava falando. O que ele não podia imaginar era como a mãe dela, entre todas as pessoas, tinha descoberto.

"Como eu pude o que?" ele perguntou, cuidadosamente.

"Como você pode atirar em Hurst?" Caroline lamentou, se atirando no assento mais próximo, e a carta amarrotada no chão. "Quando você prometeu que não iria?"

Braden, consciente que Violet ainda esta parada no portal da porta, piscou confusamente para elas, andou em direção da empregada, e colocou a mão em seu braço.

"Você se importaria," ele disse, fechando a porta gentilmente, "esperar lá fora um momento?"

Violet, ainda encarando sua senhora soluçando, murmurou, "Oh, mas Lady Bartlett disse que eu a buscasse de uma vez-"

"Só alguns momentos de privacidade, por favor," Braden disse.

Ele fechou a porta assim que ele conseguiu satisfatoriamente navegar Violet através dela, então se abaixou e pegou a nota descartada. Alisando o papel, ele encarou a letra forte e enlaçada de Lady Bartlett.

Caroline, a mãe dela escreveu Seu irmão não voltou para casa noite passada ou na noite anterior. Quando eu fui procurar por ele no Lord Winchilsea, eu encontrei o marques sofrendo de uma bala dado pelo seu "amigo" Mr. Grandville. Seu Hurst esta gravemente ferido. Eu não posso imaginar o que aquele horrendo homem estava pensando. E eu ainda não tenho nenhuma palavra de Tommy, e só posso supor o pior – ele foi para Oxford afinal. Tudo esta uma confusão. Venha para casa de uma vez. Pettigrew teme que as palpitações do meu coração possam se provar fatal desta vez.

Mãe.

Braden sentiu algo se apertar dentro dele, e percebeu, com uma sensação de ruína, que ele estava sentindo algo que ele não sentia em muito, muito tempo.

Era medo.

Ele tinha se envolvido, em sua vida, em cada tipo concebível de problemas – geralmente com pistola, mas ocasionalmente sem. E ele não era um estranho com a variação feminina. Ele tinha, ele sabia quebrado mais corações do que ele gostaria lembrar.

Mas estas mulheres foram facilmente aplacadas, usualmente com um bracelete de diamante ou brincos.

Mas o coração de Caroline, que era mais precioso que o seu próprio, não era tão facilmente remendado.

Ele tentou uma desculpa.

"Caroline," ele disse, sabendo que seu desespero era aparente em sua voz. "Desculpe-me. Mas para constar, ele sacou a pistola primeiro. Eu tive que me

defender-“

Caroline levantou o rosto do seus braços. Ele estava alarmado com o reluzente caminho que as lagrimas tinham feito ao longo de sua bochecha. “Você prometeu para mim que não faria.” Ela disse, com um soluço. “E então você foi em frente e fez.”

Braden, com confusão temperando seu medo, se sentou no assento ao lado dela, e colocou a mão em seus ombros que tremiam. “Caroline, querida, do que você esta falando? Eu nunca te prometi nada sobre-“

Ela se soltou de seu aperto, e do seu alcance, antes que as palavras estivessem completamente fora de sua boca. Ela parou no meio da entrada, seu peito respirando profundamente em baixo do vestido branco, lagrimas saindo de seu longo cílio. “Você tinha,” ela o acusou. “Você tinha prometido! A única razão para eu não ter te contado quem eu tinha visto com Lady Jacquelyn era porque eu sabia que você faria algo como isto, e eu não poderia suportar-“

Em um flash, Braden deixou o assento também, diminuindo a distancia entre eles com dois passos largos.

“Sobre o que você esta falando?” Ele segurou os ombros dela, mas desta vez não para confortar ela, mas para mantê-la em um lugar em que ele pudesse olhar dentro de seus olhos.

“Você sabe perfeitamente bem do que eu estou falando.” Caroline olhou para ele, e ele percebeu que as lagrimas parcialmente tinham desaparecido. Havia lagrimas de raiva também. Ela estava brava com ele. “Hurst e Jacquelyn. Como se você não soubesse. Como você descobriu? Você a fez te contar, eu suponho. Eu espero – eu espero que ela o ame melhor do que isto.”

“Hurst?” perplexo, ele balançou a cabeça. Então a compreensão começou. “Foi com Hurst que você viu Jacquelyn aquela noite?”

“É claro que foi” Caroline disse, com raiva. “Não aja como se você não soubesse. Porque mais você teria atirado nele se você não soubesse?”

“Você esta tentando me dizer,” ele disse se inclinado para olhá-la nos olhos, “que quando você se voluntariou para agir como minha testemunha, era com Hurst que você tinha visto Lady Jacquelyn?”

“É claro.” Caroline olhou para ele através das lagrimas. “Porque mais você acha que eu não quis falar o nome dele? Eu não queria vê-lo baleado. Eu sabia tudo sobre você e suas armas. Você acha que pistolas é a solução para todos os problemas, não? Bem, elas não são. Elas são malignas e erradas. Elas machucam as pessoas. Você acha que eu queria que a irmã do Hurst – ele tem uma, você sabe – passe pelo o que eu passei quando Tommy... quando Tommy...” Ela quebrou em um soluça. Braden, se sentindo assustado de novo, tentou por seus braços em volta dela, aproximá-la –tudo, tudo para que aquelas lagrimas de raiva parar – quando uma nova onda delas começaram, e ela esmurrou o peito dele. “Mas você foi lá e atirou nele de qualquer maneira! Há quanto tempo você sabe?

Você deve ter rido de mim todo este tempo..."

Ele só podia olhar para ela, perfeitamente perplexo pelo o que ela tinha dito. Hurst? Tinha sido Hurst quem ela viu com Jackie na Dame Ashforth? Hurst Slater era o amante fantasma de Jackie, o homem por quem Weasel tinha sido apunhalado? O cara que podia entrar nas sombras e desaparecer era ninguém menos do que o marques de Winchilsea?

Se não tivesse sido pelas lagrimas de Caroline, e pela traição que ela se referia a ele, ele poderia ter rido alto. Porque, repentinamente, como se uma cortina tivesse sido levantada, Braden podia ver. Ver tudo, de fato.

O amante fantasma de Jackie, quem eles tiveram tanto trabalho para identificar, que não esta se escondendo apenas de Braden Grandville. Slater estava também se esconder de Seymour Hawkins.

Não havia a menor duvida que ele esteve tão desesperado que deixou escapar a detecção. Que o homem que apunhalou Weasel só podia ser um dos homens de Hawkins, mandado para seguir o marques, que tinha desaparecido de Oxford no mesmo tempo que o conde de Bartlett tinha sido baleado. Hawkins, que não gosta de finais soltos, deve ter percebido que o jovem conde que tinha acusado ele de estar roubando ainda estava vivo, e iria querer falar – não com as autoridades, é claro: o conde não iria querer chamar atenção para seu habito de apostar. Mas ele certamente falaria para seus amigos, o que iria ferir os negócios de Hawkins.

E então Hawkins tinha apontado alguém para terminar o serviço.

Mas não teria satisfeito o distorcido senso de justiça do The Duke mandar qualquer um matar o conde. Não, tinha que ser o Slater, para ensiná-lo a não colocar seu nariz onde ele não pertencia, e por ter arrastado Thomas Bartlett de volta da porta da morte.

O conde, é claro, não foi capaz de dizer a Braden que tinha sido Slater quem atirou nele na noite anterior. Mas ele tinha suspeitado de seu amigo para fazer de tudo para evitar ele no final das contas.

E aquilo tinha incentivado Braden a fazer uma visita social ao marques.

Ele não sabia, é claro, como as coisas iriam ocorrer entre ele e Caroline. Mas ele sabia que não ficaria sentado ociosamente e permitir que o irmão da mulher que ele ama seja morto

– e possivelmente pelo próprio noivo dela.

E então ele tinha isso ao quarto que o Marques de Winchilsea alugava e sugerido – meramente sugerido – que se ele desse valo a sua saúde, Hurst Slater deveria querer deixar a cidade por um prolongado período de tempo.

Por dizer, um ano.

Uma sugestão que o marques tinha recusado. Mais do que recusado, de fato. Ele tinha descartou a ideia, e foi para sua arma, aparentemente pensando que se livrar de Braden Grandville era a melhor alternativa.

E Braden tinha sido obrigado a sacar sua própria arma – a que ele trouxe com

ele para o caso da gentil persuasão se provasse inefetiva com o marques.

Bem, que escolha ele tinha, realmente? O homem esteve a ponto de atirar nele! E tinha sido apenas um ferimento leve. Braden tinha tido cuidado sobre isso. Ele podia ter ferido o cara um pouco mais seriamente, mas ele não tinha, só porque o idiota tinha salvado o irmão de Caroline uma vez.

Realmente, ele tinha racional, ele pensou. Ele o que ele tinha oferecido ao marques era justo. Exilo, era melhor que encarcerarão ou morte. Braden podia, ele tinha apontado para o marques, tê-lo levado a autoridade – a mesma autoridade a quem ele tinha enviado uma nota falando que Seymour Hawkins poderia ser achado operando apostas perto de Oxford, o exato endereço que ele tinha pego com Thomas.

Mas Braden tinha deixado de fora esta tentadora informação.

E aquele foi outro erro. Porque aparentemente havia uma força maior que Braden da qual Hurst Slater estava assustado. E desde que ele não sabia que esta força – Hawkins – estava prestes a ser apreendido, o marques fez exatamente a coisa errada:

Ele tinha ficado em Londres. E ele tinha falado.

E se a carta amassada na mão de Caroline fosse alguma indicação, ele tinha falado com Lady Bartlett.

A ironia disto tudo era que a ultima coisa que Braden tinha feito era levar isto para a justiça. Caroline tinha problemas suficientes sem adicionar a eles seu noivo sendo encarcerado. Isto, ele sabia, ela nunca poderia suportar.

Não, era melhor o sujeito simplesmente desaparecer do que ser arrastado para a corte. Mas isto foi o que ele escolheu ao invés. Ficar e lutar. Uma decisão idiota em circunstâncias normais. Ninguém lutava contra Braden Grandville e ganhava.

Exceto que Hurst Slater tinha uma arma contra a qual Braden não tinha a menor defesa. Caroline.

“Você esta me machucando,” Caroline disse, tentando tirar os dedos dele de seu ombro. Ele deixou ela se soltar.

“Caroline, você tem que acreditar em mim.” Ele a seguiu. Por alguma razão, ela tinha ido para a porta. “Eu não tinha ideia. Você esta errada se acha que tinha alguma coisa a ver com Jacquelyn. Eu fui falar com seu noivo, mas-“

“Não.” Ela balançou a cabeça. Ainda havia lagrimas descendo pelas suas bochechas, mas ela estava parada na porta com os ombros erguidos, tão determinada como ele sempre a tinha visto. “Eu estava errada, certo, mas não sobre isto. Isto foi um erro. Você é o Lothario de Londres, afinal de tudo. Eu deveria saber que isto era só um grande jogo para você.”

“Um jogo?” ele ecoou sua voz quebrando.

“Sim, um jogo,” Caroline disse. “Todo este tempo, você sabia que Hurst era quem estava com Jackie, e você queria revanche. Bem, você conseguiu agora, não? Você foi para cama com a noiva dele, do mesmo modo que ele foi para

cama com a sua. E depois você baleou ele."

"Caroline." Ele só podia encará-la com horror. Ela não era ele pensou, a mesma pessoa que ela era meia hora agora. Repentinamente, ela tinha se tornado alguém que ele nunca encontrou. Ele supôs que ela sentia o mesmo. "É realmente isto que você acha?"

"Bem, o que mais eu pensaria? Porque mais você teria feito isto, Braden? Porque mais você teria atirado no meu noivo?"

"Eu te disse. Ele sacou a arma primeiro..."

"Por quê?" A voz de Caroline estava dura. "O que você estava dizendo para ele, Braden?" "Caroline-"

"Diga-me."

Em uma pequena parte dele – uma parte isolada da situação presente – uma voz sussurrava para ele, Então é assim que você se sente. É assim que você se sente quando tem um coração quebrado. Ele já tinha ouvido a sensação descrita varias vezes, mas ele nunca tinha sentido. O mais próximo que ele supôs ter sentido deste modo foi o que ele sentiu com a morte de sua mãe – uma sensação de pânico e frio, como se ele estivesse trancado em um porão sem ar e úmido, muito parecido com a noite que ele passou na cadeia.

Porque é claro que ele não podia contar a ela. Não sem revelar o que o irmão dela o tinha feito prometer nunca contar. Se tudo tivesse ocorrido do jeito que ele tinha planejado, Slater teria simplesmente desaparecido. Braden nunca tinha imaginado que aquele covarde não iria seguir as ordens dele. Se ele tivesse a menor ideia de que Hurst Slater era o amante fantasma de Jackie, ele nunca teria subestimado o homem de forma tão incorretamente.

Mas ele não sabia.

E agora isto começava a parecer como se ele tivesse perdido tudo.

"Eu não posso te dizer, Caroline," ele disse, sabendo que aquelas palavras não seriam o bastante, mas rezando – sei, realmente rezando – que ela entendesse. Ele tinha dado sua palavra. Um homem vivia e morria por sua palavra no Dials. Era frequentemente tudo o que ele tinha.

Exceto nesse caso, isto era sua ruína. "Eu entendo," Caroline disse.

E então ele se virou e abriu a porta antes que ele pudesse fizer alguma outra palavra. Violet estava parada na luz do sol no lado de fora, flanqueado por dois grandes homens, serviçais muito intimidadores.

"Desculpe-me, milady," ela disse, olhando nervosamente para Caroline. "Mas eu ouvi o grito, e achei melhor trazer Riley e Samuels..."

"Sim," Caroline disse, em uma voz que Braden nunca tinha ouvido usar antes. Era uma voz murcha e sem vida. "Estou indo."

Violet olhou de Braden para sua senhora, e vice versa. "Mas..." A empregada parecia alarmada. "Suas coisas, milady. E você não pode ir sem seu chapéu, e suas luvas-"

“Eu não me importo,” Caroline disse, na mesma voz vaga. “Eu não ligo para minhas coisas, ou minhas luvas. Vamos logo, Violet.”

A empregada, depois de um ultima olhar assustado para Braden, se apressou atrás de sua senhora.

“Caroline,” Braden disse, andando para frente. Ele não podia acreditar no que estava acontecendo.

Mas quando ele se moveu os dois serviçais, depois de permitirem a passagem de Caroline e sua empregada, preencheram o portal, bloqueando sua passagem.

“Vá se ferrar,” Braden amaldiçoou, enquanto Riley e Samuels olharam para ele impassivamente. “Saiam do meu caminho ou eu juro-“

“Deixe a lady ir, sir,” o da esquerda disse. “Não nos faça machucar você.”

“Você não entende,” Braden cresceu. “Eu não pretendo machucá-la. Eu só preciso que ela veja a razão.”

Olhando para os punhos fechados de Brade, o da direita disse, “Isto é exatamente porque não estamos nos mexendo. Não ate ela estar segura na carruagem.”

“Mas então será muito tarde,” Braden disse, percebendo que uma vez que Caroline voltasse a Londres, e para a proteção de sua mãe, ele possivelmente nunca mais veria Caroline.

“Esta, sir,” o serviçal disse, arrufado, “esta é a ideia.”

Capítulo 35

"Pelo amor de Deus, Jacks," Hurst disse irritadamente. "Saia da janela. Alguém pode vê-la."

Jacquelyn ficou onde ela estava olhando os pedestres na rua abaixo. "O que importa?" ela perguntou despedaçadamente. "Grandville cancelou. Quem liga se alguém me vir aqui?" "Eu ligo." Hurst olhou para ela com aborrecimento da espreguiçadeira que ele estava reclinado. "Você sabe que Lady Bartlett esta indo e vindo o dia todo. Ele teria outro de seus ataques se ela olhar para cima e vir você aqui. Você perdeu seu bezerro gordo, minha querida, mas eu ainda tenho a minha, E eu pretendo continuar deste jeito. Eu achei que você me daria suporte nisto. Afinal, você se beneficiara com o dinheiro da Linford também."

Jacquelyn suspirou e saiu da janela, sentando na cadeira que ela puxou para beira da espreguiçadeira.

"Não faz o menor sentido," Jacquelyn disse. "Porque ele atiraria em você, se ele não soubesse sobre nos?"

"Eu te disse, Jacks," Hurst disse pelo que parecia a centésima vez. Ele tinha contado esta mentira tão frequentemente, que ele podia contá-la de cor agora. "O cara entrou aqui, e quase sem perambulo, atirou na minha perna. Não houve discussão."

Hurst se mexeu descomfortadoramente em seu sofá. Ele não podia, é claro, dizer a verdade. Se ele dissesse a ela que ele tinha sacado a pistola primeiro, Jackie o chamaria de dez tipos diferentes de idiota. Porque é claro que Grandville era mais rápido com a pistola que qualquer homem na Inglaterra. Ter sacado sua arma foi um erro. Um erro grave.

Mas um erro pior ainda seria contar a Jackie o que tinha feito sacar a arma em primeiro lugar: o aviso de Grandville que ele sabia que o marques estava envolvido com o The Duke, e que seria melhor ele sair da cidade, se ele soubesse o que era melhor para ele.

Não, ele não podia contar para ninguém aquilo, nem para Jackie. Especialmente para Jackie. Se ela soubesse que seu amante era na verdade um notório assassino contratado...

Bem, se lindo traseiro não iria esquentar aquele assento acolchoado nenhum minuto mais. Filhas de dukes – mesmo as falidas – não esfregavam os ombros com criminosos bonitos como ele.

"Eu te disse, Jackie," Hurst disse, aumentando sua voz queixosa. "Eu te disse, eu nunca fiquei mais surpreso na minha visa. Eu deveria ir à justiça."

“Então porque você não vai?” Jacquelyn perguntou maçantemente.

“Eu não quero estresse com a justiça,” ele disse. “Parece ruim e tudo, bem antes do casamento, eu arrastar Grandville para a corte. Embaraçoso, e tudo isso. Pegue outro copo para mim, você pega, querida?”

Jacquelyn reclamou, embora com uma graça hostil, indo até o aparador da irmã dele e colocando no seu copo o melhor xerez de seu cunhado. “Você não esta me contando toda a historia,” ele reclamou. “Há alguma coisa faltando. Isso desafia a lógica. Porque Braden Grandville entraria em seu quarto e atiraria em você? Só tem uma explicação para isto.” “Jackie,” Hurst disse, cansado, tomando um golo do copo que ela trouxa para ele. “Ele nunca mencionou o seu nome.”

“Bem, esta é a única explicação que faz sentido.” Jacquelyn sentou novamente em seu assento. “Ele terminou comigo na noite anterior. Ele veio ate você depois. Ele deve saber a verdade sobre nós.”

“Impossível,” Hurst disse.

“Alguém deve ter nos vistos. Eu aposto que sei quando. Eu te disse que era muito arriscado, nos encontrarmos na sala de estar da velha mulher. Mas não, você simplesmente tinha que me ver.”

Hurst, esquecendo sua ansiedade por um momento, reviveu a reunião deles na sala de estar de Dame Ashforth. “Foi adorável,” ele disse, com apreço.

“Mas dificilmente vale perder sua filha de encanador, e meu gunsmith {quem faz armas}” Hurst, trazendo de volta o momento, se mexendo descomfortadoramente em seu sofá. Sua perna espertamente pior, por tudo que ele não fazia como o cirurgião de Lady B”s tinha recomendado.

“Eu não perdi minha filha de encanador,” Hurst disse.

“Não ainda,” Jacquelyn disse. “Mas não vai demorar. Eu juro que ela esta apaixonada por Grandville, e é claro que ele retorna os sentimentos. De fato, pode ser por isso que ele fez isso. Atirar em você, eu quero dizer.”

Hurst reprimiu a resfolegante ideia de alguém estar apaixonado por Caroline Linford, que ela agradável, mas que era uma garota chata – comparada com sua Jackie, de qualquer modo.

“É muito tarde para mim, quase um milagre,” Jacquelyn continuou, “mas se você fizer algo para colocar em perigo esse jogo com a garota Linford, eu mesma irei atirar em você, então Deus me ajude... e você pode ter certeza que eu não pouparei nenhum órgão vital.” Hurst lambeu os lábios. ”Você pode ser muito cruel quando você quer, Jacks,” ele disse, admiradamente.

Ela inclinou o dedo para percorrer um dedo ao longo de sua mandíbula. “Você não tem,” ela ronronou, “a mínima ideia...”

Um tapa baixo na porta soou, e um segundo depois, uma empregada apareceu, com uma desculpa bruta.

“Eu imploro seu perdão, my lord,” a criança disse, “mas Lady Caroline Linford esta aqui para vê-lo.”

Se alguém a tivesse cutucado com um graveto, Jacquelyn não teria se mexido com mais rapidez em direção a porta da sala adjunta.

"Bom Deus," ela chorou. Para a empregada ela disse, "A deixe entrar. Deixe-a entrar de vez." Para Hurst ela sibilou. "Não estrague isso, Hurst, você me ouviu? Ela é nossa ultima esperança."

E sem mais nenhuma palavra, Jacquelyn saiu do quarto.

Hurst, na espreguiçadeira, piscou. Jacquelyn nunca tinha dito uma palavra verdadeira. O problema era ela não sabia quão calamitosa a situação tinha se tornado.

Caroline apareceu, parecida como sempre, virginal e doce de azul e branco. Ele teve a satisfação de ver a pausa dela no limiar, um pouco surpresa pela sua aparência. Bem, porque não? Enquanto a bala tinha atingido a sua coxa, tinha perdido o osso e a artéria vital – quase como se seu oponente, o cirurgião de Lady B´s tinha colocado, tivesse tentando poupá-lo de maior dano – ainda se tinha duvida de como ele estava vivo. Muitos dos que encararam a pistola de Braden Grandville não poderiam fazer aquela afirmação. "Hurst," Caroline disse, quando ela se recuperou totalmente e correu para o sofá. "Oh, Hurst, me desculpe. Você está muito ferido?"

Hurst apontou para o banco onde ele tinha colocado sua perna machucada, com uma bandagem não tão impressionante como a que ele teria gostado. "Eu estou bem, eu suponho," ele disse, fracamente. "É um ferimento superficial, realmente."

Caroline, que tinha desmoronado no lugar que Jacquelyn tinha acabado de deixar, pausou seu ato de tirar as luvas. "Um ferimento superficial?" ela ecoou. "Mas minha mãe disse que era muito mais serio do que isso."

Hurst – relembrando que esta era imagem que ele esperava ter passado para Lady Bartlett quem apareceu em seu quarto literalmente depois de alguns minutos de Grandville tinha saído, se perguntando se o marques não tinha visto seu filho – permitiu sua cabeça de reclinar na espreguiçadeira de veludo.

"Bem, eu perdi muito sangue..." ele murmurou.

Caroline removeu suas luvas, e olhou para ele pesarosamente.

"E foi Braden Grandville," Caroline disse, "quem fez isso com você?"

"Certamente," Hurst disse. "Ele deve ter dito um dia ruim, para errar meu coração. Ele é muito bem atirador, que entendo."

Os lábios de Caroline, que diferente dos de Jacquelyn, não eram cheio de rouge, se encolheram. Hurst se lembrava ter visto sua mãe usando a mesma expressão, quando uns de seus pratos não fossem servidos do jeito que ela gostaria nem seus jantares.

"Você tem sorte," Caroline disse, "que ele não tenha te matado."

Hurst assentiu. "Eu sei disto. Eu nem tive a chance de me defender. Ele simplesmente entrou e – e começou a me insultar. Ele disse um monte de coisas

feias, insultando minha pessoa – e... e a sua, Caroline."

Caroline piscou para ele. "Eu? Mr. Grandville me insultou?"

"Muito. Eu não pude suportar isso, é claro. Nenhum homem fala desse jeito da futura Lady Winchilsea. Eu quase o desafiei ele. Mas ao invés, a próxima coisa que eu soube, é que ele tinha sacado a pistola, e atirado em mim."

Caroline olhou para baixo para o anel em seu dedo – o anel da avo dele. "estou perfeitamente horrorizada por você," ela disse, sem tonalidade.

"Eu não fiquei bravo realmente," Hurst disse, "ate eu o ouvir falando sobre você, Caroline. Em como eu estava me rebaixando, casando com você, uma garota cujo titulo só tem uma geração."

"Eu entendo," Caroline disse.

Hurst estendeu o braço, e pegou uma de suas mãos nas suas, e a levantou para que ele desse um beijo apaixonado. "Não há nada," ele disse, emocionadamente, "que eu não faria para proteger sua honra, Caroline."

Ele tinha virado a mão dela e começado a beijar a palma de sua palma antes que Caroline fosse capaz de retirar seus dedos.

"Eu entendo," ela disse de novo. "Bem, a coisa toda soa como se você estivesse tentando muito. Eu lamento que isso tenha acontecido com você. O cirurgião falou quando tempo antes de você poder andar novamente?"

"Eu serei capaz de andar no corredor no dia do nosso casamento," Hurst disse, deixando seus olhos azuis descansarem amenamente nos dela. Era o olhar que ele tinha dado para uma camareira em Oxford que tinha frenesi pela luxuria, e ele supôs que deveria servir tão bem para uma Caroline Linford do mundo. Ela era, afinal, a filha de um encanador, e isto era próximo a uma camareira, no modo de pensar de Hurst; "Não tema nunca, meu amor."

"Bem," Caroline disse. Para sua surpresa, ela não pareceu cheia de desejo pelo seu olhar apaixonado. "Foi sobre isso que eu vim falar com você. Eu tinha escutado, é claro, que você estava mais doente do que você aparenta. E enquanto eu estou deliciada em não achá-lo na porta da morte, eu temo que pelo fato de você não estar eu devo discutir algo um pouco... desprazeroso para você."

"Desprazeroso?" Hurst riu, como se ele não pudesse imaginar nenhuma coisa assim. Mas ele ria de nervoso também. Porque inconscientemente ele estava pensando, Oh, não. Ela sabe. Tommy deve ainda estar vivo. Vivo e se escondendo em algum lugar. Ele deve ter mandado uma mensagem para ela. Ele deve ter visto a pistola. Estúpido. Estúpido por ter errado!

"Eu temo, Hurst," Caroline começou, em tom de desculpa, "que nosso casamento terá que ser cancelado."

Hurst olhou para ela. Não era culpa dele, é claro. Ele não deveria ter perdido. Como ele pode ser tão estúpido para errar? Se o idiota do menino não tivesse tropeçado!

"Mas" Hurst conseguiu acordar do paralitico estupor em que as palavras dela o

tinham afundado. “Mas os convites... quinhentos deles... já enviados.”

“Sim, eu sei,” Caroline disse. “E isto é uma pena. Eu terei que escrever uma carta para cada convidado nosso, é claro. E quanto aos presentes, eu acho melhor se nos apenas devolve-los-“

“Não,” ele disse, em voz baixa.

Ela olhou para ele, seus olhos castanhos questionadoramente. “Eu imploro seu perdão?” “Você me ouviu.” E Hurst, que nunca tinha sentido nada por Caroline Linford, sentiu um profundo desgosto – talvez te ódio – ele estava quase chocado por isso. “Você vai se casar comigo, Caroline, próxima semana, e isto é o fim.”

Ele estava imaginando coisas, ou havia um cintilar de raiva – realmente raiva – naqueles geralmente bondosos olhos castanhos?

“Não,” Caroline disse, com uma calma admirável. “Não, Hurst, eu temo que não. Você entende, eu sei por que Braden Grandville atirou em você.”

Ele sentiu como se um balde de água fria tivesse caído sobre ele. Ele deito lá, perplexo. “Você... você sabe?” ele controlou a gagueira.

“Sim,” Caroline disse. Não que eu esteja em posição para te culpar.”

Isto era mais do que ele podia assimilar racionalmente. Ele tinha atirado no irmão dela – o menino ainda não tinha voltado para casa, de acordo com Lady B, e poderia, pelo que todo mundo sabia, estar vagando pelas ruas de Londres com um ferimento na cabeça – e ela não considerava em posição para culpar ele?

“Wh-“ ele gaguejou. “Wh-Wh-“

Ela tirou o anel da avo dele do dedo. “Sim,” ela disse. “Você entende, Hurst, eu não fui fiel a você, também.” Ela colocou o anel na pequena mesa ao lado do copo de xerez. “Eu estou arruinada,” ela anunciou, estavelmente. “Eu sei que você não me quer, mais do que eu quero você.”

Hurst olhou para o anel. Arruinada? Caroline Linford estava arruinada?

“Quem” As palavras eram dificilmente mais do que um sussurro em seus lábios. “fez isto?” “Oh,” Caroline disse. “não importa. Mas é melhor assim, você não acha Hurst? Eu sei que as pessoas irão falar, é claro, e Ma ficara inconsolável, e Tommy – bem, pobre Tommy, ele ficara furioso quando ouvir. Mas eu não acho que eu realmente queria casar, você sabe. E agora que você ficara livre, você pode se casar com Jacquelyn. Eu sei que ela não tem dinheiro, Hurst, mas tem coisas mais importantes-“

“J-Jacquelyn?” Ele balançou a cabeça. “Jacquelyn?”

“Sim, é claro.” Caroline estava completamente sem emoção, simplesmente estável. Ele nunca, ele percebeu, tinha visto ela desse jeito, tão revigorante, tão certa de si. Era quase como se... Da noite para o dia, ela tivesse se tornado...

Bem, uma mulher.

“Eu vi vocês dois juntos, você sabe,” ela disse, com uma contração dos ombros. “No divã em Dame Ashforth. Eu provavelmente deveria ter feito minha presença conhecida, mas eu achei melhor evitar uma cena na hora.”

Lentamente tudo estava começando a fazer sentido. Doce, chata, virtuosa Lady Caroline – sua Lady Caroline – não era mais virtuosa. Ela não era ele não pode deixar de notar, mais chata também.

Arruinada. Ela disse que estava arruinada. E era assim que ela tinha visto ele. Ele e Jacquelyn, juntos no divã de Dame Ashforth. Mas ela não tinha dito nada. Todo esse tempo, e ela não tinham dito nada.

Ate agora. Porque agora, aparentemente, ela estava dizendo adeus.

Ela se levantou para ir. "Eu espero que não haja desconfortos sobre isso, Hurst. Eu realmente me apaixonei por você um tempo. E eu gostaria de pensar que você também, estava apaixonado por mim."

Ele piscou para o rosto em forma de coração dela. Ela parecia mais... Velha. Mas isto era impossível. Ele tinha visto ela há apenas alguns dias atrás. Como ela poderia...? Quem poderia...?

"E agora sou melhor eu te deixar," ela disse. "Nós ainda não encontramos Tommy. É uma coisa estranha, não é típico dele; Eu suponho que você não tenha ouvido dele, ouviu?" Hurst, percebendo finalmente o que estava acontecendo, empurrou a banqueta em que ele tinha posto a sua perna, e fez um esforço para se levantar.

"Você não pode fazer isso," Hurst declarou.

O dinheiro. Era tudo que ele podia pensar. O dinheiro que deveria ser dele. A fortuna que, com o conde fora do caminho, seria toda de Caroline – e dele. Ele não queria ter matado o conde. Lord sabe que ele não queria. Mas ele acreditou que eventualmente estava fazendo um favor aos Linfords: o garoto iria apostar toda sua herança quando ele finalmente a recebesse. Deste modo – do modo do Duke – o dinheiro, pelo menos, estaria seguro.

Ele não queria ter feito isso, mas ele sentiu que não tinha escolha. De pé com o peso em sua perna sã, e segurando as costas da cadeira em que Caroline tinha estado sentado, ele disse, "Caroline, pense o que você esta fazendo. Eu... eu salvei a vida de Tommy. Se não fosse por mim, o seu irmão estaria morto."

Por um momento, algo passou através daqueles olhos. Ele estava certo de que era culpa, e ele sentiu alivio. Ele tinha ganhado. Ele tinha ganhado.

Mas a culpa desapareceu, e foi substituída pela curiosidade, emocionalmente mascarada. "Você salvou a vida de Tommy," Caroline disse, calmamente. "E eu sempre serie grata por isso. Esta é uma da razão, você entende que eu não posso me casar com você agora. Você merece muito mais do que... bem, do que eu me tornei."

"Eu não ligo para o que você fez," Hurst disse, desesperadamente. "Ou com quem, Caroline. Eu terei você de volta. Eu ainda quero você."

Caroline levantou a sobrancelha, como se ele tivesse dito algo interessante. "Oh?" "Eu quis dizer isso, Caroline," ele continuou. "E... e a verdade é, bem, sem ser áspero, Caroline, mas você nunca conseguirá mais ninguém. Não depois do

que você me disse.

Você será humilhada publicamente, ser motivo de riso, quando uma palavra disso vazar. Nenhum homem ira te querer – mas eu quero. Eu sempre irei te querer."

Os olhos dela – aqueles malditos olhos reprovadores – estavam frios. "Mas eu não quero você," ela disse, sem emoção.

E sem mais nenhuma palavra, Lady Caroline Linford deixou o quarto. E a vida dele. Jacquelyn veio correndo do quarto ao lado.

"Seu tolo!" ela gritou. "Seu perfeito tolo!"

"Jackie." Hurst saiu de sua cadeira, balançando sua perna machucada, e mancou em direção a janela. Ele sentiu que precisava de um pouco de ar. "Ela nos viu. Na Dame Ashforth. Ela nos viu."

"Eu escutei. Não sou surda. Deus, você é tão imbecil! Se você apenas tivesse fugido com ela quando eu pedi para você, nada disso estaria acontecendo. Mas não. Você tinha que deixar Grandville por as mãos nela-"

"O que você quer dizer?" Hurst interrompeu afiadamente.

"Você é tão inocente, meu adorado." Jacquelyn balançou a cabeça. "Arruinada! Eu direi que ela estava. E quem você acha que fez isso? Eu te digo. Nenhum outro homem além do que colocou essa bala na sua perna."

Os lábios de Hurst se moveram silenciosamente. Grandville?

"Eu disse que ele estava apaixonado por ela," Jacquelyn disse, rudemente. "E foi claro para mim – pelo menos quando eu a vi ontem no Worth – que ela se sentia do mesmo modo por ele. E ai esta o que você tem. O Lothario de Londres pegou a sua noiva. E tudo por que você não agiu rápido o bastante."

Hurst assistiu através da janela quando Caroline Linford apareceu na rua, e entrou em sua carruagem que estava esperando. "Braden Grandville," ele murmurou. "Ela esta me deixando por Braden Grandville."

"Não é só ela," Jacquelyn disse. E foi ate o sino para chamar a empregada.

Hurst virou sua cabeça e olhou para ela com curiosidade. "O que você esta fazendo?" Jacquelyn viu a curiosidade dele. "Pedindo as minhas coisas. Eu estou indo."

Hurst olhou para ela. "Você o que?"

Jacquelyn parecia determinada. "Eu não gosto disso mais do que você, meu pet, mas nós não temos outra escolha. E nos não devemos perder tempo. Eu notei aquele velho tolo, Lord Whitcomb, olhando para baixo do meu vestido outra noite. Eu irei me atirar nele. Ele ganha cinco mil por ano, e mais dois virão quando a mãe dele finalmente morrer."

Hurst disse, através dos lábios secos, "Não. Não, Jackie-"

A mente dele estava confusa. Ele não podia acreditar que isto estivesse acontecendo com ele. Perder tanto em tão pouco tempo estava alem de sua compreensão. Isto não podia estar acontecendo. Não podia.

“Eu espero que você tenha outros apostadores na mira, amor,” Lady Jacquelyn disse. A empregada tinha aparecida com sua sombrinha e seu chapéu, deixando eles na mesa, e rapidamente desapareceu de novo. Jacquelyn amarrava um para de laços branco enquanto ela falava. “Jovens ladies, eu digo. A casa Chitten de garotas esta miseravelmente vazia, eu sei, mas a primogênita tem dez mil por ano. Se você apenas puder suportar aqueles dentes toda a manhã, isto ira valer à pena. Oh, mas nos não podemos cometer o mesmo erro desta vez, my pet. Eu acho que nos devemos nos afastar ate depois dos casamentos. Você não concorda? Não podemos arriscar outra Dame Ashforth.” Ela notou a expressão dele e disse, “Não ira demorar, amor. Certamente você pode viver sem a sua Jackie por alguns meses, pelo menos?”

E com isso, ela beijou brevemente seus lábios, e saiu do quarto. Ele se encolheu enquanto a porta se fechava atrás dela.

É claro que ele podia viver sem ela. Mas porque ele tinha?

Ele sabia o porquê. Ele sabia muito bem o porquê. Dois nomes. Dois odiosos, nocivos nomes.

Braden Grandville.

Braden Grandville, aquele pretensioso do Dials, que não sabia seu lugar melhor do que o The Duke sabia o dele, mas quem parecia achar que poderia compensar isso com seu saudável conta bancaria e seu charme com as mulheres.

Braden Grandville, cujo dinheiro era tão novo, era guinchado, cada centavo não foi ganho pelo método próprio de acumulação de renda, através de cuidadosos investimentos dos fundos da herança, mas pelo suor daquele odioso, pretensioso cara.

Braden Grandville, que sabia longe, muito longe. Hurst não podia imaginar como – provavelmente por causa de suas viagens nos círculos que ele viajava – mas de alguma maneira, Grandville tinha conseguido tinha tramado para convencer com o conde de Bartlett.

Ele tinha que ser convencido. Se Hurst apenas tivesse sido mais rápido nos dias anteriores com sua pistola...

Bem, em todo caso, era claro agora que ele tinha terminado o que ele começou. Braden Grandville tinha que ser destruído. Esta alternativa era impensável. Hurst tinha que se proteger.

Não seria fácil. Ele sabia disto. O desempenho de Grandville em sua sala de espera no dia anterior tinha provado como o homem era rápido com a arma. Ele era alguém que tinha passado a vida toda ao lado da morte, e estava bem acostumado a ter pistolas apontadas para ele.

Mas Braden Grandville nunca tinha encontrado um adversário que tinha tantas razoes para matá-lo como Hurst. O conhecimento de Grandville sobre as atividades de Hurst com o The Duke fez dele altamente perigoso.

E então havia o fato de que o homem tinha ameaçado, manipulado e

humilhado ele, e tinha ido para cama com os dois amores de sua vida, aparentemente, com a virginal noiva dele.

Grandville tinha que morrer. E Hurst era quem deveria matá-lo, com a perna ferida ou não. Ele ainda podia andar. O cirurgião tinha assegurado que ele podia. Ele andaria ate a impossivelmente grande casa de Braden Grandville na Belgrave Square, e – Não. Não, ele iria escorregar para dentro, do mesmo modo que ele tinha escorregado para dentro da casa de Jackie. Escorregar na casa de Braden Grandville, fazer seu negocio, e sair novamente, evitando ser detectado. Ele podia fazer isso. Ele tinha sido pego desprevenido, quando Grandville tinha aparecido em seu apartamento. Desta vez, ele seria quem aparecia inesperadamente.

Oh, sim. E ele não ficaria satisfeito com uma mera bala na perna, também. Ele teria o prazer, Hurst decidiu de ver Grandville morrer.

O Duke, ele pensou, ficaria orgulhoso.

Capítulo 36

Braden Grandville sentou na biblioteca, com um copo de uísque na mão. Ele não tinha bebido do copo, nem se lembrando de bebê-lo. Ele simplesmente encarava o profundo liquido âmbar, pensando que a cor quando se levantava o copo contra a luz era muito parecida com a cor de um par de olhos que ele conhecia...

A voz do conde de Bartlett o trouxe de volta de onde ele tinha ido, a milhas e milhas de distancia.

"Então você esta dizendo que eu não posso ir para casa ainda." Thomas ainda falava um pouco alto. Seu ouvido ainda não estava completamente recuperado, embora o cirurgião que tinha atendido ele assegurasse que ele se recuperaria, com o tempo.

Braden inclinou sua cabeça. "Sim," ele disse. "Aparentemente, há um claro... engano." O menino o estudava questionadoramente da cadeira em que estava sentado. "Engano? Que tipo de engano?"

"Bem." Braden Grandville se perguntando como ele podia continuar falando, como se ele não tivesse nenhuma preocupação no mundo, quando por dentro, ele estava chorando. Soava dramático, ele sabia. Mas era a verdade. Só no era uma verdade que ele escolheu dividir com Weasel ou Crutch, e mais especificamente, com o garoto na frente dele.

"As autoridades capturaram e prenderam Seymour Hawkins, também conhecido como The Duke." Quando a mandíbula de Tommy caiu um pouco devido a noticia, Braden assentiu. "Sim, eu achei mais sábio encarcera ele. Você não precisa se preocupar, não será chamado para testemunhar contra ele. Os crimes que ele cometeu bem aqui em Londres algum tempo atrás o manterá atrás das grades por anos. A menos, é claro-" Isto ele adicionou quase pensadoramente, "que eles prendam ele."

"Eu não tenho ideia," o conde disse, novamente falando alto. "Não há nada sobre a prisão dele nos jornais."

"Não. Haverá amanhã, se minhas estiverem corretas. E então você terá que ficar aqui por pelo menos mais uma noite. Sem mensagem para casa, também. Desculpe-me, mas o...

individuo com quem eu tratei ontem provou ser surpreendentemente intratável, e não seguiu minhas instruções. Sua vida ainda pode estar em perigo, pelo menos enquanto ele achar que The Duke esta livre."

O menino o olhou sobriamente com olhos escuros que era perturbadoramente

parecido com os de sua irmã. Mas Braden tentou não pensar nisto.

"Você esta falando sobre Hurst, não esta?" Tommy perguntou. "Não, não balance sua cabeça. Eu sei que foi ele. Eu sei que foi ele quem apontou a arma para minha cabeça. Ele tentou me matar." A voz dele não tremeu.

Braden tentou dar um simples contrair de ombros como resposta.

"Não," o conde disse. "Não há necessidade de me proteger. Eu tenho sido um tolo. Eu vejo tudo agora. Ele se sentiu mal na primeira vez – quando The Duke atirou em mim Dezembro passado, eu quero dizer. Porque tinha sido culpa dele, de alguma forma, por ter me levado àquele lugar. Ele sabia que eles me roubariam. Ele sabia disso muito bem. E então ele se culpou."

Braden apenas disse, "Eu acho que sim," e isso ele disse suavemente.

O conde aparentemente não tinha ouvido ele. "Mas então eu me tornei um problema, não? Por causa do que eu sabia. Eu poderia falar. Não apenas sobre o roubo, mas sobre o The Duke tentar me matar. E então ele determinadamente tentou se livrar de mim." Braden disse, "Se servir de consolo, eu não tive a impressão que o Lord de Winchilsea estava muito aliviado com o serviço. Matar você quer dizer. Eu acredito que ele só fez isso porque sua própria vida estaria em perigo se ele não o fizesse."

"Porem," Tommy disse, com uma dose de indignação, "ele não precisava ter continuado com isso. Ele podia ter fugido."

"Ah, sim." O sorriso de Braden estava frágil. "Mas então ele não teria o privilegio de se casar com sua irmã."

O conde, se tornando vermelho de raiva em todo lugar menos onde o a pólvora ainda continuava fixa em baixo da pele – iria, de acordo com o cirurgião, sair eventualmente – batendo em seu colo. "Se seu deixar. Casar com um cara sem escrúpulos, eu quero dizer. Estava tudo bem, quando eu não sabia que ele estava nisto. Mas agora-"

"Sim, bem." O frágil sorriso desapareceu. "Isto é, é claro, para você e sua irmã a solução." "Eu tenho que dizer a ela," o menino disse. Ele não falou, entretanto, em voz alta, e Braden se perguntou se talvez ele não quisesse dizer as palavras altas. "Se apenas tivesse uma maneira de deixar de fora a parte das apostas, embora..."

"Você terá muito tempo para pensar nisso. "Braden Grandville colou o intocado copo de uísque de lado. "Você não terá contato com toda a sua família ate nós sabermos que é seguro."

"Mas ela tem o direito de saber," o conde disse mais alto desta vez, então estava claro que ele não estava falando consigo mesmo. "Ela tem o direito de saber o tipo de homem com quem ela estava se casando. Você não vê? Foi minha culpa ela se envolver com ele em primeiro lugar. Ele me fez de tolo – ele fez todos nos de tolos. Com seu titulo, conexões e charme. Nós pensamos que ele era um aristrocata."

Braden levantou o rosto para o menino. “E ele é. Winchilsea é um respeitado titulo um dos mais velhos no Baronatario.” Ele se lembrava das frequentes citações de seu pai. “Os Slaters têm mantido seu sangue azul por tanto tempo quanto-“

“Mas por baixo de tudo isso,” o conde interrompeu, “ele não é melhor que os homens de Hawkins.”

“Isto pode ser” Braden disse, gravemente. “Mas eu não quero que você deixe essa casa, ou mande nenhuma mensagem – nem para sua irmã, nem para sua mãe, ou para ninguém. Mais tarde, se você quiser-“

Mas ele quebrou, e não disse mais nada, apenas se ocupou com confusão de papel que estava em sua mesa. O que ele estava fazendo? O que ele estava fazendo? Ele tinha jurado que não iria. Ele tinha dito a si mesmo que ele não apelaria para este garoto para ajudá-lo em sua situação com Caroline. Se ela se recusou a acreditar quando ele disse que ter atirado em Slater não tinha nada a ver com Jacquelyn, então ela era exatamente como todas outras mulheres que ele tinha conhecido: duvidosa, contraria, e controladora. Ele tinha lavado as mãos com ela.

E ainda estava sangrando por dentro. “Algum problema, sir?”

Braden nem mesmo olhou para ele. “Não. Estava longe. Eu tenho bastante coisa para fazer. Como você sabe, eu sai cedo ontem, e cheguei tarde hoje...”

O conde disse, quase repentinamente, “Você atirou nele, não?”

Braden, perplexo, limpou a garganta. “Não, não. Bem, não realmente. Só um pouco.” Quando uma larga risada apareceu no rosto do conde, Braden disse, severamente, “Não é divertido. É errado atirar nas pessoas. Armas e violência... somos-nos uma sociedade civilizada, e não espaço para elas.”

A risada do conde desapareceu. “Você soou exatamente como minha irmã.”

“Sim,” Braden concordou. “Vá e visite Weasel agora, você ira my lord? Eu tenho muita coisa para fazer.”

O conde o deixou então, mas havia um olhar determinado em seus olhos enquanto saia da biblioteca.

Não muito distante dali, a recata jovem mulher que tinha tão calmamente terminado seu noivado mais cedo naquela tarde atravessou a grama de sua quadra de badminton, soluçando.

Era ridículo, Caroline sabia. Era ridículo que não pudesse parar de chorar. Era ainda mais ridículo que ela não pudesse chorar na privacidade de sua própria casa.

Mas lá havia choro suficiente, e por razões inteiramente diferentes das dela. Thomas ainda não tinha sido achado, nem eles tinham recebido nenhuma palavra de seu paradeiro. Lady Bartlett estava alem de si mesmo. E seu sofrimento iria piorar quando, em um dia ou dois, ela recebesse uma palavra dobre o cancelamento do noivado de Caroline. Então Lady Bartlett iria sofrer mais do

que uma mera apoplexia. Oh, não. Ela provavelmente iria desmaiar, ou mesmo ficar febril, isto a levaria para sempre, acabando com a sua agonia para sempre.

Mas agora, sabendo apenas que o filho dela estava desaparecido, Lady Bartlett tinha ligado para seu medico, e cirurgião. Essas pessoas estiveram tão ocupadas entrando e saindo da casa com vários remédios para suas palpitações e dores, que Caroline tinha finalmente percebido que ela não teria paz dentro de casa, e, sabendo que Emmy estava fora em outra de suas marchas de protesto, saiu para a privacidade de seu jardim. Onde ela não gastou muito tempo expelindo suas emoções.

Se o medico da mãe dela, Caroline sabia, ele teria dito que ela estava exausta. O medico que cuida de transtornos teria prescrito um calmante. Ela não tinha ideia que do que o cirurgião teria dito desde que não havia jeito de concerta um coração quebrado, mas ela supôs que o homem teria sentido a obrigação de tentar.

Mas não havia nada que eles pudessem fazer. Caroline tinha trazido sua tristeza sobre sua própria cabeça. Ela tinha tido Braden Grandville. Por vinte quatro horas gloriosas – talvez um pouco menos – ela tinha tido Braden Grandville, sentido como era ser amada por ele, sentido como era estar viva, pela primeira vez em seus vinte e um anos.

E então ela aprendeu a verdade. A dolorosa verdade. Que nada daquilo tinha sido verdade. Aquilo tinha sido apenas um jogo. Ela tinha sido apenas outra vitima do Lothario de Londres.

Ela soluçou continuamente no jardim, agradecida que o véu do crepúsculo a escondesse, e então mantendo sua mãe de mandar Bennington de sair e informá-la que a filha de um conde não deveria chorar no jardim, mesmo os seus próprios jardins.

Ela era uma idiota. Ela sabia disso. Uma tola por cair de amores por Braden Grandville. Mas o desempenho dele tinha parecido tão convincente! Ela realmente pensou que ele estava apaixonado por ela. Como, ela se perguntou, em um milhão de anos, poderia um homem que tinha proferido seu amor por ela tão ardentemente poder ser ainda capaz de manter sentimentos por outra mulher?

Por que ele tinha que sentir alguma coisa, no mínimo, por Jacquelyn, para ter raiva suficiente para atirar em seu amante secreto.

Era exatamente como Emily sempre disse: Homens são ratos.

E então, enquanto ela pensava que seu coração poderia literalmente estar quebrado, e que ela talvez pudesse, de fato, requerer a um cirurgião, ou há um pouco de calmante afinal de tudo, uma voz familiar soou da pequena casa de verão vizinha pela parede de trás do jardim.

“Oh, Deus. O que aconteceu? Ma finalmente vendeu todos os seus cavalos?” Caroline levantou a cabeça e olhou na direção da casa de verão, a suspeita pararam momentaneamente suas lagrimas. “Tommy?” ela sussurrou.

Ela viu a sombra escura se destacar das demais, e então o irmão dela andou atrás do gramado, e sentou ao lado dela, pondo seus dedos nos lábios.

"Quieta agora," ele disse. "Ninguém deve supor que eu estou aqui."

Sob circunstâncias diferentes, Caroline poderia ter abraçado ele. Agora, entretanto, ela apenas olhava para ele, vendo que ele aparentava estar em pedaço, e piscou. "Onde você esteve?" ele perguntou. "Ma esta doente de preocupação."

Thomas disse, com uma risada amarga, "Tente diminuir sua alegria em me ver novamente, Caro. É embaraçador."

"Bem, você será recebido mais alegremente entrando lá dentro e deixando-a saber, que esta bem," Caroline informou a ele, "ou terá que ver a ultima coisa parecida com permissão dela, deixe-me assegurar a você."

Thomas, sentado com as penas cruzadas ao lado dela no gramado, disse, "Eu não posso deixá-la saber que eu estou bem. E você não dirá a ninguém que me viu. Eu tenho que desaparecer por um tempo mais. Mas eu tinha que ver você, Caro."

Embora estivesse escuro, Caroline pensou ter visto uma genuína preocupação no rosto de seu irmão. Desde que ele raramente era serio com ela, ela se esqueceu de seus próprios problemas por um momento, e olhando para ele com um ar idiota.

"Tommy," ela disse, suavemente. "Você esta com problemas, não?"

"Um bem sério," o irmão dela respondeu. "E foi tudo culpa minha. Isto é porque eu vim ver você, embora eu tenha prometido que não viria. Você vê, Caro-" ele de inclinou e dez uma coisa que ele tinha feito apenas três ou quatro vezes em sua via: ele colocou a mão sobre a dela. "É sobre Hurst."

"Hurst?" Caroline fungou. As lagrimas dela não tinha ainda desaparecido completamente. De fato, a menção desse nome em particular, ela sentiu as retornarem, picando os cantos no canto dos olhos dela. "Oh, Deus, Tommy." Ela disse com uma doente sensação que seu irmão de algum modo tivesse descoberto sobre a situação de Lady Jacquelyn. "Por favor, não. Eu já sei."

Tommy tirou sua mão de surpresa. "Você sabe?"

"Sim, é claro. Eu terminei com ele esta tarde. Eu deveria ter feito isso há muito tempo, no momento que eu descobri, de fato. Emmy me disse que-"

A mandíbula do conde caiu. "Emmy sabe?"

"Sim, é claro." Caroline olhou para ele curiosamente. "Você sabe que eu digo tudo a ela. Apenas Ma me deixaria. Terminar com ele, eu quero dizer."

"Ma?" o rosto de seu irmão se contorceu com horror. "Você disse a Ma?"

Caroline piscou para ele. "Bem, é claro que eu disse a Ma. Ela apenas disse que os convite tinham sido enviados, e que minha reputação estaria arruinada se eu cancelasse, e que poderia ter ele de volta se apenas usasse meus dotes femininos, e... oh, Tommy, eu fui tão idiota, acreditei nela. E fiz a pior coisa...

Você não acreditaria como fui estúpida. Fui ate Braden Grandville, e eu-“

Ele a interrompeu. “Caroline,” ele disse, cuidadosamente. “Sobre o que você esta falando?”

“O que você quer dizer, sobre o que eu estou falando?” Caroline perguntou. “Eu estou falando sobre Hurst.” Ela olhou para ele curiosamente através das lagrimas. “Sobre o que você esta falando?”

“Eu estou falando sobre Hurst, também.”

“Sim,” Caroline disse. “Eu achei que sim. Bem, eu agradeço sua preocupação, mas eu já sei tudo sobre isso. Eu os flagreis você entende.”

Tommy balançou a cabeça. “Flagrou quem?”

“Hurst é claro.” Caroline respondeu com impaciência. “E Lady Jacquelyn Seldon. Eu os vi fazendo amor em um divã na sala de estar de Lady Ashforth.”

Por um momento, o irmão dela apenas a encarou. Então ele abriu a boca e deixou sair uma palavra que queimou o ouvido de Caroline. E ela tinha ouvido muitas palavras como aquela saírem dos lábios dele no passado.

“Tommy” ela disse, ralhando.

“Pior do que isso,” o irmão dela disse. “Você esta me dizendo que Slater e Jackie Seldon estavam... estavam... se encontrando atrás de suas costas?” Apenas que ele não usou a palavra encontrando.

“Se você precisa se vulgar a respeito disso,” Caroline disse, sem expressão, “então eu suponho que a resposta para sua pergunta é sim.” Então ela olhou para ele com curiosidade. “Não era isso que-“

“Deus, não!” Tommy explodiu. “Eu estava tentando te dizer por que Slater foi baleado! Era por isso que você estava chorando, não?”

Caroline disse, “Bem, sim, eu suponho, de qualquer forma. Mas, Tommy, era por isso que ele foi baleado.” Ela engoliu, então continuou. “Braden Grandville atirou nele.”

“Certo. Como um aviso,” Tommy disse, “para me deixar em paz.”

Caroline deu um rápido, negativo balançar de cabeça. “Não, Tommy. Porque Braden Grandville iria querer que Hurst te deixasse em paz? Ele atirou nele porque ele descobriu você entende sobre Hurst e Lady Jacquelyn.”

“Não,” Tommy disse, com alguma indignação. “E eu acho que eu deveria saber. Fui eu quem começou tudo isso. Grandville atirou em Hurst por causa de mim. Hurst tentou me matar, porque o cara que atirou em mim inverno passado descobriu que eu não estava morto afinal, e que eu poderia não apenas identificá-lo, mas arruinar os negócios dele, também. Então ele disse a seu noivo para ele terminar o serviço.”

Caroline, sentada no gramado em baixo das primeiras estrelas da noite, olhou para seu irmão. Olhado para ele como se ela nunca tivesse visto ele antes. Notando pela primeira vez os círculos embaixo de seus olhos, e a curiosa poeira de alguma coisa parecida com fuligem ou sujeira por todo um lado de seu rosto.

Ele ainda vestia as roupas que ele vestia no dia que ele desapareceu, e embora alguém tinha obviamente tentado limpá-las e passá-las, elas estavam rasgadas na altura de seu casaco, e os joelhos de sua calça estavam mais escuros do que o resto de suas calças.

Mas isto não foi o motivo dela agarrar suas mãos entre as delas. Ela fez isso porque o irmão dela estava usando a mais seria expressão que ela já tinha visto em seu rosto. “Diga-me,” ela disse, urgentemente.

Ele enrugou a testa nervosamente. “Você ficara brava comigo.”

“Não ficarei,” Caroline assegurou a ele. “Oh, eu certamente não ficarei.” E então ele contou a ela.

Capítulo 37

Braden Grandville sentou em sua mesa, adicionando uma coluna de números. Ele terminou então ele olhou a soma. Errada. Estava errado.

O que estava acontecendo com ele? Ele costumava ser capaz de somar colunas de números maiores em sua cabeça. Multiplicar e dividi-los, também. Porque parecia que ele não podia fazer mais? Porque ele não podia se concentrar?

Ele sabia o porquê, é claro.

Mas ele se recusava a pensar nisso. O que era aquilo para ele pensar sobre?

Era melhor assim. Ele estava melhor sem ela. Olhe o que ela tinha feito com ele: ele não podia nem somar uma coluna de números. Se ele tivesse ficado com ela por mais tempo, ela podia ter acabado com cada pedaço de inteligência que ele possuía. Isto, aparentemente, era o que acontecia quando alguém se apaixona. O cérebro das pessoas se torna gelatina, ou atrofia. Pelo menos, era assim que sua cabeça se sentia no momento. Isto era amor, então? O que tantos poetas tinham gastado pagina e pagina descrevendo? O que Shakespeare tinha exaltado? Se era isso – e ele tinha varias razões para acreditar nisso, baseado em sua completa incapacidade para pensar em alguma coisa, qualquer coisa mesma, exceto ela – ele não queria mais continuar com isso. Não se ele tivesse que viver o resto de sua vida com esse nó no estomago, com esta dor no peito.

Houve uma batida na porta.

Como, ele se perguntou, tinha chegado ate isso? O Lothario de Londres deveria estar sentado em sua mesa, ansiando pela única mulher em todo Inglaterra que ele não poderia ter? Quantas mulheres estavam lá fora, ele pensou sentadas do jeito que ele estava agora, ansiando por ele? Ele não soube. Ele não soube como era se sentir assim. Agora ele entendia as longas cartas, implorando para ele mudar de ideia. Agora ele entendia as maldições, as lagrimas.

O amor doe.

Doe mais do que qualquer outra coisa que ele conhecia, entretanto muitas vezes ele disse a si mesmo que ele estava melhor – que se ela não podia acreditar nele agora, ela nunca iria – não era verdade. Ele não estava melhor. Ele precisava dela. Precisava da bondade dela, de sua honestidade, seu humor, sua humanidade. Precisava dela, droga. Precisava senti-la perto dele, seu calor, seu perfume, seu –

Outra batida na porta.

E era culpa dele ela não ter acreditado nele. Por quanto tempo ele soube desse

apelido – Lothario de Londres – e não tinha feito nada para mudá-lo? Ele era notório por seus muitos casos, seu charme, seu poder com as mulheres. E ele não tinha feito nada para mudar isso, insistido que ele não quis machucar essas mulheres – longe disso. Apenas nenhuma dessas mulheres – nenhuma delas – tinha se transformado naquilo que ele procurava, a que teria sido certa para ele.

Até agora.

Quando era muito tarde.

"Dead." Crutch apareceu no portal, parecendo impaciente. "Eu estive batendo e batendo. Você vai dizer entre?"

Braden olhou para o mordomo. "Porque eu deveria me incomodar? Eu sei que você entrara de qualquer maneira."

Crutch olhou para ele embora sombriamente. "Esta escuro aqui, Dead. Você quer que eu acenda as luzes?"

"Não," Braden disse, percebendo, mesmo enquanto dizia isso, que Crutch estava certo. A luz infiltrando através do vidro da porta francesa que dava para o jardim tinha mudado do dourado do por do sol para o crepúsculo. Não havia duvida que ele tinha somado os números errados. Ele mal podia distinguir sua própria mão na frente de seu rosto.

Mas como o usual, seu mordomo não o ouviu. Lentamente, a fraca luz brilhou sobre a parede da sala. Crutch ligou a pequena luz a gás que iluminava as prateleiras em que ele mantinha varias encarnações das pistolas de Grandville durante os anos.

"Assim é melhor," o mordomo disse, com satisfação. Então adicionou, "Alguém quer vê-lo, Dead. Foi por isso que bati."

Braden piscou. "Eu te disse. Eu sai. E se for Jacquelyn-" "Não é" Crutch disse. "É Lady Caroline-"

Braden sentiu como seu mundo inteiro, que parecia estar despedaçando, pedaço por pedaço, tinha repentinamente voltado ao chão solido. Ele se levantou rapidamente – muito rapidamente. Ele bateu no seu tinteiro.

"Mande-a entrar," ele disse, se curvando para limpar a bagunça. "Não, esqueça isso, eu tomarei conta. Mande-a entrar de uma vez. Não a faça esperar mais-"

Crutch, parecendo surpreso, saiu. Braden usou seu lenço para limpar a mancha, dizendo a si mesmo o tempo todo, Ela indubitavelmente só veio perguntar sobre seu irmão. Não tem nada a ver com você. Ela odeia você. E ela tem muitas razões para isso, por que apenas um criminalmente idiota cego como você teria se enganado ao adivinhar que Slater era o homem que era protegeria...

E então ela estava lá, parada em frente dele, mordendo seu lábio nervosamente e parecendo tão amável quando ele a tinha visto pela ultima vez.

"Olá, Braden," ela disse gravemente, naquela voz baixa que ele passou a adorar.

Ele se achou sem palavras, e isto era um fato surpreende. Muito raramente ele tinha sofrido de língua-amarrada.

Com medo de que ela pensasse que ele estava sendo propositalmente rude, ele se apressou atrás de sua mesa e indicou uma das confortáveis cadeiras de couro na frente dele.

"Você não se sentara?" ele perguntou, e ficou desapontado quando sua voz saiu parecendo estranhamente irregular.

Se Caroline notou, ela não deu sinal. Ela sentou, ainda com suas luvas e chapéu. Uma bolsa pendurada em seu braço. Á luz do gás, ele podia ver o rosto dela claramente. Ansiedade estava naqueles profundos olhos marrons.

Com que frequência, ele se perguntou, ele tinha entretido mulheres um milhão de vezes mais sofisticadas que Caroline, e tinha feito isso com suavidez e com uma deslumbrante calma? Porque desta vez, quando realmente importava, ele se encontrou pasmo como um colegial, e com dificuldade para pensar no que fazer.

Um drinque, ele pensou. Ofereça um drinque.

Parecia incabível para ele que um pouco mais de doze horas atrás, ele tinha segurado esta mulher nos braços, e tinha derramado sobre ela o que tinha sentido uma vida toda de necessidade.

"Você não gostaria de um xerez?" ele perguntou a ela.

"Xerez?" ela ecoou, em uma voz estrangulada. "Xerez? Não, eu não quero nenhum xerez. Oh, Braden, porque você não me contou?"

Ele olhou para ela confusadoramente. Ele devia, ele supôs, ter sentado na cadeira oposta a dela, mas ele não estava certo que, a tal proximidade, ele teria sido capaz de resistir a agarrá-la...

"Dizer-te o que?" ele perguntou, tendo ouvido apenas metade do que ela falou. Sua concentração traidora tinha fugido mais uma vez, deixando-o apenas com a habilidade de olhar para a garganta dela, e relembrando a maciez que ele sentiu abaixo de seus lábios e língua, suave como seda.

"Sobre Tommy."

Isto o trouxe de volta. Ele piscou para ela.

"Tommy?"

"Sim, Tommy" Caroline disse. "Ele me contou tudo. Oh, Braden, se você apenas tivesse me contado que este era o motivo pelo qual você atirou em Hurst. Como você pode ficar lá, e me deixar pensar que era por causa de Jacquelyn?"

Ele estava muito surpreso para dissimular. "Você falou com o conde?"

"Sim." Repentinamente, Caroline levantou o braço e, como se eles estivessem incomodado ela, desfez os laços que seguravam seu chapéu no lugar. Então ela removeu o chapéu, arremessou-o no chão. "Ele me disse tudo. Eu não pude dizer a ele sobre... bem, sobre eu e você, é claro. Então eu não pude perguntar a ele a questão que me mais me importa{ vexe}. Braden, porque você não me disse?"

Ele contraiu os pesados ombros. "Se irmão me fez jurar que não contaria."

“Ele fez você-“ Caroline olhou para ele curiosamente. “Isto é tudo? Tommy te fez prometer que não me contaria?”

Ele abriu os lábios, mas novamente, nenhum som veio entre eles. O que estava errado com ele?

Ele sabia. Ele sabia o que estava errado. O impulso de pegá-la nos braços, de abafar aquela pequena boca com um beijo, era tão forte, seus braços estavam tremendo com isso.

Mas ele não podia se permitir de tocá-la. Toda a sua resolução de deixá-la ir desapareceria, ele sabia, no momento em que eles se tocassem.

E ele tinha que deixá-la ir. Ele sabia disso agora.

Eles eram de mundos diferentes. Para provar isso a ela, ele disse, andando em direção a porta francesa, sua cabeça baixa para não ter que olhar em seus olhos. “Eu sei que nos círculos que você anda Caroline, é comum dar a palavra a alguém, e então quebrá-la quando não é mais conveniente.” Ele andou de volta em direção a sua mesa. “Mas no Dials, quando alguém faz uma promessa, eles mantêm.” Ele rumou novamente para as portas francesas. “Mesmo sobre risco de morte.”

Ela levantou e encontrou com ele enquanto fazia seu caminho em direção a mesa novamente. “Mesmo,” ela perguntou, na voz mais suave imaginável, enquanto ela levantava seu queixo para poder olhá-lo nos olhos. “sobre o risco de me perder?”

Ela estava tão próxima agora que ele poderia agarrá-la, ele seria capaz de tocá-la, alisar os cachos marrons que tinham escapado de suas presilhas. “Você não vê? Que é por isso que é melhor você e eu-“

Dor instantaneamente transbordou de olhos.

“Isto é porque eu e você o que?” ela perguntou sua voz instável. “O que você esta tentando dizer? Que porque você mantém sua palavra, você é melhor do que eu? É isso? Braden, eu sei que eu nunca deveria ter ido, mas-“

“Caroline,” ele disse, sabendo que era para o próprio bem dela, mas sentindo que com cada silaba, ele estava pregando um prego em seu próprio caixão. “Você sabe que não é isso. É só que... eu não pertenço aqui. Aqui em Mayfair. Você não vê? Eu sou um impostor. Tudo isso, a casa, os negócios, estas roupas que eu visto... elas não são minhas. Eu não sou quem você acha que sou. Eu não sou um cavalheiro. Eu não sou um homem de negócios. Eu sou do Dials, Caroline. Eu não sei a diferença entre uma faca de peixe e uma faca de manteiga. Eu não pertenço a este mundo, seu mundo, e nunca pertencerei. O que você pensou, quando você descobriu que eu tinha atirado em Hurst... estava errado, mas não estava muito longe da verdade. Não realmente. Você entende?”

Ele viu os olhos dela crescerem, e percebeu que por fim, ela tinha começado a entender. Ela nunca iria, ele sabia entender o quanto ele a amava – tanto que ele tinha que deixá-la ir, antes de deixá-la cair para seu nível.

Mas então ele notou que ela não estava olhando para ele. Ela estava encarando para alguma coisa sobre seus ombros. Alguma coisa que a fez colocar a mão na boca de horror. Braden se virou.

Em tempo de ver o Marques de Winchilsea abrir as portas francesas e entrar na biblioteca, uma pistola apontada para perto do coração deles.

Capítulo 38

O primeiro pensamento de Braden foi, é claro, para Caroline. Ela deveria sair do quarto em segurança, e de uma vez.

Mas como? Porque o marques não parecia mesmo como um homem que poderia ter alguma razão. Sempre impecavelmente vestido – a ponto de ser chamado ocasionalmente em alguns lugares de almofadinha – o marques não parecia em seu melhor momento. Sua gravada cheia de babados estava frouxa, e havias manchas de sujeira – de escalar. Braden não tinha duvida, a parede de trás do jardim – e seus joelhos estavam igualmente sujos. O seu cabelo dourado estava bagunçado em sua cabeça, e seu olho azul estava desfocado, havia irracionalidade neles.

Ele olhava para os dois com um brilhante interesse, entretanto.

"Bem, bem, bem," ele disse. "Não é fascinante. Lady Caroline terminou seu compromisso comigo, e depois veio imediatamente para a casa de Braden Grandville. O que poderia, eu me pergunto, significar isso?"

Caroline disse, em uma voz que Braden estava certo de que queria soar confidente, mas que não funcionou, "Isto não significa nada, Hurst. Eu estava apenas dizendo a verdade sobre você e Jacquelyn a Mr. Grandville. Eu senti que ele tinha o direito de saber." "Mas ele já sabia," Slater disse, agradavelmente. "Ele terminou com Jacquelyn algumas noites atrás."

Caroline, Braden viu, engoliu, e olhou para ele. Ele tentou assegurar a ela com um pesaroso sorriso. "Viu?" ele disse, suavemente. "Eu te disse que Jacquelyn e eu terminamos."

"Certo," Slater disse. "Grandville e Jackie terminaram. E então, como parece, você e eu, Caroline. O que me traz a questão inicial. O que você esta fazendo aqui, Caroline?" Braden tentou cotar a conversa entre eles dando dois passos na frente de Caroline. "Esta não é a questão," ele disse, friamente. "A real questão é o que você esta fazendo aqui, Slater?"

O marques, para a surpresa de Braden, tombou a cabeça e soltou uma gargalhada. "Slater!" ele gritou. "Slater! Agora, realmente, Grandville. Isto é educado? Isto é modo de um cara se dirigir a pessoas melhores? Certamente não. Mas então, eu não esperaria que você soubesse disso, vendo como você saiu do fundo do poço. Permissões devem ter sido feitas para classes baixas, eu suponho."

Braden, desejando ardentemente que ele pudesse ir ate sua mesa, onde ele guardava uma pequena arma na sua gaveta superior, se inclinou para dizer

casualmente a Caroline, “O lord parece ter alguma discussão particular para discutir comigo. Porque você não vai e me espera no vestíbulo?”

Mas mesmo que Caroline estivesse inclinada a sair – o que, a julgar pela teimosa expressão dela, ela não estava – Slater não teria permitido que ela fosse. Ele disse, “Eu acho que não. Caroline, sente-se naquela cadeira.”

Mas Caroline não estava para ir a lugar nenhum – nem para cadeira que foi designada a ela pelo homem louco que segurava o ultimo modelo de pistola de Grandville.

“Hurst,” ela disse. “Eu sei que você esta triste porque eu cancelei o casamento. Mas esta dificilmente é o jeito de…”

A voz dela quebrou, interrompida pela gargalhada sem humor de Slater.

“É isso, então? Esta é a razão para você ter terminado comigo, minha querida? Porque você esta apaixonada por este-“ ele sorriu desdenhosamente para Braden. “- canalha? Não, espere, canalha é um nome muito bom para ele.” Ele agora ele olhou para Braden Grandville com um olhar que poderia ter congelado uma manteiga, de tão fio. “Do que você poderia chamar um homem que rouba a noiva dos outros?”

Braden decidiu manter Slater falando. Daria, ele pensou, maior chance para Caroline correr para porta.

“Eu não sei,” ele disse, educadamente. “Do que você poderia chamar um homem que tentou matar o irmão de sua noiva?”

“Isto é mentira,” Hurst disse. A indignação em sua voz era grande. “Uma grande mentira, feita para manchar meu nobre nome. Mas o que nós poderíamos esperar de um homem com tão baixo caráter como Braden Grandville, exceto mentiras, mentiras, e mais mentiras? Você não pode acreditar em um ralé do Dials, Caroline.”

Caroline disse, “Hurst, Tommy mesmo me contou-“

“Contou-te o que?” Hurst estava segurando a pistola, Braden viu, do modo que um homem inabitado com armas segura – sem cuidado o suficiente. Toda vez que ele a balançava na direção de Braden, ele tinha que resistir a urgência de atirar. “Caroline, você sabe perfeitamente bem que eu nunca tentei machucar Tommy. Eu amo Tommy. Não fui eu que fiquei sentado ao lado dele em todos aqueles meses em que ele ficou machucado? Li para ele quando ele estava inconsciente, e nós não sabíamos se ele acordaria? Não fui que o tirou da rua, onde ele poderia ter sangrado ate morrer, se eu não tivesse trazido ele?”

Braden viu aqueles olhos marrom que ele passou a amar arder como fogo. “Oh, sim,” Caroline disse, amargamente, “Mas ele não teria sido baleado em primeiro lugar se você não tivesse levado aquele lugar horrível…”

“Eu não sabia,” Hurst insistiu. “Eu te disse Caroline, eu juro que não-“

“Você esta mentindo.” A voz doce de Caroline estava dura. “Você esta mentindo para mim, do mesmo modo que você mentiu para Tommy, e minha

mãe, e todo mundo que eu conheço. Você não nada além de um mentiroso, escondido em baixo de uma aparência de homem nobre, e eu não Possi acreditar quanto tempo eu gastei, achando que amava você!"

Este era o momento que Caroline deveria ter saído pela porta. Slater parecia completamente espantado com o que ela tinha dito. Mas para o grande desapontamento, Caroline ficou onde estava.

Porem, a distração que ela tinha providenciado era tudo que Braden precisava. Um segundo depois, ele tinha se jogado contra o marques, as duas mãos indo para pistola nos dedos dele.

Os dois homens caíram no chão com uma batida. Braden ouviu, mas apenas distantemente, Caroline gritar. Ele todo estava concentrado em tirar a armas dos dedos de Slater.

Mas para um homem que se orgulha de sua linhagem, Slater não estava lutando com nada parecido com o que seus ancestrais chamaria de nobre. Ele estava mordendo, arranhando a mãe de Braden, tentando desperadamente dar uma joelhada na virilha dele, com o cotovelo em sua garganta... Qualquer coisa possível para ele ganhar.

Braden não deixou, entretanto. Não era apenas sua vida que estava em jogo. Se eles estivessem sozinhos, ele poderia ter pego a pistola por um momento, e atirado em um orifício ou outro de Slater. Mas não estavam, Caroline estava em algum lugar da sala. Se ele permitisse que Slater puxasse o gatilho, não havia como dizer onde a bala poderia ir: sem danos na parede... Ou fatalmente no coração de Caroline.

Mas havia outra coisa sobre a violenta loucura: eles podiam ter a força de dez homens. Slater estava obviamente desesperado, e um homem desesperado era muito difícil de dominado. Cada músculo do corpo de Braden estava tremendo de esforço.

Ele não desistiria, entretanto. Ele não podia. A vida dele dependia disso.

E depois, apesar de seus esforços – apesar de seus dedos serem puxados detrás do gatilho, o qual Slater tinha continuado puxando até fazer um corte na pele de Braden – um tiro saiu, muito alto.

Fumaça encheu a sala. Miraculosamente, Braden sentiu o aperto de Slater relaxar, e por um momento de pânico, ele pensou que era porque ele tinha conseguido acertar Caroline... Especialmente porque ele não ouviu nenhum som vindo dela.

Mas então percebeu que Slater não tinha soltado a arma porque ele tinha conseguido acerta em alguém. Não, ele tinha soltado porque alguém tinha feito um buraco em sua mão direita, a qual estava sagrando em um admirável jorro, diretamente no tapete Oriental de Braden.

E Slater, depois de balbuciar incoerências pela dor do seu machucado, ligeiramente desmaiando, completamente ao ver seu próprio sangue.

Um segundo mais tarde, Braden sentiu um peso suave colidir com seu peito, e repentinamente, as batidas furiosas do coração de Caroline estavam sobre ele. “Braden,” ele estava chorando, agarrando ele em um abraço que era mais do que uma apertada do que qualquer outra coisa. “Braden, você esta bem? Você esta sangrando!” Ele estava sangrando, ele descobriu, depois de dar uma olhada em si mesmo, mas não tinha nenhum machucado serio. Os dedos dele, onde Slater arrancava do gatilho tantas vezes, estava cortado quase próximo ao osso. E parecia que ele tinha machucado seus lábios, quase como Slater preocupando-se com seus dentes, algo que Braden não tinha o mínimo desejo de discutir.

Mas apesar disso, ele se sentia extraordinariamente bem. Ele levantou a mão machucada para o cabelo de Caroline.

“Shhh,” ele disse. “Eu estou bem. Eu estou bem.”

Os soluços dela foram controlados de uma vez, e ele foi capaz de perguntar a ela, “Mas onde você achou a pistola?”

“Ali,” Caroline disse, apontando em direção a mesa dele, onde ela tinha derrubado uma fumarenta arma. “Na gaveta. Eu procurei em todo lugar – eu sabia que você tinha que ter uma em algum lugar próximo-“

Ele alisou os cabelos soltos dela, incapaz de pensar como ele esteve próximo de perde-la - não apenas uma vez, mas três vezes, agora.

“Foi um bom tiro que você deu,” foi tudo o que ele disse, entretanto. “Especialmente para alguém que afirmar odiar tantas as armas.”

Caroline levantou o rosto choroso do peito dele.

“Eu as odeio,” ela informou a ele, “mas eu nunca disse que eu não sabia como usá-las.” E enquanto Braden ainda estava digerindo este pedaço de informação, ela adicionou, “E eu não ligo.”

Ele piscou para ela, não tendo a menor ideia sobre o que ela estava falando, e perplexo pela repentina veemência dela.

“Sobre o que você estava falando antes,” ela disse. “Sobre como você é um impostor, e não saber a diferença entre a faca de peixe e a faca de manteiga. Eu não ligo. Eu não ligo qual faca você use. Eu amo você, e sempre amarei.”

E então – ele não sobe como isso aconteceu – ela estava beijando ele do jeito que tinha feito na carruagem dele, quando quis saber se estava fazendo corretamente.

E desta vez, assim como aquela vez, a resposta era sim. Oh, sim. Ela estava.

Braden sentiu algo dentro dele se quebrar enquanto os lábios dela se moviam com doçura sobre os deles. E não era seu coração, ele percebeu, mas o nó que tinha se formado em seu estomago desde o momento que ele pensou ter perdido ela. Tinha se derretido, ele sabia então que, de diferentes mundos ou não, os dois pertenciam um ao outro. E ele não deixaria nenhum separá-los novamente.

Eles ainda estavam se beijando quando a porta da biblioteca abriu e o Conde de Bartlett, Crutch, e um Weasel manco entraram.

“Nós pensamos ter ouvido –“ Tommy se deteve, parado em seu caminho pela visão que estavam, cada um de sua maneira, igualmente espantadas: Um Marques de Winchilsea sangrando e inconscientes, e sua própria irmã nos braços de Braden Grandville.

“Bem,” o Conde de Bartlett disse, depois de um momento. “Ma certamente terá uma apoplexia agora.”

Epilogo

Eles estavam jogando badminton no jardim dos fundos de Braden Grandville.

Não badminton que supostamente era para ser jogado, mas uma nova versão, inventada por Caroline. Ainda jogada com raquetes, bolas, e uma rede, a única diferença, realmente, entre um badminton regular e a versão de Caroline era que em vez de perder ponto quando um saque era errado, o ofensor tinha que remover uma peça de roupa.

O único problema, Caroline descobriu, era que certos jogadores gostavam de perder demais.

"Agora este foi fácil," ela disse de um saque ela estava convencida que Braden tinha perdido de propósito. Ele não tinha, de fato, levantado muito sua raquete na direção da bola.

Braden, que já tinha perdido seu sapato e camisa, agora começou a abaixar suas calças. "Que vergonha," ele disse.

"Não pense," Caroline informou a ele severamente, "que só porque você esta pelado, eu não continuarei a jogar."

Ele olhou para ela através da rede, amarrada entre os dois delgados postes não muito longe do enorme balanço acolchoado no qual eles tinham passados muitas horas. Ela tinha perdido seu sapato e vestido, e agora estava parada na luz do sol com apenas seu corpete e pantaloons, a mais deliciosa visão.

Mas talvez o mais delicioso de tudo era o fato de que, finalmente, ela era sua esposa.

"Eu pensei," ele disse, tirando suas calças, "que quando um dos jogadores perdesse toda a roupa, o jogo estava acabado."

"Não," Caroline disse, alto, "se ele ou ela perder saques de propósito. Agora, realmente, Braden, você tem que tentar. Se não, não terá o menor divertimento."

Ela deu um passo para trás para sacar, e Braden, encantado pela maneira que seu mamilo subiu dentro da taça do corpete quando ela levantou o braço, atirou o braço por debaixo da rede, agarrando a, e meio puxando, meio arrastando na direção do lado dele da quadra improvisada, onde ele sem cerimônia a depositou no gramado, e se abaixou para entre as pernas dela, e começou a examinar o laço que segurava a calça presa.

"Pelo contrario," ele disse, agradavelmente, enquanto puxava a fita de seda. "Eu estou prodigiosamente entretido."

Caroline, não tão perturbada pela atitude não esportiva dele como ela pretendia, estudou o modelo que a folhagem e os galhos que estava acima faziam

contra o céu sem nuvem azul. “Se eu soubesse,” ela o informou, “que pobre perdedor você é, eu nunca teria insistido em jogar.”

“O que?” Braden perguntou, enquanto examinava a macia pele que ele tinha descoberto. “E desperdiçar o presente de casamento de Emmy?”

“A quadra de badminton é o presente mais útil que nós ganhamos,” Caroline observou. “Você viu a travessa de sopa prata do Príncipe de Wales? Para que nós usaríamos aquilo? É grande o suficiente para nadar nela.”

A resposta de Braden foi apenas um grunhido. Isto porque ele estava com a cabeça enterrada entre as coxas de Caroline, onde ele estava conduzindo uma exploração meticulosa com seus lábios e língua.

“Eu suponho,” Caroline disse, um pouco sem ar, depois de um pequeno tempo, “que eu não deveria reclamar, entretanto. É impressionante que alguém tenha nos dado alguma coisa, quando você considera como nós fugimos, e... bem, tudo que veio antes disso.” Braden levantou a cabeça, olhou para ela com uma expressão irônico de entre os joelhos dela. “Eu percebo que depois de um mês de casadas, a maioria das mulheres passam a conhecer bem, e talvez ate se chatear com, a técnica de fazer amor dos seus maridos, então talvez você gostaria que eu parasse o que eu estou fazendo para que você possa continuar falando sobre presentes de casamento?”

Caroline, cujo coração tinha começado a bater instavelmente, suspirou. “Oh,” ela disse, fechando os olhos. “Não. Por favor, continue.”

Braden fez isso, com uma boa dose de alivio.

Depois, luxuriantes em seu mutuo estado de satisfação, foi Caroline quem levantou primeiro a cabeça do gramado e perguntou, “Você ouviu alguma coisa?”

“Eu não ouvi.” Braden, traçando círculos preguiçosos com seu dedão ao longo do quadril nu de sua esposa, contemplando todos os lugares onde ela tinha ficado bronzeada durante as duas semanas de lua de mel na Lugeria. Era uma coisa boa, ele estava descobrindo, ter uma esposa, muito melhor, uma esposa que nunca reclama sobre o sol – ou como ele estava descobrindo, sobre muita coisa. Exceto, talvez, sobre o negocio dele. Mas isto era uma coisa que ele estava trabalhando secretamente para retificar.

“Estou te dizendo-“ Caroline começou a rastejar, juntando suas roupas. “-há alguém aqui.” “Impossível,” Braden disse. Ele dobrou os dedos atrás de sua cabeça e encarou o céu azul sem nuvens. “eu dispensei todo mundo com instruções explicitas de que não retornassem ate anoitecer. É provável que seja apenas os vizinhos, mas eles não podem nós ver. Os muros são muito altos.”

E então, saindo pelas portas francesas para o fundo da casa, segurando o jornal e um envelope ataviado com uma fita, veio o pai dele.

“Braden?” Sylvester Grandville chamou. “Braden, meu garoto, onde esta você?” Caroline, se esforçando para colocar seu vestido, sussurrou, “Oh, Braden,

faça algo! E se ele vir você?"

Braden observando as contorções frenéticas dela achou aquilo charmoso, apesar das circunstâncias. "E se ele vir? Eu não estou fazendo nada de errado. Esta é minha propriedade, e você é minha esposa. Eu asseguro a você que pela primeira vez na minha vida, meu comportamento esta dentro dos parâmetros da lei."

Mas para acalmar ela, ele se levantou, pegou sua calça casualmente, e as colocou. "Ah, ai esta você," Sylvester disse, se apressando ate eles alguns segundos depois. "Aproveitando o amável tempo, eu vejo."

"Mais ou menos," Braden disse suavemente. "E o que você esta fazendo em casa tão cedo? Eu achei que você e Lady Bartlett estavam no concerto no parque..."

"Oh, nós estávamos, nós estávamos." Sylvester parecia preocupado. "Mas infortunadamente nós nos deparamos com Lady Jacquelyn e o novo amante dela, Lord Whitcomb, e você acredita que Lady Jacquelyn se recusou a falar com sua mãe, Caroline? Se recusou a falar com ela!"

Caroline, que estava parada ao lado de seu marido, suspirou. "Oh, querido. Pobre Ma." "Comportamento chocante," Sylvester continuou, tristemente, "especialmente vindo da filha de um Duke. Esperar-se-ia um comportamento melhor de uma lady de sua distinta família. Porem, foi bom ela não ter te processado por quebra de promessa, Braden. Ela deveria ter, você sabe, ido bem sem os direitos dela." Sylvester sorriu para ele, e balançou o dedo. "Sorte ela ter achado consolo tão rapidamente com Lord Whitcomb. Eu entendi que eles trocaram votos mês que vem. Um casal bonito, eu devo dizer, mesmo o lord sendo um pouco mais velho que ela... mas o marques! Oh, my, vocês ouviram sobre o marques? Ele estava tão devastado, que foi para America. America, entre todos os lugares!"

"Lady Bartlett, Pa," Braden disse, tentando tirar seu pai do assunto de Hurst. "Ela esta mal, então?"

Sylvester pareceu surpreso. "Oh, eu disse isso? Não, não, ela me perguntou se eu me importaria de deixar o concerto antes. O comportamento de Lady Jacquelyn a chocou, e ela foi para casa descansar. Sua mãe terrivelmente delicada, você sabe, Caroline. Eu não acredito que ela já se recuperou do choque da fuga de vocês..."

Caroline, Braden notou, estava começando a se angustiar. Enquanto o irmão dela apoiou de todo o coração o casamento deles, Lady Bartlett não tinha recebido a noticia com muito entusiasmo. Mesmo quando a duplicidade de Hurst – e o papel de Braden Grandville para pará-lo – tinha sido revelado a ela, ela não pode achar espaço em seu coração para perdoar Caroline – não por escolher Braden ao invés do marques, mas por ter fugido: Lady Bartlett estava arrasada que o vestido de casamento de Worth nunca teria ocasião para ser usado.

Vendo o olhar preocupado de sua mulher, Braden esticou o braço. Ela se moveu rapidamente para dentro do abraço, passando o braço ao redor da cintura nua dele. Ele sorriu para ela, e deu um beijo no topo da cabeça dela, quente devido ao sol. Enquanto Lady Bartlett tinha sido informada a respeito do misterioso motivo da ida do

Marques de Winchilsea para a America – que tinha em face de encarcerarão de The Duke, e a ameaça de Braden de que ele teria morte certa se voltasse a mostrar o rosto em Londres novamente, ele tinha escolhido um clima menos hostil – Sylvester Grandville não tinha, primeiramente porque Braden preferia proteger seu pai de coisas que iria, ele sabia, apenas preocupar ele desnecessariamente.

"Mas parece," Sylvester chorou," olhe o que eu tenho aqui, Braden. Isto poderia fazer Lady Bartlett se sentir um pouco melhor, eu acho!" Ele segurou a copia do The Times que ele tinha embaixo do braço.

Caroline notou o primeiro, e arfou enquanto se aproximava para pegar o jornal das mãos de seu sogro.

"Braden," ela chorou. "O que é isso?" Então leu em voz alta a seção de esporte: " "Da Grandville Enterprises, uma surpresa: não um novo modelo de arma, mas uma linda e útil rédea. Uma conquista significante sobre os arreios, este, que é um poço mais frouxo, permite ao animal ter livres movimentos com a cabeça, sem sacrificar o controle do motorista."" Caroline, atônita, virou os enormes olhos para ele. "Braden!" ela gritou.

"Quando você fez isso?"

Ele contraiu os ombros desconfortavelmente. "Há algum tempo atrás, na verdade," ele disse. "Naquela noite depois que nos vimos o Fausto... eu não pude dormi, e continuava a me lembrar de seu rosto quando você viu as rédeas da duquesa-"

Caroline, balançando a cabeça com duvida, continuou lendo. "Diz aqui que o Príncipe de Wales ordenou um monte delas para os estábulos dele!"

"Príncipe de Wales," Braden murmurou, rolando os olhos.

"Estou tão orgulhosa de você," Caroline disse, seus olhos brilhando no sol enquanto ela voltava para seu lado para abraçá-lo novamente. "Eu sabia que você podia inventar alguma coisa realmente útil."

"Obrigado," Braden disse, ironicamente, "pelas migalhas vindas de sua mesa, Mrs. Grandville."

"Mas não é só isso," Sylvester Grandville continuou, excitadamente. "O que você acha que estava sendo entregue quando eu cheguei em casa, meu garoto? O que você acha?" Caroline olhou para o luminoso envelope selado. "O que é isso?"

"A carta dele," Sylvester disse, orgulhosamente. "A carta de patente de Braden vinda da Rainha. Ela esta oferecendo um baronatario a ele por causa de suas contribuições na ciência de armas de fogo. Meu garoto – seu marido, minha

querida –“ Sylvester Grandville inchou o peito. “- será um lord!”

Caroline olhou para Braden com olhos brilhantes.

“Mas ele já é,” ela disse, com um sorriso. “Meu lord, de qualquer maneira.”

Star Books Digital

{1} Cliente de prostituta.

{2} Moeda de ouro inglesa em uso a partir de 1663 até 1813, equivalente a 20 e depois a 21 xelins.

Table of Contents

Folha de Rosto
Créditos
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36

Capítulo 37
Capítulo 38
Epilogo
Star Books Digital
Notas